

# *MEDITAÇÕES*

## *FESTAS E SOLENIDADES*



EDITADO POR 

**MEDITAÇÕES  
FESTAS E SOLENIDADES**

**FONTE DOS TEXTOS E IMAGEM**

[opusdei.org/pt-pt](http://opusdei.org/pt-pt)

## **Meditações Semana Santa**

1. 25 de dezembro, Natal do Senhor
2. Sagrada Família
3. 26 de dezembro, Santo Estêvão, protomártir
4. 27 de dezembro, São João, Apóstolo e Evangelista
5. 28 de dezembro, Santos Inocentes
6. 1 de janeiro, Santa Maria, Mãe de Deus
7. Epifania
8. 3 de janeiro, Santíssimo Nome de Jesus
9. Batismo do Senhor
10. 25 de janeiro, Conversão de São Paulo
11. 26 de janeiro, São Timóteo e São Tito
12. 2 de fevereiro, Apresentação do Senhor
13. 7 de fevereiro, Cinco Chagas do Senhor
14. 22 de fevereiro, Cadeira de S. Pedro, Apóstolo
15. 19 de março, São José
16. 25 de março, Anunciação do Senhor
17. 25 de abril, São Marcos
18. 29 de abril, Santa Catarina de Sena
19. 1 de maio, São José Operário
20. 2 de maio, Dedicção da igreja prelatícia de Santa Maria da Paz
21. 3 de maio, São Filipe e São Tiago

22. 12 de maio, Beato Álvaro del Portillo
23. 13 de maio, Nossa Senhora de Fátima
24. 14 de maio, São Matias
25. 18 de maio, Beata Guadalupe Ortiz de Landázuri
26. 31 de maio, Visitação de Nossa Senhora
27. Santa Maria, Mãe da Igreja
28. 11 de junho, São Barnabé
29. Santíssima Trindade
30. Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo
31. 22 de junho, São Tomás Moro
32. Sagrado Coração de Jesus
33. 24 de junho, Nascimento de São João Batista
34. Imaculado Coração de Maria
35. 26 de junho, São Josemaria
36. 29 de junho, São Pedro e São Paulo
37. 22 de julho, Santa Maria Madalena
38. 25 de julho, São Tiago
39. 26 de julho, São Joaquim e Santa Ana
40. 29 de julho, Santos Marta, Maria e Lázaro
41. 4 de agosto, São João Maria Vianney
42. 6 de agosto, Transfiguração do Senhor
43. 8 de setembro, Natividade de Nossa Senhora
44. 12 de setembro, Santo Nome de Maria

45. 14 de setembro, Exaltação da Santa Cruz
46. 15 de setembro, Nossa Senhora das Dores
47. 21 de setembro, São Mateus
48. 29 de setembro, Santos Arcanjos
49. 2 de outubro, Fundação do Opus Dei
50. 4 de outubro, São Francisco de Assis
51. 6 de outubro, Aniversário da Canonização de São Josemaria
52. 7 de outubro, Nossa Senhora do Rosário
53. 18 de outubro, São Lucas
54. 28 de outubro, São Simão e São Judas
55. 1 de novembro, Todos os Santos
56. 2 de novembro, Todos os Fiéis Defuntos
57. 8 de novembro, São Severino
58. 9 de novembro, Dedicção da Basílica de Latrão
59. 18 de novembro, Dedicção das Basílicas de São Pedro e de São Paulo
60. Cristo Rei (Ciclo A)
61. Cristo Rei (Ciclo C)
62. Cristo Rei (Ciclo B)
63. 21 de novembro, Apresentação de Nossa Senhora
64. 8 de dezembro, Imaculada Conceição de Maria

## 25 de dezembro, Natal do Senhor

*Reflexão para meditar no dia 25 de dezembro, Solenidade do Natal do Senhor. Os temas propostos são: Contemplar com fé o mistério do Natal; Deus quis necessitar dos homens; A nossa contemplação perante o presépio.*

### Sumário

- Contemplar com fé o mistério do Natal
- Deus quis necessitar dos homens
- A nossa contemplação perante o presépio

---

«NASCEU-NOS UM MENINO, foi-nos dado um Filho!»<sup>[1]</sup>. Cumpriram-se os anseios que tivemos durante o Advento: Deus fez-Se homem. O mundo não está às escuras. Jesus veio, e «todos os confins da terra viram a salvação do nosso Deus»<sup>[2]</sup>.

Um Menino sorri perante a nossa adoração silenciosa. O nosso olhar cruza-se com o do recém-nascido. Tudo é luz e olhar limpo que entra na nossa alma e dissipa as trevas do pecado. S. Josemaria recomendava «ver o Menino, nosso Amor, no Seu berço. Olhar para Ele, sabendo que estamos perante um mistério. Precisamos de aceitar o mistério pela fé, aprofundar o seu conteúdo. Para isso necessitamos das disposições humildes da alma cristã: não pretender reduzir a grandeza de Deus aos nossos pobres conceitos, às nossas explicações humanas, mas compreender que esse mistério, na sua obscuridade, é uma luz que guia a vida dos homens»<sup>[3]</sup>. Os céus e a terra foram criados pelo Menino que jaz na manjedoura. Ele fundou a redondeza do orbe e a sua plenitude. Que loucura de amor a de Jesus! O que vive no céu reclinava-se sobre a palha; Aquele que tudo enche e sustenta com a Sua presença fez-Se carne como a nossa. Podemos pegar ao colo d'Aquele que nos criou: este é o grande mistério que o Natal nos mostra.

Existem rumores de festa. Vinde e vede, disseram-nos; vinde e vereis a maravilha. Pastores e reis, ricos e pobres, poderosos e fracos, apertam-se em torno do berço. Também nós queremos aproximar-nos, prostrar-nos perante esta criatura indefesa, olhar para Maria e José, cansados, mas felizes como talvez não tenha havido ninguém na terra. Um mistério tão grande não cabe nas nossas cabeças: Deus revestiu-Se da nossa carne.

---

COMO gostaríamos de agradecer porque Deus Se tornou próximo, tocável, vulnerável. Ousamos beijar o Rei do universo, de quem não se poderiam fazer imagens na Antiga Aliança e, no entanto, agora tornou-Se um dos nossos. *Adeste, fideles ... Venite, adoremus ...* O nosso cantar destes dias é também um convite, um apelo. Chamaram-nos, vimos, e agora o nosso coração alegra-se: ali está Deus Menino. «Reconhece, cristão, a tua dignidade - diz S- Leão Magno -; foste feito participante da natureza divina: não te queiras degradar com a tua velha vileza. Lembra-te de que cabeça e de que corpo és membro. Lembra-te de que, arrancado do poder das trevas, foste transferido para a luz e para o reino de Deus»<sup>[4]</sup>. O Deus Todo-Poderoso aparece-nos como um menino recém-nascido na gruta de Belém; «nem sequer nasce na casa dos pais, mas no caminho, para mostrar na realidade que nasceu como que emprestado daquela Sua humanidade que tomou»<sup>[5]</sup>.

«Quando chega o Natal, dizia S. Josemaria, gosto de contemplar as imagens do Menino Jesus. Essas figuras que nos mostram o Senhor tão apoucado, recordam-me que Deus nos chama, que o Onnipotente Se quis apresentar desvalido, quis necessitar dos homens. Do berço de Belém, Cristo diz-me a mim e diz-te a ti que precisa de nós; reclama de nós uma vida cristã sem hesitações, uma vida de entrega, de trabalho, de alegria. Não conseguiremos jamais o verdadeiro bom humor se não imitarmos deveras Jesus, se não formos humildes como Ele. Insistirei de novo: vedes onde se oculta a grandeza de Deus? Num presépio, nuns paninhos, numa gruta. A eficácia redentora das nossas vidas só se pode dar com humildade, deixando de pensar em nós mesmos e sentindo a responsabilidade de ajudar os outros»<sup>[6]</sup>.

---

ADORAREMOS ESSE DEUS escondido, nestes dias, de cada vez que nos aproximarmos para beijar e acariciar o Menino. Fez-Se pobre por nós, nas palhas deitado; dar-Lhe-emos calor, abraçá-l’O-emos com carinho. Quem não se aproxima de Deus! Quem não se aproxima do Menino, agora que nos estende os braços, agora que necessita dos nossos cuidados! Nestes dias, não teremos olhos senão para aquele nascimento. Como os pastores, deixado o rebanho, aproximamo-nos humildemente do berço.

São dias para viver em família, especialmente propícios à contemplação. Podemos rezar diante do presépio e adorar Deus em silêncio. Purificam-se tantas coisas durante uns dias em que os atos de amor são tão intensos! «Conservai no vosso Natal – dizia S. Paulo VI – o carácter de uma festa em casa. Cristo ao vir ao mundo santificou a vida humana, na sua primeira idade, a infância; santificou a família e principalmente a maternidade; santificou o lar humano, ninho dos afetos naturais mais queridos e universais (...). Procurai celebrar o vosso Natal, se possível, com os vossos seres queridos, dai o presente do vosso afeto, da vossa fidelidade àquela família de quem recebestes a existência»<sup>[7]</sup>.

Diante do presépio, junto a Maria e José, vemos que «Deus não te ama, porque pensas certo e te comportas bem; ama-te... e basta! O Seu amor é incondicional, não depende de ti. Podes ter ideias erradas, podes tê-las combinado de todas as cores, mas o Senhor não desiste de te querer bem. Quantas vezes pensamos que Deus é bom, se formos bons; e castiga-nos, se formos maus; mas não é assim! Nos nossos pecados, continua a amar-nos. O Seu amor não muda, não é melindroso; é fiel, é paciente. Eis o dom que encontramos no Natal: com maravilha, descobrimos que no Senhor está toda a gratuidade possível, toda a ternura possível. A Sua glória não nos encandeia, nem a Sua presença nos assusta. Nasce pobre de tudo, para nos conquistar com a riqueza do Seu amor»<sup>[8]</sup>. A Santíssima Virgem e S. José são a nossa primeira família com quem queremos viver este novo Natal.

---

## NOTAS

[1] Antífona da Entrada da Missa do dia do Natal do Senhor.

[2] Antífona da Comunhão da Missa do dia do Natal do Senhor.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 13

[4] S. Leão Magno, Sermão I sobre a Natividade do Senhor, 3.

[5] S. Gregório Magno, *Homilias sobre os Evangelhos*, 8.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 18.

[7] S. Paulo VI, Audiência Geral, 18/12/1963.

[8] Francisco, Homilia, 24/12/2019.

## Sagrada Família

*Reflexão para meditar no domingo dentro da Oitava de Natal, Festa da Sagrada Família de Jesus, Maria e José. Os temas propostos são: A família no plano de Deus; Berço de todos os dons; O nosso primeiro apostolado*

### Sumário

- A família no plano de Deus.
- Berço de todos os dons.
- O nosso primeiro apostolado.

---

«Seu pai e Sua mãe estavam admirados com as coisas que d’Ele se diziam» (Lc 2, 33). E assim estamos nós também: maravilhados por Deus se ter tornado um filho, por ter precisado de uma família. Nela aprendemos a deixar-nos amar, a deixar-nos ajudar, a deixar-nos perdoar. Muitos recebemos amor e cuidados bem antes de podermos ter consciência disso. Nunca seremos capazes de *o retribuir*, e isso acontece geração após geração. Não é um peso que incomoda, mas uma realidade que nos enche de gratidão e nos impele a corresponder. Agradecemos-Te, Senhor, pela família que nos deste, a cada um!

«Honra teu pai de todo o coração e não te esqueças das dores da tua mãe; lembra-te que eles te geraram» (Sir 7, 29-30), diz a Sagrada Escritura. Temos um dever de gratidão para com aqueles que tomaram conta de nós quando nem sequer lhes podíamos agradecer. É justo que os nossos pais partilhem a nossa alegria. Foram muitas vezes eles que plantaram a semente da fé e da vida interior nas nossas vidas.

S. Josemaria coloca-nos perante a missão insubstituível de cada família: «Quando penso nos lares cristãos, gosto de os imaginar luminosos e alegres, como foi o da Sagrada Família. A mensagem de Natal ressoa com toda a sua força: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra às pessoas de boa vontade” (Lc 2, 14). “Que a paz de Cristo triunfe nos vossos corações”,

escreve o Apóstolo (Cl 3, 1 5). A paz de nos sabermos amados pelo nosso Pai Deus, incorporados a Cristo, protegidos pela Virgem Santa Maria, amparados por S. José. Esta é a grande luz que ilumina as nossas vidas e que, no meio das dificuldades e das misérias pessoais, nos anima a avançar com coragem»<sup>[1]</sup>.

---

O IMPORTANTE na nossa vida é saber que somos amados, e aprender a amar. E isto acontece, em primeiro lugar, dentro da nossa família. Ao mesmo tempo, é verdade que nem tudo é o ideal. Estamos todos longe de ser perfeitos. Por isso, podemos agora pedir a Jesus, Maria e José que intercedam por todas as famílias que atravessam dificuldades.

Poder-se-ia dizer que este primeiro círculo social é o berço de todos os dons. Aí nos sentimos confirmados por ser quem somos, abençoados, e descobrimos que a nossa vida é também um dom para os outros. Está inscrito nos nossos corações que todos somos filhos. Alguns são também pais, outras são mães, podemos ter irmãs ou irmãos... mas todos somos filha ou filho. A vida foi-nos doada, e há alguém à nossa espera. Mesmo nas situações mais difíceis, a condição de filho tem tanta força que normalmente continua a ser um caminho privilegiado para encontrarmos Deus, Pai.

«O Natal considera-se a festa da família. O facto de nos reunirmos e de trocarmos presentes sublinha o forte desejo de comunhão recíproca e destaca os valores mais elevados da instituição familiar. A família redescobre-se como uma comunhão de amor entre pessoas, fundada sobre a verdade, a caridade, na fidelidade indissolúvel dos esposos e no acolhimento da vida. À luz do Natal, a família compreende a sua vocação para ser uma comunidade de projetos, de solidariedade, de perdão e de fé, onde a pessoa não perde a sua identidade, mas antes, cooperando com os seus dons específicos, contribui para o crescimento de todos. Assim aconteceu na Sagrada Família, que a fé apresenta como princípio e modelo das famílias iluminadas por Cristo»<sup>[2]</sup>.

---

EM BELÉM, Deus tornou-se um de nós. Quer viver a nossa história, o nosso caminho e a nossa liberdade. «A família é um sinal cristológico, porque manifesta a proximidade de Deus, que partilha a vida do ser humano, unindo-se a ele na Encarnação, na Cruz e na Ressurreição»<sup>[3]</sup>. É tal a força da família que podemos ter sempre esperança. A capacidade de transformação e de cura que o amor tem na família é capaz de superar todas as dificuldades, por muito esmagadoras que pareçam. As nossas famílias são o lugar escolhido por Deus para nos dar todos os Seus dons: o primeiro de todos, a vida, e com ela, a fé, a vocação, um nome, a educação, o temperamento, a linguagem, um lugar a que pertencemos... Este grande desafio levou S. João Paulo II a incluir uma invocação à Rainha da Família na Ladainha do Terço. Desde então, milhões de vozes e de corações têm pedido a Nossa Senhora que proteja as famílias de todo o mundo, para que todas elas possam ser esse berço onde a humanidade continuamente se renova.

Os nossos pais e irmãos são da nossa carne e do mesmo sangue, e por eles deve começar a nossa preocupação apostólica. Assim começou o apostolado dos primeiros discípulos de Cristo. «André encontrou primeiro o seu irmão Simão e disse-lhe: encontrámos o Messias, que significa: "Cristo". E levou-o a Jesus» (Jo 1, 41-42). E João, que com André foi o primeiro a aproximar-se do Senhor, comunicou a descoberta ao seu irmão Tiago e preparou-o para quando Jesus Cristo o encontrasse, no meio das redes, e o chamasse ao Seu serviço. É natural que S. Josemaria chamasse o *dulcíssimo preceito* ao mandamento de Moisés de honrar a própria família.

Com Maria e com José, queremos encher-nos de admiração. Em Belém, Deus desceu a cada família, especialmente às mais feridas, para nos curar, para nos acompanhar e descobrir connosco o papel decisivo que ela tem, para cada filho e para Jesus.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, Cristo que passa, n. 22.

[2] João Paulo II, Audiência Geral, 29/12/1999.

[3] Francisco, *Amoris Laetitia*, n. 161.

## 26 de dezembro, Santo Estêvão, protomártir

*Reflexão para meditar no dia 26 de dezembro, Festa de Sto. Estêvão, Primeiro Mártir. Os temas propostos são: o martírio de Santo Estêvão e a nossa missão; a proposta cristã é sempre nova; semeadores de paz e de alegria pela caridade.*

### Sumário

- O martírio de Sto. Estêvão e a nossa missão
- A proposta cristã é sempre nova
- Semeadores de paz e de alegria pela caridade

---

«CHEIO de graça e força, Estêvão fazia extraordinários milagres e prodígios entre o povo» (At 6, 8). O número dos que acreditavam na doutrina de Jesus Cristo era cada vez maior. No entanto, muitos – fosse porque não conheciam Cristo ou, porque o conheciam mal – não consideraram Jesus como o salvador. «Vieram para discutir com Estêvão; mas era-lhes impossível resistir à sabedoria e ao Espírito com que ele falava. Subornaram, então, uns homens para dizerem: “Ouvimo-lo proferir palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus”» (At 6, 9-11). Sto. Estêvão foi o primeiro mártir do cristianismo. Morreu cheio do Espírito Santo, a rezar pelos que o apedrejavam. «Ontem, Cristo foi envolto em paninhos por nós; hoje, Ele cobre Estêvão com a veste da imortalidade. Ontem, a estreiteza de um presépio susteve Cristo menino; hoje, a imensidade do Céu recebeu Estêvão triunfante. O Senhor desceu para elevar a muitos; o nosso Rei humilhou-se para exaltar os seus soldados»<sup>[1]</sup>.

Também nós recebemos a apaixonante missão de difundir o anúncio de Jesus Cristo com as nossas palavras e sobretudo com a nossa vida, mostrando a alegria do Evangelho. Talvez S. Paulo, presente naquele acontecimento, tenha sido tocado pelo testemunho de Estêvão e, já seguidor de Cristo, daí tenha retirado a força para a sua própria missão.

«O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros (...). Recuperemos e aumentemos o fervor de espírito, «a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! (...) E que o mundo do nosso tempo, que procura ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo»<sup>[2]</sup>.

---

«APRESENTARAM falsas testemunhas que declararam: “Este homem não cessa de falar contra este Lugar Santo e contra a Lei”» (At 6, 13). Apesar de hoje, como nos tempos de Santo Estêvão, algumas vezes a doutrina cristã poder ser desfigurada, sempre podemos mostrar a sua eterna novidade através da nossa própria vida: «A proposta cristã nunca envelhece (...). Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre "nova"»<sup>[3]</sup>.

Santo Estêvão enfrentou a morte em defesa de Cristo, cheio de misericórdia e pedindo pela salvação dos que o apedrejavam. Diz uma das leituras do ofício divino de hoje: «O nosso Rei, o Altíssimo, veio por nós na humildade, mas não pôde vir de mãos vazias. Trouxe para seus soldados um grande dom, que não apenas os enriqueceu imensamente, mas deu-lhes uma força invencível no combate: trouxe o dom da caridade (...) Assim, a caridade que fez Cristo descer do céu à terra, elevou Estêvão da terra ao céu. A caridade de que o Rei dera o exemplo logo refulgiu no soldado»<sup>[4]</sup>.

Nós queremos também iluminar o mundo com a alegria do Evangelho, que dá um sentido novo aos anseios e preocupações do nosso tempo. Podemos aproveitar o nosso diálogo com o Senhor para lhe pedir mais sabedoria e audácia na nossa missão. «Nisto consiste o grande apostolado da Obra: mostrar a essa multidão, que nos espera, qual a senda que leva

diretamente a Deus. Por isso, meus filhos, deveis saber-vos chamados a esta tarefa divina de proclamar as misericórdias do Senhor: *miseri cordias Domini in aeternum cantabo* (Sl 87, 2), cantarei eternamente as misericórdias do Senhor»<sup>[5]</sup>.

---

ESTÊVÃO «cheio do Espírito Santo e de olhos fixos no Céu, viu a glória de Deus e Jesus de pé, à direita de Deus. “Olhai, disse ele, eu vejo o Céu aberto e o Filho do Homem de pé, à direita de Deus”» (At 7, 55-56). Até ao último instante, o testemunho do primeiro mártir mostra a misericórdia de Deus que procura a nossa conversão. Foi tal a sua identificação com o Mestre, que Santo Estêvão morreu a rezar com palavras semelhantes às de Cristo: «orava, dizendo: «Senhor Jesus, recebe o meu espírito». Depois, posto de joelhos, bradou com voz forte: «Senhor, não lhes atribuas este pecado.» Dito isto, adormeceu.» (At 7, 59-60). A nossa missão apostólica também se fundamenta na oração e na penitência: «Sem a oração, sem a presença contínua de Deus; sem a *expição*, levada às pequenas contradições da vida quotidiana; sem tudo isso, não há, não pode haver *ação* pessoal de verdadeiro apostolado»<sup>[6]</sup>.

Santo Estêvão morreu em oração, a perdoar aos seus inimigos. Seguiu perfeitamente o exemplo do seu Senhor que, no último momento, tinha feito o mesmo com os que o crucificaram. Por esse motivo, é um modelo para a nossa missão apostólica, que pode resumir-se na aventura de «afogar o mal em abundância de bem»<sup>[7]</sup>. Se o ambiente em que nos movemos tende a crispar-se nalgum momento, nós, filhos de Deus recordaremos que a nossa missão é a de ser «semeadores de paz e de alegria, da paz e da alegria que Cristo nos trouxe»<sup>[8]</sup>: «Nada de fazer campanhas negativas, nem de ser anti-nada, dizia S. Josemaria. Pelo contrário: viver de afirmação, cheios de otimismo, com juventude, alegria e paz; olhar para todos com compreensão: os que seguem Cristo e os que O abandonam ou não O conhecem»<sup>[9]</sup>.

«Estêvão tinha por arma a caridade e com ela vencia em toda parte. Por amor a Deus não recuou perante a hostilidade dos judeus, por amor ao próximo intercedeu por aqueles que o apedrejavam. Por esta caridade, repreendia os que estavam no erro para que se emendassem, por caridade orava pelos que o apedrejavam para que não fossem punidos. Fortificado

pela caridade, venceu Saulo, enfurecido e cruel, e mereceu ter como companheiro no céu aquele que tivera como perseguidor na terra»<sup>[10]</sup>.  
Recorramos a Santa Maria, rainha dos apóstolos: ela nos dará a caridade e a fortaleza do primeiro dos mártires.

---

## NOTAS

[1] S. Fulgêncio de Ruspe, Sermão 3.

[2] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 9-10.

[3] *Ibid.*, n. 11.

[4] S. Fulgêncio de Ruspe, Sermão 3.

[5] S. Josemaria, *Carta 24 de março de 1930*, n. 3b.

[6] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 74, 21/07/1930.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 72.

[8] *Ibid.*, n. 30.

[9] S. Josemaria, *Sulco*, n. 864.

[10] S. Fulgêncio de Ruspe, Sermão 3.

## 27 de dezembro, São João, Apóstolo e Evangelista

*Reflexão para meditar no dia 27 de dezembro, Festa de S. João, Apóstolo e Evangelista. Os temas propostos são: o discípulo que Jesus amava; a paciência de Deus transforma-nos; amar como Jesus ama*

### Sumário

- O discípulo que Jesus amava.
- A paciência de Deus transforma-nos.
- Amar como Jesus ama.

---

PEDRO E JOÃO, tendo ouvido o testemunho de Maria Madalena, correram para o túmulo vazio do Senhor. Nesta passagem do Evangelho de hoje, o quarto evangelista apresenta-se como o discípulo «a quem Jesus amava» (Jo 20, 2). Porque é que João, cuja festa estamos a celebrar, foi o discípulo amado, o preferido de Cristo? Talvez por ser o mais novo, ou talvez fosse o que mais precisasse desse carinho especial... Poderá ser devido ao seu carácter ardente, ou simplesmente porque Jesus assim o quis. O que sim, sabemos, é que S. João estava convencido de ser depositário do afeto inconfundível com que o Senhor o tratava.

No entanto, todos podemos dizer que somos amados de uma forma especial, única e exclusiva por Deus. É parte do mistério do seu amor por nós. A fé assegura-nos disso, mas por vezes os nossos corações resistem um pouco a acreditar que assim é. De facto, «o Natal recorda-nos que Deus continua a amar cada pessoa. A mim, a ti, a cada um de nós, Ele diz-nos hoje: “Amo-te e amar-te-ei sempre, és precioso aos meus olhos”»<sup>[1]</sup>. Efetivamente, como fez com S. João, «o Senhor deseja que cada um de nós seja um discípulo que viva uma amizade pessoal com Ele. Para o conseguir, não basta segui-l’O e ouvi-l’O exteriormente; precisamos também de viver com Ele e como Ele. Isto só é possível no quadro de uma relação de grande familiaridade, imbuída do calor de uma confiança total. Isto é o que sucede entre os amigos»<sup>[2]</sup>.

---

JOÃO ERA IMPETUOSO, e Jesus sabia-o perfeitamente quando o escolheu. Por exemplo, quando não foram recebidos na Samaria, o discípulo amado pergunta-Lhe: «Queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma?» (Lc 9, 54). Numa outra ocasião, seguro de si mesmo, contou a Jesus que tinham proibido de expulsar demónios a alguém que não ia com eles (cf. Mc 9, 38). Jesus vai ouvindo, sempre com paciência. Quantas horas terão partilhado para encaminhar aquele fogo devorador e fazer crescer na sua alma a semente da autêntica caridade. «Por vezes acontece que nos opomos à paciência com que Deus trabalha o terreno da história, e o terreno dos nossos corações, com a impaciência daqueles que julgam tudo de modo imediato: agora ou nunca, agora, agora, agora. E assim perdemos aquela virtude, a "pequena", mas a mais formosa: a esperança»<sup>[3]</sup>.

João aprendeu bem as lições do Mestre porque se sabia amado. Os Evangelhos permitem-nos rastrear a mudança que se foi operando em João. Na corrida ao sepulcro que lemos hoje, por exemplo, vemo-lo menos inflamado, tem a deferência de esperar que Pedro entre: «Então também o outro discípulo, que tinha vindo mais cedo ao túmulo, entrou, viu e acreditou» (Jo 20, 8). No final da sua vida, repetirá incansavelmente aos primeiros cristãos aquilo que constitui a essência da mensagem do Evangelho: «Queridíssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus, e todo aquele que ama nasce de Deus e conhece Deus» (1Jo 4, 7). S. Jerónimo relata como os discípulos de S. João lhe perguntaram, no final da sua vida, porque é que ele repetia tanto isto; e ele conta como o evangelista respondeu: «Porque este é o preceito do Senhor, e só o seu cumprimento é mais do que suficiente»<sup>[4]</sup>.

---

«QUEREI-VOS muito uns aos outros – repetia S. Josemaria –. E ao dizer isto, digo-vos o que está na entranha do cristianismo: *Deus caritas est* (1Jo 4, 8), Deus é carinho. Lembrais-vos daquele João (...)?» Então, o fundador do Opus Dei recordava o que o apóstolo dizia quando já era «velho, velho, velho, apesar de que ele se deveria sentir jovem, jovem»<sup>[5]</sup>: que a mensagem cristã se resume «não em que tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou primeiro e enviou o Seu Filho como propiciação

pelos nossos pecados» (1Jo 4, 10). Por isso, aos olhos de um cristão, todas as pessoas são destinatárias do carinho infinito de Deus.

«Deus precedeu-nos com o dom do seu Filho. Uma e outra vez, nos precede de forma inesperada (...). Ele volta a começar connosco sempre de novo. Não obstante, espera que amemos com Ele. Ele ama-nos para que nos possamos tornar pessoas que amam juntamente com Ele e assim haja paz na terra»<sup>[6]</sup>. Depois de desejar uma chuva de fogo que devorasse a cidade de Samaria, João relata a cena de Jesus e da mulher samaritana. Ele é o único evangelista que o faz. Talvez este relato tenha sido fruto de uma das suas muitas conversas com o Mestre, que lhe quis explicar porque deveria amar a todos, tal como Deus Pai os ama.

João é, finalmente, o discípulo que recebe de Jesus a doce tarefa de cuidar da Virgem Maria. Quem cuidou de quem? Certamente ambos cumpriram a sua missão cheios de alegria e gratidão. Maria, que contemplou todas as pessoas através do seu Filho, amou João cumprindo a última vontade de Jesus. Podemos voltar-nos para Ela e para São João para que Deus ponha nos nossos corações aquele amor que se torna frutuoso nos outros.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 24/12/2019.

[2] Bento XVI, 05/07/2006.

[3] Francisco, 02/02/2021.

[4] S. Jerónimo, *Comentário sobre a Epístola aos Gálatas*, 3, 6.

[5] S. Josemaria, Notas tomadas numa reunião familiar, 19/03/1964.

[6] Bento XVI, 24/12/2010.

## 28 de dezembro, Santos Inocentes

*Reflexão para meditar no dia 28 de dezembro, Festa dos Santos Inocentes, mártires. Os temas propostos são: as circunstâncias em que Jesus veio; S. José atua com fé e com realismo; os Inocentes e a dor das mães.*

### Sumário

- As circunstâncias em que Jesus veio
- S. José atua com fé e com realismo
- Os Inocentes e a dor das mães

---

«LEVANTA-TE, toma o menino e a sua mãe, foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, pois Herodes procurará o menino para o matar» (Mt 2, 13). Com estas poucas palavras, o anjo acorda José para que salve a vida do Menino Jesus. Talvez nos tenha chamado a atenção que desta vez o relato não começasse por um consolador *não temas*; desta vez há mesmo motivos para temer porque o que está quase a acontecer é dramático. Um rei, por inveja e medo, procura Cristo para o matar. Jesus encontra inimigos quando ainda é uma criança frágil.

José, no entanto, não se deixa dominar pelo medo e acorda delicadamente Maria. Ainda ontem usufruíram da visita dos Magos. O cheiro a incenso e o brilho do ouro que lhes ofereceram continuam a encher o lugar em que descansam. E, no entanto, já é necessário fugir, sair sem chamar a atenção.

Podemos aprender com os contrastes desta cena evangélica, ao não perder de vista as circunstâncias sofredoras em que Deus se quis fazer Menino.

«Contemplar o presépio é também contemplar este pranto, é também aprender a escutar o que acontece em redor e ter um coração sensível e

aberto à dor do próximo (...). Contemplar o presépio isolando-o da vida que o circunda seria fazer do Natal uma linda fábula que despertaria em nós bons sentimentos, mas privar-nos-ia da força criadora da Boa Nova que o Verbo Encarnado nos quer dar. E a tentação existe»<sup>[1]</sup>.

---

NO CORAÇÃO de Maria começa a estar presente a profecia de Simeão: «Uma espada trespassará a tua alma» (Lc 2, 35). A Mãe de Cristo está a habituar-se a partir rapidamente, sem precipitação, mas sem demoras desnecessárias. Desta vez também não teve tempo para se despedir. Porque é que Jesus é uma ameaça para Herodes? Maria e José talvez não compreendam, mas não julgam os planos divinos. Não se revoltam. Rezam antes de sair para que Deus os proteja e os abençoe nesta nova viagem. As dificuldades não lhes obscurecem o olhar, embora temam pelo Menino.

Talvez José seja, uma vez mais, assaltado pela mesma incerteza de ocasiões anteriores: perante a gravidez de Maria, quando partiram para Belém poucos dias antes de dar à luz, a falta de lugar na pousada e agora a necessidade de fugir a meio da noite. S. Josemaria impressionava-se perante a sua reação: «Vistes que homem de fé? (...) Como obedece! “Toma o Menino e a sua Mãe e foge para o Egito”, ordena-lhe o mensageiro divino. E faz isso. Crê na obra do Espírito Santo!»<sup>[2]</sup>. O pai terreno de Jesus assumiu a sua missão e sabe que um minuto de atraso pode ser prejudicial. Contempla Maria absolutamente abandonada em Deus e nele, e assim decidem partir no meio da escuridão.

«O primeiro chamado a guardar a alegria da Salvação foi S. José. Perante os crimes atrozes que estavam a acontecer, S. José – exemplo de homem obediente e fiel – foi capaz de ouvir a voz de Deus e a missão que o Pai lhe confiava. E porque soube ouvir a voz de Deus e se deixou guiar pela sua vontade, tornou-se mais sensível àquilo que o rodeava e soube ler, com realismo, os acontecimentos (...). E precisamos de coragem, como S. José, para aceitar esta realidade, levantar-nos e meter-lhe mãos»<sup>[3]</sup>.

---

POR ORDEM de Herodes, um pelotão de soldados sai de Jerusalém para «matar todos os meninos que havia em Belém e toda a sua comarca, de

dois anos para baixo, conforme o tempo que cuidadosamente tinha averiguado dos Magos» (Mt 2, 16). Toda a cidade de David se enche do queixume de umas criaturas inocentes e da dor das mães. «Cumpriu-se então o que o profeta Jeremias dissera: ouviu-se uma voz em Ramá, pranto e grande lamentação: é Raquel que chora os seus filhos, e não quer ser consolada, porque já não existem» (Mt 2, 17-18).

Como é que uma criatura indefesa pode despertar tanta violência? Esses meninos deram a vida por Jesus<sup>[4]</sup>. Morrem sem sequer saber que morrem. As mães veem truncadas aquelas vidas inocentes e não sabem porquê. Aparentemente não há explicação para este acontecimento; representa o sofrimento à primeira vista inútil e injusto de uns meninos que selam com as suas vidas a verdade que ainda não conhecem. Maria talvez imagine estas mães desfeitas pela dor, sem lágrimas suficientes para chorar tanto sofrimento. Não entende, mas sabe que tem um sentido e possivelmente começa a vislumbrar que os planos de Deus não se realizarão sem muito sacrifício.

A linguagem emudece perante semelhante sofrimento. Maria acolhe-o no seu coração e conserva essa recordação durante toda a vida. Aqueles Inocentes deram testemunho de Cristo, «*non loquendo sed moriendo*»<sup>[5]</sup>, não falando, mas sofrendo, como «primícias para Deus e para o Cordeiro» (Ap 14, 4). Talvez, passados anos, Maria tenha encontrado alguma daquelas mulheres de Belém. Não seria fácil consolá-las, mas de certeza que tinha palavras para serenar e curar esses corações: as vidas daqueles Santos Inocentes unir-se-iam à do seu Filho.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Carta aos Bispos na Festa dos Santos Inocentes, 28/12/2016.

[2] S. Josemaria, *Em diálogo com o Senhor*, meditação “S. José, nosso Pai e Senhor”, n. 3.

[3] Francisco, Carta aos Bispos na Festa dos Santos Inocentes, 28/12/2016.

[4] cf. Sto. Agostinho, Sermão 373 na Epifania.

[5] Oração Coleta da Missa.

## 1 de janeiro, Santa Maria, Mãe de Deus

*Reflexão para meditar no dia 1 de janeiro, Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. Os temas propostos são: contemplar Maria; a maternidade de Maria; receber Jesus como Maria.*

### Sumário

- Contemplar Maria.
- A maternidade de Maria.
- Receber Jesus como Maria.

---

O EVANGELHO da festa de hoje relata como os pastores vão pressurosos ao encontro do Menino e reconhecem n'Ele o que lhes tinham anunciado os anjos. O texto está cheio de expressões de admiração, assombro e surpresa: ficam maravilhados, glorificam, louvam, ponderam... O Natal provoca em nós estes mesmos sentimentos. Queremos aproveitar tudo o que acontece no presépio para desfrutarmos do amor de Deus que se quer derramar nos nossos corações. Hoje fazemo-lo pela mão da Mãe de Deus, que é também nossa Mãe.

«Salvé, Santa Mãe, que destes à luz o Rei do céu e da terra»<sup>[1]</sup>. A salvação do mundo começou. O Rei do universo escolheu Maria para a tornar sua Mãe. Este mistério não cabe facilmente na nossa cabeça, nem nos nossos pobres esquemas: Deus quis contar com o sim duma mulher, duma adolescente. A Virgem não se interroga por que razão havia de ser precisamente Ela a escolhida; basta-lhe saber que por detrás está Deus, que é a vontade d'Ele. E S. Josemaria converte este facto em oração: «Senhora, nossa Mãe, Nosso Senhor quis que fosses Tu, com as tuas mãos, quem cuidasse de Deus; ensina-me – ensina-nos a todos – a relacionar-nos com o teu Filho!»<sup>[2]</sup>.

Maria contagia à sua volta, nos presépios de ontem e de hoje, esta atitude de admiração. Tudo o que vê leva-a a dar graças. Nunca se detém a

fixar-se em si mesma, nos problemas, nas dificuldades. Desfruta da visita dos pastores, do carinho do seu esposo, da noite estrelada que contemplou este mistério. E à sua volta todos vivem esta atmosfera de alegria. Maria é a melhor demonstração do que Deus faz nos homens e nas mulheres que se deixam amar.

---

«SENHOR nosso Deus, que, pela virgindade fecunda de Maria Santíssima, destes aos homens a salvação eterna, fazei-nos sentir a intercessão daquela que nos trouxe o Autor da vida»<sup>[3]</sup>. Assim reza a Oração Coleta da Missa de hoje. E podemos perguntar-nos: que significado tem para mim o facto de Maria ser Mãe de Deus? Como é que o experimento pessoalmente? Como nos diz o Papa Francisco, «a Mãe do Redentor caminha diante de nós e sempre nos confirma continuamente na fé, na vocação e na missão. Com o seu exemplo de humildade e disponibilidade à vontade de Deus, ajuda-nos a traduzir a nossa fé num anúncio, jubiloso e sem fronteiras, do Evangelho. Deste modo, a nossa missão será fecunda, porque está modelada pela maternidade de Maria»<sup>[4]</sup>. A nossa relação com Deus tem como exemplo a vida de oração de Maria. E Ela está dispostíssima a ajudar-nos, pois «a Trindade Santíssima, ao escolher Maria para Mãe de Cristo, homem como nós, pôs cada um de nós sob o seu manto maternal. É Mãe de Deus e nossa Mãe»<sup>[5]</sup>.

Podemos perguntar-nos, cheios de assombro, como é possível que nos seja oferecida uma santidade como a de quem foi Mãe de Deus: «Como podemos amar Deus com toda a nossa mente, se nos custa encontrá-lo com a nossa capacidade mental? Como amá-l'O com todo o nosso coração e a nossa alma, se este coração consegue entrevê-Lo só de longe e contempla tantas coisas contraditórias no mundo que velam o seu rosto? (...) Ele não está mais longe. Não é mais desconhecido. Não é inalcançável para o nosso coração. Fez-se menino por nós e, com isto, dissolveu toda a ambiguidade. Deus, por nós, fez-se dom. Doou-se a si próprio. O Natal veio a ser a festa dos dons para imitar Deus que por nós doou-se a si próprio»<sup>[6]</sup>. Se acolhemos este dom, se deixamos que o Senhor nos ofereça a sua vida, seremos também nós dom para os outros. Converter-nos-emos em presente para Deus e para os que nos rodeiam.

---

OS ANJOS cantam esta maravilha. Eles próprios ficam assombrados com o facto de uma mulher ter dado à luz o Filho de Deus. Não param de se surpreender e entoam o primeiro cântico de Natal da História: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados» (Lc 2, 14). Entoam este cântico de júbilo e ficam encantados a olhar para Maria, para o Menino e para Deus Pai, deslumbrado. As nossas almas ficam serenas junto do presépio e ali descobrimos o que enche Deus de complacência, o que O enamora, o que O entusiasma. Viemos a correr, mas vamos recuperando o sossego. O suave canto dos anjos é uma espécie de canção de embalar para adormecer Jesus e para nos acolher a nós.

A nossa experiência demonstrou-nos muitas vezes que não somos capazes de cumprir sempre e em tudo a vontade de Deus. No entanto, com a ajuda da Virgem podemos guardar a sua Palavra e ponderá-la no nosso coração. Isso está ao nosso alcance. Desse modo podemos estar seguros de que se cumprirá tudo quanto nos disse o Senhor, a sua Palavra pode encarnar nas nossas vidas, o seu sangue correrá nas nossas veias. Assim o assegurava S. Bernardo: «Toda a Trindade gloriosa, e a própria Pessoa do Filho recebe d'Ela a substância da carne humana, a fim de que não haja quem se esconda do seu calor»<sup>[7]</sup>.

Nesta noite fria, nós queremos aquecer-nos dentro do presépio. Gostaríamos que a escuridão e a humidade não entrassem na nossa alma. Desejamos receber Jesus com aquela pureza, humildade e devoção com que recebeu a nossa Mãe; acolher a sua Palavra com a mesma graça e com idêntica alegria para a espalharmos, como Ela, pelo mundo inteiro.

---

## NOTAS

[1] Antífona de Entrada da Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 84.

[3] Oração Coleta.

[4] Francisco, Homilia, 01/01/2014.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 275.

[6] Bento XVI, Homilia, 24/12/2006.

[7] S. Bernardo, Homilia na Oitava da Assunção, 2.

## Epifania

*Reflexão para meditar no segundo domingo depois do Natal, Solenidade da Epifania. Os temas propostos são: os Reis Magos representam todas as nações; levar a Redenção a todas as almas; iluminar com a nossa própria vida.*

### Sumário

---

«AINDA NÃO HÁ muito tempo, – dizia S. Josemaria – tive oportunidade de admirar um baixo-relevo em mármore, que representa a cena da adoração de Deus Menino pelos Reis Magos. Emoldurando esse baixo-relevo, havia outros: quatro anjos, cada um com o seu símbolo – um diadema, o mundo coroado pela cruz, uma espada e um cetro. Deste modo, utilizando símbolos bem conhecidos, ilustrava-se plasticamente o acontecimento que hoje comemoramos: uns homens sábios –reis, segundo a tradição – prostram-se diante de um Menino, depois de perguntar em Jerusalém: “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer?” (Mt 2, 2)»<sup>[1]</sup>.

*Epifania* quer dizer aparição ou manifestação. Celebramos cheios de alegria a manifestação do Senhor a todas as nações, representadas nestes Reis Magos que chegam do Oriente. Depois dos pastores, o Senhor dá-se a conhecer a estas personagens misteriosas. Na Epifania, Deus apresenta o seu Filho «aos povos gentios por meio de uma estrela»<sup>[2]</sup>. Desvenda-se «a verdade sublime de que Deus veio para todos: todas as nações, línguas e povos são acolhidos e amados por Ele. Símbolo disso é a luz, que tudo alcança e ilumina»<sup>[3]</sup>. O Menino recém-nascido é o Messias prometido aos israelitas, mas a sua missão redentora estende-se a todos os povos da terra. «Celebramos Cristo, meta da peregrinação dos povos em busca da salvação»<sup>[4]</sup>.

O Evangelho conta-nos que os Magos «entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, adoraram-n'O» (Mt 2, 11). Na sua adoração vemos representadas milhões de pessoas de todos os recantos da terra que se põem a caminho, chamadas por Deus, para adorar a Jesus

Cristo. Este é o sentido pleno da profecia de Isaías: «Levanta-te e resplandece, Jerusalém, que está a chegar a tua luz! A glória do Senhor amanhece sobre ti!» (Is 60, 1). O profeta dirige a sua voz para a cidade santa, que representa a Igreja, a nova Jerusalém, luz das nações. De todas as partes virão reis e povos, atraídos pelos brilhos da sua glória. Mãe e mestra de todos os povos, a Igreja acolhe-os no seu seio e apresenta-os como um dote precioso a Cristo.

---

PASSARAM mais de vinte séculos desde a adoração dos Reis Magos e aquele longo desfile de pessoas de todo o mundo mal começou. «Hão de lembrar-se do Senhor e voltar-se para Ele todos os confins da terra; hão de prostrar-se diante dele todos os povos e nações» (Sl 22, 28). A obra evangelizadora dos primeiros cristãos foi muito profunda, espalharam a fé por todo o mundo conhecido, semearam e os frutos não tardaram a chegar. Desde então, novas pessoas aproximaram-se, e continuam a fazê-lo, de Jesus e de Maria. Da mesma maneira, chegamos também nós, de todas as latitudes, de todas as raças e línguas. «Levanta os olhos e vê à tua volta: todos esses se reuniram para vir ao teu encontro. Os teus filhos chegam de longe» (Is 60, 4).

«É necessário repetir uma e mais vezes – utilizando umas palavras de S. Josemaria – que Jesus não se dirigiu a um grupo de privilegiados, mas veio revelar-nos o amor universal de Deus. Todos os homens são amados por Deus; de todos eles espera amor, de todos, quaisquer que sejam a sua condição, a sua posição social, a sua profissão ou ofício. A vida corrente e ordinária não é coisa de pouco valor; todos os caminhos da Terra podem ser uma ocasião de encontro com Cristo, que nos chama a identificar-nos com Ele, para realizarmos – no lugar onde estamos – a sua missão divina. Deus chama-nos através dos incidentes da vida de cada dia, no sofrimento e na alegria das pessoas com quem convivemos, nas preocupações dos nossos companheiros, nas pequenas coisas da vida familiar. Deus também nos chama através dos grandes problemas, conflitos e ideais que definem cada época histórica, atraindo o esforço e o entusiasmo de grande parte da Humanidade»<sup>[5]</sup>.

A nossa missão é a mesma que a dos primeiros cristãos: «Somos para a massa, meus filhos, para a multidão. Não há alma à qual não queiramos amar e ajudar, fazendo-nos tudo para todos: “*omnibus omnia factus sum*” (1Cor 9, 22). Não podemos viver de costas voltadas para nenhuma inquietação, para nenhuma necessidade dos homens»<sup>[6]</sup>. Nós também vimos a estrela e o Senhor deseja chegar a todas as almas, através de cada um de nós, para oferecer o seu consolo e a sua salvação.

---

Nós também vimos a estrela e o Senhor deseja chegar a todas as almas, através de cada um de nós, para oferecer o seu consolo e a sua salvação»<sup>[7]</sup>. Vivemos seguros na esperança de que este Menino seja a verdadeira luz do mundo, uma luz que brilha na humildade. E, de certa maneira, queremos parecer-nos com a estrela dos Reis Magos para assim demonstrar o caminho que conduz a Deus.

«Onde está o nosso Rei? – perguntava-se S. Josemaria na Epifania de 1956 –. Não será que Jesus quer reinar, antes de mais, no coração, no teu coração? Por isso se fez Menino: quem é capaz de ter o coração fechado para uma criança? Onde está o nosso Rei? Onde está o Cristo que o Espírito Santo procura formar na nossa alma? Cristo não pode estar na soberba, que nos separa de Deus, nem na falta de caridade, que nos isola dos homens. Aí não podemos encontrar Cristo, mas apenas a solidão.

No dia da Epifania, prostrados aos pés de Jesus Menino, diante de um Rei que não ostenta sinais externos de realeza, podeis dizer-lhe: Senhor, expulsa a soberba da minha vida, subjuga o meu amor próprio, esta minha vontade de afirmação pessoal e de imposição da minha vontade aos outros. Faz com que o fundamento da minha personalidade seja a identificação contigo»<sup>[8]</sup>.

Neste grande dia, olhemos com carinho para Belém, para aprender daqueles homens do Oriente prostrados diante do Menino. Tomando por modelo os Reis Magos, dizemos a Jesus que, com a sua ajuda, não poremos obstáculos ao seu querer redentor. Suplicamos a Maria que nos ensine a ser luz para os nossos familiares e amigos. Também lhe pedimos humildade

para que Cristo viva nos nossos corações e, identificados com Ele, atrair muitos para o seu amor redentor.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 31.

[2] Oração Coleta da Missa do dia da Epifania do Senhor.

[3] Francisco, Homilia, 06/01/2019.

[4] Bento XVI, Homilia, 06/01/2007.

[5] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 110.

[6] S. Josemaria, *Carta 6 de maio de 1945*, n. 42.

[7] S. João Paulo II, *Redemptoris missio*, n. 1.

[8] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 31.

## Sumário

### 3 de janeiro, Santíssimo Nome de Jesus

*Reflexão para meditar no dia 3 de janeiro, Memória do Santíssimo Nome de Jesus. Os temas propostos são: o nome de Jesus significa “Deus salva”; como óleo derramado; rezar em seu nome e levá-lo a todos os lugares.*

## Sumário

- O nome de Jesus significa “Deus salva”
- Como bálsamo derramado
- Rezar em seu nome e levá-lo a todos os lugares

---

A IMPOSIÇÃO do nome era muito importante nas culturas semíticas, pois realçava a missão para a qual uma pessoa era chamada. Em Israel, costumava-se impor o nome durante a circuncisão, momento em que a criança era incorporada aos descendentes de Abraão. Foi o que aconteceu com Jesus, oito dias após o seu nascimento (cf. Lc 2, 21). Deus comunica a José, por meio do Anjo, o nome que ele deve dar ao filho de Maria: «Ela dará à luz um filho e tu pôr-Lhe-ás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados» (Mt 1, 20-21). Hoje celebramos precisamente a festa dedicada ao Santíssimo Nome de Jesus. A antífona da Missa resume bem o sentido da celebração, quando nos convida a adorar com reverência o Menino que hoje contemplamos reclinado numa manjedoura: «Ao nome de Jesus todos se ajoelhem no céu, na terra e nos abismos e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor para glória de Deus Pai»<sup>[1]</sup>.

Deus muda o nome de algumas pessoas especialmente proeminentes na história da salvação como um símbolo da tarefa que lhes confiou. Foi o que aconteceu, por exemplo, com Abrão, que passou a ser chamado Abraão, porque seria pai de uma multidão de povos. Jacob recebeu o nome de Israel, porque tinha lutado com Deus e venceu. E o próprio Jesus Cristo chamará a

Simão de Cefas – Pedro –, porque ele será a rocha sobre a qual a Igreja será edificada. No caso de Jesus, o próprio Deus intervém para que o nome do Verbo Encarnado signifique exatamente a missão redentora que veio cumprir: “Iavé salva”.

S. Bernardino de Sena promoveu a devoção ao nome de Jesus no seu tempo e, como fruto dos seus esforços, acrescentou-o às palavras de Santa Isabel que repetimos na Ave Maria. «O grande fundamento da fé é o nome de Jesus, que transforma as pessoas em filhos de Deus», afirmava o santo italiano. A fé «consiste no conhecimento e no esplendor de Jesus Cristo, que é a luz da alma, a porta da vida, o fundamento da salvação eterna»<sup>[2]</sup>. Por isso rezamos na Oração Coleta da Missa de hoje: «Concedei-nos, Senhor, que, venerando o santíssimo Nome de Jesus, saboreemos nesta vida a suavidade deste nome e recebamos no Céu a felicidade eterna».

---

«O TEU NOME é como um perfume derramado» (Ct 1, 3), diz o Cântico dos Cânticos referindo-se ao Esposo. O nome de Jesus é, de facto, como um bálsamo aromático que espalha o seu perfume por toda a casa. Dando continuidade a essa comparação, S. Bernardo de Claraval observa que o bálsamo tem três qualidades que podem ser aplicadas ao nome de Jesus: assim como o bálsamo «é luz, alimento e remédio», também o dulcíssimo nome de Jesus «fornece luz quando é pronunciado, alimenta quando é meditado, quando invocado, serena e abrandando»<sup>[3]</sup>.

Em primeiro lugar, Jesus é a luz que brilha no meio das trevas, um brilho que queremos que reluza no nosso comportamento. Para receber essa luz de Cristo, temos que abrir os olhos da alma e limpá-los com o colírio dos sacramentos. «*Ut videam, ut videamus, ut videant!*», S. Josemaria convidava-nos a repetir: que com o nosso olhar limpo façamos limpas as vidas de muitos outros. Em segundo lugar, Jesus também é alimento para a alma. Ao pronunciarmos o seu nome, os nossos corações enchem-se de alegria. «A leitura incomoda-me, se não leio o nome de Jesus –continua S. Bernardo–. O falar desagrada-me, se não fala de Jesus. Jesus é mel na boca, melodia nos ouvidos, alegria no coração»<sup>[4]</sup>.

Por fim, o seu precioso nome é remédio para a nossa fraqueza. «Não há nada mais adequado para deter o ímpeto da ira, diminuir o inchaço do orgulho, curar as feridas da inveja, conter os ataques da luxúria, apagar o fogo da concupiscência, saciar a sede da ganância e banir todos os apetites desordenados»<sup>[5]</sup>. Por ocasião desta festa, podemos pedir ao Espírito Santo que derrame este bálsamo sagrado nos nossos corações, nos nossos lábios e nas nossas obras. Assim, unir-nos-emos ao salmista que na liturgia de hoje proclama: «Como é admirável o vosso nome em toda a terra, Senhor, nosso Deus!» (Sl 8, 2).

---

«EM VERDADE, em verdade vos digo: tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo dará. Até agora não pedistes nada em meu nome: pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa» (Jo 16, 23-24). Desta forma, o Senhor encorajou os seus apóstolos na véspera da sua paixão. Confiando na própria palavra do Senhor, podemos invocar frequentemente o seu Santo Nome. Como dizia Sta. Teresa: «Vejam os gloriosos S. Paulo que, dir-se-ia, ter sempre na boca Jesus, como quem O tinha bem no coração»<sup>[6]</sup>.

S. Josemaria, por sua vez, ensinou-nos uma bela jaculatória: “*Iesu, Iesu, esto mihi sempre Iesus!*”: Jesus, Jesus, sê para mim sempre Jesus. Se a repetirmos com frequência, ficaremos surpresos com os seus efeitos, especialmente quando nos sentirmos tristes, preocupados ou cansados. «Eu o chamo de Jesus, sem medo, a sós – dizia –. Aqui, ao lado do Sacrário, não tenho vergonha de invocá-lo pelo nome. Meu filho, diz também a Ele que o amas, que o amarás para sempre. Mais e mais!»<sup>[7]</sup>. É nossa missão – a missão dos cristãos comuns – espalhar a fragrância desse nome ao nosso redor.

«Este nome deve ser publicado para brilhar, não deve ficar escondido. Mas não pode ser pregado com um coração manchado ou com uma boca impura, mas deve ser colocado e exposto em um vaso escolhido»<sup>[8]</sup>, continuava S. Bernardino. O sacerdócio real – selo divino do Batismo e da Confirmação – «permite-nos levar o nome de Cristo a todos os ambientes onde os homens trabalham e vivem. Mas não esqueças que o apostolado, para ser verdadeiramente eficaz, deve basear-se numa união profunda,

habitual e quotidiana com Jesus Cristo nosso Senhor»<sup>[9]</sup>. Com que ternura o nome de Jesus ressoava nos lábios da sua Mãe e de S. José! A eles suplicamos com confiança que nos lembrem do seu bendito nome para mantê-lo permanentemente nos nossos corações.

---

## NOTAS

[1] Antífona de entrada da Missa do Santíssimo Nome de Jesus.

[2] S. Bernardino de Sena, Sermão 49, *Sobre o glorioso nome de Jesus Cristo*, capítulo 1.

[3] S. Bernardo, Sermão 15, *Sobre o Cântico dos Cânticos*, II, n. 4.

[4] S. Bernardo, Sermão 15, *Sobre o Cântico dos Cânticos*, III, n. 6.

[5] *Ibid.*

[6] Sta. Teresa, *Livro da vida*, cap. 22.

[7] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 13/04/1954.

[8] S. Bernardino de Sena, Sermão 49, *Sobre o glorioso nome de Jesus Cristo*, cap. 2.

[9] Bto. Álvaro del Portillo, Carta, 01/04/1985.

## Batismo do Senhor

*Reflexão para meditar no domingo depois da Epifania, Festa do Batismo do Senhor (ou na segunda-feira após o domingo da Epifania nos anos em que este calhe no dia 7 ou dia 8 de janeiro). Os temas propostos são: como João, daremos testemunho de Cristo; um apostolado discreto, um a um; semear com a nossa amizade.*

### Sumário

- Como João, daremos testemunho de Cristo.
- Um apostolado discreto, um a um.
- Semear com a nossa amizade.

---

«NO DIA seguinte, João viu Jesus aproximar-se» (Jo 1, 29). Nosso Senhor vai ao encontro do Batista como mais um, misturado com aqueles milhares de pessoas que vinham de todos os lados. «Jesus Cristo, que é Juiz dos pecadores, vem para ser batizado entre os escravos»<sup>[1]</sup>. Para toda aquela multidão, o carpinteiro de Nazaré era um de muitos. Mas o olhar do Batista descobriu o Filho de Deus naquele peregrino e estava relutante em batizá-lo. «Sou eu quem deve ser batizado por Ti e Tu vens a mim?» (Mt 3, 14). Jesus Cristo insistiu e João, no final, teve que ceder.

«Uma vez batizado, Jesus saiu da água e eis que se rasgaram os céus, e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele. E uma voz vinda do Céu dizia: Este é o meu Filho muito amado, no qual pus as minhas complacências» (Mt 3, 14). S. João Paulo II diz que «a pregação de João concluiu a longa preparação, que percorreu toda Antiga Aliança e, poder-se-ia dizer, toda a história humana, narrada pela Sagrada Escritura. João sentia a grandeza daquele momento decisivo, que interpretava como o início de uma nova criação, na qual descobria a presença do Espírito que pairava acima da primeira criação (cf. Jo 1, 32; Gn 1, 2). Ele sabia e confessava que era um simples arauto, precursor e ministro d'Aquele que viria “batizar com o Espírito Santo”»<sup>[2]</sup>.

Poucos dias depois, João recebeu uma embaixada singular. «Lembraí-vos – perguntava S. Josemaria – daquelas cenas do Evangelho, que narram a pregação de João Batista? Grande alarido que se tinha sido levantado! Será o Cristo, será Elias, será um Profeta? Tanta confusão se armou que “os judeus enviaram sacerdotes e levitas de Jerusalém, para lhe perguntarem: tu, quem és?” (Jo 1, 19). Ele respondeu: “Eu batizo em água; mas no meio de vós está alguém que vós não conheceis. Esse é o que há de vir depois de mim, e eu não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias” (Jo 1, 26-27)».

O Senhor também se nos revelou quando nos fez ver, com a luz do Espírito Santo, que estava ao nosso lado no caminho da vida. Então, como a João, pediu-nos que déssemos testemunho d'Ele.

---

TODA a vida do Batista foi gasta na espera, no esforço de preparar o seu coração e o dos outros para a chegada do Redentor. Ele era a voz que clama no deserto: «Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas» (Mt 3, 3). Hoje a alegria de João é grande porque o Senhor chegou. Agora pode exclamar: «Este é aquele de quem eu disse: depois de mim vem um homem que é superior a mim, porque era antes de mim» (Jo 1, 30). A nossa tarefa não é muito diferente da do Batista; «Quantas vezes se poderiam dizer (...) aquelas palavras do Santo Evangelho: “No meio de vós está quem não conheceis: Jesus Cristo” (Jo 1, 26). Sem espetáculo, com uma naturalidade sobrenatural, Cristo faz-se presente na vossa vida e na vossa palavra, para atrair à fé e ao amor quem pouco ou nada sabe de Fé e de Amor»<sup>[3]</sup>.

João dá testemunho de Jesus; uns dias antes, tinha anunciado publicamente que não era o Messias, que o Cristo viria depois. Mais tarde, no círculo íntimo dos seus discípulos, João referiu onde estava o Senhor: «Este é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo» (Jo 1, 29). Era um apostolado pessoa a pessoa que preparava a mente dos seus ouvintes para a chamada divina. Noutra ocasião, de forma mais direta, o Batista indicou a João e André: «No dia seguinte, João estava com dois dos seus discípulos e, vendo Jesus que passava, disse: “Este é o Cordeiro de Deus”. Os dois discípulos ouviram as suas palavras e seguiram Jesus» (Jo 1, 35-

37). Quão eficaz! A palavra do Batista preparou as duas primeiras vocações de apóstolos. Mais tarde, André e João trariam outros.

É fácil recordar algumas palavras de S. Josemaria sobre o apostolado dos cristãos no meio do mundo: «Não sois conhecidos, mas em todos os cantos da terra há colegas e amigos que descobrem nos vossos irmãos, em vós, a Cristo; e então eles também levam Cristo a outros corações, a outras inteligências. Sois Cristo que passa no meio da rua; mas deveis caminhar por onde Ele caminhou»<sup>[4]</sup>.

---

MUITOS vieram ao Jordão para ouvir e receber o batismo de João. Para todos haviam, nos lábios do profeta, palavras de luz e a todos preparava para receber o Senhor. Mas também tinha um pequeno grupo de discípulos que formava ao calor de uma conversa direta. E foi justamente desse grupo que surgiram os primeiros discípulos do Senhor.

Cada um de nós conhece muitas pessoas e pode ocasionalmente divulgar a mensagem de Cristo a um público muito amplo através de vários meios. Mas, particularmente adequado para difundir a mensagem cristã é o apostolado a que S. Josemaria chamava de amizade e confiança. Descrevia-o assim: «Haveis de aproximar as almas de Deus com a palavra adequada que desperta horizontes de apostolado, com o conselho discreto que ajuda a olhar um problema de forma cristã; com conversa amigável que ensina a viver a caridade (...). Mas haveis de atrair, sobretudo, com o exemplo da integridade das vossas vidas, com a afirmação – humilde e audaz ao mesmo tempo – de viver de forma cristã, com naturalidade, mas coerente, manifestando, nas nossas obras, a nossa fé: essa será, com a ajuda de Deus, a razão da nossa eficácia»<sup>[5]</sup>.

O apostolado cristão é serviço, difusão do bem, amizade; preocupação sincera pelos outros, informada pela caridade, que nos leva a transmitir o que nos enche de alegria. Os leigos, de modo particular, são chamados a «uma ação livre e responsável nas estruturas temporais, levando aí o fermento da mensagem cristã»<sup>[6]</sup>. O panorama é imenso.

Podemos colocar sob a proteção materna da Virgem as pessoas que estão mais próximas de nós; pedimos-lhe que nos alcance a graça necessária para avivar o nosso desejo de semear a palavra divina através da nossa amizade. «Semeai, pois – dizia S. Josemaria –, garanto-vos, em nome do Senhor da messe, que haverá colheita»<sup>[7]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. João Crisóstomo, *Homilias sobre o Evangelho de S. Mateus*, 12, 1.

[2] S. João Paulo II, *Audiência Geral*, 11/07/1990.

[3] S. Josemaria, *Carta* de 15/08/1953, n. 11.

[4] S. Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 09/01/1969.

[5] S. Josemaria, *Carta* de 24/03/1930, n. 11.

[6] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 59.

[7] S. Josemaria, *Carta circular* de 24/03/1939.

## 25 de janeiro, Conversão de São Paulo

### Sumário

- A graça de Deus converte Paulo.
- O Senhor conta conosco, como contou com S. Paulo.
- S. Paulo é modelo para chegar à unidade.

---

TERMINA esta semana de oração pela unidade dos cristãos, comemorando a conversão de S. Paulo. «Saulo – lê-se na primeira leitura da Missa – respirando ainda ameaças de morte contra os discípulos do Senhor, foi ter com o sumo sacerdote» (At 9, 1-2). Era defensor acérrimo da lei de Moisés e, aos seus olhos, a doutrina de Cristo, era um perigo para o judaísmo. Por isso, não vacilava em dedicar todos os seus esforços ao extermínio da comunidade cristã. Consentira na morte de Estêvão, e, sem se dar por satisfeito, «devastava a Igreja: entrando de casa em casa, arrastava homens e mulheres, e entregava-os à prisão» (At 8, 3).

Dirige-se a Damasco, onde arreigou a semente da fé, com plenos poderes para «trazer algemados para Jerusalém quantos seguissem a nova doutrina, tanto homens como mulheres» (At 9, 2). Mas o Senhor tinha planos diferentes para ele. Já próximo de Damasco, «viu-se de repente envolvido numa luz intensa vinda do Céu. Caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, porque Me persegues?”. Ele perguntou: “Quem és Tu, Senhor?”. O Senhor respondeu: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”» (At 9, 3-5). S. Paulo nunca esquecerá esse encontro pessoal com Cristo ressuscitado. Muitos anos mais tarde, já convertido em testemunha incansável da fé, recordava-o com frequência: «No fim de todos – escreve aos Coríntios –, apareceu-me a mim também, como a um aborto. É que eu sou o menor dos Apóstolos e não sou digno do nome de Apóstolo, por ter perseguido a Igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus sou aquilo que sou» (1Cor 15, 8-10).

Pensando nestas cenas, comentava S. Josemaria: «Que preparação tinha S. Paulo quando Cristo o derrubou do cavalo, o deixou cego e o chamou ao apostolado? Nenhuma! No entanto, quando responde e diz: “Senhor, que quereis que faça?” (At 9, 6), Jesus Cristo escolhe-o para Apóstolo»<sup>[1]</sup>. Todo o empenho que antes o levava a perseguir os cristãos, impele-o agora – com uma força nova, maior do que alguma vez sonhou – a difundir por todos os recantos da terra a fé em Cristo. Não haverá já nada capaz de o afastar do cumprimento da tarefa: a sua vida ficou marcada por aquele encontro no caminho de Damasco, que foi o início da sua vocação.

---

A DESEJADA união dos cristãos é um dom que temos de pedir insistentemente ao Espírito Santo. A graça, se é graça, recorda Santo Agostinho, «é dada gratuitamente»<sup>[2]</sup>. Sabemos que «Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1Tm 2,4), e sabemos também que para isso conta com a nossa colaboração para que – mediante a nossa vida e a nossa palavra – demos testemunho da alegria que dá viver com Cristo. Nesta missão, está sempre vigente o que S. Paulo se perguntava pensando nas pessoas que o rodeavam: «Mas como hão de invocar Aquele em quem não acreditaram? E como hão de acreditar n’Aquele que não ouviram? E como hão de ouvir sem haver quem pregue? E como hão de pregar, se não forem enviados?» (Rm 10, 14-15).

O fundamento sobre o qual S. Paulo apoiou todo o seu trabalho incansável de transmitir o Evangelho foi o ter encontrado Jesus pessoalmente: «Não sou Apóstolo? Não é verdade que vi a Jesus, Nosso Senhor?» (1Cor 9, 1). Só regressando frequentemente a esse momento, renovando-o diariamente, pôde o apóstolo dos gentios atrair tantas pessoas ao encontro com Quem tinha mudado radicalmente o sentido da sua própria vida. É também aí, no nosso encontro com Cristo, que encontraremos o impulso para colaborar em reunir, outra vez, todos os cristãos. Bento XVI, ao advertir precisamente a força que movia S. Paulo, afirmava que, «em última análise, é o Senhor que constitui alguém em apóstolo, não a própria presunção. O apóstolo não se faz a si próprio; é o Senhor que o faz; portanto, precisa de referir-se constantemente ao Senhor. S. Paulo diz claramente que se é apóstolo por vocação»<sup>[3]</sup>.

S. Josemaria costumava imaginar as circunstâncias em que viveu S. Paulo: um enorme império que prestava culto a falsos deuses e em que os costumes contrastavam com a vida dos que seguiam Jesus. Naquela altura – dizia S. Josemaria – a mensagem do Evangelho era «totalmente oposta ao ambiente à sua volta, mas S. Paulo que sabe, que saboreou intensamente a alegria de ser de Deus, lança-se seguro à pregação, e fá-lo a todo o momento, também da prisão»<sup>[4]</sup>. Consciente de que o autêntico encontro com Cristo só nos pode levar à felicidade, S. Paulo explicava aos Coríntios as razões que o moviam a evangelizar: «Não que pretendamos exercer domínio sobre a vossa fé, mas contribuirmos para a vossa alegria» (2Cor 1, 24).

---

«APRENDE a orar, aprende a procurar, aprende a pedir, aprende a bater: até encontrares, até receberes, até te abrirem»<sup>[5]</sup>. O melhor caminho para que o Senhor conceda à sua Igreja a graça da união de todos os cristãos será uma oração perseverante. S. Paulo ensina-nos: logo que o ajudaram a levantar-se do chão, partiu para Damasco, «e ficou três dias sem ver, não comendo nem bebendo» (At 9, 9). Só passado esse tempo dedicado à oração e à penitência, Deus manda o seu servo Ananias: «Vai, que esse homem é instrumento da Minha escolha para levar o Meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel. É que Eu hei de mostrar-lhe quanto ele tem de sofrer pelo Meu nome» (At 9, 15).

Conscientes de que todo o trabalho apostólico – também a desejada unidade dos cristãos – não depende exclusivamente das nossas forças, o mais importante é prepara-nos adequadamente para acolher os dons de Deus. Tudo o que nos leve a fomentar esta disponibilidade interior, para que Cristo possa manifestar em nós a Sua vontade, é uma tarefa eminentemente apostólica. Por isso, podemos dizer que a oração e o espírito de penitência são os principais caminhos do ecumenismo: porque é só Jesus que pode mover os corações.

Neste sentido, o Papa Francisco interrogava-se: «Como é possível proclamar este evangelho de reconciliação depois de séculos de divisões? O próprio Paulo nos ajuda a encontrar o caminho. Ele sublinha que a reconciliação em Cristo *não se pode realizar sem sacrifício*. Jesus deu a sua

vida, morrendo por todos. De modo semelhante, os embaixadores de reconciliação, em seu nome, são chamados a dar a vida, a não viver mais para si mesmos, mas para Aquele que morreu e ressuscitou por eles»<sup>[6]</sup>. A conversão de S. Paulo é modelo para chegar à plena unidade. A Igreja, através do exemplo da vida do apóstolo, mostra-nos o caminho: encontro com Cristo, conversão pessoal, oração, diálogo, trabalho em comum.

Os discípulos de Jesus nos dias que se seguiram à Ascensão «se entregavam assiduamente à oração com Maria» (At 1, 14). Confiamos na intercessão da nossa Mãe para que, como acontecia nessa altura, alcancemos a unidade entre todos os cristãos: que um dia nos voltemos a reunir, todos juntos, ao seu lado.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, Notas tiradas de uma reunião familiar, 09/04/1971.

[2] Sto. Agostinho, *Enarrationes in Psalmos* 31, 2, 7.

[3] Bento XVI, Audiência geral, 10/10/2008.

[4] S. Josemaria, Notas tiradas de uma reunião familiar, 25/08/1968.

[5] S. Bernardo, *Sermo in Ascensione* 5, 14.

[6] Francisco, Homilia, 25/01/2017.

## 26 de janeiro, São Timóteo e São Tito

*Reflexão para meditar no dia 26 de janeiro, Memória Litúrgica de S. Timóteo e S. Tito. Os temas propostos são: dois fiéis colaboradores de S. Paulo; o alimento da Sagrada Escritura; a evangelização é feita pelo próprio Deus.*

### Sumário

- Dois fiéis colaboradores de S. Paulo.
- O alimento da Sagrada Escritura.
- A evangelização é feita pelo próprio Deus.

---

NO NOVO TESTAMENTO mencionam-se mais de sessenta colaboradores de S. Paulo. O Apóstolo atuava acompanhado por outros fiéis a quem deixava o encargo das comunidades que iam nascendo. Entre esses colaboradores destacavam-se S. Timóteo e S. Tito, cuja memória recordamos no dia a seguir à festa da conversão de S. Paulo.

Timóteo, desde muito novo, foi um colaborador fiel de S. Paulo: acompanhou-o por toda a Ásia Menor, compartilhando com ele prisão pelo menos uma vez e foi enviado em várias missões. É evidente que o Apóstolo sempre pôde sentir a sua proximidade, embora às vezes estivessem fisicamente distantes. S. Paulo correspondia a este apoio rezando por ele e pela sua família, que conhecia bem: «noite e dia, sem cessar, me recordo de ti nas minhas orações. Ao lembrar-me das tuas lágrimas, sinto grande desejo de voltar a ver-te, para me encher de alegria. Evoco a lembrança da tua fé sincera, que também foi a da tua avó Lóide e da tua mãe Eunice» (2Tm 1, 3-5). Assim lhe escreve, provavelmente de Roma, durante o seu segundo cativo, que culminaria com o martírio.

Tito também foi um colaborador fiel do Apóstolo. Conserva-se pelo menos uma carta que recebeu de S. Paulo e que faz parte das chamadas *Epístolas Pastorais*, porque nelas se dão orientações e normas para o bom

andamento das comunidades cristãs nascentes. «Verdadeiro filho na fé que nos é comum», diz de Tito, no início dessa epístola. Depois de lhe dar uma série de orientações, S. Paulo conclui: «Também os nossos devem aprender a empenhar-se em boas obras, para atender às necessidades prementes, de modo que não deixem de produzir frutos» (Tt 3, 14). É um bom conselho também para nós, que desejamos ser apóstolos fiéis como Timóteo e Tito: a nossa preocupação sincera por todos será o melhor anúncio do Evangelho.

---

NA SEGUNDA CARTA que escreveu a Timóteo, S. Paulo recorda que este colaborador seguiu «de perto o meu ensinamento, o meu modo de vida e os meus planos, a minha fé e a minha paciência, o meu amor fraterno e a minha firmeza, as perseguições e sofrimentos. Que perseguições tive de suportar! Mas de todas elas me livrou o Senhor» (2Tm 3, 10-11). Depois anima-o a permanecer firme «no que aprendeste e acreditaste» (2 Tm 3, 14). E, como o modo mais eficaz de o conseguir, acrescenta: «Desde a infância conheces a Sagrada Escritura, que te pode instruir, em ordem à salvação pela fé em Cristo Jesus. De facto, toda a Escritura é inspirada por Deus e adequada para ensinar, refutar, corrigir e educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e esteja preparado para toda a obra boa» (2Tm 3, 15-17). A palavra grega que o apóstolo utiliza, significa literalmente “equipado”: o fiel cristão que conhece a Palavra de Deus e a vive encontra nela algo como que o seu “equipamento” para agir bem e para ser apóstolo.

Para nos identificarmos com Cristo, viver n'Ele e transmitir a sua mensagem de salvação, necessitamos do alimento da sua Palavra. E para assimilar bem esse alimento, de maneira que nos encha de sabedoria, é preciso que fomentemos no nosso coração uma atitude de escuta, de diálogo íntimo, dessa piedade sincera «que é útil para tudo» (1Tm 4, 8). Como ensina o Papa Francisco, «todos nós podemos melhorar um pouco neste aspeto, tornando-nos todos mais ouvintes da Palavra de Deus, para sermos menos ricos com as nossas palavras e mais ricos com as suas Palavras. Penso no sacerdote, que tem a tarefa de pregar. Como pode pregar, se antes não abriu o seu coração, não ouviu no silêncio a Palavra de Deus? (...) Penso no pai e na mãe, que são os primeiros educadores: como podem educar, se a sua consciência não for iluminada pela Palavra? (...) E penso

nos catequistas, em todos os educadores: se o seu coração não for aquecido pela Palavra, como podem sensibilizar os corações dos outros, das crianças, dos jovens e dos adultos? Não é suficiente ler as Sagradas Escrituras, mas é preciso ouvir Jesus que fala através delas»<sup>[1]</sup>.

De 1933 data um velho documento escrito por S. Josemaria. Trata-se de umas folhas nas quais havia copiado 112 textos do Novo Testamento, encabeçando-os com a inscrição: «Palavras do Novo Testamento, repetidamente meditadas»<sup>[2]</sup>. Se meditamos assiduamente a Palavra de Deus, também nós teremos os nossos passos preferidos, que fizeram moosa na nossa alma, que nos deram luz e calor, que nos confirmaram na fé e na vocação ou nos ajudaram a impulsionar outras pessoas na sua vida cristã. Faz-nos muito bem alimentar uma leitura e meditação muito pessoal da Sagrada Escritura. Só assim poderemos ser bons instrumentos para a transmitir com o nosso apostolado.

---

O EVANGELHO da Missa de hoje mostra-nos o Senhor que elege setenta e dois discípulos e os envia dois a dois, dizendo-lhes: «A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao dono da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Ide: Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos (Lc 10, 2-3)». A mensagem é clara: são enviados por ele e devem confiar nele; o trabalho é muito, o trabalho não será fácil, encontrarão muitas dificuldades. Assim foi a vida dos primeiros cristãos. Escrevendo a Timóteo, também S. Paulo o anima a ser um apóstolo digno do Evangelho, sem lhe prometer êxitos imediatos nem fáceis: «Deus não nos deu um espírito de timidez, mas de fortaleza, de caridade e moderação (2Tm 1, 7)», disse-lhe. E acrescenta: «Portanto, não te envergonhes de dar testemunho de Nosso Senhor, nem de mim, seu prisioneiro, mas compartilha o meu sofrimento pelo Evangelho, apoiado na força de Deus. Ele salvou-nos e chamou-nos, por santo chamamento, não em atenção às nossas obras, mas segundo o seu próprio desígnio e a graça a nós concedida em Cristo Jesus, antes dos séculos eternos» (2Tm 1, 8-9).

Evangelizar, fazer apostolado, é dar testemunho de Cristo. Nós, seus discípulos, que recebemos a graça de o termos encontrado, que fomos cheios do dom do seu Amor, estamos chamados a anunciar a beleza e a

alegria da vida cristã. Sem dúvida, «a evangelização não é uma iniciativa nossa nem depende primariamente dos nossos talentos, mas é uma resposta confiante e obediente à chamada de Deus, e, portanto, não se baseia sobre a nossa força, mas na *d'Ele*»<sup>[3]</sup>.

Esta certeza enche-nos de paz e segurança para ser apóstolos no mundo atual: «*A messe é abundante* – também hoje, precisamente hoje. Embora possa parecer que uma grande parte do mundo moderno, dos homens de hoje, volte as costas para Deus e considerem a fé algo do passado – todavia, existe o anseio de que sejam finalmente estabelecidos a justiça, o amor e a paz, de que a pobreza e o sofrimento sejam ultrapassados, de que os homens encontrem a alegria. Todo este anseio está presente no mundo contemporâneo, anseio por aquilo que é grande, por quanto é bom. Trata-se da saudade do Redentor, do próprio Deus, mesmo lá onde Ele é negado. Precisamente nesta hora, o trabalho no campo de Deus é de modo particular urgente e precisamente nesta hora nós sentimos de maneira especialmente dolorosa a verdade das palavras de Jesus: «Os trabalhadores são poucos». Ao mesmo tempo, o Senhor permite-nos compreender que não podemos ser simplesmente nós, sozinhos, a enviar operários para a sua messe; que não se trata de uma questão de *management*, da nossa própria capacidade organizativa. Os trabalhadores para o campo da sua messe, só o próprio Deus os pode enviar. No entanto, Ele deseja enviá-los através da porta da nossa oração. Nós podemos cooperar para a vinda dos trabalhadores, mas só o podemos fazer, cooperando com Deus. Assim, esta hora da ação de graças pela realização de um envio em missão, constitui, de maneira particular, também a hora da oração: Senhor, enviai trabalhadores para a vossa messe! Abri os corações ao vosso chamamento. Não permitais que a nossa súplica seja vã!»<sup>[4]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Discurso, 04/10/2013.

[2] cf. Francisco Varo, *San Josemaría Escrivá de Balaguer, “Palabras del Nuevo Testamento, repetidas veces meditadas. Junio - 1933”*, em *Studia et Documenta* 1 (2007), pp. 259-286.

[3] Bento XVI, Mensagem para a XXVIII Jornada Mundial da Juventude, 18/10/2012.

[4] Bento XVI, Homilia, 05/02/2011.

## 2 de fevereiro, Apresentação do Senhor

*Reflexão para meditar no dia 2 de fevereiro, Festa da Apresentação do Senhor no Templo. Os temas propostos são: a festa do encontro; Simeão era um homem esperançado; impulsionados pelo Espírito Santo.*

### Sumário

- A festa do encontro.
- Simeão era um homem esperançado.
- Impulsionados pelo Espírito Santo.

---

PASSADOS QUARENTA DIAS do nascimento de Jesus, a Sagrada Família viaja até ao Templo em Jerusalém a fim de cumprir duas prescrições da Lei: a apresentação do primogénito (cf. Ex 13, 2. 12-13) e a purificação da mãe (cf. Lev 12, 2-8). Ambos os mistérios estão unidos na festa de hoje.

Por um lado, a apresentação do primogénito foi uma recordação da salvação dos primogénitos hebreus no Egito. De acordo com a lei de Moisés, o primogénito masculino era propriedade de Deus e devia ser «consagrado ao Senhor» (Lc 2, 23), pelo que esta cerimónia foi considerada uma espécie de "resgate". Por outro lado, a purificação da mãe realizava-se quarenta dias após o parto. Até então, a mulher não podia aproximar-se dos lugares santos, pois estava manchada por uma certa impureza depois de dar à luz. Na cerimónia de purificação, era oferecido um duplo sacrifício: um cordeiro e uma rola ou pombo jovem; mas se a mulher fosse pobre, podia oferecer duas rolas ou dois pombos jovens. «Desta vez, meu amigo, hás de ser tu a levar a gaiola das rolas. – Estás a ver? Ela – a Imaculada! – submete-se à Lei como se estivesse imunda»<sup>[1]</sup>. O evangelista especifica que Maria e José ofereceram o sacrifício dos pobres (cf. Lc 2, 24).

«Imediatamente entrará no seu Templo o Senhor» (Ml 3, 1), diz o profeta Malaquias na primeira leitura. É um momento único e belo: o Filho

de Deus entra no seu próprio templo. É por isso que o salmo responsorial canta: «Levantai, ó portas, os vossos umbrais, alteai-vos, pórticos antigos, e entrará o Rei da glória. Quem é esse Rei da glória? O Senhor forte e poderoso» (Sl 23, 7-10). Na realidade, porém, o "Deus poderoso" não queria entrar no Templo ao som de trombetas, mas apenas como mais uma criança. No meio das constantes idas e vindas de pessoas, entre peregrinos, devotos, sacerdotes e levitas: ninguém estava ciente do que estava a acontecer. Apenas dois idosos, Simão e Ana, tiveram o "Rei da Glória" nos seus braços. Por este motivo, a festa da Apresentação do Senhor no Templo «é a festa do encontro: a novidade do Menino encontra-se com a tradição do templo; a promessa encontra o seu cumprimento; Maria e José, os jovens, conhecem Simeão e Ana, os idosos. Tudo se encontra, em suma, quando Jesus chega»<sup>[2]</sup>.

---

SIMEÃO era um «homem justo e piedoso, que esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava nele. O Espírito Santo revelara-lhe que não morreria antes de ver o Messias do Senhor» (Lc 2, 25-26). Simeão estava sempre preparado para o encontro com Deus porque, como as virgens sensatas da parábola, transportava a lâmpada cheia de azeite. Era um homem velho que desfrutava da juventude que sempre dá esperança. Movido pelo Espírito, subiu ao Templo para rezar. Quando viu a família que vinha de Belém, e quando olhou para o menino, percebeu que ele não era um dos muitos que vinham ao Templo todos os dias. Neste bebé, que ele tomou nos seus braços, cumpriam-se todas as profecias: ele era o esperado, o primogénito de uma nova humanidade, o consagrado do Pai.

«Simão não se deixou desgastar pela passagem do tempo. Era um homem já carregado de anos e, no entanto, a chama do seu coração ainda ardia; na sua longa vida deve ter sido ferido por vezes, desapontado; no entanto, não perdeu a esperança. Com paciência, guardou a promessa - cumprir a promessa - sem se deixar consumir pela amargura do tempo passado ou por aquela melancolia resignada que surge quando se chega ao ocaso da vida. A esperança da espera traduziu-se nele na paciência diária de alguém que, apesar de tudo, permaneceu vigilante, até que finalmente “os seus olhos viram a salvação” (cf. Lc 2, 30)»<sup>[3]</sup>.

Com o auxílio do Espírito Santo, Simeão chamou-lhe "luz" de todos os povos (cf. Lc 2, 29-35). A liturgia de hoje começa com uma procissão de velas, significando que Cristo é a luz que vem ao mundo para iluminar as pessoas que, sem Deus, só tropeçam na escuridão. A palavra de Deus é, em palavras de S. Josemaria, «luz e esperança nos corações»<sup>[4]</sup>. Era aí que estaria provavelmente parte do segredo de Simeão para manter viva aquela sua juventude: na abertura sincera à palavra de Deus, sempre com um novo olhar.

---

DEPOIS de Simeão, a família de Belém encontrou-se com Ana, uma profetisa idosa, que ia diariamente ao Templo, «servindo com jejum e oração noite e dia» (Lc 2, 37). Esta anciã viúva, ao encontrar o Menino, louvou a Deus e falou d'Ele «a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém» (Lc 2, 38). Ambos os anciãos profetizam que Jesus é o Messias há muito esperado, e preveem a sua morte e ressurreição para salvar todas as nações.

Ao longo da cena a presença do Espírito Santo é palpitante, movendo «os passos e os corações daqueles que o esperam. É o Espírito que sugere as palavras proféticas de Simeão e Ana, palavras de bênção, de louvor a Deus, de fé no seu Consagrado, de ação de graças porque finalmente os nossos olhos podem ver e os nossos braços acolher a sua salvação»<sup>[5]</sup>. Neles descobrimos modelos maravilhosos de docilidade. O Espírito Santo era o verdadeiro motor das suas vidas, “estava neles”, guiava-os, empurrava-os, falava em seus corações, ditava as suas palavras. São um ícone de santidade, porque escutam e proclamam a Palavra de Deus, procurando resolutamente o rosto de Cristo, as suas pegadas, a sua vontade.

«No templo, Jesus vem ao nosso encontro, enquanto nós vamos ao seu encontro. Contemplamos o encontro com o velho Simeão, que representa a expectativa fiel de Israel e a exultação do coração pelo cumprimento das antigas promessas. Admiramos também o encontro com a idosa profetisa Ana que, ao ver o Menino, exulta de alegria e louva a Deus. Simeão e Ana representam a espera e a profecia, Jesus é a novidade e o cumprimento: Ele apresenta-se-nos como a perene surpresa de Deus; neste Menino que nasceu para todos encontram-se o passado, feito de memória e de promessa, e o

futuro, repleto de esperança»<sup>[6]</sup>. Podemos imaginar como Simeão e Ana deverão ter admirado a Virgem Maria, que carregava essa esperança em seu ventre. Ela pode interceder para que nas nossas vidas nunca falte o alento do Espírito Santo, que faz novas todas as coisas.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Santo Rosário*, 4.º mistério gozoso.

[2] Francisco, Homilia, 02/02/2019.

[3] Francisco, Homilia, 02/02/2021.

[4] S. Josemaria, *Via Sacra*, 1.ª estação.

[5] Bento XVI, Homilia, 02/02/2013.

[6] Francisco, Homilia, 02/02/2016.

## 7 de fevereiro, Cinco Chagas do Senhor

*Reflexão para meditar no dia 7 de fevereiro, Festa das Cinco Chagas do Senhor. Os temas propostos são: aprender a meter-se nas Cinco Chagas; o significado das Chagas de Cristo; os efeitos que esta devoção traz à alma.*

### Sumário

- Aprender a meter-se nas Cinco Chagas.
- O significado das Chagas de Cristo.
- Os efeitos que esta devoção traz à alma.

---

CELEBRAMOS hoje a festa das Cinco Chagas do Senhor, devoção que é muito antiga em Portugal, tendo marcado profundamente a piedade dos portugueses desde os começos da nacionalidade. Sabemos bem como isso ficou plasmado nas armas da bandeira nacional, com as cinco quinas que simbolizam as Santas Chagas do nosso Redentor. É um bom dia para de um modo particular seguir o conselho de S. Josemaria e “meter-nos” «com intimidade nas Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, e concretamente na Chaga do seu Coração amante, infinitamente misericordioso, para Lhe dizer, como o nosso Padre: Senhor que eu veja com os teus olhos, que eu fale com as tuas palavras, que eu escute com os teus ouvidos, que eu trabalhe com as tuas mãos, que eu queira com a tua vontade, que eu ame com o teu coração»<sup>[1]</sup>.

A consideração das Chagas de Cristo foi prática constante da piedade tradicional, devoção de tantos bons cristãos fundamentada na palavra do Senhor e encaminhada através da liturgia. Quantas vezes teremos repetido aquela oração de ação de graças para depois da comunhão na qual se afirma: «eu, com grande afeto e dor de alma, considero e medito nas vossas cinco Chagas»; ou aquela, na qual clamamos, inflamados por uma santa aspiração: «dentro das vossas Chagas, escondi-me!»<sup>[2]</sup>.

Talvez em bastantes ocasiões nos tenhamos perguntado pelo sentido profundo desta petição. Como aprender a introduzir-se nas Chagas de Nosso Senhor? O que significa, no fundo, esse “meter-se”? Numa ocasião perguntaram isso ao Fundador do Opus Dei, que respondeu: «porque é que não lho perguntas a Ele, quando O recebes na Sagrada Eucaristia? Está oculto sob as espécies sacramentais, e podes fazer a tua ação de graças dessa maneira, dizendo-Lhe que te ensine. Em vez de dizer: não repararam em mim..., humilharam-me..., vai junto de uma Chaga do Senhor, mete-te ali dentro e diz-Lhe: o que é que vale isto que me aconteceu –que provavelmente não é verdade, mas fruto da soberba, mas mesmo que fosse verdade–, que vale isto, diante das tuas Chagas dessa Cruz na qual Te penduraram, daqueles açoites, daquelas ofensas, daqueles desprezos? Ficarás contente e repararás. Mas que te ensine Ele: é um Mestre extraordinário!»<sup>[3]</sup>.

Por pudor compreensível, S. Josemaria não falava explicitamente de tantas graças interiores que recebeu na sua vida; mas muitos desses tesouros podem-se entrever nos seus escritos e na sua pregação. Não o travava só o pudor e uma sincera humildade, mas também a própria pobreza da linguagem, que não consegue exprimir realidades ou experiências verdadeiramente inefáveis. E conhecendo perfeitamente os recursos da língua castelhana, o Fundador da Obra escolheu precisamente um verbo: *meter-se*. Os efeitos que traz à alma esse piedoso exercício são bem conhecidos; mais difícil é aperceber-se do que é esse místico *meter-se* que o Senhor mostra às almas que Lho pedem. Por isso há que insistir na importância do conselho de S. Josemaria: «que te ensine Ele: é um Mestre extraordinário!».

---

O QUE É QUE significam, antes de mais, as feridas do Nosso Redentor? São como as fontes pelas quais manou, até à última gota, o preço do nosso resgate: o Sangue salvador. São o manancial, por assim dizer, do qual brotam todos os bens. São o lugar ao qual a alma vai saciar a sua sede de vida eterna, ansiosa de se purificar, no próprio manancial, com esse precioso líquido –que fortalece, vivifica e cura– sem que se escape nem uma só gota.

As Chagas de Cristo são como portas de acesso à sua Humanidade, que nos introduzem em Deus, pois em Cristo habita a divindade corporalmente (cf. Cl 2, 9). Um Padre da Igreja punha na boca de Nosso Senhor as seguintes palavras: «estas Chagas não provocam os meus gemidos, o que fazem é introduzir-vos mais no meu interior. O meu Corpo ao ser estendido na Cruz acolhe-vos com um peito mais dilatado, mas não aumenta o meu sofrimento. O meu Sangue não é para mim uma perda, mas a paga do vosso preço»<sup>[4]</sup>. E mais concretamente parece como se fossem o umbral do Coração de Jesus: através delas encontramos proteção, e aprendemos a identificar-nos com os sentimentos da sua Alma. Refugiamo-nos ali para amar a Deus com loucura; para contemplar o amor de Deus, no sossego e na segurança daquela fenda, contra a qual nenhum inimigo pode nada.

Este amor de Deus não se pode reduzir a um mero sentimento afetivo, mas deve incluir um propósito renovado de autêntica entrega, porque «se alguém me ama – adverte o Mestre –, guardará a minha palavra» (Jo 14, 23). Procurar meter-se nas Chagas exige afastar-se de toda a ocasião voluntária de O ofender; recorda a necessidade de desaparecer pela humildade; no fundo, que não nos importe que muitas coisas nossas passem ocultas a todos menos a Quem tudo vê e que seja nosso afã levar uma «vida escondida com Cristo em Deus» (Cl 3, 3).

Seria uma ingenuidade pensar que este trato íntimo com Cristo nos converte em pessoas impecáveis. Somos capazes das maiores vilanias, e cometê-las-íamos se a graça de Deus faltasse. A ajuda divina descobre-se, muitas vezes, nos aparentes retrocessos na vida interior, na hora da prova, amarga e desconcertante, na tentação... Por isso, o Fundador do Opus Dei ensinou a recorrer, especialmente na oração ao refúgio das Chagas de Cristo: «aconselhar-vos-ei que, quando a carne tente recobrar os seus foros perdidos, ou a soberba – que é pior – se revolte e se encabrite, corrais a esconder-vos nessas divinas fendas que abriam no Corpo de Cristo os cravos que o seguraram à Cruz e a lança que atravessou o seu peito»<sup>[5]</sup>. Quando vem uma tontice à vossa cabeça, recomendava noutra ocasião, dissei: Senhor, queria meter-me dentro da chaga da tua mão direita, do teu pé, do teu lado –de acordo com a devoção–; e com o desejo meteis-vos ali, com palavras da Escritura, como as pombas se metem nas gretas das rochas

para se salvar. E estai tranquilos: tudo passa, menos Deus, que não muda»<sup>[6]</sup>.

---

INTRODUZIR-SE nas Chagas de Cristo leva a enraizar, a partir de agora, a nossa vida na entrega generosa do Gólgota: «ali aprenderás a guardar os teus sentidos, terás vida interior, e oferecerás ao Pai continuamente as dores do Senhor e as de Maria, para pagar pelas tuas dívidas e por todas as dívidas dos homens»<sup>[7]</sup>. Olharemos só para o Crucificado, sem mover-nos dali, oferecendo cada instante, cada jornada, *por Ele, com Ele e n'Ele*, no Sacrifício da Santa Missa que há de ser o centro da nossa vida. Deste modo abrir-se-á diante de nós, na intimidade da oração, o imenso panorama que o S. Josemaria descreveu no *Caminho*: «Verdadeiramente, é amável a Santa Humanidade do nosso Deus! – “Meteste-te” na Chaga santíssima da mão direita do teu Senhor, e perguntaste-me: “Se uma Ferida de Cristo limpa, cura, tranquiliza, fortalece, abraça e enamora, o que não farão as cinco, abertas no madeiro?”»<sup>[8]</sup>.

A contemplação das Chagas do Senhor ressuscitado acenderá também em nós a fé, a esperança e o amor, movendo-nos a repetir, no silêncio da oração, como Tomé: «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20, 27), aqui estou porque me chamaste (cf. 1Sm 3, 5): ajuda-me a entregar-me totalmente, e a não ser incrédulo, mas fiel! Metidos nas Chagas de Cristo, as ânsias corredentoras e apostólicas crescem: o afã de chegar a todos, de salvar todos, faz-se cada vez mais universal e no nosso coração cabem todas as almas. Os que conviveram com S. Josemaria recordam como os punha ao rubro com anseios apostólicos, fazendo-os ver o grande panorama do mundo inteiro, com aquela vibração que ficou refletida numa canção: *A terra é muito pequena / se é grande o coração. / Fiéis, que vale a pena! / Brilhará sob o sol / o trigo que guardava / a mão ferida do semeador.*

Escondidos nas suas mãos feridas pelos cravos, surgirá o desejo de dar-nos totalmente, como Ele, e de ser nas suas mãos a semente que o Semeador divino lança ao vento. «Estamos gostosamente, Senhor, na tua mão chagada. Aperta-nos com força!, espreme-nos!, de modo que percamos toda a miséria terrena!, que nos purifiquemos, que nos inflamemos, que nos

sintamos empapados no teu Sangue! E depois, lança-nos longe!, longe, com fome de messe, para uma sementeira cada dia mais fecunda, por Amor de Ti»<sup>[9]</sup>.

Seguindo o exemplo do Fundador do Opus Dei, D. Javier impulsionou-nos a levar a todas as almas a luz e a força que recebemos com a nossa vocação: «então, sim, Jesus Cristo tomar-nos-á na sua mão chagada e depois de empapar-nos – como insistia o nosso Padre – no seu Sangue precioso, sem abandonar o sítio onde nos pôs a cada um, lançar-nos-á longe, longe: tornará fecunda a nossa entrega em lugares próximos e remotos; servir-se-á do nosso trabalho e do nosso descanso, das nossas alegrias e das nossas dores, das nossas palavras e dos nossos silêncios, para colocar a sua semente em miríades de corações»<sup>[10]</sup>. Peçamos a Santa Maria, Rainha de Portugal, que interceda por nós, seus filhos portugueses, para que sejamos outros Cristos, o próprio Cristo!

---

## NOTAS

[1] Javier Echevarría, agosto de 1994.

[2] cf. *Missale Romanum, Gratiarum actio post Missam*.

[3] S. Josemaria, tertúlia, 05/09/1973.

[4] S. Pedro Crisólogo, *Sermo CVIII* (PL 52, 499-500).

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 303.

[6] S. Josemaria, Tertúlia, 19/03/1975.

[7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 288.

[8] *Ibid.* n. 555.

[9] S. Josemaria, *Forja*, n. 5.

[10] Javier Echevarría, *Carta*, 01/02/1995.

## 22 de fevereiro, Cadeira de S. Pedro, Apóstolo

*Reflexão para meditar no dia 22 de fevereiro, Festa da Cadeira de S. Pedro, Apóstolo. Os temas propostos são: que pensa Deus de nós?; o fundamento visível de unidade na Igreja; ajudar o Romano Pontífice com a oração.*

### Sumário

- Que pensa Deus de nós?
- O fundamento visível de unidade na Igreja.
- Ajudar o Romano Pontífice com a oração.

---

«E VÓS, quem dizeis que eu sou?» (Mt 16, 15) Jesus dirige estas palavras aos seus discípulos, e neles, a cada um de nós. Deseja conhecer a imagem que nos fizemos da sua pessoa, os nossos pensamentos e sentimentos quanto a Ele, porque serão importantes para a nossa vida. «A vida cristã não nos leva a identificar-nos com uma ideia, mas com uma pessoa: com Jesus Cristo. Para que a fé ilumine os nossos passos, além de nos perguntarmos: quem é Jesus Cristo para mim?, pensemos: quem sou eu para Jesus Cristo? Descobriremos assim os dons que o Senhor nos deu, que estão diretamente relacionados com a própria missão»<sup>[1]</sup>.

Esta mesma pergunta escutou S. Pedro dos lábios de Cristo. Nem sempre é fácil intuir o que Jesus pensa e sente por nós. Contudo, não é soberba considerá-lo junto a quem seria a primeira cabeça da Igreja depois da Ascensão. «Que os homens deduzam de aqui – diz S. Bernardo – como é grande o cuidado que Deus tem com eles; que se apercebiam do que Deus pensa e sente sobre eles. Não te perguntes, tu, que és homem, pelo que sofreste, mas pelo que Ele sofreu. Deduz de tudo o que sofreu por ti, em quanto te avaliou, e assim a sua bondade se tornará evidente»<sup>[2]</sup>. Ao sonhar com o que Deus sente e pensa de nós, não existe o risco de exagerar. Na verdade, sempre vamos ficar aquém. É provável que venham à nossa mente

as palavras de S. Paulo: «Nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem entrou no coração do homem» (1Cor 2, 9).

---

PEDRO SAI sempre em defesa dos que não se atrevem a falar, e responde com uma clareza que Jesus, depois de o escutar, louva: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu» (Mt 16, 17). Celebramos a festa da Cátedra de S. Pedro; é uma boa ocasião para agradecer a Deus o cuidado com a sua Igreja e o facto de ter estabelecido um fundamento visível da sua unidade, uma rocha em que nos podemos apoiar: «Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela» (Mt 16, 18).

«O Romano Pontífice, como sucessor de Pedro, é o princípio e fundamento perpétuo e visível de unidade tanto dos Bispos como da multidão dos fiéis»<sup>[3]</sup>. Jesus diz a Pedro quem ele é para Deus. E, ao fazer essa declaração, o Senhor conhece perfeitamente o seu apóstolo. Sabe como é, como reage, como pensa, como O ama. Escolheu-o desde antes da fundação do mundo. «De onde lhes veio àqueles doze homens, ignorantes, que viviam junto a lagos, rios e desertos, acometer uma obra de tão grandes proporções e enfrentar todo o mundo eles, que certamente nunca tinham ido à cidade nem se tinham apresentado em público? – pergunta-se S. João Crisóstomo –. E mais ainda, se temos em conta que eram medrosos e apoucados, como sabemos pela descrição que deles nos faz o evangelista, que não quis dissimular os seus defeitos»<sup>[4]</sup>. A mesma graça que transformou Pedro em rocha, continua a atuar sobre os seus sucessores e sobre toda a Igreja.

---

O ROMANO Pontífice conta com as nossas orações pela sua pessoa e intenções. «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo» (Mt 16, 6), foram naquele dia as palavras de S. Pedro. A nossa fé apoia-se em Jesus, que nos dirige a seu Pai Deus. É assombroso que Deus nos tenha convocado a participar com Ele na missão da Igreja. Conta conosco, ninguém está a mais.

Escrevendo a um cardeal, S. Josemaria confessava a convicção de que a sua oração podia ajudar o Papa e a Igreja: «Rezar é o único que posso fazer. O meu pobre serviço à Igreja reduz-se a isso. E cada vez que considero a minha limitação sinto-me cheio de força, porque sei e sinto que é Deus que faz tudo»<sup>[5]</sup>. Uma “arma poderosa” que o fundador do Opus Dei também utilizava de maneira habitual para ajudar a Igreja é o Santo Rosário. «Há anos, pela rua, todos os dias, rezei e rezo um terço pela Augusta Pessoa e pelas intenções do Romano Pontífice»<sup>[6]</sup>.

Além de rezar pela sua pessoa e intenções, S. Josemaria secundava os ensinamentos do Romano Pontífice ao longo de toda a sua vida, e procurava sempre o modo de lhe manifestar o seu afeto. Do mesmo modo, todos os cristãos procuramos estar muito unidos a Pedro, também se alguma vez não compreendemos algum aspeto, quer seja nas suas palavras, quer nas suas obras. Se esta última situação chegasse a suceder, os filhos da Igreja devemos um «assentimento religioso da inteligência e da vontade»<sup>[7]</sup> aos seus ensinamentos e, em consequência, não falamos negativamente sobre ele quando isso pudesse ferir a unidade do Corpo de Cristo.

Recorremos à nossa mãe, a Virgem, Mãe da Igreja para que proteja e cuide do Papa e o faça muito feliz: «Maria edifica continuamente a Igreja, une-a, mantém-na compacta. É difícil ter uma autêntica devoção à Virgem, e não se sentir mais vinculado aos outros membros do Corpo Místico, mais unidos também à sua cabeça visível, o Papa. Por isso gosto de repetir: *omnes cum Petro ad Iesum per Mariam!*, todos com Pedro, a Jesus por Maria!»<sup>[8]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho*, “Juventude e vocação”.

[2] S. Bernardo, Sermão I na Epifania do Senhor, 1-2.

[3] Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, n. 23.

[4] S. João Crisóstomo, *Homilia sobre a primeira carta aos Coríntios*, n. 4, 3.4.

[5] S. Josemaria, Carta enviada de Roma, 15/07/1967.

[6] S. Josemaria, *Cartas* 3, n. 20.

[7] *Código de Direito Canónico*, n. 752; cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 892

[8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 139.

## 19 de março, São José

*Reflexão para meditar no dia 19 de março, Solenidade de S. José. Os temas propostos são: a oração de José anima as suas ações; uma oração que põe o olhar em Jesus; o patriarca atua com a liberdade e a confiança que o amor dá*

### Sumário

- A oração de José anima as suas ações.
- Uma oração que põe o olhar em Jesus.
- O patriarca atua com a liberdade e a confiança que o amor dá.

---

AS BIOGRAFIAS das grandes personagens costumam estar feitas com factos extraordinários e com discursos importantes. Além disso, muitas vezes inserem-se num contexto de crise existencial ou social, onde o seu contributo é visivelmente importante. Daí que a figura serena e forte de S. José, tendo suscitado tanta devoção ao longo dos séculos, seja surpreendente: os Evangelhos não nos transmitem nenhuma das suas palavras e a sua atuação dum maneira geral foi simples, sem muitos dramatismos. Aos nossos olhos aparece inclusivamente como uma personagem discreta. No entanto, «S. José lembra-nos que todos os que estão aparentemente ocultos ou em “segunda linha” têm um protagonismo único na história da salvação»<sup>[1]</sup>. Mesmo que na sua vida não se observem ações exteriores portentosas, há uma vida interior cheia de atividade. Vemos nele um homem que soube responder aos desafios a partir do silêncio da oração e que, por isso, pôde realizar as suas obras com a liberdade que emana do verdadeiro amor.

«Os Evangelhos falam exclusivamente do que José “fez”; no entanto, permitem descobrir nas suas “ações” – ocultas pelo silêncio – um clima de profunda contemplação»<sup>[2]</sup>. S. João Paulo II revela-nos assim o segredo que se esconde por trás das obras do santo Patriarca: toda a sua vida era verdadeira oração. S. José estava atento à voz de Deus que se esconde por

trás de todos os acontecimentos e de todas as pessoas; isso permitiu-lhe ouvi-l’O até nas ténues imagens dos sonhos. A Sagrada Escritura diz-nos que, enquanto dormia, descobriu a vocação que ia encher de conteúdo todos os dias da sua vida: cuidar de Jesus e de Maria. Um anjo visitou-o de noite para lhe revelar o plano de Deus e colmatar assim o seu desejo de ser feliz fazendo a vontade de Javé (cf. Mt 1, 20). Nem sequer nesses momentos podemos ouvir a resposta de José à mensagem angélica; constatamos simplesmente que, desde então, todas as suas ações são a melhor resposta aos pedidos divinos.

Entre a vida interior de S. José e as suas manifestações externas não vemos qualquer fissura porque transforma a sua própria vida num caminho de oração. Só uma alma profundamente contemplativa como a sua consegue converter o sonho de Deus no seu próprio sonho. S. Josemaria pregava continuamente a profundidade que supõe unir, desta maneira, o divino com o humano: «Habituai-vos a procurar a intimidade de Cristo com a sua Mãe e com o seu Pai, o Patriarca Santo, e então tereis o que Ele quer que tenhamos: uma vida contemplativa. Porque estaremos, simultaneamente, na terra e no Céu, tratando as coisas humanas de maneira divina»<sup>[3]</sup>.

---

DESDE O NASCIMENTO de Jesus em Belém, no meio da pobreza, o santo Patriarca não se terá cansado nunca de contemplar o rosto de Deus feito menino. É fácil imaginar o seu olhar, cheio de carinho, posto em Jesus durante a primeira noite que passou nesta terra. Com a passagem dos anos, recordaria constantemente esse primeiro sonho divino que tinha aberto um horizonte insuspeitado à sua existência: poder levar Maria e o Menino para a sua casa. No entanto, a oração de José ir-se-ia configurando com o tempo, ao ritmo da vida de Jesus e dos acontecimentos diários. «Para S. José, a vida de Jesus foi uma contínua descoberta da própria vocação»<sup>[4]</sup>. A sua vida contemplativa não era nunca uma desculpa para a passividade. Pelo contrário: a precária tranquilidade de Belém é interrompida por um novo sonho: Deus convida-o a exilar-se com a família no Egito. E precisamente porque a oração é o fogo que o move, põe-se imediatamente a caminho. De S. José aprendemos que toda a verdadeira renovação, que todo o novo impulso, nasce duma contemplação de Jesus que nos leva ao diálogo com Deus.

A vida da Sagrada Família, já de regresso a Nazaré, pode descrever-se assim: «O Filho de Deus está escondido para os homens e só Maria e José guardam o seu mistério e o vivem em cada dia: o Verbo encarnado cresce como homem à sombra dos pais, mas, ao mesmo tempo, estes permanecem por sua vez escondidos em Cristo, no seu mistério, vivendo a sua vocação»<sup>[5]</sup>. Aos olhos das pessoas da aldeia, não acontecia nada de extraordinário naquela santa casa que, dalguma forma, também é para nós uma cátedra de oração na vida diária. Também nós podemos viver na vida escondida de Cristo. A vida de José e de Maria decorre num constante diálogo com Jesus: eles vivem para ver o Senhor crescer, mas são eles que vão crescendo aos olhos de Deus. Eles cuidam de Jesus numa humilde casa de Nazaré enquanto Deus os protege na grande mansão do seu amor.

«A vossa vida está escondida com Cristo em Deus» (Cl 3, 3). A nossa vida de oração leva-nos, como a S. José, a refugiar-nos sempre no Senhor. O Santo Patriarca pôde suportar a humilhação do presépio, a crueza do exílio e a aparente monotonia duma vida normal, porque soube pôr o coração em Jesus: o lugar onde todas as situações se tornam habitáveis. Nunca viu a sua vocação como um conjunto de coisas para cumprir, mas como o presente imerecido de poder viver em cada momento junto do Filho de Deus.

---

O SILÊNCIO DE S. José ante as moções divinas pode servir-nos para penetrar na liberdade com que o Patriarca se movia dentro dos planos de Deus. Num primeiro momento pode parecer-nos que essa simplicidade encerra uma vida sem ideais próprios ou talvez uma resposta demasiado mecânica. No entanto, ao contemplá-la mais de perto, reparamos que se trata, antes, duma vida cheia pela liberdade do amor. A verdadeira oração, quando é um diálogo aberto com Deus, vai-nos dando a possibilidade de olhar para o mundo, dalguma maneira, a partir da Sua posição. Então a nossa vida adquire uma dimensão diferente, insuspeitada, como a de S. José, que soube pôr «fé e amor na esperança da grande missão que Deus, servindo-se também dele – um carpinteiro da Galileia –, estava a começar no mundo: a redenção dos homens»<sup>[6]</sup>.

«A lógica do amor é sempre uma lógica de liberdade, e José foi capaz de amar numa forma extraordinariamente livre. Nunca se pôs no centro. Soube como descentrar-se, para pôr Maria e Jesus no centro da sua vida»<sup>[7]</sup>. A oração faz-nos verdadeiramente livres porque nos permite penetrar na lógica da entrega, numa lógica que nos torna mais *leves* e nos permite dar o peso adequado a cada coisa. Quando entabulamos um diálogo constante com Deus, as nossas vidas já não estão supeditadas necessariamente aos nossos gostos ou cansaços, mesmo que estes não deixem de existir. As nossas misérias também não nos preocupam demasiado, porque sabemos que Ele vem em nossa ajuda para nos curar e para as converter em fonte de vida, como foram as mãos chagadas e o lado aberto de Cristo.

Mas isto não significa que a vida de oração de S. José não tenha conhecido dificuldades. Sabemos que numa ocasião, ao regressar de Jerusalém, Jesus adolescente se perdeu (cf. Lc 2, 45). Podemos imaginar com que angústia o procuraria. Pela sua cabeça passariam tantas recordações íntimas com uma tonalidade diferente. Talvez lhe escapasse alguma lágrima. No entanto, durante os três dias que durou a sua incerteza, não deixou de perseverar interiormente «com os olhos fixos em Jesus» (Hb 12, 2). A sua procura exterior era, outra vez, o reflexo da sua constante busca interior. O santo Patriarca não compreendeu a resposta que Jesus lhe deu quando finalmente o encontrou no templo, mas a sua vida já se encontrava de tal modo nas mãos de Deus, que mesmo então se deixou guiar por Ele. Aí radica a grandeza da personalidade de São José e que lhe pedimos no dia da sua festa: confiar plenamente em Deus. E Deus nunca defrauda, porque os seus sonhos para nós, mesmo que às vezes nos superem, são sempre bons.

---

## NOTAS

[1] Francisco, *Patris corde*, Introdução.

[2] S. João Paulo II, *Redemptoris custos*, n. 25.

[3] S. Josemaria, Apontamentos da pregação oral, 26/05/1974.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 52.

[5] Bento XVI, Discurso nos jardins vaticanos, 05/07/2010.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 42.

[7] Francisco, *Patris corde*, n. 7.

## 25 de março, Anunciação do Senhor

*Reflexão para meditar no dia 25 de março, Solenidade da Anunciação do Senhor. Os temas propostos são: Deus diviniza a nossa vida; contemplar a vida de Jesus; uma divindade muito humana*

### Sumário

- Deus diviniza a nossa vida.
- Contemplar a vida de Jesus.
- Uma divindade muito humana.

---

«E o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós. Nós vimos a sua glória» (Jo 1, 14). Na Solenidade da Anunciação do Senhor, alegramo-nos com a grande misericórdia que Deus nos mostrou ao entrar no nosso mundo. Celebramos Jesus de Nazaré, Deus e Homem verdadeiro; celebramos Santa Maria, que se tornou Mãe do Senhor; celebramos, em certo sentido, toda a humanidade – nós também – porque o mistério da Encarnação diz-nos que a nossa natureza humana tem uma dignidade altíssima, capaz até de ser elevada pela ação da graça.

Na festa de hoje, o nosso olhar dirige-se especialmente a Jesus, o Verbo de Deus feito carne. «Contemplo-te *perfectus Deus, perfectus homo*: verdadeiro Deus, mas também verdadeiro homem, com carne como a minha – dizia S. Josemaria, sem sair do seu assombro –. Aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, para que eu nunca mais duvidasse de que Ele me compreende e me ama»<sup>[1]</sup>. Esta verdade de fé, unida ao acontecimento histórico, é uma fonte inesgotável de paz para a nossa alma. «Deus tornou-se fragilizado a fim de tocar de perto a nossa fragilidade»<sup>[2]</sup>.

Ao mesmo tempo, saber que Deus assumiu a natureza humana é também um convite a deixar que divinize todos os aspetos das nossas vidas. No início da Santa Missa, pedimos com audácia ao Senhor que opere em nós essa transformação: «Concedei-nos que, celebrando o nosso Redentor

como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, mereçamos também participar da sua natureza divina»<sup>[3]</sup>. O mistério da Encarnação diz-nos que a nossa existência tem uma dimensão maior do que apenas a existência humana, já boa em si mesma: também somos capazes de ter vida sobrenatural, de ver além do efêmero, de amar com uma força que vem de Deus, através de Cristo, semelhante a nós em tantas coisas.

---

«AVE, CHEIA DE GRAÇA, o Senhor está contigo» (Lc 1, 28). Desde o início da sua vida, Maria teria percebido essa proximidade de Deus, talvez pela forma como notava os Seus cuidados. No momento da Encarnação, porém, essa proximidade intensifica-se: a vida de Nossa Senhora fica, já na terra, intimamente unida à de Deus. A Virgem pôde desfrutar de maneira única desta proximidade de Deus durante os anos de convivência com Jesus em Nazaré, no meio das atividades mais simples e quotidianas. E, uma vez iniciada a Sua vida pública, continuaria a compartilhar muitos momentos com Ele.

Certamente, a experiência de Santa Maria é irrepetível: ninguém teve tanta intimidade com Jesus como Ela. No entanto, o que não podemos ver com os olhos da carne, podemos ver com os olhos da fé. Por isso, a contemplação do Evangelho é um caminho privilegiado para descobrir a Humanidade do Senhor, que a Virgem Maria conhecia tão bem. Não se trata de ler aquelas páginas «como água que passa»<sup>[4]</sup>, mas com o mesmo olhar com que a Nossa Mãe observaria a vida do Seu Filho: «Porque é necessário que a conheçamos bem, que a tenhamos inteira na mente e no coração, de modo que, em qualquer momento, sem necessidade de nenhum livro, cerrando os olhos, possamos contemplá-la como um filme; de forma que, nas mais diversas situações da nossa vida, acudam à memória as palavras e os atos do Senhor»<sup>[5]</sup>.

O Catecismo explica a transformação que experimentamos quando olhamos para a existência do Messias desta forma: «A contemplação é o olhar da fé, fixado em Jesus. “Eu olho para Ele e Ele olha para mim” – dizia, no tempo do seu santo Cura, um camponês d'Ars em oração diante do sacrário (...) A luz do olhar de Jesus ilumina os olhos do nosso coração; ensina-nos a ver tudo à luz da sua verdade e da sua compaixão para com

todos os homens»<sup>[6]</sup>. Como dois enamorados, sem necessidade de muitas palavras, basta um olhar para perceber o grande e fiel amor que envolve a nossa vida.

---

NESSES MOMENTOS de oração confiada com o Senhor podemos aprender tantos gestos e palavras que, mais tarde, servirão de inspiração para as nossas lutas diárias. Contemplar a maneira como Cristo unia o amor divino e o amor humano pode ajudar-nos a dar esse tom de humanidade à nossa vida cristã. S. Josemaria dizia que «para sermos divinos, para nos *endeusarmos*, temos de começar por ser muito humanos»<sup>[7]</sup>. A solenidade da Anunciação do Senhor lembra-nos isso: que Deus não fica no céu. Jesus mostra-nos que é um Deus muito humano: na Sua delicadeza no trato com todas as pessoas, na Sua proximidade com os marginalizados, na Sua solicitude pelos discípulos.

Desta maneira, a contemplação de Jesus, verdadeiro homem, alimenta não só a nossa oração, mas também a nossa missão cristã de serviço. Ele entrega-Se a nós também fisicamente, através do Seu corpo: com a Sua voz, com as Suas mãos que curavam e abençoavam, com os Seus braços que Se abrem para abraçar a cruz. Não elabora planos teóricos, mas põe mãos à obra.

«Este modo de agir de Deus é um forte estímulo a interrogar-nos sobre o realismo da nossa fé, que não se deve limitar à esfera do sentimento, das emoções deve entrar no concreto da nossa existência»<sup>[8]</sup>. O sacrifício que Jesus oferece ao Pai é toda a Sua vida; uma entrega que abrange cada segundo da Sua passagem pela terra. Esta foi também a atitude de Nossa Senhora, que com o seu *fiat* no dia da Anunciação confiou «nas promessas de Deus, que é a única força capaz de renovar, de fazer novas todas as coisas»<sup>[9]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 201.

[2] Francisco, Angelus, 03/01/2021.

[3] Missal Romano, *Oração coleta*, Solenidade da Anunciação do Senhor.

[4] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 02/01/1971.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 107.

[6] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2715.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 172.

[8] Bento XVI, Audiência, 09/01/2013.

[9] Francisco, Discurso, 26/01/2019.

## 25 de abril, São Marcos

*Reflexão para meditar no dia 25 de abril, Festa de S. Marcos, Evangelista. Os temas propostos são: um Evangelho rico em detalhes; Marcos, amigo de Paulo; deixar a segurança da margem.*

### Sumário

- Um Evangelho rico em detalhes.
- Marcos, amigo de Paulo.
- Deixar a segurança da margem.

---

S. MARCOS foi um colaborador próximo de S. Pedro em Roma. Foi tal a ajuda que lhe prestou, que o apóstolo numa das suas cartas considera-o como seu próprio filho (cf. 1Pe 5, 13). Marcos, ao ter acompanhado Pedro durante a sua pregação, «pôs por escrito o seu Evangelho, a pedido dos irmãos que viviam em Roma, segundo o que lhe tinha ouvido pregar. E o próprio Pedro, tendo-o escutado, aprovou-o com a sua autoridade para que fosse lido na Igreja»<sup>[1]</sup>.

No seu Evangelho, Marcos não recolhe alguns dos grandes discursos de Jesus. Pelo contrário, é particularmente vivo na narração dos momentos da sua vida junto dos seus discípulos. Detém-se a descrever o ambiente dos lugares, contempla os gestos do Senhor, relata as reações espontâneas dos apóstolos... Em suma, permite descobrir o encanto da figura de Cristo que tanto atraiu os Doze e os primeiros cristãos.

S. Josemaria, durante os seus primeiros anos como sacerdote, costumava oferecer exemplares do Evangelho. E explicava que é necessário ter, como S. Marcos, a vida de Jesus «na mente e no coração, de modo que, em qualquer momento, sem necessidade de nenhum livro, cerrando os olhos, possamos contemplá-la como um filme»<sup>[2]</sup>. A riqueza em detalhes com que está escrito o primeiro Evangelho ajuda-nos a penetrar no caminho terreno de Jesus. Se a isso somarmos a nossa imaginação, poderemos

reviver algumas cenas da sua vida e assim desenvolver, pouco a pouco, os mesmos sentimentos de Cristo (cf. Fl 2, 5).

---

ANTES de viver em Roma, S. Marcos foi um dos primeiros cristãos de Jerusalém. Era primo de Barnabé que o convidou a difundir o Evangelho. Os dois embarcaram com Paulo na sua primeira viagem apostólica (cf. At 13, 5-13), mas nem tudo se passou como esperavam. Quando chegaram a Chipre, Marcos não foi capaz de continuar e regressou a Jerusalém. Isto, aparentemente, causou um desgosto a Paulo; de facto, quando planearam uma segunda viagem e Barnabé quis, outra vez, que Marcos os acompanhasse, Paulo opôs-se. A expedição deste modo dividiu-se e Paulo e Barnabé separaram os seus caminhos.

Uns anos mais tarde, quando Marcos estava em Roma, voltou a encontrar-se com Paulo e começou a colaborar com ele no anúncio do Evangelho. Àquele que não quis que o acompanhasse na sua viagem, S. Marcos agora enche de um profundo consolo. De facto, quando teve de ausentar-se, Paulo escreverá a Timóteo: «Traz contigo Marcos, pois me será de grande ajuda no ministério» (2Tm 4, 11). Os problemas que tiveram no Chipre tinham ficado esquecidos. Paulo e Marcos são amigos e trabalham conjuntamente no mais importante: difundir a boa nova de Cristo.

É normal que, no dia a dia, possamos ter alguns conflitos com as pessoas que nos rodeiam, como aconteceu a Paulo com Marcos, também com os nossos companheiros na missão de levar Cristo a todos. Podem surgir ao constatar as diferenças na abordagem de determinado assunto, por certos aspetos do carácter que pode ser complicado entender ou por tantas outras razões. O próprio cansaço pode acentuar estes atritos. No entanto, o que é decisivo não são essas diferenças, que sempre existirão, mas sermos capazes de reconhecer essa diversidade como uma riqueza. Assim, tal como Paulo, poderemos valorizar quem nos rodeia, sabendo que é mais aquilo que nos une do que aquilo que nos separa. Como dizia S. Josemaria: «Tendes de praticar também constantemente uma fraternidade, que esteja acima de qualquer simpatia ou antipatia natural, amando-vos uns aos outros como verdadeiros irmãos, com o relacionamento e a compreensão próprios de quem forma uma família bem unida»<sup>[3]</sup>.

---

S. MARCOS encerra a sua narração com o convite de Jesus aos apóstolos de difundir a sua palavra: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura» (Mc 16, 15). O evangelista não se limitou apenas a receber este mandato, mas tentou também executá-lo. Talvez quando fez a sua viagem ao Chipre não se tenha caracterizado pela sua audácia, mas aquela primeira desilusão não o conteve. Mais tarde acabaria por lançar-se a outras aventuras, deixando para trás a sua terra natal.

«A vida enriquece-se dando-se e enfraquece-se no isolamento e no comodismo. De facto, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar vida aos outros»<sup>[4]</sup>. S. Marcos teve esta mesma experiência. Num primeiro momento sentiu vertigens ao afastar-se da tranquilidade e das realidades que conhecia; mas depois soube deixar *a segurança da margem* para transmitir por todo o mundo a alegria de viver perto de Jesus. E com o seu Evangelho, além disso, contribuiu para que as gerações futuras de cristãos pudessem conhecer com maior detalhe a figura do Senhor.

Na vida de Maria ocorreu um acontecimento idêntico. Ela também sentiu um temor inicial quando o anjo Gabriel se apresentou na sua casa e lhe dirigiu aquela misteriosa saudação: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo» (Lc 1, 28). Esse encontro iria fazê-la afastar-se da segurança de Nazaré para visitar Isabel e, depois, dar à luz o seu Filho em Belém. Anos mais tarde, voltará a deixar a sua terra para seguir de perto Jesus durante a sua pregação. E apesar de ao princípio talvez lhe ter custado abandonar o seu lar, sentiu como S. Marcos a alegria de estar perto de Jesus e transmitir o seu Evangelho a todos os homens.

---

## NOTAS

[1] S. Jerónimo, *De Script. eccl.*

[2] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 107.

[3] S. Josemaria, *Carta 30*, n. 28.

[4] V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e das Caraíbas, Documento de Aparecida, 29/06/2007, p. 360. Citado por Francisco em *Evangelii Gaudium*, n. 10.

## 29 de abril, Santa Catarina de Sena

*Reflexão para meditar no dia 29 de abril, Festa de Sta. Catarina de Sena, virgem e doutora da Igreja, Padroeira da Europa. Os temas propostos são: ao serviço da caridade e da conversão dos pecadores; a verdadeira sabedoria é estar em sintonia com o coração de Deus; partilhar a nossa fé com os outros.*

### Sumário

- Ao serviço da caridade e da conversão dos pecadores.
- A verdadeira sabedoria é estar em sintonia com o coração de Deus.
- Partilhar a nossa fé com os outros.

---

NA FESTA de hoje, a liturgia da Igreja coloca nos nossos lábios a seguinte oração: «Deus de misericórdia infinita, que inflamastes Santa Catarina de Sena no amor divino, chamando-a à contemplação da paixão do Senhor e ao serviço da Igreja, fazei que o vosso povo, associado ao mistério de Cristo, se alegre para sempre na manifestação da sua glória»<sup>[1]</sup>. Estas palavras resumem a vida da santa que estamos a celebrar: um amor ardente por Jesus Cristo que a levou a dedicar-se a trabalhar pelos outros e pela Igreja.

Catarina Benincasa nasceu em 1347, em Sena, no seio duma família numerosa. Desde a sua infância cultivou uma profunda piedade que a levou a dedicar a sua vida ao Senhor, apesar da incompreensão da sua família. Aos dezoito anos conseguiu ser aceite entre as mulheres da Ordem Terceira de S. Domingos, da cidade. Continuou a viver em casa dos seus pais, levando uma intensa vida de oração no meio da natural azáfama duma família com muitos filhos. Aos 21 anos, Catarina teve uma experiência que marcaria para sempre a sua vida: compreendeu que Deus a chamava a dedicar-se com todas as suas forças a realizar obras de caridade e a trabalhar pela conversão dos pecadores. A S. Josemaria atraía-o precisamente ver que esta santa «estava na rua, e na sua alma ela fez a sua

cela interior, de modo que, onde quer que estivesse, não saía da sua cela»<sup>[2]</sup>. Com essa decisão, começam uns anos em que a jovem se move pela cidade de Sena para cuidar dos doentes, ao mesmo tempo que inflamava o coração de muitas pessoas no amor a Deus e ao próximo.

«Não se pode esconder uma cidade situada no alto dum monte, nem se acende uma luz para a colocar debaixo dum alqueire, mas sobre um candelabro, para que dê luz a todos os que estão na casa» (Mt 5, 14-15). Catarina tinha sido iluminada pelo rosto amável de Jesus e compreendeu que a sua luz não podia ficar encerrada dentro das paredes da sua casa. Gerou assim uma revolução à sua volta feita de oração e obras de serviço.

---

TANTO NO epistolário de Sta. Catarina como na sua conhecida obra *O Diálogo*, chama a atenção a harmonia entre doutrina e experiência mística, especialmente se tivermos em conta que a santa não tinha sido capaz de receber uma ampla formação cultural. No entanto, desde muito jovem assistiu à pregação dos Padres Dominicanos na sua cidade: ali ouvia atentamente as explicações das Escrituras, os exemplos das vidas dos santos e a catequese sobre a fé. Com o tempo, alimentaria também a sua vida interior com a orientação de um diretor espiritual local.

Em Sta. Catarina cumprem-se aquelas palavras que Jesus pronunciou um dia, cheio de júbilo: «Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos» (Mt 11, 25). «A verdadeira sabedoria também vem do coração; não consiste apenas em compreender ideias (...). Se tu sabes muitas coisas mas tens o coração fechado, não és sábio. Jesus diz que seu Pai revelou os mistérios aos "pequeninos", àqueles que se abrem com confiança à sua Palavra de salvação, sentem necessidade d'Ele e esperam tudo d'Ele; têm o coração aberto e cheio de confiança no Senhor»<sup>[3]</sup>. Santa Catarina acolheu as luzes que o Senhor lhe ia concedendo e assim alcançou um profundo conhecimento do mistério de Deus. «Ó inestimável, dulcíssima caridade! – escreve –. Quem não se inflama com tanto amor? Que coração pode resistir sem desfalecer? Tu, abismo de caridade, pareces enlouquecer pelas tuas criaturas, como se não pudesses viver sem elas, embora sejas um Deus que não precisa de nós. A tua grandeza não cresce através das nossas boas

obras, porque não pode sofrer mutação; nenhum mal Te vem do nosso mal, porque Tu és o Bem supremo e eterno. Quem Te move a tanta misericórdia?»<sup>[4]</sup>.

Levada por esta intensa contemplação, a santa de Sena comunicou o amor de Deus às pessoas que a rodeavam. Ela começou com aqueles que se reuniam para a ouvir e para serem animados na sua vida espiritual. Mas este transbordar da sua vida interior não acabou aí: ao longo dos anos, ela escrevia cartas a numerosas pessoas, muitas delas figuras públicas da época. Não raro, as suas cartas eram acompanhadas de apelos a viver de forma coerente com o Evangelho e a procurar a vontade de Deus. Da sua relação íntima com Jesus tirava a energia para falar de Deus com clareza e mansidão.

---

ENTRE TANTOS cristãos que se inspiraram na vida de Santa Catarina, encontramos S. Josemaria. Desde a sua juventude teve uma devoção especial por ela. Costumava, por exemplo, chamar *catarinas* às notas que tomava sobre os acontecimentos da sua vida interior. «A mim encanta-me a fortaleza de uma Santa Catarina – confessava o fundador do Opus Dei –, que diz verdades às pessoas mais ilustres, com um amor ardente e uma clareza diáfana»<sup>[5]</sup>. Assim, em 1964 o fundador do Opus Dei decidiu nomeá-la intercessora para um apostolado pelo qual tinha uma estima especial: o de informar com a caridade de Cristo o vasto campo da opinião pública.

Jesus é a verdade que ilumina todo o homem e o resgata das trevas. Oferecer esta luz aos outros – procurando tê-la acesa, antes de mais, na nossa vida – é uma das obras de misericórdia. Assim, levar a nossa fé aos outros «é tornar a revelação visível, para que o Espírito Santo possa atuar nas pessoas através do testemunho: como testemunho, através do serviço. O serviço é um modo de viver (...). Se eu digo que sou cristão e vivo como cristão, isso atrai (...). A fé deve ser transmitida: não para convencer, mas para oferecer um tesouro»<sup>[6]</sup>.

Sta. Catarina, antes de exortar alguém a aproximar-se mais da fé, tinha passado muito tempo a cuidar dos enfermos da sua cidade. A mesma

caridade que a levou a dedicar-se aos mais necessitados levou-a depois a escrever cartas em que convidava os destinatários a serem filhos fiéis da Igreja. A credibilidade da sua mensagem baseava-se numa vida em que resplandecia o amor a Deus e ao próximo. Pedimos-lhe a ela e à nossa Mãe que intercedam junto de Deus para que nos conceda uma caridade que se alimente na oração, se manifeste em atos de amor e anuncie a verdade que conduz à vida. «O ensinamento mais profundo que somos chamados a transmitir e a certeza mais segura para sair da dúvida, é o amor com que Deus nos amou (cf. 1 Jo 4, 10). Um amor grande, gratuito e dado para sempre. Deus nunca faz marcha atrás com o seu amor!»<sup>[7]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Missal Romano, Oração Coleta para a Festa de Sta. Catarina de Sena.

[2] S. Josemaria, Apontamentos de uma reunião familiar, 21/04/1973.

[3] Francisco, Angelus, 05/07/2020.

[4] Sta. Catarina de Sena, *O Diálogo*, n. 25.

[5] S. Josemaria, *Cartas* 35, n. 3.

[6] Francisco, Homilia, 25/04/2020.

[7] Francisco, Audiência geral, 23/09/2016.

## 1 de maio, São José Operário

*Reflexão para meditar no dia 1 de maio, Memória Litúrgica Festa de S. José Operário. Os temas propostos são: a normalidade da Sagrada Família; trabalhar bem e servir os outros; o trabalho ordenado ao amor.*

### Sumário

- A normalidade da Sagrada Família.
- Trabalhar bem e servir os outros.
- O trabalho ordenado ao amor.

---

NO EVANGELHO da Missa de hoje, memória de S. José Operário, relata-se que Jesus regressou a Nazaré depois de ter estado a pregar e a fazer milagres em vários lugares da Galileia. No sábado dirigiu-se à sinagoga e foi convidado a comentar a Palavra de Deus. Os ecos dos milagres e das curas, bem como dos seus ensinamentos, tinham chegado à sua terra, o que levava os seus concidadãos a olhá-l'O com uma certa curiosidade. Quando, finalmente, Jesus fala, reagem com desconfiança. Perguntam-se: «Donde Lhe vem esta sabedoria e estes milagres? Porventura não é este o filho do carpinteiro? Não se chama a sua mãe Maria?» (Mt 13, 54-56).

Para os habitantes de Nazaré, ancorados na segurança humana daquilo que já sabiam sobre Jesus, foi difícil passar ao plano sobrenatural da fé. No entanto, esta reação fala-nos, entre outras coisas, da normalidade da vida da Sagrada Família. Aos olhos do povo, não passavam de uma família comum, trabalhadora, sem pormenores que chamassem a atenção. Não havia na sua existência nada de surpreendente: como quase todos, «levavam uma vida feita de anos de trabalho sempre igual, de dias humanamente monótonos que se sucedem uns aos outros»<sup>[1]</sup>.

Hoje consideramos a figura de S. José, sobretudo na sua dimensão de trabalhador. E o primeiro aspeto que salta à vista é este: o de uma existência

simples: «Que pode esperar da vida um habitante de uma aldeia perdida, como era Nazaré? – perguntava-se S. Josemaria –. Apenas trabalho, todos os dias, sempre com o mesmo esforço. E, no fim da jornada, uma casa pobre e pequena para recuperar as forças e recomeçar o trabalho no dia seguinte. Mas o nome de José significava, em hebraico, *Deus acrescentará*. Deus dá à vida santa dos que cumprem a sua vontade, dimensões insuspeitadas: o que a torna importante, o que dá valor a todas as coisas, o que a torna divina»<sup>[2]</sup>. Assim foi na vida de José e talvez o seja também na nossa: Deus confia-nos uma missão muito grande escondida na normalidade da nossa vida quotidiana; Deus acrescenta a sua graça à nossa humilde colaboração.

---

NAZARÉ era constituída por um conjunto de casas agrupadas na encosta de uma pequena colina, muitas delas parcialmente escavadas na rocha. Formavam pouco mais que uma aldeia. Deviam habitar ali, quando muito, algumas centenas de pessoas, a maioria das quais se dedicava à agricultura ou à criação de animais. Havia sempre algum artesão, como José, que possivelmente trabalhava a madeira para diversos fins: desde o fabrico de vigas, portas e outros elementos de construção, até ao entalhe de alfaias agrícolas ou utensílios domésticos.

José precisava de trabalhar para sustentar a família, mas não só. Ao mesmo tempo, como cada um de nós, também precisava do trabalho para viver com dignidade, com a alegria de ter ganho o pão com esforço e com a alegria de colaborar com Deus no desenvolvimento da região de Nazaré. Trabalhar era para ele uma oportunidade de crescimento pessoal e vínculo de união com os outros<sup>[3]</sup>. Todo o trabalho acrescenta valor à sociedade, produzindo bens ou prestando serviços. Todo o trabalho bem feito é sempre uma forma de colaboração social, de ajuda aos outros, de melhoria das condições de vida; em suma, é expressão do cuidado de Deus para com cada pessoa. «O trabalho não é mais do que a continuação da obra de Deus: o trabalho humano é a vocação do homem recebida de Deus no final da criação do universo»<sup>[4]</sup>. Naturalmente, para que o trabalho adquira este valor é necessário, por um lado, realizá-lo bem – também tendo em conta a dignidade da pessoa que dele vai beneficiar – e, por outro lado, levá-lo a cabo com espírito de doação e serviço.

«Esse serviço humano, essa capacidade que poderíamos chamar técnica, o saber realizar o nosso ofício, tem de possuir uma característica que foi fundamental no trabalho de S. José e que devia ser fundamental em todo o cristão: o espírito de serviço, o desejo de trabalhar para contribuir para o bem dos outros. O trabalho de José não foi um trabalho que visasse a autoafirmação, embora a dedicação a uma vida laboriosa tenha forjado nele uma personalidade madura, bem delineada. O Santo Patriarca trabalhava com a consciência de cumprir a vontade de Deus, pensando no bem dos seus, Jesus e Maria, e tendo em mente o bem de todos os habitantes da pequena Nazaré (...). O seu trabalho profissional era uma ocupação orientada para o serviço, para tornar agradável a vida das outras famílias da aldeia, acompanhada de um sorriso, de uma palavra amiga, de um comentário feito como que de passagem, mas que devolve a fé e a alegria a quem está prestes a perdê-las»<sup>[5]</sup>.

---

EMBORA fosse muito reconfortante para José viver com Jesus e Maria, isso não o poupava às inevitáveis asperezas da vida: o passar do tempo que lhe iria diminuindo as capacidades, a convivência nem sempre fácil com os vizinhos, as dificuldades económicas que talvez tenham experimentado nalgum momento, as conversas com alguns clientes que pagavam quando podiam... Foi essa vida normal e corrente, com as suas alegrias e as suas dificuldades, que S. José foi chamado a santificar.

Nada nos ficou daquilo que S. José fez com as suas mãos. Em contrapartida, continua plenamente visível o amor que pôs nesse trabalho. «O homem não deve limitar-se a fazer coisas, a construir objetos. O trabalho nasce do amor, manifesta o amor, ordena-se ao amor»<sup>[6]</sup>. O seu amor a Jesus e a Maria impelia-o a trabalhar com intensidade; o seu amor manifestava-se, quase inconscientemente, no empenho e no carinho que punha em fazer bem as coisas; e esse mesmo amor imenso, em unidade de vida, fazia-o ter bem presente que o seu trabalho quotidiano estava ordenado à missão que Deus lhe tinha confiado. É o amor a Deus e aos outros que nos impele a trabalhar muito e bem, com ordem, acabando os pormenores, com concentração e intensidade? Convertemos o nosso trabalho em oração, apresentando-o ao Senhor durante a Santa Missa? Sabemo-nos acompanhados por Deus enquanto o fazemos? Esse espírito

contemplativo redonda num trato cheio de respeito, serviço, abertura e amizade para com as pessoas com quem nos relacionamos?

Confiamo-nos à intercessão da nossa Mãe e do Santo Patriarca para que nos ajudem a melhorar o nosso trabalho de modo que se converta, cada vez mais, em ocasião de serviço.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 44.

[2] *Ibid.*, n. 40.

[3] cf. Francisco, *Patris corde*, n. 6.

[4] Francisco, Homilia, 01/05/2020.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 51.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 48.

## **2 de maio, Dedicção da igreja prelatía de Santa Maria da Paz**

*Reflexão para meditar no dia 2 de maio, Festa da Dedicção da igreja prelatía de Santa Maria da Paz. Os temas propostos são: Deus habita entre nós; ser Pedras vivas; construir a Igreja.*

### **Sumário**

- Deus habita entre nós.
- Ser Pedras vivas.
- Construir a Igreja.

---

ATRAVÉS da constituição apostólica *Ut sit*, pela qual o Opus Dei foi erigido como prelatura pessoal, o Romano Pontífice erigiu também como igreja prelatía o até então oratório de Santa Maria da Paz. A cerimónia de dedicação foi oficiada pelo Beato Álvaro del Portillo em 2 de maio de 1986.

«O Altíssimo não habita em casas construídas por mãos humanas», disse Sto. Estêvão na sua defesa diante do sumo sacerdote, enquanto relatava toda a história da Salvação. E, tomando as palavras do profeta Oseias, continuou: «O Céu é o meu trono e a Terra, estrado dos meus pés. Que casa me haveis de construir, diz o Senhor, e qual será o lugar do meu repouso? Não foi a minha mão que fez todas as coisas?» (At 7, 48-50). Apesar destas palavras, Deus permitiu aos homens, já em tempos do Rei Salomão, que Lhe construíssem uma casa: o Templo de Jerusalém. A Igreja sempre viu aí uma imagem da Santíssima Humanidade de Cristo, o verdadeiro Templo no qual a plenitude da divindade habita corporalmente (cf. Cl 2, 9). E o Templo de Jerusalém foi também uma antecipação e um símbolo dos templos cristãos, que são lugares de oração e de encontro com Deus, porque no coração de cada um deles – o Sacrário – a Igreja guarda precisamente Jesus na Santíssima Eucaristia.

«Um templo é a única coisa digna de representar a alma de um povo, pois a religião é a realidade mais elevada no homem»<sup>[1]</sup>. Cada igreja, e

entre estas a igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, é um centro espiritual no qual Nosso Senhor Jesus Cristo, sob as espécies sacramentais guardadas numa capela próxima, «dia e noite está entre nós, habita connosco cheio de graça e de verdade (cf. Jo 1, 14)»<sup>[2]</sup>. «O nosso Deus decidiu ficar no Sacrário para nos alimentar, para nos fortalecer, para nos divinizar, para dar eficácia ao nosso trabalho e ao nosso esforço – dizia S. Josemaria –. Jesus é simultaneamente o semeador, a semente e o fruto da sementeira: o Pão da vida eterna»<sup>[3]</sup>.

---

ALÉM DE guardarem o Corpo de Cristo, verdadeiro Templo da divindade, as igrejas visíveis, contruídas por mãos humanas, são, por sua vez, símbolo da Igreja invisível, composta por todos os batizados como «pedras vivas e escolhidas»<sup>[4]</sup>. O Senhor constituiu-nos como pedras vivas da Igreja, «formadas na fé, robustecidas pela esperança e unidas pela caridade»<sup>[5]</sup>.

Por isso, na nossa existência quotidiana, precisamos de estar unidos a Cristo, suprema «pedra angular», «rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus» (1Pe 2, 6.4). «Unindo-nos a esta pedra – escreve Sto. Agostinho –, encontramos a paz; repousando sobre ela, ganhamos firmeza. É, ao mesmo tempo, um alicerce, porque nos sustenta, e pedra angular, porque nos une. É a pedra sobre a qual o homem prudente, ao construir a sua casa sobre ela, se mantém completamente seguro contra todas as tentações deste mundo: nem as torrentes da chuva a fazem cair, nem os rios transbordantes a derrubam, nem a força dos ventos a sacodem»<sup>[6]</sup>.

Se o templo cristão é um sinal dos fiéis unidos em torno da pedra angular que é Cristo e por Ele, com Ele e n'Ele, unidos também entre si, na igreja prelatícia de Santa Maria da Paz estão simbolizados especialmente os fiéis do Opus Dei e aqueles que se aproximam dos seus apostolados, chamados a partilhar «o desejo de procurar a plenitude da vida cristã e de fazer apostolado, procurando a santificação do trabalho profissional; a vida imersa nas realidades seculares, respeitando a sua própria autonomia, mas tratando-as com espírito e amor de almas contemplativas»<sup>[7]</sup>. «Fomos escolhidos por Deus – assinalava o Beato Álvaro na homilia daquele dia –,

sem qualquer mérito da nossa parte, para sermos uma linhagem escolhida, um sacerdócio real, um povo santo, para anunciar as maravilhas de Deus, que nos chamou das trevas para a sua luz admirável»<sup>[8]</sup>.

---

A IGREJA É CATÓLICA porque foi enviada por Jesus a todas as pessoas da terra. O Concílio Vaticano II descreve o mandato do Senhor com estas palavras: «Ao novo Povo de Deus todos os homens são chamados. Por isso, este Povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os séculos»<sup>[9]</sup>.

O Beato Álvaro, naquela homilia durante a Dedicção da igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, concluiu dizendo: «Nosso Senhor servir-se-á de nós, como pedras vivas, para construir a sua Igreja, dia após dia, no meio da sociedade humana (...). Apesar da nossa pequenez, pela bondade de Deus, seremos fortaleza para os outros, apoiando-nos sempre na pedra angular, que é Cristo Jesus, e também na pedra forte – alicerce da Igreja – que é Pedro, o Romano Pontífice»<sup>[10]</sup>. Para um cristão, ser fiel ao Senhor é ser fiel à Igreja e, por isso, ser um bom filho do Papa. S. Josemaria, desde 1928, quis que o Opus Dei fosse muito *romano* e que estivesse estreitamente unido à Sede de Pedro, com o mesmo desejo de levar o calor de Cristo a todos os recantos da terra.

Podemos colocar os nossos desejos de servir a Igreja sob a intercessão de Santa Maria da Paz. E podemos pedir também o dom da paz para as nossas almas e para o mundo inteiro: «Acolhei, ó Mãe, esta nossa súplica (...). Dessedentai a aridez do nosso coração, Vós que “sois fonte viva de esperança”. Tecestes a humanidade para Jesus, fazei de nós artesãos de comunhão. Caminhastes pelas nossas estradas, guiai-nos pelas sendas da paz»<sup>[11]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Gaudí, citado por Bento XVI, Homilia, 07/11/2010.

[2] S. Paulo VI, *Mysterium fidei*, n. 8. Cf. Beato Álvaro del Portillo, Homilia, 02/05/1986.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 151.

[4] Missal Romano, Comum da dedicação de uma igreja (fora da igreja dedicada), oração coletiva.

[5] Sto. Agostinho, *Sermão* 337.

[6] *Ibid.*

[7] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 22.

[8] Beato Álvaro del Portillo, Homilia, 02/05/1986.

[9] Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, n. 13.

[10] Beato Álvaro del Portillo, Homilia, 02/05/1986.

[11] Francisco, Ato de Consagração ao Imaculado Coração de Maria, 25/03/2022.

### 3 de maio, São Filipe e São Tiago

*Reflexão para meditar no dia 3 de maio, Festa de S. Filipe e S. Tiago, Apóstolos. Os temas propostos são: a autêntica fé atrai; magnanimidade e audácia dos apóstolos; viver com Cristo impele-nos a dá-Lo aos outros.*

#### Sumário

- A autêntica fé atrai.
- Magnanimidade e audácia dos apóstolos.
- Viver com Cristo impele-nos a dá-Lo aos outros.

---

AS FESTAS dos apóstolos são dias especiais para os que desejamos levar o seu Evangelho aos outros. Esse forte impulso que os apóstolos Tiago e Filipe experimentaram é o mesmo que fazia escrever S. Josemaria: «Quando dava a Sagrada Comunhão, aquele sacerdote tinha vontade de gritar: aí te entrego a Felicidade!»<sup>[1]</sup>. Nós, cristãos, experimentamos uma alegria já nesta terra que não queremos esconder. Vivemos com o Senhor: as nossas coisas são as Suas, a sua vida é a nossa, e sabemos que essa é a maior dita. A felicidade pessoal que esse encontro com Cristo gerou na vida dos apóstolos foi o motor da sua pregação, e por isso se difundiu rapidamente pelo mundo.

Os apóstolos reúnem-se frequentemente em torno de Jesus; umas vezes, no sopé de um monte, outras à volta da mesa. Compartilham longas caminhadas um a um. Todos são momentos de intimidade, que não se apagarão nunca da sua mente. Também nós, pela sua misericórdia, vivemos com Cristo. E, ao experimentar o amor de Deus por cada um, surge naturalmente o desejo de «falar d’Ele aos outros. Porque tanta alegria não cabe num só coração»<sup>[2]</sup>. Compreendemos que, assim, cada ação, cada ocupação de um cristão é apostolado, sem que deva propor-se isso como algo de diferente das suas ocupações. Os outros apreciam-no na proximidade, na serenidade apesar dos dissabores, na alegria. «A Igreja cresce por atração, e a transmissão da fé verifica-se com o testemunho, até

ao martírio, como sucedeu com os apóstolos Filipe e Tiago. Precisamente quando se vê esta coerência de vida com o que nós dizemos, surge sempre a curiosidade: “Mas por que ele vive assim? Por que leva uma vida de serviço ao próximo?”. E «essa curiosidade é a semente que o Espírito Santo pega e leva em frente»<sup>[3]</sup>.

Toda a vida do Senhor, as suas palavras, obras, passagem pela terra, nos transforma. S. Paulo recorda aos Coríntios que estamos fundados sobre aquela mensagem e que só isso nos salva. É um mistério real e maravilhoso, uma recordação que é mais do que uma lembrança, porque está presente na nossa vida. «Tomás de Aquino, servindo-se da terminologia da tradição filosófica em que se encontra, explica: a fé é um *habitus*, ou seja, uma predisposição constante do espírito, em virtude do qual a vida eterna tem início em nós»<sup>[4]</sup>, vida que os apóstolos que hoje recordamos viveram em plenitude.

---

UM DOS ASPETOS que nos entusiasma da vida dos apóstolos é a sua capacidade de sonhar em grande e de lançar-se a trabalhar por isso. Não se detêm perante os obstáculos porque sabem que Cristo já os venceu e que nem sequer a morte é mais forte que o poder divino. Estão cheios de audácia e de magnanimidade, virtudes que nos lançam também a nós numa missão entusiasmante, em que sabemos que não estamos sós, mas que contamos com a força de Deus. Nada pode bloquear nem assustar quem experimenta a presença do Senhor na sua quotidianidade.

«Magnanimidade: ânimo grande – dizia S. Josemaria –, alma ampla, onde cabe muita gente. É a força que nos predispõe a sair de nós próprios, a fim de nos prepararmos para empreender obras valiosas em benefício de todos (...). O magnânimo dedica as suas forças ao que vale a pena, sem reservas; por isso, é capaz de se entregar a si próprio. Não lhe basta dar: *dá-se*. E consegue então compreender a maior de todas as provas de magnanimidade: dar-se a Deus»<sup>[5]</sup>. Ao empreendermos as nossas atividades, podemos pensar na magnanimidade dos apóstolos Filipe e Tiago. Filipe falou com entusiasmo a Natanael e, com simplicidade, pediu a Jesus para ver o rosto do Pai. Segundo a tradição, partiu para a Frígia para evangelizar e morrer mártir. Tiago, por sua vez, parente do Senhor, foi bispo

de Jerusalém. Os dois, colunas da Igreja nascente, não duvidaram em arriscar as suas seguranças para transmitir a divina mensagem de alegria até onde o Espírito Santo os levasse.

E para sermos mais audazes «olhem para Jesus! A sua entranhada compaixão não era algo que O ensimesmava, não era uma compaixão paralisadora, tímida ou envergonhada, como sucede muitas vezes connosco. Era exatamente o contrário: era uma compaixão que O impelia fortemente a sair de Si mesmo a fim de anunciar, mandar em missão, enviar a curar e libertar. Reconheçamos a nossa fragilidade, mas deixemos que Jesus a tome nas suas mãos e nos lance para a missão. Somos frágeis, mas portadores dum tesouro que nos faz grandes e pode tornar melhores e mais felizes aqueles que o recebem. A ousadia e a coragem apostólica são constitutivas da missão»<sup>[6]</sup>.

---

«A SUA MENSAGEM ressoou por toda a terra» (Sl 18, 5), recitamos com o salmo na festa de Tiago e Filipe. Hoje é um dia bom para cultivar na alma o anseio de que a voz de Cristo chegue a todos os recantos do nosso mundo e da nossa história. Sabemos que o apostolado cristão não é uma atividade a acrescentar às nossas ocupações normais: na realidade, se abrirmos a nossa vida ao Espírito Santo, se vivermos de fé, somos apóstolos em cada momento do dia. Mas «a fé não é só a recitação do Credo: a fé exprime-se no Credo, mas é algo mais. Transmitir a fé não significa dar informações, mas fundar um coração na fé em Jesus Cristo. Por isso, transmitir a fé não se pode fazer mecanicamente, dizendo: “Toma este livrete, estuda-o e depois eu batizo-te”. Não, insistiu, é outro o caminho para transmitir a fé: é comunicar o que nós recebemos. É precisamente este o desafio do cristão: ser fecundo na transmissão da fé»<sup>[7]</sup>.

«Encontrámos aquele sobre quem escreveram Moisés, na Lei, e os Profetas: Jesus, filho de José de Nazaré» (Jo 1, 45), disse Filipe ao seu amigo Natanael. O Apóstolo Tiago o Menor, por seu lado, questionava-se: «De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé?» (Tg 2, 14). Nesses dois passos, condensa-se todo um itinerário cristão: conhecer cada vez mais Cristo, viver junto d’Ele, porque é essa precisamente a força que nos impelirá a dar testemunho no nosso ambiente;

a amizade com Jesus leva-nos a ajudar quem está necessitado e a querer levar essa alegria sobrenatural a todos. Podemos pedir ao Senhor que nos conceda esse entusiasmo arreigado na fé que mantiveram os apóstolos. Nós, como eles, desejamos proclamar com a vida inteira que nada pode encher mais o coração do que Jesus Cristo. Fixamos o nosso olhar na Santíssima Virgem para que nos encha de esperança e nos impulse a pensar em grande, com magnanimidade e audácia.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Forja*, n. 267.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 314.

[3] Francisco, Meditação matutina, 03/05/2018.

[4] Bento XVI, *Spe salvi*, n. 7.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 80.

[6] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 131.

[7] Francisco, Meditação matutina, 03/05/2018.

## 12 de maio, Beato Álvaro del Portillo

*Reflexão para meditar no dia 12 de maio, Memória Litúrgica do Beato Álvaro del Portillo. Os temas propostos são: confiança na graça de Deus; uma lealdade humilde e sorridente ao serviço dos outros; o Beato Álvaro foi um bom pastor.*

### Sumário

- Confiança na graça de Deus.
- Uma lealdade humilde e sorridente ao serviço dos outros.
- O Beato Álvaro foi um bom pastor.

---

CELEBRAMOS HOJE a memória litúrgica do Beato Álvaro del Portillo, que coincide com o aniversário da sua primeira comunhão, com mais de uma centena de colegas do colégio que frequentava. Tempos depois, D. Álvaro recordava que, para se preparar devidamente, tinha-se confessado e que «saiu do confessionário com grande paz e alegria»<sup>[1]</sup>. A partir desse dia, aproximou-se periodicamente do sacramento do perdão. Depois de receber o Senhor na Eucaristia pela primeira vez, continuou também a assistir à Missa vários dias por semana no colégio do Pilar.

A piedade simples daquela criança não chamava a atenção naquela época, mas é impressionante ver como o Beato Álvaro guardou sempre no seu coração um amor vibrante, grato e crescente aos sacramentos da Confissão e da Eucaristia. Em 1983, por exemplo, confidenciava a um grupo de pessoas: «Há sessenta e dois ou sessenta e três anos que recebo a Sagrada Comunhão todos os dias e é como uma carícia de Deus»<sup>[2]</sup>. E em setembro de 1993, durante uma reunião familiar, respondeu a uma pergunta sobre quais tinham sido as suas maiores alegrias até então: «A minha maior alegria, meu filho, é receber a graça de Deus: cada vez que o Senhor me perdoa na Confissão, cada vez que Ele vem ter comigo na Comunhão»<sup>[3]</sup>.

Embora fosse um homem com muitas qualidades humanas, o Beato Álvaro «sabia que a graça de Deus podia fazer na sua vida muito mais do que ele podia imaginar»<sup>[4]</sup>. Por isso, repetia frequentemente uma jaculatória que mostra a sua confiança no poder de Deus: “Obrigado, perdão, ajuda-me mais”. «São palavras que manifestam gratidão perante o que não merecemos, reconhecimento da própria debilidade e petição da força necessária para alcançar a maior felicidade, que é a união com Deus. São palavras que estão entre as primeiras que as mães ensinam aos seus filhos pequenos. Peçamos a Deus esse coração de crianças que se sabem realmente incapazes sem a ajuda de seu pai»<sup>[5]</sup>.

---

7 DE JULHO DE 1935 foi um dia decisivo na vida de D. Álvaro. Nessa data, após algumas horas de retiro espiritual, decidiu entregar-se a Deus no Opus Dei. Iniciou então um caminho de fidelidade: uma «fidelidade inquestionável, sobretudo a Deus no cumprimento pronto e generoso da sua vontade; fidelidade à Igreja e ao Papa; fidelidade ao sacerdócio; fidelidade à vocação cristã em todos os momentos e em todas as circunstâncias da vida»<sup>[6]</sup>. No início, o Senhor recompensou a prontidão da sua resposta à vocação, ao sentir uma transbordante alegria e um entusiasmo interior. Em breve, junto ao crescimento espiritual, esta alegria tornou-se mais reflexiva e profunda: o entusiasmo sensível deu lugar à maturidade e a uma segurança firme, baseada na confiança em Deus. Em poucos anos, adquiriu a força de caráter necessária para ser um apoio indispensável ao fundador da Obra e, mais tarde, o seu primeiro sucessor.

«E se me perguntais: foi heroico nalguma ocasião? – dizia S. Josemaria, referindo-se ao Beato Álvaro – Responder-vos-ei: sim, muitas vezes foi heroico, muitas; com um heroísmo que parecia coisa normal. Queria que o imitásseis em muitas coisas, mas sobretudo na lealdade. Ao longo de todos estes anos da sua vocação, apareceram muitas ocasiões – humanamente falando – de se irritar, de se impacientar, de ser desleal; e teve sempre um sorriso e uma fidelidade incomparáveis»<sup>[7]</sup>.

O Senhor espera de cada um de nós que sejamos fiéis ao Evangelho, mulheres e homens de fé, que levem uma visão sobrenatural a todas as áreas da existência humana: à família, à amizade, ao trabalho ou, em

colaboração com outros, a uma iniciativa apostólica. Somos chamados a cultivar uma fidelidade sorridente, fruto da humildade, simplicidade, serenidade e paz como as que encheram o coração do beato Álvaro e que ele, mesmo sem o pretender, transmitia aos que o rodeavam.

Neste dia de festa, podemos pedir a Deus, através da intercessão de D. Álvaro, que infunda nos nossos corações «os mesmos sentimentos de Cristo Jesus» (Fl 2, 5). Desta forma, a nossa fidelidade refletir-se-á numa atitude sempre acolhedora e compreensiva, num serviço aos outros que, entre outras coisas, nos levará a partilhar com muitas pessoas os dons que recebemos do Senhor.

---

EM 15 de SETEMBRO de 1975, D. Álvaro foi nomeado sucessor de S. Josemaria. Em 28 de novembro de 1982, o Papa João Paulo II erigiu o Opus Dei como prelatura pessoal e nomeou-o prelado. Em 1991, conferiu-lhe a ordenação episcopal. Nos quase vinte anos que esteve à frente da Obra, o Beato Álvaro foi um «servo fiel e prudente» (Lc 12, 42) que se entregou totalmente à missão que Deus lhe confiara, vivendo as virtudes do bom pastor. «Procurou sempre guiar as almas para a vida eterna, mostrando – também com a sua luta espiritual e humana para caminhar com o Mestre – o caminho que leva à santidade; pensando não somente nos fiéis da Prelatura, mas também em tantas pessoas que lhe pediam conselho ou palavras de ânimo para a sua vida espiritual ou para a comunidade a que pertenciam. A todos, D. Álvaro oferecia a sua oração e a sua sabedoria humana e espiritual, pensando no bem das almas e da Igreja. (...) Quanto rezou, pedindo ao Senhor luz para saber guiar o seu próprio rebanho e as pessoas que recorriam a ele!»<sup>[8]</sup>.

Como foi sublinhado por ocasião da sua beatificação: «Destacava-se especialmente o seu amor à Igreja, esposa de Cristo, à qual serviu com um coração despojado de interesses mundanos, longe da discórdia, acolhedor para com todos e buscando sempre o lado positivo dos outros, o que une, o que constrói. Nunca uma queixa ou crítica, nem sequer nos momentos especialmente difíceis, quando, como aprendeu de S. Josemaria, respondia sempre com a oração, o perdão, a compreensão, a caridade sincera»<sup>[9]</sup>.

Podemos pedir à nossa Mãe do céu que nos obtenha do Senhor um amor cada vez mais forte pelas almas, pela Igreja e pelo Papa. O desejo de crescer sempre neste amor estava profundamente enraizado no coração do Beato Álvaro, que com simplicidade e devoção rezava desta forma durante numa peregrinação ao santuário de Fátima: «Sei que sempre nos ouves, mas ainda assim viemos de Roma para te dizer o que já sabes: que te amamos, mas queremos amar-te mais. Ajuda-nos a servir a Igreja como ela quer ser servida: com todo o coração, com uma entrega absoluta, com lealdade e fidelidade»<sup>[10]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Javier Medina Bayo, *Álvaro del Portillo. Un hombre fiel*, Rialp, Madrid, 2012, p. 45.

[2] *Ibid.*

[3] Bto. Álvaro del Portillo, Notas de uma reunião familiar, 15/09/1993.

[4] Fernando Ocariz, Homilia, 11/05/2019.

[5] *Ibid.*

[6] Congregação das Causas dos Santos, Decreto sobre as virtudes heroicas do servo de Deus Álvaro del Portillo, 28/06/2012.

[7] S. Josemaria, Palavras durante uma reunião familiar, 11/03/1973.

[8] Javier Echevarría, Homilia, 13/05/2016.

[9] Francisco, Carta ao Prelado do Opus Dei por motivo da Beatificação de Álvaro del Portillo, 16/06/2014.

[10] Bto. Álvaro del Portillo, Oração perante a Virgem de Fátima, 25/01/1989.

## 13 de maio, Nossa Senhora de Fátima

*Reflexão para meditar no dia 13 de maio, Festa da Virgem Santa Maria do Rosário de Fátima. Os temas propostos são: Um impulso para o terço; a paz é fruto da oração e da reparação pelos pecados; o coração de Maria triunfa frente ao pecado.*

### Sumário

- Um impulso para o terço.
- A paz é fruto da oração e da reparação pelos pecados.
- O coração de Maria triunfa frente ao pecado.

---

O SÉCULO XX ficou gravado na história da devoção mariana pelas aparições de Nossa Senhora em Fátima. Corria o ano de 1917 e a dor da guerra envolvia boa parte do mundo. Enquanto vários países se enfrentavam obstinadamente, enquanto se tentava resolver os problemas com a força da violência, em Portugal Nossa Senhora revelava a umas crianças o caminho para a paz verdadeira. A oração que a Igreja nos propõe para a Missa de hoje resume a mensagem de Fátima: «Deus de infinita bondade, que nos destes a Mãe do vosso Filho como nossa Mãe, concedei-nos que, seguindo os seus ensinamentos e com espírito de verdadeira penitência e oração, trabalhemos generosamente pela salvação do mundo e pela dilatação do reino de Cristo»<sup>[1]</sup>.

Nossa Senhora transmitiu aos três pastorinhos a necessidade de que nós, cristãos, tenhamos uma vida de oração e de penitência para acolher a paz do Seu Filho. A mensagem de Fátima é um eco daquelas palavras de Jesus no início da sua pregação: «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo; fazei penitência e crede no Evangelho» (Mc 1, 15).

Jacinta, Francisco e Lúcia, desde que viram a Virgem Maria, começaram a rezar o terço diariamente e a oferecer sacrifícios a Deus. A fidelidade destas três crianças à petição materna de Maria abriu um

caminho de esperança para muitas pessoas no mundo. A partir de Fátima, a devoção ao terço ganhou um novo impulso. Hoje muitas pessoas recorrem a esta devoção acrescentando a oração que a Mãe de Cristo ensinou aos pastorinhos: «Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o céu e socorrei principalmente as que mais precisarem». Quanto consolo encontramos na recitação do santo Rosário! Recorrem a ele mães e pais de família que pedem insistentemente pela conversão dos seus filhos, trabalhadores que enfrentam um panorama económico incerto, jovens que querem dedicar as suas energias a viver e a compartilhar a alegria do Evangelho... Trata-se de uma oração que muda a história de muitas pessoas e pode mudar também a nossa.

---

SEGUINDO as palavras de Nossa Senhora de Fátima, queremos aprender a perseverar na oração e na reparação pelos pecados. O Evangelho recorda como Jesus insistia na «necessidade de orar sempre, sem nunca desistir» (Lc 18, 1) e S. Paulo, por seu lado, pede aos cristãos que sejam «alegres na esperança, pacientes na tribulação, constantes na oração» (Rm 12, 12). A paz surge num coração que tem a audácia de crer na força da oração e se apoia confiadamente nos braços de Deus.

O Senhor olha a nossa oração com gosto. As suas mãos sustentam a história da humanidade, na qual também estão a nossa história pessoal e a daqueles que nos rodeiam. O livro do Apocalipse usa a imagem do perfume do incenso para falar da oração dos cristãos: «E o fumo do incenso subiu com as orações dos santos, desde a mão do anjo até diante de Deus» (Ap 8, 4). Atendendo ao nosso clamor constante, o Senhor atua na história para levá-la à sua plenitude. Por isso queremos aprender a ser perseverantes na oração. Maria quer ensinar os homens a confiar no Seu Filho, inclusive quando às vezes pode parecer que não nos escuta. Nas bodas da Caná tem-se a impressão de que Jesus não estava a pensar realizar o milagre, mas a Virgem Maria insiste: a nossa Mãe não vê nas palavras de Seu Filho uma chamada à inação, mas um convite a ser audaz. Por isso apressa-se a dizer aos serventes: «Fazei o que ele vos disser» (Jo 2, 5). E consegue o milagre.

«Maria, Mestra de oração. – Olha como pede ao Seu Filho em Caná. E como insiste, sem desanimar, com perseverança. – E como consegue.

Aprende»<sup>[2]</sup>.

---

A APARIÇÃO da Virgem de Fátima está unida à devoção ao Coração Imaculado de Maria. «“O meu Imaculado Coração triunfará”. Que significa isto? Significa que este Coração aberto a Deus, purificado pela contemplação de Deus, é mais forte que as pistolas ou outras armas de qualquer espécie. O *fiat* de Maria, a palavra do seu Coração, mudou a história do mundo, porque introduziu neste mundo o Salvador: graças àquele “sim”, Deus pôde fazer-se homem no nosso meio e tal permanece para sempre»<sup>[3]</sup>.

As aparições de Santa Maria em Fátima falam do perigo que a humanidade corre se abandonar a oração. Nossa Senhora, no entanto, não quer que caiamos numa visão pessimista da história. O seu coração triunfa: imitando a constância do seu diálogo com Deus podemos evitar o pecado, que é o pior dos males. Nele encontramos «a força que se contrapõe ao poder da destruição: o esplendor da Mãe de Deus e, sempre proveniente do mesmo, o apelo à penitência. Deste modo, é sublinhada a importância da liberdade do homem: o futuro não está de forma alguma determinado imutavelmente, e a imagem vista pelos pastorinhos não é, em absoluto, um filme antecipado do futuro, do qual já nada se poderia mudar. Na realidade, toda a visão acontece só para convocar a liberdade e orientá-la numa direção positiva»<sup>[4]</sup>.

A nossa oração, simples e confiada, compromete-nos com a história; não é a ingenuidade de quem não percebe os problemas, nem a indiferença de quem só pensa em tranquilizar a consciência. A Ladainha de Nossa Senhora, por exemplo, une-nos às pessoas que sofrem: os doentes, os pecadores, os migrantes, etc. Ao rezar por eles, nós sentimo-nos, com a ajuda de Deus, responsáveis por levar-lhes consolo. Podemos dirigir-nos a Nossa Senhora de Fátima como o Beato Álvaro del Portillo: «Queremos entrar no Teu Coração Imaculado. Viveremos assim a alegria e a paz dos filhos de Deus. Que tudo o que Te faça sofrer nos doa também. E, bem dentro do Teu coração amabilíssimo, tu nos colocarás no do Teu Filho»<sup>[5]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Missal Romano, Oração coleta da Festa da Bem-aventurada Virgem Maria de Fátima.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 502.

[3] Joseph Ratzinger, Congregação para a Doutrina da Fé, 13/05/2000.

[4] *Ibid.*

[5] Bto. Álvaro del Portillo, Oração em Fátima, 15/11/1985.

## 14 de maio, São Matias

*Reflexão para meditar no dia 14 de maio, Festa de S. Matias, Apóstolo. Os temas propostos são: toda a vocação é um dom gratuito; S. Matias conhecia a vida de Jesus; Deus conta com todos no seu plano de salvação.*

### Sumário

- Toda a vocação é um dom gratuito.
- S. Matias conhecia a vida de Jesus.
- Deus conta com todos no seu plano de salvação.

---

CONTAM OS Atos dos Apóstolos que, nos dias posteriores à Ressurreição do Senhor, S. Pedro se reuniu com os discípulos para escolher o substituto de Judas (cf. At 1, 15-26). Reuniram-se umas cento e vinte pessoas. Talvez fosse o núcleo dos que tinham permanecido com o Senhor depois do sermão do Pão da vida, incluindo aqueles setenta e dois que tinha mandado pregar uns tempos atrás. O que mais surpreende é a forma de chamar Matias para que fosse um dos Doze. Depois duma oração para rogar a Deus que se faça a Sua vontade, deitam sortes entre dois candidatos... e nasce um novo apóstolo.

Seguir de perto o Senhor como fizeram os Apóstolos tem um certo ar de sorte. A pergunta que podemos fazer-nos é: por que fui escolhido se há muitas mais pessoas que se podiam encarregar desta tarefa? No entanto, a nossa atitude perante os dons divinos é a de nos maravilharmos e de nos sentirmos afortunados. O Senhor atua de maneira não usual para os nossos parâmetros. Matias está bem preparado, conhece o Senhor há algum tempo, mas quem sabe se até esse instante se tinha proposto algo semelhante. Perante a necessidade de dispor de novos apóstolos, graças à oração e à *sorte divina*, descobre que Jesus Cristo tem uma missão concreta para ele. No fundo do coração, Matias ouviria dalguma maneira a voz de Deus.

«Se me preguntais como se nota o chamamento divino, como nos damos conta – dizia S. Josemaria –, dir-vos-ei que é uma visão nova da vida. É como se se acendesse uma luz dentro de nós; é um impulso misterioso, que leva a pessoa a dedicar as suas mais nobres energias a uma atividade que, com a prática, chega a tornar-se parte de si mesmo. Essa força vital, que tem algo de avalanche arrasadora, é o que outros chamam vocação. A vocação leva-nos – sem repararmos – a tomar uma posição na vida, que manteremos com entusiasmo e alegria, cheios de esperança até ao transe da morte. É um fenómeno que comunica ao trabalho um sentido de missão, que enobrece e dá valor à nossa existência. Jesus mete-se com um ato de autoridade na alma, na tua, na minha: é esse o chamamento»<sup>[1]</sup> e foi isso que muito possivelmente Matias sentiu naquele dia.

---

«NÓS RECEBEMOS este dom como destino: a amizade do Senhor. Esta é a nossa vocação: viver sendo amigos do Senhor, como os apóstolos. Todos os cristãos recebemos este dom: a abertura, o acesso ao coração de Jesus, à amizade de Jesus. Coube-nos em sorte o dom da tua amizade. O nosso destino é ser teus amigos. É um dom que o Senhor conserva sempre»<sup>[2]</sup>. E para ser amigos de Jesus precisamos de O conhecer. No momento da escolha do novo apóstolo, o único requisito que se devia cumprir era conhecer de perto a vida de Cristo, «desde o batismo de João até ao dia em que do meio de nós foi elevado ao Céu» (At 1, 22).

«Não posso deixar de vos confiar algo – dizia S. Josemaria –, que constitui para mim um motivo de pena e ao mesmo tempo um estímulo para a ação: pensar nos homens que ainda não conhecem Cristo, que não pressentem ainda a profundidade da felicidade que nos espera nos Céus, e vagueiam pela terra como cegos, m perseguição de uma alegria cujo verdadeiro nome ignoram, ou se perdem por sendas que os afastam da felicidade autêntica»<sup>[3]</sup>.

Toda a felicidade aqui na terra é uma centelha divina que aponta para Cristo. A nossa procura só descansa n'Ele. Só encontramos a paz que não nos deixa, na nossa amizade com Jesus, feita de palavras e de momentos compartilhados. Por isso desejamos conhecê-lo cada vez melhor, nos

Evangelhos, na Eucaristia, na oração pessoal e nas pessoas que nos rodeiam.

A nós, que não vivemos naqueles anos em que Jesus pisou a nossa terra, pode servir-nos o exemplo de S. Paulo, que também não conheceu Cristo sob esse aspeto. «S. Paulo não pensava em Jesus na qualidade de historiador, como numa pessoa do passado. Certamente que conhece a grande tradição sobre a vida, as palavras, a morte e a ressurreição de Jesus, mas não trata tudo isso como algo do passado; propõe-no como realidade de Jesus vivo. Para S. Paulo, as palavras e as ações de Jesus não pertencem ao tempo histórico, ao passado. Jesus vive agora e fala agora connosco e vive para nós. Esta é a verdadeira forma de conhecer Jesus»<sup>[4]</sup>. No nosso empenho por conhecer com a maior profundidade possível Cristo, podemos pedir a intercessão do Apóstolo Matias. Ele poderá ajudar-nos a que as ações e palavras do Senhor que ele conheceu, desde que foi batizado por João até à Sua ressurreição, sejam uma realidade viva também para nós.

---

NA PASSAGEM da vocação de Matias há outro aspeto que também chama a atenção e que se vai prolongar ao longo da história. É o facto de que «a primeira vocação teve lugar quando a Igreja estava unida e rezava. Quando a Igreja permanece unida e reza, não precisa de se preocupar muito com a propaganda, porque pode estar segura da resposta do Senhor»<sup>[5]</sup>. Isto dá-nos paz. A Igreja foi instituída pelo Senhor e é Ele que a leva para a frente; nada nem ninguém poderá contra ela. Continuará a chamar novos apóstolos mesmo no meio de qualquer circunstância, jovens e velhos, homens e mulheres. Permanecer unidos na oração e no carinho fraterno é, em última análise, continuar atentos a Deus e confiar plenamente na sua misericórdia. Não faltarão pessoas dispostas a seguir Cristo e a permanecer com Ele para serem testemunhos da paz e da alegria que surgem da Ressurreição.

O alvoroço por esse novo apóstolo foi enorme: em toda a assembleia e no coração do próprio Matias. No entanto, José, chamado Barnabé, o outro discípulo que interveio no sorteio, ficou às portas dessa predileção, bem como o resto daqueles cento e vinte que se tinham reunido (cf. At 1, 23-26). José era um discípulo fiel e o facto de não ser chamado para fazer parte dos

Doze não significa que valesse menos ou que não fosse bom cristão. Deus chama quem quer, cada um tem o seu caminho de felicidade traçado por Deus, e o próprio do homem é pôr-se nas suas mãos. Tanto Matias como José são afortunados porque fundamentam a sua vida na segurança de que o Senhor está sempre ao seu lado. E responder que sim às inspirações de Deus, aceitá-las com gratidão, é fonte de paz. O que conta é a santidade de cada um nas suas circunstâncias e com o seu modo de ser, onde estiver.

Matias, como antes tinham feito os outros apóstolos, pôs imediatamente mãos à obra. «Porquê imediatamente? Porque se sentiram atraídos. Não foram rápidos e animados por terem recebido uma ordem, mas porque tinham sido atraídos pelo amor. Os bons compromissos não são suficientes para seguir Jesus, mas é necessário ouvir o seu chamamento todos os dias. Só Ele, que nos conhece e nos ama até ao fim, nos faz sair para o mar da vida»<sup>[6]</sup>. O mar imenso deste mundo conta com que os cristãos, na companhia da Santíssima Virgem, *Stella Maris*, estrela do mar, sulquemos as suas águas para levar a todos a alegria de Cristo.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cartas* 3, n. 9.

[2] Francisco, Homilia, 14/05/2018.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 163.

[4] Bento XVI, Audiência geral, 08/10/2008.

[5] Bento XVI, Homilia numa Missa Nova, 1973, e recolhida em *Enseñar y aprender el amor de Dios*.

[6] Francisco, Homilia do domingo da Palavra de Deus, 26/01/2020.

## 18 de maio, Beata Guadalupe Ortiz de Landázuri

*Reflexão para meditar no dia 18 de maio, Memória Litúrgica da Beata Guadalupe Ortiz de Landázuri. Os temas propostos são: Guadalupe e a vida quotidiana; cada santo é uma façanha de Deus; a alegria de seguir o Senhor.*

### Sumário

- Guadalupe e a vida quotidiana.
  - Cada santo é uma façanha de Deus.
  - A alegria de seguir o Senhor.
- 

«A VIDA é como uma viagem no mar da história, com frequência enevoada e tempestuosa, uma viagem na qual perscrutamos os astros que nos indicam a rota. As verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com retidão. Elas são luzes de esperança. Certamente, Jesus Cristo é a luz por antonomásia, o sol erguido sobre todas as trevas da história. Mas, para chegar até Ele, precisamos também de luzes vizinhas, de pessoas que dão luz recebida da luz d'Ele, e oferecem assim orientação para a nossa travessia<sup>[1]</sup>. No dia da sua festa, olhamos para Guadalupe Ortiz de Landázuri com alegria: ela mostra-nos o quanto Deus deseja fazer-nos participantes da sua santidade aqui na terra no quotidiano; por esta razão, a sua vida é para nós uma luz especialmente próxima.

«Guadalupe Ortiz de Landázuri é a primeira fiel leiga do Opus Dei a ser proposta pela Igreja como modelo de santidade. Antes já o tinham sido o seu fundador, S. Josemaria, e o seu primeiro sucessor, o Beato Álvaro. Isto recorda-nos o apelo de Deus a todos nós para sermos santos, como pregou S. Josemaria desde 1928, e um dos principais ensinamentos do Concílio Vaticano II (cf. *Lumen Gentium*, Capítulo V). Foi o que a nova Beata procurou levar às pessoas que a rodeavam: a convicção de que a união com Deus está, com a graça divina, ao alcance de todos, nas circunstâncias da vida ordinária<sup>[2]</sup>.

O Senhor não quer que caminhemos sozinhos no caminho que conduz à felicidade. Ele «nunca abandona a sua Igreja (...), ele continua a suscitar nela exemplos de santidade que embelezam o seu rosto, nos enchem de esperança e cobrem de claridade o caminho a fazer<sup>[3]</sup>. De Guadalupe aprendemos que «santidade significa abrir o nosso coração a Deus e deixá-lo transformar-nos com o seu amor<sup>[4]</sup>. A felicidade tem muito a ver com esta capacidade de deixar entrar a novidade e o impulso de Deus. Que é mais seguro do que deixar a própria vida nas suas mãos? Isto não significa desligar-se das coisas, muito pelo contrário: ir ao fundo das pessoas e dos acontecimentos, porque é aí que o Senhor está.

---

«AOS TRINTA E SETE anos, do México, Guadalupe declarou numa carta ao fundador do Opus Dei: “Quero ser fiel, quero ser útil e quero ser santa. Mas a realidade é que ainda tenho um longo caminho a percorrer (...). Mas não desanimo, e com a ajuda de Deus e o apoio do Padre e de todos, espero conseguir vencer” (Carta, 01/02/1954). Esta breve nota, “Quero ser santa”, é o desafio que Guadalupe aceitou para a sua vida e que a encheu de felicidade. E para o conseguir, não teve de fazer coisas extraordinárias. Aos olhos das pessoas à sua volta, era uma pessoa comum: preocupada com a sua família, indo daqui para ali, terminando uma tarefa para começar outra, tentando corrigir os seus defeitos pouco a pouco. Ali, naquelas batalhas aparentemente pequenas, Deus realiza grandes feitos. Ele também os quer fazer na vida de todos e de cada um de nós»<sup>[5]</sup>.

S. Paulo diz aos Coríntios: «Cada um dê como dispôs em seu coração, sem tristeza nem constrangimento, pois Deus ama quem dá com alegria. E Deus tem poder para vos cumular de toda a espécie de graça, para que, tendo sempre e em tudo quanto vos é necessário, ainda vos sobre para as boas obras de todo o género» (2Cor 9, 7-8). Ao considerarmos a vida de Guadalupe, quão atraente é a sua determinação em cumprir os impulsos do Senhor, a sua coragem em se entregar aos outros, o seu otimismo sobrenatural. Tal imensa alegria fluía de um coração apaixonado e em constante vigília.

«As façanhas de Deus não terminaram; o seu poder continua a manifestar-se na história. S. Josemaria gostava de recordar, com as palavras

do profeta Isaías: *Non est abbreviata manus Domini* (Is 59, 1): "A mão de Deus não foi encurtada: Deus não é menos poderoso hoje do que em tempos passados" (*Cristo que Passa*, n. 130). O próprio Senhor quer continuar a manifestar-se de muitas maneiras; também através dos santos. Cada santo é uma realização de Deus; uma forma de se fazer presente no nosso mundo; é "o rosto mais belo da Igreja" (*Gaudete et exultate*, n. 9)»<sup>[6]</sup> e somos chamados a refleti-lo também na nossa própria vida.

---

GUADALUPE estava sempre alegre porque deixou que Jesus a guiasse e que Se encarregasse de encher o seu coração. A partir do momento em que viu que Deus a chamava a santificar-se no caminho do Opus Dei, foi consciente de que essa missão não era simplesmente um novo plano terreno, certamente entusiasmante. Deu-se conta de que era algo sobrenatural, preparado por Deus desde sempre para ela. E, deixando-se levar por esta certeza de fé, Deus premiou-a com uma fecundidade que nem sequer podia imaginar e com uma felicidade – o cem por um, que Jesus prometeu aos seus discípulos – que podemos perceber nas suas cartas (...).

Buscar em tudo os gostos pessoais e a comodidade pessoal, poderá parecer a chave para se estar alegre. Contudo, não é assim. Jesus Cristo assinala que quem quiser ser o primeiro, seja o servidor de todos (cf. Mc 9, 35); que Ele mesmo veio à terra para servir (cf. Mt 20, 28); e noutro momento insistiu que estava no mundo "como aquele que serve" (Lc 22, 27). E na Última Ceia ajoelhou-Se diante dos seus Apóstolos e lavou os pés de cada um, e depois disse-lhes: "Também vós deveis lavar os pés uns aos outros. (...) Já que compreendeis estas coisas, bem-aventurados sereis se as praticardes" (Jo 13, 14-17). Guadalupe alcançou essa alegria que se depreende dos seus escritos e da sua vida, também porque todas as manhãs, ao acordar, a primeira palavra que dirigia ao Senhor era: *Serviam!* Servirei! E tratava-se dum propósito que queria viver em cada momento do dia. A alegria de Guadalupe estava na união com Jesus Cristo, que a levava a esquecer-se de si mesma, procurando compreender cada pessoa»<sup>[7]</sup>.

Também nós queremos seguir o Senhor assim. Guadalupe vai de um lugar para outro, de uma ocupação para outra, resolutamente, como se ouvisse, cada vez, no fundo da sua alma, aquele "segue-me" da sua

vocação. «Quando descobrimos, através da fé, a grandeza da vontade de Deus, “recebemos olhos novos, experimentamos que nele há uma grande promessa de plenitude e o nosso olhar abre-se para o futuro” (*Lumen fidei*, n. 4). Guadalupe, recordando o momento em que se encontrou com S. Josemaria pela primeira vez, escreveu: “Tive a clara sensação de que Deus estava a falar comigo através daquele sacerdote. (...). Senti uma grande fé, um forte reflexo da sua”. Peçamos ao nosso Senhor, através da intercessão de Guadalupe, que nos dê e aperfeiçoe esses novos olhos de fé, para que possamos olhar para o nosso futuro como Ele o faz»<sup>[8]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 49.

[2] Fernando Ocáriz, Homilia, 19/05/2019.

[3] Francisco, Carta a Mons. Fernando Ocáriz, 12/04/2019.

[4] *Ibid.*

[5] Fernando Ocáriz, Homilia, 19/05/2019.

[6] *Ibid.*

[7] Fernando Ocáriz, Homilia, 21/05/2019.

[8] *Ibid.*

## 31 de maio, Visitação de Nossa Senhora

*Reflexão para meditar no dia 31 de maio, Festa da Visitação da Virgem Santa Maria. Os temas propostos são: uma vida aberta aos outros; Maria, mestra de fé; cantar as maravilhas de Deus.*

### Sumário

- Uma vida aberta aos outros.
- Maria, mestra de fé.
- Cantar as maravilhas de Deus.

---

«NAQUELES DIAS, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, em direção a uma cidade de Judá» (Lc 1, 39). Tinha passado muito pouco tempo desde a Anunciação. No final da sua embaixada, o Arcanjo Gabriel revelou a Maria que a sua prima Isabel, já de idade avançada, estava à espera de um filho, «porque nada é impossível a Deus» (Lc 1, 37). Nossa Senhora decide ir acompanhá-la e parte «apressadamente», com a ligeireza que experimenta quem se colocou totalmente nas mãos de Deus.

Maria empreende esta viagem em circunstâncias muito particulares. Acaba de saber que será a mãe do Messias. Ela, uma jovem mulher aparentemente como outra qualquer, que vive numa localidade anónima da Galileia. Humanamente poderia parecer lógico que estivesse centrada no que acabara de ocorrer e nas situações com que ia ter de lidar: que diria José, que pensariam os seus pais, os seus outros familiares, o resto da aldeia... No entanto, a sua alma, cheia de graça, vai para outro lado. Uma vez que deu o seu sim a Deus – «faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38) – Maria move-se ao compasso das inspirações do Espírito Santo. Por isso, sai logo em viagem para as montanhas. Quer ver a sua prima, para lhe oferecer a sua ajuda e o seu carinho; talvez também para partilhar a sua felicidade, para falar com a única que nesse momento podia compreender alguma coisa das maravilhas que Deus estava a fazer.

De modo semelhante com aquilo que contemplamos em Maria, também a nossa vida cristã, se segue o sopro do Espírito Santo, estará cada vez mais aberta aos outros. O nosso empenho por melhorar nas virtudes não será autorreferencial, mas inseparável da fraternidade e do apostolado. E simultaneamente a nossa intimidade com o Senhor na oração nos levará a viver de modo mais delicado a caridade com todos: «As nossas orações, ainda que comecem por temas e propósitos aparentemente pessoais, acabam sempre por ir ter ao serviço dos outros. E, se caminarmos pela mão da Virgem Santíssima, Ela fará com que nos sintamos irmãos de todos os homens, porque todos somos Filhos desse Deus de que Ela é Filha, Esposa e Mãe»<sup>[1]</sup>.

---

A VIRGEM CHEGA a Ain Karim, a terra onde vai nascer João. «Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino exultou-lhe no seio. Isabel ficou cheia do Espírito Santo» (Lc 1, 40-41). Pela primeira vez nos Evangelhos, vemos Maria estreitamente associada ao seu Filho na redenção. A sua presença em casa de Zacarias é canal da graça divina. Ela levou Cristo a essa casa e nisso, pela fé, estamos chamados a imitá-la. S. Josemaria expressou-o com estas palavras: «Se nos identificarmos com Maria, se imitarmos as suas virtudes, poderemos conseguir que Cristo nasça, pela graça, na alma de muitos que se identificarão com Ele pela ação do Espírito Santo»<sup>[2]</sup>.

Cheia de entusiasmo sobrenatural pela ação do Paráclito, Isabel não cabe em si de alegria pela visita que recebeu. E dirigindo-se à sua prima, exclama: «Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor» (Lc 1, 45). Estas palavras convidam a fixarmo-nos na fé de Maria, a reconhecê-la como mestra desta virtude e a pedir-lhe que nos ajude a viver de fé. Assim, saberemos reconhecer Jesus presente nas nossas vidas; assim nos convenceremos de que não há impossíveis para quem trabalha por Ele.

«Jesus Cristo estabelece esta condição: que vivamos da fé, porque depois seremos capazes de remover montanhas. E há tantas coisas a remover... no mundo e, antes de mais, no nosso coração»<sup>[3]</sup>. Hoje podemos pedir a Nossa Senhora uma fé grande, que não se deixe vencer pelos

obstáculos. «Ajudai, ó Mãe, a nossa fé. Abri o nosso ouvido à Palavra, para reconhecermos a voz de Deus e a sua chamada. Despertai em nós o desejo de seguir os seus passos, saindo da nossa terra e acolhendo a sua promessa»<sup>[4]</sup>.

---

AO ESCUTAR as palavras da sua prima, Maria não lhe responde diretamente, mas entoia um cântico de louvor a Deus: o *Magnificat*. A Virgem vê-se a si própria a partir dos olhos de Deus, sente-se olhada e amada pelo Senhor, e compreende com imenso agradecimento que Ele a escolheu por pura graça. Ao reconhecer-se assim na luz divina, exulta de alegria, com esse gozo que vemos muito presente em toda a liturgia da festa de hoje.

O cântico humilde e exultante de alegria de Nossa Senhora recorda-nos a generosidade, a proximidade e ternura de Deus para com os homens. Também o profeta Sofonias faz eco deste cuidado paternal: «O Senhor teu Deus está no meio de ti, como poderoso salvador! Ele exulta de alegria por tua causa» (Sf 3, 17). «Deus interessa-Se pelas mais pequenas coisas das suas criaturas – pelas vossas e pelas minhas – e chama-nos, um a um, pelo nosso próprio nome. Esta certeza que a Fé nos dá faz-nos olhar o que nos cerca a uma luz nova e, permanecendo tudo igual, leva-nos a ver que tudo é diferente, porque tudo é expressão do amor de Deus»<sup>[5]</sup>.

Ter esta atitude levar-nos-á a viver em contínua ação de graças por tudo o que recebemos dele. Valorizaremos as coisas boas que temos como dons de Deus. E, entretanto, aquelas coisas que gostaríamos de mudar levar-nos-ão a ser humildes e a confiar na graça divina, que acompanha e sustenta sempre os nossos esforços pessoais. Deste modo, poderemos dizer com Maria: «A minha alma glorifica o Senhor (...) porque pôs os olhos na humildade da sua serva» (Lc 1, 46).

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 145.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 281.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 203.

[4] Francisco, *Lumen fidei*, n. 60.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 144.

## Santa Maria, Mãe da Igreja

*Reflexão para meditar na segunda-feira depois do Pentecostes, Memória litúrgica de Santa Maria, Mãe da Igreja. Os temas propostos são: presença materna da Virgem Maria na Igreja; Mãe no Calvário; a Igreja, como Maria, a todos conduz a Cristo.*

### Sumário

- Presença materna da Virgem Maria na Igreja.
- Mãe no Calvário.
- A Igreja, como Maria, a todos conduz a Cristo.

---

DEPOIS da Ascensão de Jesus, os Atos mostram-nos os apóstolos reunidos no Cenáculo. «Entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus» (At 1, 14). A Tradição considerou nesta cena a maternidade que a Virgem Maria exerce sobre toda a Igreja. É a pessoa que une dois momentos-chave na história da salvação: a encarnação do Verbo e o nascimento da Igreja. «Aquele que está presente no mistério de Cristo como Mãe, torna-se (...) presente no mistério da Igreja. E também na Igreja continua a ser uma presença materna»<sup>[1]</sup>.

Uma mãe empenha-se pelo seu filho desde o seio materno. É sua a responsabilidade de levar avante esse dom que Deus lhe concedeu. Quando nasce, é evidente que a criança continua a necessitar da sua proteção, e à medida que vai crescendo, ajuda-a a evoluir na vida. O Evangelho mostra-nos alguns traços desse cuidado da Virgem com Jesus. E nos Atos observamos essa mesma atitude para com a Igreja nascente, velando pelos apóstolos e pelos primeiros cristãos. Era tempo de *gestação*, entre perseguições e dificuldades, em que necessitavam especialmente da sua ajuda. É Ela «a protagonista, humilde e discreta, dos primeiros passos da Comunidade cristã: Maria é o seu coração espiritual, porque a sua própria presença no meio dos discípulos constitui a memória viva do Senhor Jesus e o penhor do dom do seu Espírito»<sup>[2]</sup>.

Também hoje Nossa Senhora se continua a empenhar por cada um dos seus filhos que formam a Igreja. Sentir-nos parte de um povo que tem uma mesma Mãe ajudar-nos-á a unir-nos a cada um dos fiéis que o formam, tal como os primeiros cristãos. «Pede a Deus que na Santa Igreja, nossa Mãe, – dizia S. Josemaria – os corações de todos, como na primitiva cristandade, sejam um só coração, para que até ao fim dos séculos se cumpram de verdade as palavras da Escritura: "*multitudinis autem credentium erat cor unum et anima una*", a multidão dos fiéis tinha um só coração e uma só alma»<sup>[3]</sup>.

---

QUANDO o Senhor se dirigiu a S. João do alto da cruz, ofereceu-lhe algo de que não tinha querido privar-se até ao último momento: o carinho da sua mãe. Jesus não quis prescindir da sua ajuda nos momentos mais difíceis da sua vida. Era Deus, mas necessitava do seu apoio e proximidade para nos salvar. E quando já tudo estava cumprido, entregou-nos tudo o que lhe restava, pronunciando aquelas palavras: «Mulher, eis o teu filho. (...) Eis a tua Mãe» (Jo 19, 26-27). A Virgem ajuda-nos a perseverar quando o caminho se torna mais íngreme. O claro-escuro da fé não foi poupado à nossa Mãe. Ninguém como Ela nos consegue acompanhar nesses momentos, para que se tornem um tempo de crescimento e de maturidade. «Podemos perguntar-nos: deixamo-nos iluminar pela fé de Maria, que é a nossa Mãe? Ou pensamos que é distante, muito diferente de nós? Em tempos de dificuldade, de provação, de trevas, vemo-la como um modelo de confiança em Deus, que quer sempre e unicamente o nosso bem?»<sup>[4]</sup>.

Com essas palavras Jesus convida todos os cristãos a acolher Maria nas suas vidas. Quer que nos aproximemos d'Ela com confiança. «Com o seu poder diante de Deus, conseguirá o que lhe pedirmos; como Mãe, quer conceder-no-lo. E, também como Mãe, entende e compreende as nossas fraquezas, anima-nos, desculpa-nos, facilita o caminho, tem sempre o remédio preparado, mesmo quando parece que já nada é possível»<sup>[5]</sup>.

---

LOGO QUE Maria soube que a sua prima esperava um filho, «dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel» (Lc 1, 39-40). Para além da ajuda material que

lhe pôde prestar nesses dias, levou-lho sobretudo Jesus e, com Ele, a alegria plena. Tanto Isabel como Zacarias, já estariam contentes com aquela gravidez que parecia impossível. Mas é Maria que lhes torna presente o completo gozo que nasce do encontro com Jesus e com o Espírito Santo.

«Nossa Senhora quer trazer também a nós, a todos nós, a dádiva grandiosa que é Jesus; e com Ele traz-nos o seu amor, a sua paz e a sua alegria. Assim a Igreja é como Maria (...) é enviada a levar a todos Cristo e o seu Evangelho»<sup>[6]</sup>. É este o centro da vida da Igreja e de cada um dos cristãos: levar o amor de Jesus a todas as almas como fez a Virgem com Isabel. A Igreja recorda que a verdadeira felicidade não depende do êxito, da riqueza ou do prazer, mas de acolher Cristo: só Ele pode proporcionar a alegria mais profunda.

Através do esforço por nos identificarmos com a Virgem, Jesus poderá nascer, pela graça, na alma das pessoas que nos rodeiam. «Se imitarmos Maria – dizia o fundador do Opus Dei –, participaremos de algum modo na sua maternidade espiritual: em silêncio, como Nossa Senhora, sem que se note, quase sem palavras, com o testemunho íntegro e coerente de uma conduta cristã, com a generosidade de repetir sem cessar um *fiat* que se renova como algo íntimo entre Deus e nós»<sup>[7]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. João Paulo II, *Redemptoris Mater*, n. 24.

[2] Bento XVI, *Regina cæli*, 9-V-2010.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 632.

[4] Francisco, Audiência, 23-X-2013.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 292.

[6] Francisco, Audiência, 23-X-2013.

[7] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 281.

## 11 de junho, São Barnabé

*Reflexão para meditar no dia 11 de junho, Memória Litúrgica de S. Barnabé, Apóstolo. Os temas propostos são: colaborador de S. Paulo; uma vida intensa e fecunda; diversidade entre os primeiros cristãos.*

### Sumário

- Colaborador de S. Paulo.
- Uma vida intensa e fecunda.
- Diversidade entre os primeiros cristãos.

---

AO LER os Atos dos Apóstolos, chama a atenção o elevado número de colaboradores a acompanhar S. Paulo ao longo da sua vida. O apóstolo das gentes soube apoiar-se noutros, esteve aberto a trabalhar com os demais, sem ser ele a fazer tudo sozinho. «Paulo não age "sozinho", como indivíduo, mas juntamente com estes colaboradores no "nós" da Igreja. Este "eu" de Paulo não é um "eu" isolado, mas um "eu" no "nós" da Igreja, no "nós" da fé apostólica»<sup>[1]</sup>.

Entre os acompanhantes mais próximos, desempenhando um papel especialmente importante, sobressai a figura de S. Barnabé. Trata-se de um judeu da tribo de Levi, oriundo de Chipre. Foi um dos primeiros que abraçaram a fé em Jerusalém, depois da ressurreição de Jesus. Para aliviar as necessidades dos mais carecidos, vendeu um campo e entregou o dinheiro aos apóstolos (cf. At 4, 37). Esta manifestação de generosidade não foi um ato isolado, mas algo constante, que se verificou em toda a sua vida.

Quando chegaram notícias a Jerusalém do bom acolhimento que teve o Evangelho em Antioquia da Síria, os apóstolos enviaram Barnabé. «Quando este chegou e viu a ação da graça de Deus, encheu-se de alegria e exortou a todos a que se conservassem fiéis ao Senhor, de coração sincero» (At 11, 23). Mais tarde, saiu para Tarso à procura de Saulo; encontrou-o e foi com

ele para Antioquia. «Enviados pelo Espírito Santo» (At 13, 4) trabalharam juntos na evangelização dessa cidade importante durante um ano inteiro, e foi ali que pela primeira vez os discípulos foram chamados «cristãos». Posteriormente, acompanhou S. Paulo na sua primeira viagem missionária, percorrendo as regiões de Chipre e da Ásia menor, na Turquia atual (cf. At 13-14). Sofreram, «com grande coragem» (At 13, 46), muitas dificuldades pelo Senhor. Contudo, graças a S. Barnabé, «a palavra do Senhor propagava-se por toda a região» (At 13, 49).

---

BARNABÉ é descrito como «homem bom e cheio do Espírito Santo e de fé» (At 11, 24). Na sua vida, desde as primeiras experiências apostólicas até à morte, foi testemunha incansável do Evangelho. O seu afã apostólico surgia do mandato de Cristo que escutamos no dia da sua festa: «Ide e proclamai que está próximo o reino dos Céus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, sarai os leprosos, expulsai os demónios (...). Não adquirais ouro, prata ou cobre, para guardardes nas vossas bolsas; nem alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado; porque o trabalhador merece o seu sustento» (Mt 10, 7-10).

A vida de Barnabé esteve repleta de uma intensa atividade porque nesta missão encontrou o sentido da sua vida. Trabalhou pelo Evangelho com generosidade total, como o Senhor tinha pedido aos seus discípulos: «Recebestes de graça, dai de graça» (Mt 10, 8). Como contam os Atos dos Apóstolos, Deus abençoava os seus passos com abundantes frutos: assim, por exemplo, depois da sua pregação em Antioquia, «una grande multidão aderiu ao Senhor» (At 13, 42). A confiança em Deus sustentava todo o seu trabalho. Na sua festa, a liturgia traz-nos ao ouvido uma súplica a Deus para que nos conceda «que o Evangelho de Cristo,

de que ele [Barnabé] foi apóstolo corajoso, continue a ser anunciado fielmente em palavras e obras» (Oração coletiva).

S. Josemaria escreve: «Eu te vou dizer quais são os tesouros do homem na Terra, para que os não desperdices: fome, sede, calor, frio, dor, desonra, pobreza, solidão, traição, calúnia, cárcere»<sup>[2]</sup>. Na aventura de Paulo e Barnabé foram muito frequentes estes *tesouros*. «Embora esta missão nos

exija uma entrega generosa, seria um erro considerá-la como uma heroica tarefa pessoal. (...) Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito (...) Esta convicção permite-nos manter a alegria no meio duma tarefa tão exigente e desafiadora que ocupa inteiramente a nossa vida. Pede-nos tudo, mas ao mesmo tempo dá-nos tudo»<sup>[3]</sup>.

---

PAULO E BARNABÉ tiveram no início da segunda viagem missionária um desacordo, por causa de Marcos, um jovem cristão. Barnabé queria levá-lo consigo, mas Paulo negava-se, porque Marcos os tinha abandonado durante a viagem anterior (cf. At 13,13; 15, 36-40). A partir desta diferença, os seus caminhos separaram-se. Barnabé, com Marcos, dirigiu-se para Chipre (cf. At 15, 39), enquanto que Paulo seguiu viagem sem eles.

Efetivamente, entre os santos também pode haver desacordos. É normal que uns tenham opiniões ou sensibilidades diferentes de outros. «Os santos não "caíram do céu". São homens como nós, com problemas também complicados. A santidade não consiste em nunca ter errado ou pecado. A santidade cresce na capacidade de conversão, de arrependimento, de disponibilidade para recomeçar, e sobretudo na capacidade de reconciliação e de perdão (...) Portanto, não é o facto de nunca ter errado que nos torna santos, mas a capacidade de reconciliação e de perdão»<sup>[4]</sup>.

O ambiente dos primeiros cristãos, em que viveu Barnabé, pode ser um modelo para nós, pela sua clara convicção de que o Evangelho ilumina vidas muito diversas entre si. Compreende-se que S. Josemaria tenha tido o olhar posto nestas primeiras comunidades. Por isso, «a diversidade que existe e existirá sempre entre los membros do Opus Dei é (...) uma manifestação de bom espírito, de vida honesta, de respeito pelas opiniões legítimas de cada um»<sup>[5]</sup>. Podemos pedir a Deus, por intercessão de Santa Maria, o fervor apostólico de S. Barnabé e a graça de vivificar ambientes cristãos como fizeram aqueles primeiros discípulos.

Todos nós, cristãos, servimos o Evangelho contando com os dons que Deus nos concedeu e segundo a nossa vocação pessoal. Para sermos sempre

fiéis contamos com o auxílio da nossa Mãe do Céu, Rainha dos Apóstolos. Pedimos-Lhe que não nos abandone nunca.

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, Audiência, 31/01/2007.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 194.

[3] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 12.

[4] Bento XVI, Audiência, 31/01/2007.

[5] S. Josemaria, *Entrevistas a São Josemaria*, n. 38.

## Santíssima Trindade

*Reflexão para meditar no domingo depois do Pentecostes, Solenidade da Santíssima Trindade. Os temas propostos são: a Trindade está na nossa alma; Amor do Pai, do Filho e do Espírito; o Espírito Santo leva-nos a Cristo e ao Pai.*

### Sumário

- A Trindade está na nossa alma.
- Amor do Pai, do Filho e do Espírito.
- O Espírito Santo leva-nos a Cristo e ao Pai.

---

A SOLENIDADE da Santíssima Trindade recapitula tudo o que nos foi revelado durante a Páscoa: a morte e a ressurreição do Senhor, a Sua ascensão à direita do Pai e a efusão do Espírito Santo no Pentecostes. Nesta festa, a liturgia começa por louvar e adorar a Santíssima Trindade, que nos foi revelada em Jesus Cristo: «Bendito seja Deus Pai e o Filho unigénito de Deus e o Espírito Santo, porque teve misericórdia de nós» (Antífona de Entrada). A Trindade não é apenas um mistério sobre a identidade de Deus. É, de maneira especial, o mistério do seu amor misericordioso para com o mundo e cada um de nós.

«Eu te batizo – disse um sacerdote, enquanto derramava a água, por três vezes, sobre a nossa cabeça – em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo». E Sto. Hilário comenta: «O Senhor mandou batizar (...) na profissão de fé no Criador, no Filho único e n’Aquele que é chamado o Dom. Um só é o Criador de tudo, porque um só é Deus Pai, de quem procede tudo. Um é o Filho único, nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tudo foi feito. E um é o Espírito, que a todos nos foi dado»<sup>[1]</sup>.

A Trindade introduziu-nos na intimidade divina na qualidade de filhos. A água do batismo deu-nos a capacidade de nos relacionarmos com as três Pessoas. Mais ainda: fomos criados para esta relação de amor; para dar

glória ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo. «Já me ouvistes dizer muitas vezes – pregava S. Josemaria – que Deus está no centro da nossa alma em graça; e que, portanto, todos nós temos uma ligação direta com Deus nosso Senhor. Que valem todas as comparações humanas, ante essa realidade divina e maravilhosa? Do outro lado do fio está, à nossa espera, (...) toda a Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, porque onde está uma das Pessoas divinas, aí se encontram as outras duas. Nunca estamos sós»<sup>[2]</sup>.

---

SEMPRE QUE nos benzemos, recordamos o *nome* de Deus, no qual fomos batizados. A celebração eucarística começa e acaba com o sinal da cruz. Acontece geralmente o mesmo quando começamos ou acabamos de rezar. Há pessoas que têm o hábito de fazer o sinal da cruz ao entrar ou sair de casa, e em muitos outros momentos de oração. «Portanto, no sinal da cruz e no nome do Deus vivo está contido o anúncio que gera a fé e inspira a oração»<sup>[3]</sup>.

S. Paulo recorda-nos que caminhamos para Deus, por meio de Cristo, no amor de Deus, que foi «derramado em nossos corações pelo Espírito que nos foi dado» (Rm 5, 5). Esta é a «esperança que não engana». Na plenitude dos tempos, Deus quis revelar-nos a Sua intimidade divina, para nos tornar filhos de Deus Pai, pela Redenção de Deus Filho, em virtude da graça de Deus Espírito Santo. O Seu amor continua a realizar a obra da nossa salvação e santificação. Sta. Teresa de Calcutá encontrou uma vez uma senhora idosa na rua, cheia de feridas e começou a cuidar dela. A certa altura, essa mulher perguntou: "Porque estás a fazer isto? As pessoas não fazem coisas destas. Quem te ensinou?" Sta. Teresa respondeu simplesmente: "O meu Deus ensinou-me". A velhinha perguntou: "Quem é esse Deus?" E Teresa de Calcutá respondeu, com simplicidade: "Tu conheces o meu Deus. O meu Deus chama-se amor".

Deus é Amor, «não na singularidade de uma só Pessoa, mas na Trindade de uma só natureza» (Prefácio). «Não é um amor sentimental, emotivo, mas o amor do Pai que está na origem de qualquer vida, o amor do Filho que morre na cruz e ressuscita, o amor do Espírito que renova o homem e o mundo»<sup>[4]</sup>. Deus não é um ser solitário, que vive distante e indiferente ao

destino do ser humano; é uma família, uma fonte inesgotável de vida que Se entrega.

---

NO DISCURSO da Última Ceia, Jesus anuncia e promete o envio do Espírito Santo: Ele será consolo e força para os Seus discípulos. O Senhor chama-lhe «Espírito da verdade», porque «Ele vos guiará para a verdade plena; porque não falará de Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que está para vir» (Jo 16, 13). O Espírito Santo não acrescenta nada de novo ao Messias; «receberá do que é meu e vo-lo anunciará», diz Jesus (Jo 16, 14). E assim como Cristo diz apenas aquilo que ouve e recebe do Pai, «assim o Espírito Santo é intérprete de Cristo. Não nos conduz a outros lugares, distantes de Cristo, mas conduz-nos cada vez mais para dentro da luz de Cristo»<sup>[5]</sup>.

Com palavras de S. Gregório Nazianzeno, «o Antigo Testamento manifestou claramente o Pai, obscuramente o Filho. O Novo Testamento revelou o Filho e insinuou a divindade do Espírito. Hoje o Espírito vive entre nós, e faz-se ver com clareza»<sup>[6]</sup>. O Paráclito «ensina agora aos fiéis todas as coisas espirituais de que cada um é capaz, mas também acende nos seus corações um desejo mais vivo de crescer naquela caridade que os faz amar o conhecido e desejar o que não conhecem»<sup>[7]</sup>.

«Com a ação do Espírito Santo, irradiou uma luz nova sobre a Terra, em cada coração humano que o acolhe, uma luz que revela os ângulos obscuros, as dificuldades que nos impedem de dar os bons frutos da caridade e da misericórdia»<sup>[8]</sup>. Do mesmo modo que quando um frasco de perfume se quebra, o seu aroma espalha-se por toda a parte, assim, ao *quebrar-se* o Corpo de Cristo na Cruz, o Seu Espírito derramou-se no coração de todos<sup>[9]</sup>. Podemos pedir a Maria, filha, mãe e esposa de Deus, que nos ensine a entrar na comunhão trinitária, para viver e dar testemunho do Amor que dá sentido à nossa vida.

---

## NOTAS

- [1] Sto. Hilário, *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, livro 2, 1, 33. 35 (PL 10, 50-51. 73-75). Liturgia das Horas, Sexta-feira VII de Páscoa (Par).
- [2] S. Josemaria, Notas da pregação, 08/12/1972.
- [3] Bento XVI, Angelus, 30/05/2010.
- [4] Francisco, Angelus, 26/06/2013.
- [5] Bento XVI, Homilia 07/05/2005.
- [6] S. Gregório Nazianzeno, *Discurso* 31, 25-27 (PG 36, 159).
- [7] Sto. Agostinho, Tratado 97, 1 (*Sobre o Evangelho de S. João*).
- [8] Francisco, Angelus, 11/06/2017.
- [9] cf. Sto. Hipólito, *Comentário sobre o Cântico dos Cânticos*, 13, 1.

## Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo

*Reflexão para meditar na quinta-feira depois da Santíssima Trindade, Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo. Os temas propostos são: Cristo entrega-se totalmente aos homens; banquete, sacrifício e comunhão; Jesus hoje sai às nossas ruas.*

### Sumário

- Cristo entrega-se totalmente aos homens.
- Banquete, sacrifício e comunhão.
- Jesus hoje sai às nossas ruas.

---

CONCLUEM-SE as solenidades que acompanham o final da Páscoa: depois da Ascensão de Jesus ao céu, celebrámos a vinda do Espírito Santo e, depois, a glória da Santíssima Trindade. Hoje o fervor dos cristãos não se pode conter e eleva-se com júbilo em ação de graças pela presença real de Cristo, do seu Corpo e do seu Sangue gloriosos, no pão e no vinho do altar. Desde o século XIII que celebramos esta festa como uma expressão da fé eucarística da Igreja: «Louva o teu pastor e guia, com teus hinos, tua voz. / Quanto possas tanto ouses, / em louvá-l’O não repouses: / sempre excede o teu louvor. – tinha escrito S. Tomás de Aquino na sequência *Lauda Sion* – / Hoje a Igreja te convida: / O pão vivo de vida que dá vida, / Vem com ela celebrar. / Este pão – que o mundo creia – / por Jesus na santa Ceia / Foi entregue aos que escolheu». E continua cantando: «Seja o louvor pleno, retumbante, / que ele seja alegre, belo e cheio de brilhante / júbilo da alma. Porque celebramos o dia solene / que nos recorda a instituição deste banquete»<sup>[1]</sup>.

Nestas espécies sagradas – o pão e o vinho – manifesta-se como Deus, na sua onipotência, se entrega para sempre e plenamente aos homens. A sua Páscoa – o mistério da sua paixão, morte e ressurreição – não terminou, mas «participa da eternidade divina e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente»<sup>[2]</sup>. O Senhor recorre a esses dons simples, o

trigo e a videira, para que neles possamos venerar o próprio Cristo. S. Josemaria explicava a Eucaristia como um milagre de amor que dura para sempre: «Este é verdadeiramente o pão dos filhos; o Primogénito do Pai Eterno, oferece-Se-nos como alimento. E o mesmo Jesus Cristo, que aqui nos robustece, espera-nos no Céu como comensais, co-herdeiros e sócios, porque os que se alimentam de Cristo morrerão com a morte terrena e temporal, mas viverão eternamente, porque Cristo é a vida que não termina»<sup>[3]</sup>.

---

«DAI-LHES VÓS de comer» (Lc 9, 13), tinha dito Jesus aos seus discípulos ao ver famintos aqueles que o seguiam. Só têm cinco pães e dois peixes e, no entanto, «todos comeram e ficaram saciados; e, do que lhes tinha sobrado, ainda recolheram doze cestos» (Lc 9, 17). Este milagre é uma imagem da superabundância que representa a Eucaristia na nossa vida e também nos mostra uma missão dos apóstolos: ser administradores daquela graça. Jesus «confia à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição, sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo»<sup>[4]</sup>.

S. Paulo, por seu lado, recorda aquela tradição que ele próprio tinha recebido e que procede de Cristo: «O Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue, tomou o pão e, dando graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu Corpo, entregue por vós”» (1Cor 11, 23-24). Nestas palavras ressoam os antigos símbolos do sacrifício do Cordeiro pelo qual eram perdoados os pecados e o maná com que Deus alimentou o povo de Israel na sua peregrinação pelo deserto. Apesar de se tratar de um sacrifício, celebra-se em ação de graças devido aos frutos que se obtêm dele.

No entanto, o primeiro anúncio que tinha feito o Senhor deste milagre não teve bom acolhimento. «Eu sou o pão vivo descido do Céu. Quem comer deste pão viverá eternamente» (Jo 6, 51), tinha dito naquela ocasião. O seu discurso constituiu um escândalo para muitos e também hoje pode ser motivo de surpresa. «A Eucaristia e a cruz são pedras de tropeço. É o mesmo mistério e não cessa de ser ocasião de divisão. “Também vos quereis ir embora?” (Jo 6, 67): esta pergunta do Senhor ecoa através dos tempos, como convite do seu amor a descobrir que só Ele tem “palavras de

vida eterna” (Jo 6, 68) e que acolher na fé o dom da sua Eucaristia é acolhê-lo a Ele próprio»<sup>[5]</sup>.

Finalmente o Senhor, na Eucaristia, reúne-nos a todos no seu corpo e por isso a comunhão fortalece-nos com os nossos irmãos. «O dom de Cristo e do seu Espírito, que recebemos na comunhão eucarística, realiza plena e sobre abundantemente os anseios de unidade fraterna que vivem no coração humano e ao mesmo tempo, eleva esta experiência de fraternidade, que é a participação comum na mesma mesa eucarística, a níveis que estão muito acima da mera experiência dum banquete humano»<sup>[6]</sup>.

---

EM NUMEROSAS ocasiões, Jesus, o filho de Maria, vai ao encontro dos homens. No Evangelho vemos, por exemplo, como o Senhor se encontra com a Samaritana no poço de Sicar, como se encontra com Zaqueu quando entrava em Jericó, ou o mesmo com Bartimeu, que logo ouve que Jesus está a passar por ali. De modo semelhante, em muitos lugares, hoje Jesus percorrerá as nossas ruas: vem ao nosso encontro como o fez quando habitou nesta nossa terra.

Trata-se de uma ocasião festiva para O adorar com a beleza da música e os cânticos, com a cor preciosa das flores, com o aroma do incenso, as luzes e as bonitas formas da arte. Todo o amor e a devoção com que se preparam as procissões parecem-nos insuficientes para manifestar a gratidão que devemos ao nosso Deus. Mas, além destes gestos, talvez a forma melhor de honrar o Senhor seja deixar que o próprio Cristo viva cada vez mais intensamente em nós: «Se fomos renovados com a receção do Corpo do Senhor, temos de o manifestar com obras – escreve S. Josemaria –. Que os nossos pensamentos sejam sinceros: de paz, de entrega, de serviço. Que as nossas palavras sejam verdadeiras, claras, oportunas; que saibam consolar e ajudar, que saibam, sobretudo, levar a outros a luz de Deus. Que as nossas ações sejam coerentes, eficazes, acertadas: que tenham esse *bonus odor Christi*, o bom odor de Cristo, por recordarem o seu modo de Se comportar e de viver»<sup>[7]</sup>.

«Bom Pastor, pão verdadeiro / de nós tende piedade. / Sustentai-nos, defendei-nos, / fazei-nos na terra dos vivos / contemplar o Bem supremo, na

Terra dos que já vivem!»<sup>[8]</sup>. Na Eucaristia saboreamos um pouco do céu já nesta terra; por isso incentiva-nos a saudar Santa Maria, de quem Cristo se fez carne: «*Ave verum corpus, natum de Maria Virgine*. Salve, verdadeiro Corpo, nascido da Virgem Maria»<sup>[9]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. Tomás de Aquino, *Lauda Sion*, Sequência.

[2] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1085.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 152.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1323.

[5] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1336.

[6] S. João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, n. 24.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 156.

[8] S. Tomás de Aquino, *Lauda Sion*, Sequência.

[9] Início do Hino *Ave Verum*.

## 22 de junho, São Tomás Moro

*Reflexão para meditar no dia 22 de junho, Memória Litúrgica de S. Tomás Moro, mártir. Os temas propostos são: bom marido e pai de família; levar a luz do Evangelho a toda a parte; heroísmo construído no dia a dia.*

### Sumário

- Bom marido e pai de família.
- Levar a luz do Evangelho a toda a parte.
- Heroísmo construído no dia a dia.

---

S. TOMÁS MORO nasceu em 1478 e morreu mártir em 1535. Foi professor de Direito e advogado de prestígio. Ocupou vários cargos públicos e, em 1529, foi nomeado “*Lord Chancellor*” do reino britânico. Conciliou esta carreira jurídica e política com o estudo das disciplinas humanistas, a ponto de ser considerado um dos homens mais eruditos do Renascimento. Escreveu muitas páginas num latim magnífico e outras tantas numa elegante prosa em inglês. Erasmo de Roterdão, outro dos humanistas mais célebres da época, tinha uma enorme admiração por ele: «A não ser que a grande amizade que tenho por ele me engane – escreveu –, não creio que a natureza tenha alguma vez formado um carácter mais hábil, mais talentoso, mais prudente, mais elegante (...). É o mais doce dos amigos, com quem gosto de misturar a seriedade e o humor com satisfação»<sup>[1]</sup>.

Tanto nos tribunais como na corte, não faltaram a Tomás Moro ocupações intensas e absorventes. No entanto, consciente da possibilidade de que as suas obrigações profissionais o tornassem um estranho na sua própria casa, foi sempre muito claro para ele que o mais importante era ser bom marido e bom pai. Assim o manifestava por carta à sua filha mais velha, durante uma viagem que o manteve longe de casa por algum tempo: «Garanto-te que, antes que os meus filhos e família se perdessem, por

descuido meu, seria capaz de gastar toda a minha fortuna e dizer adeus aos meus negócios e ocupações, para me dedicar inteiramente a vós»<sup>[2]</sup>.

Realmente, fez o seu melhor para garantir que a sua casa fosse simultaneamente um foco de felicidade e uma pequena *escola familiar*, tanto o próprio Tomás como professores bem preparados ensinavam disciplinas humanísticas e científicas, além de doutrina cristã, às cinco raparigas e ao rapaz que ali viviam. Contudo, numa carta a um dos preceptores, expõe a ordem de importância na educação: «O essencial deve ser para eles uma vida virtuosa. O estudo deve ocupar apenas o segundo lugar, por isso devem estudar as disciplinas que os levem a serem fiéis a Deus, a amar o próximo, a serem modestos e a ter humildade cristã quanto a si mesmos. Assim terão a graça de levar uma vida de boa reputação. Assim, não se assustarão com o pensamento da morte, pois os seus corações viverão cheios da verdadeira alegria»<sup>[3]</sup>.

---

S. JOSEMARIA teve devoção a S. Tomás Moro. Em 1954, nomeou-o intercessor do Opus Dei para as relações com as autoridades civis. Durante as suas estadas na Grã-Bretanha, entre 1958 e 1962, foi com frequência rezar junto dos seus restos mortais, em Cantuária. E animou um dos seus filhos a escrever uma biografia sobre este santo inglês, que lhe parecia um excelente exemplo de santidade laical, conseguida, com a graça de Deus, no meio do mundo e no meio das encruzilhadas das mudanças culturais do seu tempo<sup>[4]</sup>. Porque são os fiéis leigos, os cristãos comuns, que são chamados a iluminar com a luz do Evangelho todos os espaços: a família, o ambiente em que trabalham, todas as áreas da sociedade civil e da cultura. «Pertence-lhes, em particular, dar testemunho de como a fé cristã (...) é a única resposta plenamente válida para os problemas e as esperanças que a vida põe a cada pessoa e a cada sociedade. Isto será possível, se os fiéis leigos souberem ultrapassar em si mesmos a rotura entre o Evangelho e a vida, refazendo na sua atividade quotidiana – em família, no trabalho e na sociedade – a unidade de uma vida que no Evangelho encontra inspiração e força para se realizar em plenitude»<sup>[5]</sup>.

S. Tomas Moro foi exemplar tanto no seu serviço à sociedade civil, como no seu contributo para alimentar a cultura do seu tempo. Também

nós, os cristãos de hoje, trabalhamos para transformar o mundo, convencidos de que nos pertence, porque é a nossa casa, a nossa tarefa e a nossa pátria. «Sabendo que somos filhos de Deus, convocados por Ele, não nos podemos sentir estranhos na nossa própria casa, não podemos passar por esta vida como visitantes num lugar estranho, nem podemos caminhar pelas nossas ruas com o medo de quem pisa território desconhecido. O mundo é nosso porque é do nosso Pai Deus. Estamos chamados a amar este mundo e não outro, em que pensamos que nos sentiríamos mais à vontade. É preciso amar as pessoas concretas, que estão à nossa volta, e nos desafios concretos que temos pela frente»<sup>[6]</sup>.

---

TOMÁS MORO participava diariamente na Santa Missa. Aos domingos, cantava no coro da paróquia. Apesar da sua posição social, não ocupava um lugar de honra. Quando alguns nobres lhe fizeram notar que poderia desagradar ao rei o facto de o seu Chanceler do Reino não procurar ser tratado com maior deferência, ele respondeu, com grande subtileza: «Não é possível que eu desagrade ao rei, meu senhor, prestando homenagem pública ao Senhor do meu rei»<sup>[7]</sup>. Amava de todo o coração o seu país e o seu rei. Mas amava a Deus acima de tudo. Por isso, quando chegou o momento trágico em que teve de escolher entre a fidelidade a Cristo e a submissão a uma lei que ia contra a sua consciência, S. Tomás Moro não teve dúvidas e dispôs-se a abraçar a vontade divina sem reservas, mesmo sabendo que estavam em jogo a sua posição, os seus bens e até a própria vida.

Esta resposta heroica numa situação extraordinária tinha, na realidade, sido forjada ao longo de muitos anos de heroísmo na vida quotidiana. Por exemplo, S. Tomás nunca decidia nada de importante sem antes, nesse mesmo dia, ter recebido o Senhor na Sagrada Comunhão; recorria à oração, com fé e insistência, em todas as suas necessidades pessoais e familiares; vivia as festas litúrgicas com intensidade e recolhimento, era generoso e solícito com os amigos e interessava-se pelos pobres do seu bairro. Mas no que se referia a si próprio, era sóbrio e austero. Tudo isto lhe deu «a confiada fortaleza interior que o sustentou nas adversidades e perante a morte. A sua santidade resplandeceu no martírio, mas foi preparada por uma vida inteira de trabalho, ao serviço de Deus e do próximo»<sup>[8]</sup>.

Também nós somos chamados por Deus a viver a nossa posição de cristãos no meio das situações mais comuns. Por vezes, encontraremos dificuldades no ambiente, ou mesmo com leis que ofendem a dignidade humana. Será então para nós a altura de sermos fiéis à voz de Deus que ecoa no mais íntimo da nossa consciência<sup>[9]</sup>: «Precisamente por causa do testemunho que S. Tomás Moro deu – até ao derramamento do sangue – do primado da verdade sobre o poder, é que ele é venerado como exemplo imperecível de coerência moral. Mesmo fora da Igreja, sobretudo entre os que são chamados a guiar os destinos dos povos, a sua figura é vista como fonte de inspiração»<sup>[10]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Antonio Sicari, *Ritratti di santi*, vol. 1, p. 40.

[2] Andrés Vázquez de Prada, *Sir Tomás Moro*, p. 180-181.

[3] Mariano Fazio, *Contracorriente... hacia la libertad*, pp. 15-16.

[4] cf. A. Hegarty, *St. Thomas More as Intercessor of Opus Dei*, in *Studia et Documenta*, n. 8 (2014), pp. 91-124 (ver versão digital).

[5] S. João Paulo II, *Christifideles laici*, 30/12/1988, n. 34.

[6] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho*.

[7] Antonio Sicari, *Ritratti di santi*, vol. 1, p. 40.

[8] S. João Paulo II, *Carta Apostólica para a proclamação de S. Tomás Moro como padroeiro dos governantes e dos políticos*, 31/10/2000, n. 4.

[9] cf. *Gaudium et Spes*, n. 16.

[10] S. João Paulo II, *Carta Apostólica para a proclamação de S. Tomás Moro como patrono dos governantes e dos políticos*, 31/10/2000, n. 1.

## Sagrado Coração de Jesus

*Reflexão para meditar na segunda sexta-feira após o Corpo de Cristo, Solenidade do Sagrado Coração de Jesus. Os temas propostos são: o nosso valor é o sangue de Cristo; um coração que não deixa de nos procurar; fazer o caminho de regresso.*

### Sumário

- O nosso valor é o sangue de Cristo.
- Um coração que não deixa de nos procurar.
- Fazer o caminho de regresso.

---

«OS PENSAMENTOS do seu coração permanecem por todas as gerações, para libertar da morte as almas dos seus fiéis, para os alimentar no tempo da fome»<sup>[1]</sup>. A Igreja propõe-nos estas palavras do salmista para introduzir-nos no mistério do Sagrado Coração de Jesus e do seu amor por nós. Recordam-nos que o coração de Deus alberga projetos que abraçam a história pessoal de cada ser humano; que são projetos de liberdade e de vida. «Não somos o produto casual e sem sentido da evolução. Cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário»<sup>[2]</sup>.

Podemos contemplar Jesus na cruz, que deixou trespassar o seu coração para dar mais uma prova de que nos ama incondicionalmente. Sto. Ambrósio refere que «do mesmo modo que Eva foi formada da costela de Adão adormecido, assim a Igreja nasceu do coração trespassado de Cristo, morto na cruz»<sup>[3]</sup>. Podemos dizer, de certo modo, que a nossa origem está no coração chagado de Jesus. A nossa vida de cristãos surge desse lado que é como uma fonte a que podemos regressar uma e outra vez, para recuperar forças para o nosso caminho.

«Cristo na Cruz, com o coração trespassado de Amor pelos homens, é uma resposta eloquente – as palavras não são suficientes – à pergunta sobre

o valor das coisas e das pessoas. Valem tanto os homens, a sua vida, a sua felicidade, que o próprio Filho de Deus se entrega para os remir, para os purificar, para os elevar!»<sup>[4]</sup>. Ao celebrar o Sagrado Coração de Jesus damos conta de que, mesmo com sofrimentos e derrotas, há alguém para quem somos insubstituíveis. Por isso, é na oração, esse diálogo de coração a coração com Cristo, que podemos sempre recuperar a alegria e a confiança.

---

POR VEZES, a nossa paz pode ver-se ameaçada quando descobrimos a presença do pecado na nossa vida; talvez naqueles momentos em que caímos na tentação e nos complicamos nos nossos próprios vícios. Na verdade, odiamos o pecado que nos afasta de Deus, que nos magoa a nós próprios e aos outros, mas parece que não encontramos forma de sair dali. Nesses momentos, a nossa vontade está como que letárgica e talvez tenhamos a sensação de ficar paralisados na vida espiritual. Se sentimos que o nosso coração não reage, lembremo-nos que o coração de Jesus está sempre atento. «Quem de entre vós, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai à procura da perdida até a encontrar? Ao encontrá-la, põe-na aos seus ombros e alegra-se» (Lc 15, 4-5). Cristo é o Bom Pastor que nos procura continuamente, que se põe a caminho para nos encontrar e nos põe aos ombros. Saber que o seu coração não dorme, mesmo quando parece que o nosso está muito longe dele, encher-nos-á de confiança para recomeçar as nossas lutas diárias.

«O Coração do Bom Pastor diz-nos que o seu amor não tem limites, não se cansa nem se rende jamais. (...) O Coração do Bom Pastor está inclinado para nós, concentrado especialmente sobre quem está mais distante; para aí aponta obstinadamente a agulha da sua bússola, por essa pessoa revela um fraquinho particular de amor, porque deseja alcançar a todos e não perder ninguém»<sup>[5]</sup>. Os nossos pecados já não são um motivo para desanimarmos no nosso anseio de estar com Deus. O Senhor permite que experimentemos a debilidade que nos abre a possibilidade de ser humildes; ele conta com o nosso esforço para que, impulsionados pela sua graça, nos levantemos. Por vezes, «a história da salvação realiza-se, “na esperança para além do que se podia esperar” (Rm 4, 18), através das nossas fraquezas. Muitas vezes pensamos que Deus conta apenas com a nossa parte boa e vitoriosa,

quando, na verdade, a maior parte dos seus desígnios se cumpre através e apesar da nossa fraqueza»<sup>[6]</sup>.

---

NA CRUZ, Jesus deixa que a lança trespassse o seu lado «para que todos os homens, atraídos ao Coração aberto do Salvador, possam beber, com alegria, nas fontes da salvação»<sup>[7]</sup>. Contemplar Cristo desta forma ajudará a despertar o nosso ânimo e a fazer o caminho de regresso à amizade com Deus. «Procura abrigo nas chagas das suas mãos, dos seus pés, do seu lado – aconselha S. Josemaria –. E renovar-se-á a tua vontade de recomeçar, e retomarás o caminho com maior decisão e eficácia»<sup>[8]</sup>. Se queremos fugir à armadilha do desânimo, o melhor remédio é pensar menos nas nossas limitações e contemplar com calma a esse coração que se deixou trespassar pelos pecados de todos.

«Continuas a ter desacertos e faltas – dizia também o fundador do Opus Dei –, e doem-te! Ao mesmo tempo, caminhas com uma alegria que parece que te vai fazer explodir. Por isso, porque te doem – dor de amor –, os teus malogros já não te tiram a paz»<sup>[9]</sup>. Deus não quer que os nossos pecados nos encham de tristeza nem que sejam um peso para arrastar com fadiga. Para isso, deixou-nos a confissão, para que possamos recuperar a alegria sempre que dela necessitemos. A contrição, a dor pelas nossas próprias faltas, é própria de um coração enamorado; não é um sentimento que esconda um certo desânimo por não ter estado à altura do que os outros – ou nós mesmos – esperavam: é uma dor fruto do amor a um Deus que faz tudo por nós.

No coração de Cristo sempre teremos um lugar para onde regressar. Basta fazer-se pequeno e entrar no seu coração através da humildade. E se alguma vez nos custa regressar, contemos com a ajuda de Maria: Ela mostra-nos, com o seu olhar materno, qual é a rota para entrar no lado aberto do Seu Filho.

---

## NOTAS

[1] Missal Romano, Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, Antífona de entrada (cf. Sl 32, 11.19).

[2] Bento XVI, Homilia, 24/04/2005.

[3] cf. Sto. Ambrósio, *Expositio evangelii secundum Lucam*, 2, 85-89, citado no *Catecismo da Igreja Católica*, n. 766.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 165.

[5] Francisco, Homilia, 03/06/2016.

[6] Francisco, *Patris Corde*, n. 2.

[7] Missal Romano, Prefácio da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus.

[8] S. Josemaria, *Via Sacra*, XII estação, n. 2.

[9] S. Josemaria, *Sulco*, n. 861.

## 24 de junho, Nascimento de São João Batista

*Reflexão para meditar no dia 24 de junho, Solenidade do Nascimento de S. João Batista. Os temas propostos são: Deus escolhe cada um; preparar os caminhos de Jesus; humildade no apostolado.*

### Sumário

- Deus escolhe cada um.
- Preparar os caminhos de Jesus.
- Humildade no apostolado.

---

A IGREJA geralmente comemora os santos no dia da sua ida para o céu, que nos primeiros tempos do cristianismo, muitas vezes coincidia com o seu martírio. No entanto, o caso de S. João Batista é singular desde os primeiros séculos, pois também se celebrava o seu nascimento, que ocorreu seis meses antes do de Jesus. A Igreja compreendeu sempre, pela Escritura, que o Batista ficou cheio do Espírito Santo desde o seio materno (cf. Lc 1,15), quando Maria, já com o Senhor no seu ventre, visitou a sua prima Santa Isabel.

No Evangelho lemos sobre o nascimento e a imposição do nome de João Batista, e esses eventos convidam-nos a considerar o desígnio divino que os precede. «Antes de te formar no ventre materno, Eu te escolhi; antes que saíesses do seio de tua mãe, Eu te consagrei» (Is 49, 1). Estas palavras do profeta Isaías expressam uma das realidades mais profundas da existência humana: não surgimos nesta terra por acaso, nem somos apenas mais um exemplo anónimo e insignificante da nossa espécie. A nossa chegada à vida é, ao mesmo tempo, um chamamento de Deus, uma escolha que promete felicidade e missão. Ele nos criou como somos, com cada uma das nossas particularidades; pronunciou o nosso próprio nome pessoal, quis que fôssemos únicos e irrepetíveis. «Tu modelaste as entranhas do meu ser e formaste-me no seio de minha mãe. Dou-te graças por tão espantosas maravilhas; admiráveis são as tuas obras. (Sl 139, 13-14).

«Deus quer algo de ti, Deus está à tua espera. (...) Convida-te a sonhar, quer fazer-te ver que, contigo, o mundo pode ser diferente. É assim: se não deres o melhor de ti mesmo, o mundo não será diverso. É um desafio»<sup>[1]</sup>. S. Josemaria explicava que para receber a luz do Senhor e permitir que ela ilumine o sentido da nossa existência, «é preciso amar, ter a humildade de reconhecer a necessidade de sermos salvos e dizer com Pedro: “Senhor a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna” (...). Se deixarmos entrar no nosso coração o chamamento de Deus, também poderemos repetir com verdade que não caminhamos nas trevas, pois, por cima das nossas misérias e dos nossos defeitos pessoais, brilha a luz de Deus, como o Sol brilha por cima da tempestade»<sup>[2]</sup>.

---

«E TU, MENINO, serás chamado profeta do Altíssimo, porque irás à sua frente a preparar os seus caminhos» (Lc 1, 76). Estas palavras pronunciadas por Zacarias, que repetimos na aclamação antes do Evangelho, revelam a união inseparável que existe entre vocação e missão, entre vocação e envio. A grandeza da vocação de João, de facto, reside na importância irrepetível da sua missão. «O maior dos homens foi enviado para dar testemunho de Quem era mais do que um homem»<sup>[3]</sup>, diz Sto. Agostinho. E Orígenes acrescenta outro aspeto da vocação do Batista que se estende até aos nossos dias: «O mistério de João ainda se cumpre no mundo de hoje. Todo aquele que está destinado a crer em Jesus Cristo precisa que primeiro o espírito e o poder de João entrem na sua alma para “preparar um povo para o Senhor” (Lc 1, 17) e “aplanar e endireitar os caminhos tortuosos e escabrosos” (Lc 3, 5) das asperezas do coração. Não é só naquela época que “os caminhos foram aplanados e as veredas endireitadas”, mas ainda hoje o espírito e a força de João precedem a vinda do Senhor e Salvador»<sup>[4]</sup>.

Todo o cristão também é chamado a continuar a missão de João Batista, preparando as pessoas para o encontro com Cristo: «Que bonita é a conduta de João Batista! – diz S. Josemaria –. Que limpo, que nobre, que altruísta! Verdadeiramente ele preparou os caminhos do Senhor: os seus discípulos só conheciam Cristo de ouvir falar, e ele impele-os a dialogar com o Mestre; faz com que O vejam e que falem com Ele; dá-lhes a oportunidade de admirar os prodígios que realiza»<sup>[5]</sup>. A vida de S. João Batista foi sóbria e

penitente, de acordo com a mensagem de conversão que transmitia. A sua pregação foi uma proclamação destemida da verdade de Deus, da qual deu testemunho até à morte. Como ele, nós também somos chamados a levar Cristo aos lugares onde as nossas vidas se desenrolam. Para isso, como João e os seus discípulos, fixaremos os nossos olhos em Jesus para que, cheios da Sua vida, convidemos aqueles que estão ao nosso lado a fazê-lo.

---

QUANDO JOÃO estava prestes a concluir o curso da sua vida, dizia: «Eu não sou quem julgais; mas vem, depois de mim, alguém cujas sandálias não sou digno de desatar» (At 13, 25). S. João Batista é um exemplo de humildade e de reta intenção. Nunca procurou brilhar com luz própria, fazer propaganda de si mesmo, aproveitar a sua vocação para ganhar destaque ou outras vantagens pessoais. «Um homem não pode tomar nada como próprio, se isso não lhe for dado do Céu» (Jo 3, 27), explicou a vários dos seus discípulos, quando se preocuparam ao ver que os seus seguidores estavam a começar a diminuir. «Pois esta é a minha alegria! E tornou-se completa! Ele é que deve crescer, e eu diminuir» (Jo 3, 29-30), continuava. O apostolado e a conversão dos corações são tarefa de Deus, da qual somos humildes colaboradores. Ele é o dono do fruto e dos tempos. Nas palavras de Sto. Agostinho, João sempre teve consciência de que «era a voz, mas o Senhor era a Palavra que já existia no princípio. João era uma voz passageira, Cristo a Palavra eterna desde o princípio»<sup>[6]</sup>.

Também na nossa vida como apóstolos convém que Cristo cresça e que o nosso eu diminua. Isso exige uma profunda humildade, como explicou S. Josemaria: «Imagino que todos estais a tentar ser muito humildes. Desta forma, evitareis muitas deceções na vida e sereis como uma árvore frondosa; mas não com folhas, nem frutos que, quando são vãos, quando não têm polpa carnosa e doce, não pesam, e a árvore tem os seus ramos para cima, vaidosa! Por outro lado, quando os frutos estão maduros, quando estão sólidos, quando a polpa, como disse antes, é doce e agradável ao paladar, então os ramos baixam, com humildade (...). Vamos pedir a Santa Maria, nossa Mãe, algo que fiz com que tenhais sempre nos lábios, como um piropo encantador dirigido à Virgem, aquele grito: *Ancilla Domini!*»<sup>[7]</sup>, Escrava do Senhor.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Discurso, 30/07/2016.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 45.

[3] Sto. Agostinho, Sermão 289.

[4] Orígenes, *Homilias sobre S. Lucas*, 4.

[5] S. Josemaria, *Cartas* 4, n. 21.

[6] Sto. Agostinho, Sermão 293.

[7] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 27/12/1972.

## **Imaculado Coração de Maria**

*Reflexão para meditar no sábado após o Sagrado Coração de Jesus, Festa do Imaculado Coração da Virgem Santa Maria. Os temas propostos são: Maria, morada do Espírito Santo; felizes os puros de coração; guardar tudo no coração.*

### **Sumário**

- Maria, morada do Espírito Santo.
- Felizes os puros de coração.
- Guardar tudo no coração.

---

«REJUBILO de alegria no Senhor e o meu espírito exulta no meu Deus porque me revestiu com as vestes da salvação» (Is 61, 10). A Igreja projeta estas palavras da Escritura sobre a figura de Maria. Depois de ter considerado a extensão e profundidade do coração de Jesus, dirigimos o olhar para o coração da sua Mãe. Com o objetivo de preparar «uma digna morada do Espírito Santo»<sup>[1]</sup>, o Senhor encheu o coração de Santa Maria com inúmeras graças e revestiu-o de pureza.

Santo Efrém comenta que «Maria foi feita céu em nosso favor ao levar a divindade que Cristo, sem deixar a glória do Pai, encerrou nos estreitos limites de um ventre, para conduzir os homens a uma dignidade maior»<sup>[2]</sup>. Ao deixar-se inundar pela graça, Maria, de certo modo, converte-se em céu, em luz e glória de Deus. Por isso a nossa Mãe é alegre e serena, porque o amor divino abraça tudo. Santa Maria contém uma grandeza que a faz irromper de alegria: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador (...); de hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações» (Lc 1, 46-48).

Podemos unir-nos a esse coro de gerações que se alegram ao ver aquilo que a graça operou no coração de Maria. Ao mesmo tempo, pode surgir em nós o desejo de partilhar essa felicidade da nossa Mãe. Também

gostaríamos de cantar o nosso *Magnificat* ao recordar como Deus atuou na nossa vida, porque Deus quer entrar também no nosso coração com a sua glória. Podemos unir-nos à oração que a Igreja, na Oração coletiva, dirige ao Pai: «Senhor nosso Deus, que preparastes no coração da Virgem Santa Maria uma digna morada do Espírito Santo, transformai-nos, por sua intercessão, em templos da vossa glória»<sup>[3]</sup>.

---

«FELIZES os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5, 8), dirá o filho de Maria durante a sua pregação. A Virgem recebeu o dom de ver Deus feito homem desde a sua mais terna infância. O seu olhar limpo era capaz de compreender o olhar de Jesus, inclusive para adivinhar muitos dos seus sentimentos e intenções. Em Caná, por exemplo, por detrás de uma resposta negativa, Maria sabe ver a disponibilidade do Seu Filho para adiantar a sua manifestação como Messias; também na Cruz, descobre no olhar do seu Filho, a doce petição de que não se afastasse naqueles momentos.

O olhar simples de Santa Maria leva-a a descobrir a mão de Deus por detrás de todos os grandes ou pequenos acontecimentos da sua existência; essa era a fonte da sua alegria constante. A pureza de coração permite-nos ter um olhar transparente, capaz de penetrar a realidade íntima das coisas, porque entende que tudo tem a sua origem e o seu fim em Deus. Pelo contrário, quando falta inocência no olhar, quando não nos abrimos a esse dom de Deus, podemos ficar presos nas aparências e no superficial.

Um coração puro compreende as pessoas, procura não classificar nem pôr etiquetas, tem facilidade em amá-las com sinceridade. A pureza não afasta as pessoas; muito pelo contrário: olha para todos como filhas e filhos de Deus que merecem um tratamento de acordo com aquela tão grande dignidade. Faz-nos amar muito mais e melhor aqueles que temos ao nosso lado. Um amor como o da Mãe de Jesus descobre maneiras de demonstrar carinho inclusive nas situações mais precárias: «Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura»<sup>[4]</sup>.

---

«MAS, REPARAI: se Deus quis, por um lado, exaltar a sua Mãe, durante a sua vida terrena, não foram poupados a Maria a experiência da dor, nem o cansaço do trabalho, nem o claro-escuro da fé»<sup>[5]</sup>. No episódio de Jesus menino perdido no Templo encontramos um desses momentos de claro-escuro. À angústia de não saber onde se encontrava uniu-se depois o espanto perante as palavras do seu filho: «Porque Me procuráveis? Não sabíeis que devia estar na casa de meu Pai?» (Lc 2, 49).

Não podemos pretender abarcar todos os desígnios do coração de Jesus. Na vida dos que O seguem, inclusive na da sua própria Mãe, existem momentos em que Deus nos surpreende, como se nos quisesse recordar que tem sempre algo que é maior do que os nossos planos. É consolador pensar que Santa Maria também passou por esse tipo de experiências. A Sagrada Escritura não tem reservas em dizer que Maria e José não entenderam a resposta de Jesus. No entanto, acrescenta: «Sua Mãe guardava todas estas coisas no seu coração» (Lc 2, 51).

Saber que a mão de Deus está por detrás de tudo não implica que compreendamos imediatamente e em toda a sua extensão cada um dos seus planos. Na vida de oração também existem momentos de obscuridade em que o Senhor nos pede confiança, aquela fé madura que ilumina os momentos da provação. Maria sabia que o Espírito Santo habitava no seu coração: esse era o lugar indicado para amar, junto de Deus e às vezes com dor, também aquelas circunstâncias que com o tempo iria compreendendo melhor. E nós, com o exemplo e a ajuda da nossa Mãe, podemos fazer o mesmo.

---

## NOTAS

[1] Missal Romano, Festa do Imaculado Coração de Maria, Oração coleta.

[2] Santo Efrém, “*Sermo 3 de diversis: Opera omnia*, III syr. et lat. Romæ 1743, 607”, citado no Ofício de leituras da Festa de Nossa Senhora de Fátima.

[3] Missal Romano, Festa do Imaculado Coração de Maria, Oração coleta.

[4] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 286.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 172.

## 26 de junho, São Josemaria

*Reflexão para meditar no dia 26 de junho, Solenidade de S. Josemaria, na Prelatura do Opus Dei. Os temas propostos são: chamada universal à santidade no quotidiano; contemplativos no meio do mundo; apostolado de amizade.*

### Sumário

- Chamada universal à santidade no quotidiano.
- Contemplativos no meio do mundo.
- Apostolado de amizade.

---

COMEMORAMOS, MAIS UMA VEZ, o nascimento de S. Josemaria para o céu, naquele 26 de junho de 1975. Agora está na nossa pátria definitiva, glorificando a Deus junto com todos os santos e santas da Igreja, junto com todas as pessoas que a sua pregação e o seu trabalho como fundador ajudaram a viver perto de Deus. Em várias ocasiões, assinalou precisamente que o seu grande sonho era, escondido num cantinho do céu, ver todas as pessoas de quem, por vontade divina, foi pai no Opus Dei e que se aproximaram do calor desta família. Na cerimónia de beatificação de S. Josemaria, realizada em Roma em 1992, S. João Paulo II salientou: «A atualidade e a importância da sua mensagem espiritual, profundamente enraizada no Evangelho, são evidentes»<sup>[1]</sup>. Sem dúvida, a mensagem espiritual de S. Josemaria tem muitos aspetos, mas há uma luz recebida de Deus que orienta os restantes: recordar a vocação universal à santidade e ao apostolado no meio do mundo; lembrar que todos somos chamados a ser felizes com Deus, no meio de todas as coisas que fazemos.

«Há uma única vida, feita de carne e espírito, e essa é que tem de ser - na alma e no corpo - santa e cheia de Deus, deste Deus invisível que encontramos nas coisas mais visíveis e materiais. Não há outro caminho, meus filhos: ou sabemos encontrar Nosso Senhor na nossa vida corrente ou nunca O encontraremos»<sup>[2]</sup>. Talvez tenhamos um dia cheio de problemas

para resolver, no meio de um trabalho que nos custa esforço, vivendo uma rotina que talvez comece a tornar-se monótona, ou vivenciamos um relacionamento que está a passar por momentos de dificuldade. E pode acontecer que sejamos tentados a pensar que o melhor seria que tudo isso passasse rapidamente para, talvez mais tarde, numa outra altura, podermos desfrutar do nosso relacionamento com Deus. Porém, as palavras de S. Paulo vêm em nosso auxílio: «Os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus» (Rm 8, 14). A mensagem de S. Josemaria convida-nos a deixar-nos levar pelo Espírito de Deus no meio das coisas comuns. Deus não se esqueceu de nós em todos esses momentos: esperanos lá, com seu amor de Pai, para fazer tudo ao nosso lado. «Podeis transformar em divino todo o humano, como o rei Midas convertia em ouro tudo o que tocava!»<sup>[3]</sup>.

É compreensível a predileção que S. Josemaria tinha pelos anos da vida oculta de Cristo ou pela vida dos primeiros cristãos. No primeiro caso, temos o próprio Deus vivendo uma vida normal, em tantas coisas parecidas com a nossa, no meio das fadigas e alegrias quotidianas. No segundo caso, temos pessoas comuns, de todas as profissões ou situações imagináveis que, aparentemente sem alterar nada externo, deixaram a luz de Deus entrar nas suas vidas para, ao mesmo tempo, iluminar os que os rodeiam. E tudo isto sacramentalmente impulsionado pelo Batismo que nós, cristãos, recebemos: «Deixa a graça do teu Batismo frutificar num caminho de santidade. Que tudo esteja aberto a Deus e, para isso, escolhe-o, escolhe Deus de novo e de novo. Não desanimes, porque tens a força do Espírito Santo para o tornar possível, e a santidade, no fundo, é o fruto do Espírito Santo na tua vida (cf. Gl 5, 22-23)»<sup>[4]</sup>.

---

«QUE ESTRANHA capacidade tem o homem de esquecer as coisas mais maravilhosas e de se acostumar ao mistério! – observava S. Josemaria – (...) Estando plenamente metido no seu trabalho habitual, entre os demais homens, seus iguais, atarefado, ocupado, em tensão, o cristão tem de estar, ao mesmo tempo, imerso totalmente em Deus, porque é filho de Deus. A filiação divina é uma feliz verdade, um mistério consolador. A filiação divina enche a nossa vida espiritual, porque nos ensina a conviver intimamente com o nosso Pai do Céu, a conhecê-l'O, a amá-l'O, e assim

enche de esperança a nossa luta interior e dá-nos a simplicidade confiante dos filhos pequenos. Mais ainda: precisamente por sermos filhos de Deus, essa realidade leva-nos também a contemplar com amor e com admiração todas as coisas que saíram das mãos de Deus Pai, Criador. E deste modo somos contemplativos no meio o mundo, amando o mundo»<sup>[5]</sup>.

S. João Paulo II, na beatificação de S. Josemaria, a quem hoje festejamos, salientou que «o crente, em virtude do batismo, que o incorpora em Cristo, é chamado a estabelecer uma relação ininterrupta e vital com o Senhor»<sup>[6]</sup>. O fundador do Opus Dei tinha a clara convicção de que a santidade no meio do mundo só é possível se for edificada sobre a rocha forte de uma vida de oração como filho de Deus. A conversa de um filho com o seu Pai adapta-se a qualquer circunstância, respira uma atmosfera de liberdade, está cheia da confiança de quem se sabe sempre compreendido. A vida de oração a que S. Josemaria nos exorta é tão profunda que, mesmo sabendo-nos no meio do mundo, não hesitou em compará-la com os mais altos cumes espirituais alcançados pelos místicos. A oração, essa relação «ininterrupta e vital», é «alicerce da vida espiritual»<sup>[7]</sup>.

«Façamos, portanto, uma oração de filhos e uma oração contínua. “*Oro coram te, hodie, nocte et die*” (2 Esd 1, 6): Eu rezo diante de ti noite e dia. Não me ouvistes dizer tantas vezes que somos contemplativos, noite e dia, inclusivamente dormindo; que o sono faz parte da oração? O Senhor disse-o: “*Oportet semper orare, et non deficere*” (Lc 18, 1); devemos orar sempre, sempre. Devemos sentir a necessidade de acudir a Deus, após cada sucesso e cada fracasso na vida interior (...). Quando andamos pelas ruas e praças, devemos rezar constantemente. Este é o espírito da Obra»<sup>[8]</sup>.

---

NO DIA 6 de outubro de 2002, na Praça de São Pedro, S. Josemaria foi canonizado. Durante a homilia, o Papa S. João Paulo II destacou: «Elevar o mundo para Deus e transformá-lo a partir de dentro: este é o ideal que o santo fundador vos aponta, queridos irmãos e irmãs que hoje vos alegrais com a sua elevação à glória dos altares (...). Seguindo os seus passos, difundi na sociedade, sem distinção de raça, classe, cultura ou idade, a consciência de que todos somos chamados à santidade. Esforçai-vos por serdes vós mesmos santos antes de tudo, cultivando um estilo evangélico de

humildade e serviço, abandono à Providência e escuta constante da voz do Espírito»<sup>[9]</sup>.

Em diversas ocasiões, S. Josemaria referiu-se ao Opus Dei como uma «injeção intravenosa na corrente sanguínea da sociedade»<sup>[10]</sup>. Dizia-o referindo-se ao facto de que as pessoas do Opus Dei, ou aqueles que frequentam as suas atividades formativas, não se aproximam do mundo como algo estranho, como algo, de certa forma, diferente ou alheio, mas aqueles que foram vivificados pelo espírito da Obra são do mundo. Isto talvez traga à nossa mente a imagem evangélica da massa e do fermento (cf. Mt 13, 33): o próprio Jesus explicou que os cristãos são como os demais, pessoas correntes, dificilmente diferenciáveis por coisas externas, e que só assim levedam tudo a partir de dentro. E também não há estratégias extraordinárias para isso: onde quer que um cristão queira, da mão de Deus, ser um bom amigo dos que o rodeiam, a evangelização acontecerá inevitavelmente, porque naturalmente compartilhará o que alegra o seu coração. É o que S. Josemaria chamou de «apostolado de amizade e confiança»<sup>[11]</sup>.

«Na primeira leitura diz-se que Deus colocou o homem no mundo “para o trabalhar e cuidar” (Gn 2, 15). E no Salmo que cantamos – e que S. Josemaria rezava todas as semanas – é-nos dito que, por meio de Cristo, temos todas as nações por herança e que possuímos toda a terra como nossa (cf. Sl 2, 8). A Sagrada Escritura diz-nos claramente: este mundo é nosso, é nossa casa, é nossa tarefa, é nossa pátria. Portanto, sabendo que somos filhos de Deus, não podemos sentir-nos estranhos na nossa própria casa; não podemos passar por esta vida como visitantes de um lugar estranho, nem podemos andar pelas nossas ruas com medo de quem pisa em território desconhecido. O mundo é nosso porque pertence ao nosso Pai Deus»<sup>[12]</sup>.

S. Josemaria dizia que se alguém quisesse imitá-lo em alguma coisa, deveria fazê-lo no amor que tinha por Santa Maria. Podemos pedir a nossa Mãe uma vida contemplativa, vivida no meio do mundo, para compartilhar com tantas pessoas a alegria de viver com Deus.

---

## NOTAS

- [1] S. João Paulo II, Homilia, 17/05/1992
- [2] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 114.
- [3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 221.
- [4] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 15.
- [5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 65.
- [6] S. João Paulo II, Homilia, 17/05/1992.
- [7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 83.
- [8] S. Josemaria, Notas da sua pregação, 24/12/1967.
- [9] S. João Paulo II, Homilia, 06/10/2002.
- [10] cf. S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 47, junho de 1930.
- [11] S. Josemaria, *Cartas 37*, n. 10.
- [12] Fernando Ocáriz, Homilia, 26/06/2019.

## 29 de junho, São Pedro e São Paulo

*Reflexão para meditar no dia 29 de junho, Solenidade de S. Pedro e S. Paulo, Apóstolos. Os temas propostos são: uma Igreja libertada pelo encontro com Cristo; Pedro: entregar a debilidade a Deus; Paulo: um coração sem barreiras.*

### Sumário

- Uma Igreja libertada pelo encontro com Cristo.
- Pedro: entregar a debilidade a Deus.
- Paulo: um coração sem barreiras.

---

«ESTES são os Apóstolos, que durante a sua vida plantaram a Igreja com o seu sangue. Beberam o cálice do Senhor e tornaram-se amigos de Deus»<sup>[1]</sup>. Os apóstolos Pedro e Paulo são considerados como as primeiras colunas do cristianismo. S. Pedro é a pedra sobre a qual Jesus edificou a sua Igreja e S. Paulo, com as suas viagens e os seus escritos, é o apóstolo da Igreja universal. Os dois confirmaram a unidade e a universalidade do novo povo de Deus com o testemunho do martírio.

A vida de ambos não esteve marcada principalmente pelas suas qualidades, mas pelo encontro pessoal que tiveram com Jesus: foi Ele quem os curou e converteu em apóstolos para os outros. Pedro foi libertado do seu medo e da sua insegurança. Apesar de ser forte e impetuoso, experimentou o sabor amargo da derrota quando, depois de toda uma noite de trabalho, não tinha pescado nada. Perante as redes vazias, sentiu a tentação do desânimo, de abandonar tudo. Mas ao confiar nas palavras de Jesus – «Faz-te ao largo; e vós, lançai as redes para a pesca» (Lc 5, 4) –, deu-se conta de que, pelo contrário, devia acolher tudo: tinha a certeza que, estando na mesma barca com Cristo, não tinha nada a temer.

Paulo, pelo contrário, foi libertado «do zelo religioso que o tinha tornado num feroz defensor das tradições que tinha recebido»<sup>[2]</sup> e que não

tinham reconhecido Jesus como o Messias esperado. O seu cumprimento rigoroso da lei sem essa abertura a Cristo tinha-o fechado ao amor divino. Mas depois da sua queda a caminho de Damasco lançou-se a uma pregação própria de quem «saboreou intensamente a alegria de ser de Deus»<sup>[3]</sup>. A sua vida que talvez só girasse à volta de uns preceitos a cumprir, fundamenta-se depois naquele encontro pessoal com Cristo. «Pedro e Paulo dão-nos a imagem de uma Igreja confiada às nossas mãos, mas conduzida pelo Senhor com fidelidade e ternura (...); de uma Igreja débil, mas forte pela presença de Deus; a imagem de uma Igreja libertada que pode oferecer ao mundo a libertação que não pode dar a si mesmo»<sup>[4]</sup>.

---

JESUS, reunindo os seus discípulos, lançou-lhes uma pergunta: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?» (Mt 16, 13). Começaram a dizer alguns dos nomes que se ouviam pela cidade: João Batista, Elias, Jeremias, algum dos profetas... Mas Jesus quis depois que cada um ensaiasse uma resposta mais pessoal: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» (Mt 16, 15). Desta vez ninguém se atrevia a dizer nada. Só o fez Simão Pedro, que tomando a palavra respondeu: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo» (Mt 16, 16).

Perante estas palavras, Jesus diz a Pedro que será a Pedra sobre a qual Ele edificará a sua Igreja. Mas também acrescenta que a sua fortaleza não dependerá das suas qualidades – «não foi a carne nem o sangue que to revelou» (Mt 16, 17) –, mas do poder de Deus Pai que está no céu. De facto, pouco depois de indicar Pedro como Pedra, vemo-lo repreendido pelo Senhor depois do anúncio da sua Paixão: «Tu és para mim um estorvo, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens» (Mt 16, 23). Esta tensão entre o dom que vem de Deus e a capacidade humana é aquilo que marca a vida de S. Pedro, da Igreja e de cada um de nós. Por um lado, a luz e a força, que vem do alto; por outro, a debilidade humana, que só a ação divina pode transformar quando encontra um coração humilde.

«A Igreja não é uma comunidade de seres perfeitos, mas de pecadores que se devem reconhecer necessitados do amor de Deus, necessitados de ser purificados através da Cruz de Jesus Cristo»<sup>[5]</sup>. Pedro não mudou de um dia para o outro. Na sua vida continuaria a experimentar os dons de Deus e as

suas próprias debilidades. Assim foi a Pedra da Igreja: experimentou continuamente os seus defeitos, mas soube amparar-se no amor de Cristo.

---

S. PAULO é considerado o apóstolo das nações; ou seja, de todos aqueles que não pertenciam ao povo judeu. Pensando bem, tem inclusive o seu paradoxo. Ele, que tanto se esforçou em perseguir os cristãos porque não eram suficientemente cumpridores do judaísmo como ele era, depois destacou-se precisamente por anunciar a salvação de Deus às nações da terra. «Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a qualquer custo» (1 Cor 9, 22), escreveu aos de Corinto. Os planos de Deus são sempre muito maiores do que aquilo que podemos imaginar.

Não existe nenhuma barreira terrena que separe um cristão dos seus irmãos. Tudo o que afastava S. Paulo dos outros homens desapareceu ao encontrar-se com o Senhor. «Esse acontecimento alargou o seu coração, abriu-o a todos. (...) Tornou-se capaz de estabelecer um diálogo amplo com todos»<sup>[6]</sup>. Como dizia S. Josemaria: «O coração humano tem um coeficiente de dilatação enorme. Quando ama, dilata-se num *crescendo* de carinho que supera todas as barreiras. Se amas o Senhor, não haverá criatura que não encontre lugar no teu coração»<sup>[7]</sup>. Essa dilatação do coração foi a que sucedeu a S. Paulo ao encontrar-se pessoalmente com Cristo.

Maria, como Mãe da Igreja, procura manter unidos todos os filhos. «É difícil ter autêntica devoção à Virgem e não se sentir mais unidos aos outros membros do Corpo Místico, também mais unidos à sua cabeça visível, o Papa»<sup>[8]</sup>. Como a Pedro, ela nos ajudará a não perder a esperança perante os nossos defeitos e a viver sustentados na pedra que é Deus. E, como a Paulo, o nosso coração dilatar-se-á para descobrirmos a fraternidade que nos une a toda a humanidade.

---

## NOTAS

[1] Missal Romano, Antífona de entrada, solenidade de S. Pedro e S. Paulo.

[2] Francisco, Homilia, 29/06/2021.

[3] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 25/08/1968.

[4] Francisco, Homilia, 29/06/2021.

[5] Bento XVI, Homilia, 29/06/2012.

[6] Bento XVI, Audiência, 03/09/2008.

[7] S. Josemaria, *Via Sacra*, VIII estação, n. 5.

[8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 139.

## 22 de julho, Santa Maria Madalena

*Reflexão para meditar no dia 22 de julho, Festa de Sta. Maria Madalena. Os temas propostos são: as mulheres que seguiam o Senhor; Maria Madalena, apóstola de apóstolos; um coração que ardia.*

### Sumário

- As mulheres que seguiam o Senhor.
- Maria Madalena, apóstola de apóstolos.
- Um coração que ardia.

---

Um numeroso grupo de mulheres acompanhava o Senhor e os Apóstolos (cf. Lc 8, 3). Com tarefas várias ajudavam nos trabalhos apostólicos da pregação do reino de Deus (Lc 8, 1). Estas mulheres, ao contrário da maioria dos discípulos, não abandonaram Jesus na Paixão: foram o seu consolo, permanecendo junto dele ao pé da cruz. São também «as primeiras a estar junto do sepulcro. São as primeiras a ouvir: “Não está aqui: ressuscitou, como tinha dito”. São as primeiras a abraçar os seus pés. São também as primeiras escolhidas para anunciar esta verdade aos apóstolos»<sup>[1]</sup>. Ao contemplar como se comportam estas santas mulheres, S. Josemaria exclamava: «Mais forte a mulher do que o homem, e mais fiel na hora da dor. – Maria de Magdala, e Maria Cléofas, e Salomé! Com um grupo de mulheres valentes, como essas, bem unidas à Virgem Dolorosa, que apostolado se não faria no mundo!»<sup>[2]</sup>.

Esta mesma fidelidade e fortaleza renovam-se com o passar dos séculos, de geração em geração, como a história da Igreja manifesta. A mulher teve «um papel ativo e importante na vida da Igreja primitiva, na construção, logo nos seus alicerces, da primeira comunidade cristã e das comunidades que se lhe seguiram, graças aos seus carismas e aos múltiplos modos de servir»<sup>[3]</sup>. Sem dúvida, «a história do Cristianismo teria tido um desenvolvimento muito diferente se não se tivesse contado com o contributo generoso de muitas mulheres»<sup>[4]</sup>. Também nos nossos dias, «A

mulher é chamada a levar à família, à sociedade civil, à Igreja, algo de característico, que lhe é próprio e que só ela pode dar: a sua delicada ternura, a sua generosidade incansável, o seu amor ao concreto, a sua agudeza de engenho, a sua capacidade de intuição, a sua piedade profunda e simples, a sua tenacidade»<sup>[5]</sup>.

---

ENTRE as mulheres que seguiam Cristo, tem lugar proeminente «Maria Madalena, de quem tinham saído sete demónios» (Lc 8, 2). Ela acompanhou a Virgem Maria no caminho da cruz. Junto da Mãe de Deus e do discípulo amado, recolheu o último suspiro do Senhor, contemplou o seu peito trespassado. Na madrugada do dia de Páscoa foi a primeira que se encontrou com o Senhor (cf. Mc 16, 9). Posteriormente foi junto dos apóstolos testemunha ocular de Cristo ressuscitado.

Jesus encarregou, de um modo especial, a Maria Madalena a incumbência de lhes anunciar a gloriosa Ressurreição: «Vai ter com os meus irmãos e diz-lhes: “Subo para o meu Pai, que é vosso Pai, para o meu Deus, que é vosso Deus”. Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: “Vi o Senhor!” E contou o que Ele lhe tinha dito» (Jo 20, 17). Por este motivo, S. Tomás de Aquino reserva para ela o epíteto único de «apóstola de apóstolos» e acrescenta: «Assim como uma mulher anunciou ao primeiro homem palavras de morte, também uma mulher anunciou aos apóstolos palavras de vida»<sup>[6]</sup>.

Seguindo o exemplo de Maria Madalena, os cristãos têm a mesma missão de «proclamar Cristo vivo»<sup>[7]</sup>, dando testemunho, com entusiasmo, do seu reinado na Terra. Ela encheu-se de alegria quando descobriu na entrada do sepulcro que aquele a quem procurava morto estava vivo. E de novo a chamou pelo seu nome. «Que belo é pensar que a primeira aparição do Ressuscitado (...) acontece de uma forma tão pessoal! Que há alguém que nos conhece, que vê o nosso sofrimento ou desilusão, que se comove por nós, e nos chama pelo nosso nome. (...) Cada homem é uma história de amor que Deus escreve nesta Terra»<sup>[8]</sup>. Através do nosso testemunho e das nossas palavras podemos anunciar que o Senhor ressuscitou: Ele vive no meio de nós, chama-nos pelo nosso nome, traz-nos a salvação.

---

ANTES de se encontrar com Cristo, Madalena havia tido uma vida cheia de problemas: o Senhor expulsara dela sete demónios. Depois da sua cura, começou a seguir o Mestre, movida sem dúvida por amor e agradecimento. Na Paixão não se separou dele, e acompanhou os discípulos que levavam o seu corpo para o sepulcro. No domingo, antes do nascer do sol, correu para lá a fim de acabar de embalsamar o seu Mestre. Embora acreditasse que estava morto, ardia-lhe o coração por Cristo.

Desde esse milagre, o maior de todos, o coração de Madalena batia de um modo especial. As suas debilidades tinham sido muitas, mas não deixou que, daí em diante, fosse o pecado a guiar a sua vida: tinha descoberto um amor que dava sentido à sua existência. Por isso foi a primeira a ir ao sepulcro. E, embora num primeiro momento não tivesse dado com Jesus, «perseverou na busca, e foi assim como o encontrou: com a demora, o seu desejo ia aumentando, e este desejo dilatado valeu-lhe o encontrar o que procurava»<sup>[9]</sup>.

Maria Madalena mostra-nos que a vida cristã encontra as suas raízes na experiência pessoal com Cristo. A partir do encontro com Jesus, nasce o desejo de encetar uma nova vida, centrada no Senhor. Na companhia das santas mulheres, Madalena certamente foi criando uma estreita amizade com a Mãe de Jesus. Podemos pedir a ambas que nos deem aquele amor perseverante com o qual se mantiveram unidas junto da Cruz.

---

## NOTAS

[1] S. João Paulo II, *Mulieres Dignitatem*, n. 16.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 982.

[3] S. João Paulo II, *Mulieres Dignitatem*, n.21.

[4] Bento XVI, Audiência, 14/02/2007.

[5] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 87.

[6] Bento XVI, Audiência, 14/02/2007.

[7] Missal Romano, Oração coleta da festa de Santa Maria Madalena.

[8] Francisco, Audiência, 17/05/2017.

[9] S. Gregório Magno, Homilia 25, 1-2. 4-5: PL 76, 1189-1193.

## 25 de julho, São Tiago

*Reflexão para meditar no dia 25 de julho, Festa de S. Tiago, Apóstolo. Os temas propostos são: a chamada de Tiago e João; relâmpago e trovão; a grandeza de S. Tiago.*

### Sumário

- A chamada de Tiago e João.
- Relâmpago e trovão.
- A grandeza de S. Tiago.

---

ENQUANTO Jesus caminhava nas margens do mar da Galileia, «viu dois irmãos, Tiago e João, a consertar as redes e chamou-os»<sup>[1]</sup>. Eles, depois de deixarem todas as coisas, seguiram-no. Assim começa a nova vida de S. Tiago junto do Senhor. A sua aventura será tão veloz como intensa: converter-se-á no primeiro dos apóstolos a dar a sua vida por Cristo, que quis reclamá-lo rapidamente para junto de si (cf. At 12, 2). A João, pelo contrário, o Senhor pedirá que espere até que Ele volte a buscá-lo, depois de se dar numa vida tão longa que fez com que os discípulos pensassem que não morreria jamais (cf. Jo 21, 23).

O Mestre pediu aos dois irmãos uma entrega total, mas com manifestações diferentes. Ofereceu a ambos beber do seu próprio cálice, e eles aceitaram o convite com todo o ardor da sua natureza apaixonada (cf. Mt 20, 22). Jesus chamava àqueles irmãos os *Boanerges*, ou seja, «os filhos do trovão» (Mc 3, 17), e ensinou-os a canalizar toda a sua energia para uma doação total no serviço. Quando a mãe dos dois Zebedeu lhe pediu para os seus filhos o primeiro lugar no seu reino, Jesus explicou-lhes que reinar com Ele é servir; que o primeiro no seu reino é o que é o último e o servo de todos (cf. Mt 20, 25-28). Esta lógica muitas vezes contrasta com a nossa, é revolucionária porque se opõe ao domínio de uns sobre os outros; por isso, Jesus também nos anima a estar vigilantes, a estar sempre atentos para não nos enganarmos com leituras atenuadas do seu Evangelho.

Cristo «não viveu a sua liberdade como arbítrio ou poder. Ele viveu-a como serviço. Deste modo “preencheu” de conteúdo a liberdade que, se assim não fosse, permaneceria “vazia” a possibilidade de fazer o bem ou não. Como a própria vida do homem, a liberdade haure o sentido do amor»<sup>[2]</sup>. Jesus ajudou Tiago e João a encher as suas vidas de sentido, de amor pelas outras pessoas, abrindo àqueles pescadores simples da Galileia horizontes insuspeitos, «os horizontes do serviço»<sup>[3]</sup>, muito mais amplos dos que teriam imaginado. E assim, transformou a sua vida numa aventura apaixonante.

---

INCENTIVADOS por Jesus, Tiago e João tiveram «pressa de amar»<sup>[4]</sup>, de apostar toda a sua existência numa vida de intenso serviço. A de Tiago – honrando a sua alcunha – foi como um relâmpago que cruza o céu num instante, enchendo-o de luz. Ele pôs-se imediatamente em andamento e levou Jesus Cristo até aos confins do mundo conhecido, antes de regressar a Jerusalém e fecundar com o seu sangue os inícios da missão da Igreja. A vida de João, pelo contrário, foi como o trovão, que chega sem pressa mas com contundência, com peso, enchendo tudo com as suas palavras profundas e belas. João pôde meditar longamente sobre a vida e os ensinamentos de Jesus, para nos deixar o tesouro dos seus escritos.

O relâmpago e o trovão reclamam-se um ao outro, manifestam uma mesma força e trazem uma mesma mensagem. Não podemos separá-los, como não podemos separar os Boanerges. Enquanto estava com eles, Jesus quis os dois juntos. De facto, ambos formavam juntamente com Pedro um pequeno grupo de discípulos com os quais o Mestre tinha mais intimidade. Quando o Senhor subiu ao céu, Tiago e João continuaram a espalhar a mesma mensagem, cada um do seu modo.

Tiago continua a fazê-lo hoje, convocando os povos ao seu túmulo em Compostela. Convida a pormo-nos a caminho, a estar dispostos a chegar até aos confins do nosso mundo e a superar as nossas seguranças e comodidades. «Isto é fundamental para os cristãos; nós, discípulos de Jesus, nós, Igreja, permanecemos sentados à espera de que as pessoas venham, ou sabemos levantar-nos, pôr-nos a caminho com os outros, procurar os outros? É uma posição não cristã dizer: “Mas, que venham, estou aqui, que

venham”. Não, vai tu procurá-los, dá tu o primeiro passo»<sup>[5]</sup>. João, pelo contrário, recorda-nos que, se não estamos radicados no amor a Jesus Cristo, todo esse movimento e esse caminhar valem muito pouco. Escrevia Sto. Agostinho: «Quem corre fora do caminho corre em vão; mais ainda, só corre para se cansar. Fora dele, quanto mais corre, mais se perde. Qual é o caminho pelo qual corremos? Cristo disse-o: Eu sou o caminho. Qual é a pátria para onde nos dirigimos? Cristo disse: Eu sou a verdade. Por ele corres, para ele corres, nele encontras o descanso»<sup>[6]</sup>.

---

HÁ ALGO grande na vida do apóstolo Tiago que permanece oculto aos nossos olhos. É muito pouco o que sabemos deste apóstolo de vida tão curta, que não deixou nenhum escrito. O Evangelho, além disso, recolhe muito poucas palavras suas. Diante do silêncio do Zebedeu, aparece a figura de outro Tiago, com títulos tão importantes como «irmão do Senhor» (Gl 1, 19), testemunha destacada da sua ressurreição (cf. 1Cor 15, 7), bispo de Jerusalém (cf. At 15, 12-21) e coluna da Igreja (cf. Gl 2, 9). Este outro Tiago gozou de grande autoridade na primeira comunidade cristã, como se lê nos Atos dos Apóstolos e nas cartas de S. Paulo. Dá nome, além disso, a um dos escritos do Novo Testamento. Por isso, surpreende que a Tradição tenha querido atribuir o título de *Maior* ao irmão de João, de quem conhecemos pouco.

O filho de Zebedeu chegou a ser o Maior, seguindo o caminho que lhe tinha proposto o Mestre. Jesus tinha-lhe dito: «Quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo; e quem no meio de vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo. Também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão (Mt 20, 26-28). Foi isso que fez S. Tiago: viver para servir, dar a sua vida. «Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto» (Jo 12, 24), escreverá João no seu Evangelho, derramando um pouco de luz que nos permite entender o mistério da vida e da morte do seu irmão S. Tiago. Um mistério que se estende ao impressionante poder de convocatória que tem ainda hoje o sepulcro do apóstolo.

Jesus deu aos Boanerges outro exemplo destacado da grandeza do serviço: a Virgem Maria, a quem acompanhariam com frequência. Ela

também nos ajudará para que nos lancemos à aventura de «ser felizes em amizade com Deus e levar uma vida de dedicação e de serviço»<sup>[7]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Missal Geral Romano, Antífona de entrada da Festa do Apóstolo S. Tiago.

[2] Bento XVI, Angelus, 01/07/2007.

[3] Francisco, Audiência, 11/01/2023.

[4] cf. S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 140.

[5] Francisco, Audiência, 11/01/2023.

[6] Sto. Agostinho, *Homilia X sobre a primeira Carta de S. João*.

[7] S. Josemaria, Carta 6, n. 35.

## 26 de julho, São Joaquim e Santa Ana

*Reflexão para meditar no dia 26 de julho, Memória Litúrgica dos Santos Joaquim e Ana, pais da Virgem Santa Maria. Os temas propostos são: as gerações anteriores a nós; a contribuição dos avós; os mais velhos, tesouro de uma família.*

### Sumário

- As gerações anteriores a nós.
- A contribuição dos avós.
- Os mais velhos, tesouro de uma família.

---

UM DIA, estando Jesus a pregar, fez-se ouvir entre a multidão uma mulher que tecia louvores a sua Mãe: «Bem-aventurado o ventre que te carregou e os peitos que te criaram» (Lc 11, 27). Hoje a Igreja convida-nos a recuar até mais atrás nessa corrente de gratidão. Em primeiro lugar diz-nos: «Louvemos Joaquim e Ana pela sua filha: porque nela o Senhor lhes deu a bênção de todos os homens»<sup>[1]</sup>. Após o que, nos anima a ir ainda mais atrás: «Façamos o elogio dos nossos pais geração a geração. Foram homens de bem, cujos méritos não caíram no esquecimento. Nos seus descendentes se preserva uma rica herança» (Sir 44, 1.10-11).

Deus fez-se homem com todas as suas consequências. Quando Maria acolhe Jesus no seu seio, toda a sua família o acolhe também: uma família com as suas raízes próprias, com uma história em que se entrelaçam a misericórdia de Deus e as decisões livres de muitos homens e mulheres. Jesus deixou-se moldar por essa herança, que marcou os traços da sua personalidade, dando-lhe um passado, laços, costumes e tradições. O Senhor entrou naquele lar em toda a sua plenitude: «Esta será para sempre a minha casa, aqui viverei, porque assim o desejo» (Sl 131, 14).

São Mateus e São Lucas, nos seus Evangelhos, dedicam algum tempo à genealogia de Jesus. Hoje podemos também olhar para trás para a corrente

de gerações antes de nós da qual o Senhor se serviu para nos chamar à vida. É reconfortante descobrir que não nos quis apenas como um elo solto, mas como elos de uma corrente; deu-nos uma terra firme onde pudéssemos ficar de pé, uma terra preparada por Deus com gosto a pensar em nós, para que aí lançássemos as nossas raízes.

---

SEGUNDO a tradição, Joaquim e Ana tinham uma casa em Jerusalém, a dois passos da piscina probática, onde habitualmente se reunia uma grande multidão de enfermos e onde Jesus, já adulto, haveria de curar um parálítico<sup>[2]</sup>. Nessa casa nasceu Maria, sua mãe; e quiçá foi aí que a Sagrada Família se alojou nas suas frequentes subidas a Jerusalém, dando a Jesus a oportunidade de desfrutar do carinho dos seus avós.

Tal como os pais, os avós oferecem «um testemunho do valor e do sentido da vida, encarnados numa existência concreta e confirmados nas diversas circunstâncias e situações que se sucedem ao longo dos anos»<sup>[3]</sup>. Ao mesmo tempo, contribuem de uma maneira única para o ambiente familiar através da compreensão e do carinho. De facto, é próprio da juventude querer que as coisas saiam perfeitas à primeira. Não obstante, tarde ou cedo é inevitável dar-se conta de que os fracassos, muitas vezes, serão mais frequentes do que as vitórias. É nessa altura que a frustração ameaça roubar a esperança. Os avós, que já passaram por isso e que viram muita coisa na vida, podem compreender o que estão a sentir os seus netos.

Deus pode fazer-nos chegar a sua ternura através dos avós. Eles, com a sua disponibilidade e a sua capacidade para ouvir, ajudam-nos a relativizar as nossas derrotas e, sobretudo, a fixarmo-nos em tudo o que de bom nos rodeia. «No nosso crescimento quando nos sentíamos incompreendidos ou com medo dos desafios da vida, eles deram-se conta de nós, do que estava a mudar no nosso coração, das nossas lágrimas escondidas e dos sonhos que trazíamos dentro de nós. Todos nos sentámos nos joelhos dos avós, que nos tiveram ao colo. E foi também graças a este amor que nos tornamos adultos»<sup>[4]</sup>.

---

HÁ OCASIÕES em que o ritmo a que nos movemos não torna fácil a partilha de tempo suficiente com membros da nossa família; pode acontecer ainda mais com aqueles que não moram em nossa casa. S. Josemaria costumava dizer que quem padecer de alguma limitação ou adoecer constitui um tesouro dentro da família, pois que pode ser o detonador do crescimento do amor. Poderíamos também dizer algo de semelhante dos mais velhos. Com o cuidado e carinho que lhes damos, não só lhes estamos a fazer justiça, como estamos também a desenvolver a nossa capacidade para amar. Ouvi-los com atenção, ajudá-los numa tarefa ou manifestar-lhes carinho e proximidade são gestos que saciam a nossa sede de construir relações fortes, especialmente dentro da família.

Entre jovens e idosos pode estabelecer-se uma relação enriquecedora para ambos. Os jovens podem aprender com os mais velhos certas atitudes, como a disponibilidade ou a generosidade, além de experiências concretas de vida que eles lhes possam transmitir; permitindo-lhes também conhecer o passado para poder enfrentar o futuro. Os idosos, por seu lado, sentem-se rejuvenescidos através do contacto com os mais jovens; estes recordam-lhes que não estão sós e que ainda têm muito para contribuir «A velhice (...) é uma estação para continuar a dar fruto: há uma nova missão, que nos espera, convidando-nos a voltar os olhos para o futuro»<sup>[5]</sup>. Podemos pedir à Virgem Maria que nos ensine a honrar os nossos avós e os nossos idosos, para perpetuar essa corrente de bênçãos que Deus abundantemente derrama de geração em geração.

---

## NOTAS

[1] Missal Geral Romano, Antífona de entrada da festa de S. Joaquim e Santa Ana.

[2] cf. *Pegadas da nossa fé*, p.142-144.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n.28.

[4] Francisco, Homilia, 25/07/2021.

[5] Francisco, Mensagem, 24/07/2022.

## 29 de julho, Santos Marta, Maria e Lázaro

*Reflexão para meditar no dia 29 de julho, Memória Litúrgica dos Santos Marta, Maria e Lázaro. Os temas propostos são: Sta. Marta, amiga de Jesus; trabalhar sabendo que Deus está em nossa casa; encher de amor o nosso trabalho.*

### Sumário

- Sta. Marta, amiga de Jesus.
- Trabalhar sabendo que Deus está em nossa casa.
- Encher de amor o nosso trabalho.

---

JESUS não pode aproximar-se da aldeia onde vivem os seus amigos sem os visitar. A espontaneidade com que o evangelista Lucas narra a cena sublinha a profunda confiança que existia entre o Senhor e os três irmãos de Betânia: Marta, Maria e Lázaro. Não era preciso que Ele anunciasse a sua chegada; nem sequer era necessário que Ele tivesse o cuidado de levar um presente. Ele sabia que que era sempre bem-vindo e que os seus amigos ficavam sempre contentes com a sua presença e com a possibilidade de manifestar o seu afeto por ele. O Evangelho diz-nos que Marta recebeu Jesus quando chegou a casa. É fácil imaginar a emoção que ela deve ter sentido quando viu o Mestre chegar. Mas essa alegria foi acompanhada de um certo nervosismo. Como boa dona de casa, ela quer que a estada do seu amigo seja o mais agradável possível e, por isso, põe rapidamente mãos à obra. Enquanto ele fala, Marta segue os costumes de qualquer anfitriã: oferece a água para purificar as mãos, tem um pouco de óleo para a ungir a cabeça... Ao mesmo tempo, assegura que os pratos chegam na altura certa e que não falte nada. É a sua maneira de exprimir o seu amor pelo Senhor.

Mas a azáfama do trabalho está talvez a tornar-se mais do que o esperado. O seu estado de ânimo está a piorar pouco a pouco. Enquanto continua a executar os serviços, continua a raciocinar interiormente. Sente-se angustiada por não conseguir chegar a tudo e, num cálculo fácil, chega à

conclusão de que, se a sua irmã Maria a ajudasse, tudo mudaria. Maria, por seu lado, está sentada aos pés do Senhor. Por isso, perante a sua aparente impassibilidade, Marta coloca-se diante de Jesus: «Senhor, não te preocupa que a minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe, pois, que me venha ajudar» (Lc 10, 40). Marta podia ter escondido a sua angústia, a sua ansiedade; podia ter-se aproximado discretamente da irmã, procurando que ninguém desse por ela, e pedir-lhe ajuda. Em vez disso, optou por se dirigir abertamente ao Mestre e sente-se «até no direito de criticar Jesus»<sup>[1]</sup>. Mas, no fim de contas, esta é também mais uma manifestação de proximidade com o Senhor, pois na presença de um bom amigo não há necessidade de disfarçar o que se pensa. Podemos pedir a Sta. Marta que nos ajude a ter a mesma familiaridade com Jesus, a mostrarmo-nos tal como somos quando falamos com Ele, mesmo que, por vezes, essa seja a oportunidade de o Mestre nos mostrar uma melhor forma de ordenar a nossa vida.

---

JESUS não responde à frustração de Marta com palavras duras. Conhece a sua boa intenção. Por isso, em sinal de especial afeto, refere-se a ela repetindo o seu nome: «Marta, Marta, andas inquieta e preocupada com muitas coisas. Mas uma só coisa é necessária: Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada» (Lc 10, 41). Em nenhum momento o Senhor censura Marta por não ter feito o que era correto. Nem a convida a sentar-se aos seus pés, como Maria, e a esquecer os deveres de casa. Como é que os outros companheiros de viagem poderiam ter comido e descansado da viagem? A mudança que ele lhe pede é sobretudo interior: convida-a a viver as suas tarefas com uma atitude diferente. Marta fazia muitas coisas, mas tinha-se esquecido do mais importante: Jesus estava em casa e talvez não estivesse a ouvir as suas palavras.

Muitas vezes, durante o dia, podemos sentir-nos sobrecarregados como Marta. Talvez pensemos que as nossas obrigações profissionais ou familiares tornam impossível encontrar o tempo que gostaríamos de passar com Deus. No entanto, Jesus não nos propõe que ponhamos de lado os nossos deveres. Como a Marta, convida-nos precisamente a encontrar o Senhor nessas ocupações, a realizar cada tarefa sabendo que o Senhor está sempre em casa na nossa alma. Deste modo, o trabalho torna-se um ato de amor constante, um contínuo “amo-te” que vai além do que podemos

repetir com os nossos lábios ou com os pensamentos. «As palavras são supérfluas – diz S. Josemaria – porque a língua não consegue expressar-se; o entendimento aquietar-se. Não se discorre, olha-se! E a alma rompe outra vez a cantar um cântico novo, porque se sente e se sabe também olhada amorosamente por Deus a toda a hora»<sup>[2]</sup>.

---

NÃO FORAM as obras em si que distraíram Marta de Jesus. O desejo santo de lhe proporcionar um acolhimento bom e reparador, acabou em tensão e angústia, porque ela não conseguiu tudo o que se tinha proposto fazer. Tinha perdido de vista a finalidade de todas as suas ações. Talvez estivesse a fazer todos estes pormenores de serviço por inércia, como faria com qualquer outro hóspede. Mas Jesus encoraja-a a não esquecer o que é realmente importante: Deus estava em sua casa. Ela não estava simplesmente a cumprir o seu papel de anfitriã: estava a fazer tudo para que o Senhor descansasse. «O problema nem sempre é o excesso de atividades, mas sobretudo as atividades mal vividas, sem as motivações certas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável. Daí que as tarefas sejam mais cansativas do que o razoável e, por vezes, nos façam adoecer. Não se trata de um cansaço feliz, mas de um cansaço tenso, pesado, insatisfeito e, em suma, não aceite»<sup>[3]</sup>.

Todos nós, que desejamos encontrar Deus no meio do mundo, podemos ser como Marta. Temos muitas coisas em mãos que exigem a nossa atenção e esforço constantes. Isso, naturalmente, leva ao cansaço. No entanto, quando sabemos que todo esse trabalho tem um significado maior do que aquele que podemos intuir, é mais difícil que esse cansaço nos tire a paz porque sabemos que o nosso sucesso não é mensurável por cálculos humanos. No diálogo pessoal com Deus, podemos redescobrir que tudo o que fazemos tem por objetivo amá-lo; que assumimos este mundo porque é d'Ele. Assim, não seremos movidos apenas pela inércia ou pelo que as circunstâncias ditam, mas pelo desejo de encontrar o Deus escondido em tudo o que fazemos. «Sem amor, mesmo as atividades mais importantes perdem valor e não dão alegria. Sem um sentido profundo, toda a nossa ação se reduz a um ativismo estéril e desordenado. E quem nos dá o amor e a verdade senão Jesus Cristo?»<sup>[4]</sup>. E a quem podemos pedir que interceda

por nós nesta missão de amar a Deus no nosso trabalho quotidiano senão a Sta. Maria?

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, Audiência geral, 18/07/2010.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 307.

[3] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 82.

[4] Bento XVI, Angelus, 18/07/2010.

## 4 de Agosto, São João Maria Vianney

*Reflexão para meditar no dia 4 de agosto, Memória Litúrgica de S. João Maria Vianney, Cura de Ars. Os temas propostos são: o alcance de um sacerdote; memória e agradecimento pela vocação; amor à confissão.*

### Sumário

- O alcance de um sacerdote.
- Memória e agradecimento pela vocação.
- Amor à confissão.

---

S. JOÃO MARIA Vianney, conhecido como Santo Cura d'Ars, foi um padre francês que exerceu o seu ministério numa pequena aldeia francesa chamada Ars, onde passou quase 42 anos. Ao chegar à aldeia, que tinha pouco mais de 200 habitantes, o vigário geral da diocese disse-lhe: «Não há muito amor de Deus nesta paróquia; irá tentar introduzi-lo»<sup>[1]</sup>. O novo pároco tentou inflamar os corações dos seus fiéis por meio dos sacramentos, da pregação e da penitência. Não tinha uma ciência especial, mas a sua união com Deus transformou não apenas Ars, mas também o resto da França, e hoje ele é um modelo sacerdotal para o mundo inteiro.

Nos anos que se seguiram à sua chegada, um grande número de pessoas começou a vir a Ars, atraídas pela santidade deste sacerdote «surpreendente pela sua penitência, tão familiar com Deus na oração, notável pela sua paz e humildade no meio dos êxitos populares»<sup>[2]</sup>. Em 1855, o número de peregrinos chegava a vinte mil. «A igreja estava repleta o dia todo, a partir das primeiras horas da manhã. As pessoas faziam fila para receber os sacramentos. (...) As pessoas ajoelhavam-se nas capelas laterais, atrás do altar-mor, no santuário, ou ficavam de pé na escadaria da igreja»<sup>[3]</sup>. O Cura d'Ars foi canonizado e declarado padroeiro dos sacerdotes por Pio XI em 1925. S. Josemaria nomeou-o intercessor nas relações do Opus Dei com os bispos diocesanos. No dia da sua festa, animava os seus filhos a recorrerem a ele para rezar pelos sacerdotes e, sobretudo, animava-os a procurar

acompanhá-los com afeto, sabendo todo o bem que um sacerdote santo pode fazer, e também tendo conhecido situações de solidão, em que às vezes encontrava alguns. «Tudo o que seja para ajudar os sacerdotes – disse numa ocasião – é salvá-los. E salvar um sacerdote é salvar milhares de almas»<sup>[4]</sup>. A vida de S. João Maria Vianney mostra-nos o alcance que pode ter um sacerdote santo, cujo maior desejo é conduzir as pessoas a Deus por meio dos sacramentos.

---

A VIDA do Cura d'Ars não foi isenta de dificuldades. Quando estava no seminário, alguns professores não o consideravam apto para os estudos de preparação para o sacerdócio, pois os resultados dos seus exames não eram brilhantes. Pouco depois de chegar à aldeia de Ars, também teve que suportar calúnias de vários paroquianos e calúnias de outros padres de cidades próximas. Além disso, em muitas ocasiões sentiu fisicamente a ação do demónio. No entanto, estava ciente de que o Senhor triunfava na sua fraqueza: se o tinha chamado ao sacerdócio, então sabia que Deus sempre o apoiaria.

Em todo o caminho vocacional há momentos de prova. Situações em que notamos cansaço ou em que perdemos os pontos de referência que antes guiavam o nosso caminhar. É então o momento de recordar o primeiro chamamento, de voltar «àquele ponto incandescente onde a Graça de Deus me tocou no início do caminho. É desta fagulha que posso acender o fogo para o dia de hoje, para cada dia, e levar calor e luz aos meus irmãos e às minhas irmãs. A partir daquela fagulha, acende-se uma alegria humilde, uma alegria que não ofende o sofrimento e o desespero, uma alegria mansa e bondosa»<sup>[5]</sup>.

Junto à memória do primeiro chamamento, também nos pode ajudar a memória de todas as pessoas que ajudámos. «Como é belo ver um padre idoso rodeado e visitado por aqueles pequeninos – hoje adultos – que ele batizou nos seus inícios e que vêm, com gratidão, apresentar-lhe a família!»<sup>[6]</sup>. O nosso sim a Deus tem uma transcendência que não compreenderemos plenamente, mas às vezes podemos testemunhar alguns dos frutos da nossa fidelidade que nos fazem dizer com S. Paulo: «Não cesso de dar graças a Deus por vós» (Ef 1, 16). Agradecer a vocação que o

Senhor nos deu, e que repercutiu no bem dos outros, levar-nos-á a reconhecer os gestos de amor que Deus nos dirige todos os dias e que nos confirmam no nosso caminho.

---

O AMOR pelo Sacramento da Reconciliação foi uma das notas características na vida de S. João Maria Vianney. «Impressionava-me profundamente – recordava S. João Paulo II – em particular o seu heroico serviço de confessor. Este humilde sacerdote, que confessava mais de dez horas por dia, comendo pouco e descansando apenas algumas horas, conseguiu, num período histórico difícil, provocar uma espécie de revolução espiritual em França e fora dela. Milhares de pessoas passaram por Ars e se ajoelharam no seu confessor»<sup>[7]</sup>.

O Cura d'Ars considerava que, quando nos aproximamos do sacramento da Penitência, estamos a desprezar Jesus da cruz. Neste sacramento deixamo-nos curar por Cristo; quando nos aproximamos do confessor estamos a responder à chamada à conversão que Ele, pensando somente no nosso bem, nos dirige. «Este esforço de conversão não é somente obra humana. É o movimento do “coração contrito” (Sl 51, 19), atraído e movido pela graça (cf. Jo 6, 44; 12, 32) para responder ao amor misericordioso de Deus, que nos amou primeiro (cf. 1Jo 4, 10)»<sup>[8]</sup>. E nesta resposta encontramos alegria, paz, desejo renovado de empreender o caminho da santidade. Por isso S. Josemaria pôde escrever: «Bendito seja Deus! – dizias depois de acabar a tua Confissão sacramental. E pensavas: é como se voltasse a nascer. Depois prosseguiste com serenidade: “*Domine, quid me vis facere?*” –. Senhor, que queres que faça?»<sup>[9]</sup>.

«O importante, na vida de todo o homem e de toda a mulher, não é nunca mais cair no caminho. O importante é levantar-se sempre, não ficar no chão lambendo as feridas»<sup>[10]</sup>. S. João Maria Vianney fez com que a misericórdia de Deus chegasse a milhares de almas. Ele ajudou a levantar muitas pessoas que, devido ao peso dos seus pecados, tinham perdido a esperança. Ele e a Virgem Maria podem ajudar-nos sempre a recomeçar, sabendo que Cristo não se cansa de nos perdoar.

---

## NOTAS

- [1] cf. F. Trochu, *El Cura de Ars*, Palabra, 5.<sup>a</sup> ed., Madrid 1988, p. 141.
- [2] S. João Paulo II, Carta aos sacerdotes, 16/03/1986.
- [3] B. Marshall, «*El cura de Ars*», en Boothe Luce, Clare, ed. *Santos para el presente*, p. 293-316.
- [4] S. Josemaria, Apontamentos tomados durante uma tertúlia, 28/03/1969.
- [5] Francisco, Homilia, 19/04/2014
- [6] Francisco, Carta aos sacerdotes, 05/08/2019.
- [7] S. João Paulo II, *Dom e Mistério*, cap. V.
- [8] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1428.
- [9] S. Josemaria, *Forja*, n. 238.
- [10] Francisco, *O nome de Deus é misericórdia*, cap. VI.

## 6 de agosto, Transfiguração do Senhor

*Reflexão para meditar no dia 6 de agosto, Festa da Transfiguração do Senhor. Os temas propostos são: a Transfiguração, uma mensagem de esperança; uma antecipação do paraíso; descer do Tabor renovado.*

### Sumário

- A Transfiguração, uma mensagem de esperança.
- Uma antecipação do paraíso.
- Descer do Tabor renovado.

---

SEIS dias depois de ter anunciado a sua morte e ressurreição aos discípulos, o Senhor tomou consigo Pedro, Tiago e João, «e levou-os sozinhos a um alto monte. E transfigurou-se diante deles, o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz» (Mt 17, 1-2). Antes da Paixão, «Jesus manifesta a sua glória aos apóstolos, para que tenham força para enfrentar o escândalo da cruz (Mt 17, 1-2) e compreendam que é necessário passar por muitas tribulações para chegar ao reino de Deus»<sup>[1]</sup>. O acontecimento da Transfiguração é, portanto, uma mensagem de esperança para os momentos da cruz. Os sofrimentos, as pequenas e grandes contrariedades da vida quotidiana, são a porta que nos leva a acompanhar o Senhor na sua glória: «Jesus, ver-te, falar-te! Permanecer assim, contemplando-te, abismado na imensidão da tua beleza, e nunca, nunca cessar nessa contemplação!»<sup>[2]</sup>.

A vida é um caminho para o céu. E o Senhor ensinou aos apóstolos que, nesse caminho, o sofrimento não é apenas uma paragem inevitável, um tributo amargo a pagar contra a nossa vontade, mas que o próprio Jesus carregou a cruz, carregou-a por amor aos seus ombros. Ele entregou-se porque quis. Deste modo, mostra-nos que o verdadeiro mal não é tanto a experiência de uma contrariedade, mas a ideia de que temos de ultrapassar sozinhos, ou pretender viver como se a cruz não existisse. «Não é verdade que, quando deixas de ter medo da Cruz, daquilo a que as pessoas chamam

cruz, quando pões a tua vontade em aceitar a vontade divina, és feliz, e todas as preocupações, todos os sofrimentos físicos ou morais desaparecem?»<sup>[3]</sup>. A esperança de contemplar Jesus na sua glória, como fizeram os Apóstolos na Transfiguração, encher-nos-á de força para podermos ver o reflexo do seu rosto nas dificuldades do quotidiano.

---

PEDRO, contemplando a glória da Transfiguração, dirigiu a Jesus algumas palavras emocionadas: «Senhor, como é bom estarmos aqui! Se quiseres, farei aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias» (Mt 17, 4). O Apóstolo tinha experimentado uma antecipação do paraíso, uma felicidade que ia muito além das suas próprias expectativas e vivências. Por isso, talvez como qualquer um de nós, ele queria que aquele momento durasse para sempre, que não desaparecesse tão depressa como tinha chegado, ou com a rapidez com que tantas outras alegrias desapareciam. Mas Cristo não o permitiu. Não o tinha feito participante da glória do céu para que fugisse da realidade, mas para que tivesse um guia nos dias sombrios da Paixão. «A beleza de Jesus não afasta os discípulos da realidade da vida, mas dá-lhes a força para o seguirem até Jerusalém, até à cruz. A beleza de Cristo não é alienante, leva-nos sempre adiante, não nos faz esconder»<sup>[4]</sup>.

Também nós podemos experimentar na terra uma antecipação do paraíso, momentos em que sentimos a presença de Jesus de modo particularmente forte, sobretudo nas pessoas que amamos. Na nossa vida de piedade, podemos também passar por fases de maior fruição afetiva. No amor conjugal no matrimónio, na família, na amizade sincera ou no desejo de melhorar o nosso mundo, podemos começar a saborear uma parte do cêntuplo que Deus nos prometeu. E é natural que, como Pedro, desejemos que estas circunstâncias permaneçam assim para sempre ou que durem o mais possível. No entanto, o Senhor permite estas antecipações do Céu, não para as reter a todo o custo, mas para nos estimular. A recordação destes momentos iluminar-nos-á para os dias de escuridão e guiar-nos-á para uma felicidade muito mais duradoura do que a da Transfiguração: a glória da vida eterna. «Um grande Amor espera-te no Céu: sem traição, sem engano: todo o amor, toda a beleza, toda a grandeza, toda a ciência...! E sem fastio: saciar-te-á sem saciar»<sup>[5]</sup>.

---

ALGUMAS das mais importantes manifestações de Deus tiveram lugar no cimo da montanha. Assim se pode observar em episódios como o da aliança que fez com Abraão no Monte Moriá ou o da entrega das tábuas da Lei a Moisés no Sinai. A própria morte de Jesus também teve lugar noutra montanha, o Calvário. E, na Transfiguração, o evangelista salienta que os apóstolos tiveram de subir ao cimo do Tabor (cf. Mt 17, 1). Esta ascensão convida-nos a «refletir sobre a importância de nos separarmos das coisas do mundo, para fazer um caminho até ao alto e contemplar Jesus. Trata-se de uma escuta atenta e orante de Cristo, o Filho predileto do Pai, procurando momentos de oração que nos permitam um acolhimento dócil e alegre da Palavra de Deus»<sup>[6]</sup>.

Nos momentos de repouso, temos a oportunidade de nos desligar do ritmo da vida quotidiana e de escutar a voz de Jesus. Com o corpo e o espírito renovados, podemos aprofundar a nossa relação com Deus e com os outros: rezar com mais calma e serenidade, ler o Evangelho, passar mais tempo com a nossa família e amigos. Depois, podemos descer da montanha «carregados com a força do Espírito divino, para decidir novos passos de conversão e para testemunhar constantemente o amor como lei da vida quotidiana. Transformados pela presença de Cristo e pelo ardor da sua palavra, seremos um sinal concreto do amor vivificante de Deus para todos os nossos irmãos»<sup>[7]</sup>.

S. Josemaria considerava que o verdadeiro descanso não é evasão, nem tempo dedicado exclusivamente ao ócio, mas separação da realidade quotidiana para «recuperar forças, ideais, propósitos... Em suma: uma mudança de ocupação, para voltar depois – com novo vigor – ao trabalho habitual»<sup>[8]</sup>. Podemos pedir a Maria que nos ajude a viver esses momentos de repouso – quer sejam prolongados durante um período de tempo ou breves momentos no quotidiano – com o desejo de contemplar Jesus como fizeram os Apóstolos na Transfiguração.

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, Angelus, 17/02/2008.

[2] S. Josemaria, *Santo Rosário*, quarto mistério luminoso.

[3] S. Josemaria, *Via Sacra*, II estação.

[4] Francisco, *Angelus*, 05/03/2023.

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 995.

[6] Francisco, *Angelus*, 06/08/2017.

[7] *Ibid.*

[8] S. Josemaria, *Sulco*, n. 514.

## 8 de setembro, Natividade de Nossa Senhora

*Reflexão para meditar no dia 8 de setembro, Festa da Natividade da Virgem Santa Maria. Os temas propostos são: alegria pelo nascimento de Maria; a obra-prima da criação; Deus é fiel e não falta às suas promessas.*

### Sumário

- Alegria pelo nascimento de Maria.
- A obra-prima da criação.
- Deus é fiel e não falta às suas promessas.

---

«EXULTEMOS de alegria no Senhor, ao celebrarmos o nascimento da Virgem Santa Maria, da qual nasceu o Sol da Justiça, Cristo, nosso Deus»<sup>[1]</sup>. Com estas palavras começa a celebração eucarística desta festa. Assim como a aurora anuncia, a cada amanhecer, a chegada de um novo dia, também o nascimento da Mãe de Deus é «esperança e aurora da salvação»<sup>[2]</sup>. Com o nascimento de Maria, a redenção é já iminente. Geração após geração, os piedosos israelitas esperaram a chegada da Mãe do Messias; eles esperaram, como Miqueias profetizou, «pelo tempo em que der à luz aquela que há de ser mãe» (Mq 5, 2).

«Talvez seja possível entender melhor o que o nascimento da Virgem representa para a humanidade se considerarmos a condição de um encarcerado. Os dias do encarcerado são longos, intermináveis... Conta os minutos da última noite que transcorre na cadeia. Então, finalmente, as portas abrem-se: a tão esperada hora da liberdade chegou! Esses intermináveis minutos, contados um a um, lembram-nos as páginas do Evangelho da genealogia de Jesus. Uns nomes sucedem-se a outros com monotonia (...). Até que soa, finalmente, a hora desejada por Deus: é a plenitude dos tempos, o início da luz, a aurora da salvação: “Jacob gerou a José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo” (Mt 1, 16)»<sup>[3]</sup>.

Esta festa mariana é um convite à alegria. Como diz o salmista: «Exulto de alegria no Senhor» (Sl 12, 6). Ao comemorar o aniversário de Maria, um Padre da Igreja exclama: «Que toda a criação, então, transborde de contentamento (...) e que tudo o que está no mundo e acima do mundo a celebre com alegria. Hoje, de facto, foi construído o santuário do Autor de todas as coisas, e a criação, de uma maneira nova e mais digna, está pronta para hospedar em si o supremo Criador»<sup>[4]</sup>.

---

MARIA NASCE para se tornar, por meio do seu *fiat* generoso, a Mãe do Redentor. Ela foi a peça-chave no plano que Deus traçou para resgatar a humanidade. O Senhor preparou delicadamente, século após século, os homens e mulheres da sua linhagem. Desde o primeiro momento da sua concepção, Ele A santificou admiravelmente, tornando-A «cheia de graça» (Lc 1, 28); nasce imaculada pelo privilégio divino de ser a Mãe do Filho de Deus. Embora nenhum dos seus concidadãos o tenha percebido, «esta menina, ainda pequena e frágil, é a “mulher” do primeiro anúncio da futura redenção, oposta por Deus à serpente tentadora (cf. Gn 3, 15)»<sup>[5]</sup>.

Por isso, como os santos repetiram através dos tempos, podemos dizer, sem medo de exageros, que esta "menina" é a obra-prima da criação, a mais bela de todas as criaturas. S. João Damasceno, por exemplo, assinala que «hoje, na terra, aquele que outrora separou o firmamento das águas e o levantou ao alto, criou um céu de natureza terrena, e este céu é de longe divinamente mais esplêndido do que o primeiro»<sup>[6]</sup>.

A Virgem é a criatura mais amada por Deus, a porta pela qual ele entra nesta terra. No entanto, embora predestinada pela Trindade para uma missão elevada, Deus quis esperar a resposta livre de Maria. «Consideremos agora o momento sublime em que o Arcanjo S. Gabriel anuncia a Santa Maria o desígnio do Altíssimo – escreve S. Josemaria –. A nossa Mãe escuta, e a seguir pergunta, para compreender melhor o que o Senhor lhe pede; depois vem a resposta firme: *Fiat!* – faça-se em mim segundo a tua palavra! –, o fruto da melhor liberdade: a de decidir-se por Deus»<sup>[7]</sup>.

---

A PAR DA ALEGRIA pela notícia do seu nascimento, a liturgia sublinha a providência do Senhor conosco. Ele oferece-nos o Seu cuidado ao longo da nossa história pessoal e como povo de Deus. Não nos abandona à nossa sorte. «Esta festa recorda-nos que Deus é fiel às suas promessas e que, através de Maria Santíssima, quis habitar entre nós»<sup>[8]</sup>. A genealogia de Jesus Cristo que se lê no Evangelho não é uma simples lista de nomes que, partindo de Abraão, chega até Jesus, mas tem um significado mais profundo. Nessa lista, destacam-se figuras luminosas, como os patriarcas, fiéis à voz de Deus; mas também encontramos, entre esses nomes, histórias sombrias, pessoas que se comportaram de modo mesquinho.

Deste trecho emerge mais uma vez a evidência de que, nas palavras de S. Josemaria, «assim como nós, homens, escrevemos com caneta, o Senhor escreve com a perna da mesa, para que se veja que é ele quem escreve: é isso que é incrível, é isso que é maravilhoso»<sup>[9]</sup>. Para Deus não há becos sem saída. Embora sempre respeite a nossa liberdade, o Senhor «sabe encontrar no nosso fracasso novos caminhos para o seu amor. Deus não fracassa. Assim, esta genealogia é uma garantia da fidelidade de Deus, uma garantia de que Deus não nos deixa cair e um convite a voltar sempre a nossa vida para Ele, a caminhar sempre de novo para Cristo»<sup>[10]</sup>.

Contemplar Maria é vermo-nos no modelo que o próprio Deus nos deu. Na ladainha do rosário nós invocamo-la com o título de «Virgem fiel» e «Causa da nossa alegria»: podemos pedir-lhe no dia do seu aniversário que nos ajude a ser felizes sendo fiéis todos os dias aos planos de Deus, sempre novos.

---

## NOTAS

[1] Antífona de entrada.

[2] Oração depois da comunhão.

[3] Joseph Ratzinger, *El Rostro de Dios*, Ed. Sígueme, Salamanca, 1983.

[4] Sto. André de Creta, *Sermão 1*, p. 97, n. 806-810.

[5] S. João Paulo II, Homilia, 08/09/1980.

[6] S. João Damasceno, *Homilia sobre a Natividade de Maria*, p. 96, 661 s.

[7] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 25.

[8] Francisco, Audiência geral, 08/09/2021.

[9] S. Josemaria, Meditação, 02/10/1962.

[10] Bento XVI, Homilia, 08/09/2007.

## 12 de setembro, Santo Nome de Maria

*Reflexão para meditar no dia 12 de setembro, Memória Litúrgica do Santo Nome de Maria. Os temas propostos são: uma mãe próxima a quem chamamos pelo nome; esperança no meio das dificuldades; Maria conduz-nos a Jesus*

### Sumário

- Uma mãe próxima a quem chamamos pelo nome.
- Esperança no meio das dificuldades.
- Maria conduz-nos a Jesus.

---

A SURPRESA de Santa Isabel deve ter sido grande quando, no meio da sua gravidez, recebeu a visita da sua prima. «Bendita és Tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre – disse Isabel –. E de onde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?» (Lc 1, 41-43). A proximidade de Maria faz com que a esposa de Zacarias se sinta inundada de alegria. Uns meses antes tinha recebido com alegria a notícia de que daria à luz; e agora o Senhor dá-lhe uma nova graça, enviando-lhe a sua prima para que a acompanhe nesse momento tão especial.

Esta surpresa de Santa Isabel repete-se no coração dos cristãos quando descobrem a proximidade de Maria nas suas vidas e, portanto, a do Senhor. Jesus Cristo introduz-se no tempo não de uma maneira estranha, mas nas entranhas da sua Mãe. E é ela precisamente a primeira que vem ao nosso encontro, como o fez com a sua prima. A festa do Doce Nome de Maria recorda-nos que temos uma mãe próxima a quem podemos chamar com a certeza de ser escutados. «Dessa cordialidade, dessa confiança, dessa segurança, fala-nos Maria. Por isso, o seu nome vai tão direito aos nossos corações»<sup>[1]</sup>.

A nossa fé e esperança inflamam-se quando pronunciamos o nome da Mãe de Jesus. Não é difícil dirigir-se a ela: basta que a chamemos com a

naturalidade de filhos. Como repetia S. Josemaria: «A relação de cada um de nós com a nossa própria mãe pode servir-nos de modelo e de pauta para a nossa intimidade com a Senhora do Doce Nome, Maria. Temos de amar a Deus com o mesmo coração com que amamos os nossos pais, os nossos irmãos, os outros membros da nossa família, os nossos amigos ou amigas: não temos outro coração. E com esse mesmo coração havemos de querer a Maria»<sup>[2]</sup>.

---

«LOGO QUE chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio» (Lc 1, 44). As palavras de Maria fazem com que João salte no seio da sua mãe. Depois da alegria do seu filho, Santa Isabel percebe que a Virgem leva consigo a esperança de Israel. Por isso não poupa os louvores ao dirigir-se a ela: «Bendita és Tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. (...) Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor» (Lc 1, 42.45).

Tal como Santa Isabel, também nós podemos louvar a nossa Mãe porque deixou Deus atuar na sua vida e, assim, o mundo ser alcançado pela paz. Isto pode encher-nos de esperança no meio das nossas lutas diárias. Com efeito, muitos santos aconselharam dirigir-se a Santa Maria no meio das tribulações para encontrar otimismo e serenidade. «Nos perigos, nas angústias, nas dúvidas, pensa em Maria, invoca Maria – escrevia S. Bernardo –. Não se afaste Maria da tua boca, não se afaste do teu coração»<sup>[3]</sup>.

Não importa que, por vezes, a nossa vida pareça um mar agitado pelas debilidades: invocar Santa Maria enche-nos de segurança. «Na tradição ocidental o nome “Maria” foi traduzido com “Estrela do Mar”. É precisamente nisto que se manifesta esta experiência: quantas vezes a história em que vivemos parece um mar escuro que atinge ameaçadoramente com as suas ondas a barca da nossa vida! Às vezes a noite parece impenetrável. (...) Muitas vezes entrevemos apenas de longe a grande Luz, Jesus Cristo, que venceu a morte e o mal. Mas então vemos muito próxima a luz que se acendeu, quando Maria disse: “Eis aqui a escrava do Senhor”. Vemos a clara luz da bondade que emana dela»<sup>[4]</sup>.

---

A VIRGEM recebe com simplicidade os louvores de Santa Isabel: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador» (Lc 1, 46-47). A verdadeira devoção a Santa Maria leva a dirigirmo-nos espontaneamente a Deus, fonte de todas as graças. Se ela exclama que «de hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações» (Lc 1, 48), é porque a força do Senhor se tornou presente na sua vida.

Maria ocupa na oração do cristão «um lugar privilegiado, porque é a Mãe de Jesus. As Igrejas do Oriente representaram-na frequentemente como a *Odighitria*, aquela que “indica o caminho”, ou seja, o Filho Jesus Cristo (...) Na iconografia cristã a sua presença está em toda a parte, às vezes com grande destaque, mas sempre em relação ao Filho e em função d'Ele. As suas mãos, o seu olhar, a sua atitude são um *catecismo* vivo e apontam indicam sempre o âmago, o centro: Jesus. Maria está totalmente voltada para Ele»<sup>[5]</sup>.

Ao celebrar o Doce Nome de Maria, podemos pedir-Lhe que continue a indicar-nos o caminho até ao seu Filho. A oração que lhe dirigimos une-nos espontaneamente a Jesus. Na Ave Maria aclamamo-l'A como «bendita sois Vós entre as mulheres», e imediatamente depois acrescentamos: «e bendito é o fruto do Vosso ventre, Jesus». Quando por vezes não sabemos como nos dirigir ao Senhor, a nossa Mãe oferece-nos um caminho seguro para chegar a Ele, porque «a Jesus sempre se vai e se “torna a ir” por Maria»<sup>[6]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 142.

[2] *Ibid.*

[3] S. Bernardo, *Sobre las excelencias de la Virgen Madre*, 2, 17.

[4] Bento XVI, Homilia, 12/09/2009.

[5] Francisco, Audiência geral, 24/03/2021.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 495.

## 14 de setembro, Exaltação da Santa Cruz

*Reflexão para meditar no dia 14 de setembro, Festa da Exaltação da Santa Cruz. Os temas propostos são: a Cruz, lembrança do amor de Cristo; compreender o sentido da Cruz; símbolo de vitória.*

### Sumário

- A Cruz, lembrança do amor de Cristo.
- Compreender o sentido da Cruz.
- Símbolo de vitória.

---

«TODA A NOSSA glória está na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. N'Ele está a nossa salvação, vida e ressurreição. Por Ele fomos salvos e livres»<sup>[1]</sup>. A Igreja faz suas estas palavras de S. Paulo na festa da Exaltação da Santa Cruz. Hoje podemos olhar com especial devoção para essas traves que, embora há séculos falassem de morte, hoje nos falam de vida e de liberdade. Para os cristãos, a Cruz do Senhor não é uma tragédia, mas fonte de salvação.

Os apaixonados olham com especial carinho para os lugares ou objetos relacionados com a pessoa amada: o sítio onde se conheceram, a fotografia dum momento especial, o presente que acompanhou uma declaração de amor... Tudo isso conserva um valor especial. A Cruz é o lugar onde Jesus veio procurar com suma misericórdia a humanidade extraviada. Aí o filho de Deus solidarizou-se com os homens, especialmente com os que sofrem e com os que aparentemente perderam toda a esperança. A Cruz fala-nos dessa relação particular que Cristo tem com cada pessoa que se abre ao seu consolo e ao seu perdão.

Durante a peregrinação pelo deserto, o povo de Israel olhava para uma serpente de bronze suspensa num estandarte para conseguir a cura (cf. Num. 21, 4-9). Jesus anuncia a Nicodemos que, nos tempos messiânicos, «Assim como Moisés elevou a serpente no deserto, também o Filho do homem será

elevado, para que todo aquele que acredita tenha n'Ele a vida eterna» (Jo, 3, 14-15). Ao dirigir o nosso olhar para a Cruz, podemos recordar tudo o que Cristo fez por nós, começando pelo sacrifício que nos permitiu recuperar a vida.

---

COMPREENDER o sentido autêntico da Cruz não é simples. S. Pedro amava sinceramente o Senhor, mas num primeiro momento não percebeu o que queria dizer com o anúncio da sua Paixão, e Jesus teve que o repreender quando tentou dissuadi-lo de dar a vida (cf. Mt 16, 21-23). No entanto, anos mais tarde, o apóstolo captaria mais plenamente o seu significado, até ao ponto de estar disposto a também morrer numa cruz.

S. Josemaria animava a descobrir na Cruz um chamamento a identificar-se com Cristo; quer dizer, a não ver na cruz simplesmente uma recordação dum acontecimento passado, mas um convite a descobrir que é um acontecimento atual, presente na nossa própria vida. «Perguntas-me: porquê essa Cruz de pau? – E copio duma carta: “Ao levantar os olhos do microscópio o olhar vai tropeçar com a Cruz negra e vazia. Esta Cruz sem Crucificado é um símbolo. (...) A Cruz solitária está a pedir uns ombros que carreguem com ela”»<sup>[2]</sup>.

Para alguns, a Cruz está como que muda, parece que só anuncia dor. No entanto, para os cristãos é um convite a ser generosos, a unirmo-nos a Jesus que nos espera para nos conceder a mesma capacidade para viver sempre com amor e não dar espaço às consequências do pecado. Na Cruz, o Senhor restaura a natureza ferida do homem: perante a maior injustiça, Jesus não permite que no seu coração humano nasçam o ressentimento, a desobediência, o ódio, etc. Só alguém com a força de Deus podia fazê-lo. Cristo crucificado está a recriar o homem e entrega-nos essa nova vida nos sacramentos. Por isso, levar a Cruz não consiste apenas em «suportar com paciência as tribulações quotidianas, mas em viver com fé e responsabilidade esta parte de cansaço e de sofrimento que a luta contra o mal traz consigo. (...) Assim o compromisso de “pegar na cruz” converte-se em participação com Cristo na salvação do mundo»<sup>[3]</sup>.

---

«PARA UM CRISTÃO, exaltar a cruz quer dizer entrar em comunhão com a totalidade do amor incondicional de Deus pelo homem»<sup>[4]</sup>. Abraçar a cruz é um ato de fé pelo qual desejamos viver apenas do amor que Cristo nos oferece. Daí que São João Crisóstomo nos recorde que a Cruz acompanha a vida cristã e isto é uma fonte de alegria: «Que ninguém, pois, se envergonhe dos símbolos sagrados da nossa salvação, da suma de todos os bens, daquilo a que devemos a vida e o ser»<sup>[5]</sup>.

O Senhor continua a atrair uma multidão de homens e de mulheres a partir da Cruz: «E quando Eu for elevado da terra, atrairei todos a Mim» (Jo 12, 32). É fácil imaginar a paixão e a convicção com que Jesus terá pronunciado estas palavras, quando se aproximava o momento em que daria a Sua vida. Para Ele, a Cruz é o momento do triunfo definitivo, o caminho para conquistar os corações que tanto ama. É o trono de onde reina e que simboliza «a vitória do amor sobre o ódio, do perdão sobre a vingança, do serviço sobre o domínio, da humildade sobre o orgulho, da unidade sobre a divisão»<sup>[6]</sup>.

Podemos recorrer a Nossa Senhora, que soube estar ao pé da Cruz acompanhando o seu filho. «Invoca o coração de Santa Maria, com ânimo e decisão de te unires à sua dor, em reparação pelos teus pecados e pelos dos homens de todos os tempos –aconselhava S. Josemaria –. E pede-lhe – para cada alma – que essa sua dor aumente em nós a aversão ao pecado, e que saibamos amar, como expiação, as contrariedades físicas ou morais de cada dia»<sup>[7]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Missal Romano, 14 de setembro - Exaltação da Santa Cruz, Antífona de entrada (cf. Gl 6, 14).

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 277.

[3] Francisco, *Angelus*, 30/08/2020.

[4] Bento XVI, *Discurso*, 14/09/2012.

[5] S. João Crisóstomo, *Comentário ao Evangelho de Mateus*, hom. 54, 4-5.

[6] Bento XVI, Discurso, 14/09/2012.

[7] S. Josemaria, *Sulco*, n. 258.

## 15 de setembro, Nossa Senhora das Dores

*Reflexão para meditar no dia 15 de setembro, Memória Litúrgica da Virgem Santa Maria das Dores. Os temas propostos são: o martírio interior de Maria; as lágrimas da Virgem; um coração compassivo.*

### Sumário

- O martírio interior de Maria.
- As lágrimas da Virgem.
- Um coração compassivo.

---

A IGREJA convida-nos a olhar para aqueles últimos momentos da vida do Senhor, nos quais Ele quis ter a companhia da Sua Mãe. É uma cena que, vista de uma perspectiva simplesmente humana, pareceria sombria: um condenado à beira da morte, na presença da sua própria mãe. No entanto, a fé ilumina esse quadro e ajuda-nos a ver que, além das sombras, há pontos de luz. Até ousamos exclamar: «Bendita seja a Virgem Maria, que, sem passar pela morte, mereceu a palma do martírio, ao pé da cruz do Senhor»<sup>[1]</sup>.

Porque podemos dizer que a Virgem foi abençoada por estar ao lado da cruz do seu filho? Sem dúvida, isso não se entende a não ser à luz da Páscoa do Senhor. O martírio interior de Santa Maria, toda aquela dor real, foi superado por uma participação especial e imensa na alegria da ressurreição de Jesus. Contemplar a dor da Virgem lembra-nos que, em Cristo, o sofrimento não tem a última palavra: sempre podemos associá-lo a algo maior, à obra da salvação de todos.

A Missa de hoje termina dizendo: «Senhor, que nos alimentastes com o sacramento da redenção eterna, ao celebrarmos as dores da Virgem Santa Maria, ajudai-nos a completar em nós, em benefício da Igreja, o que falta à paixão de Cristo»<sup>[2]</sup>. Santa Maria viveu de maneira muito especial aquele mistério da união das suas dores com a Cruz de Jesus. Nossa Senhora

mostra-nos que o sofrimento, as grandes ou pequenas contradições, não devem encerrar-nos em nós mesmos. Sabendo que se dirigem à ressurreição, podem ser um caminho de estar mais perto de Jesus e dos outros.

---

S. JOSEMARIA, ao imaginar o encontro de Jesus com a Sua Mãe a caminho do Calvário, comenta: «Com imenso amor, Maria olha para Jesus, e Jesus olha para a Sua Mãe; os Seus olhares encontram-se, e cada coração verte no outro a Sua própria dor»<sup>[3]</sup>. É bastante comum as mães conterem o próprio sofrimento para amenizar o dos filhos. Santa Maria parece fazer a mesma coisa: abre o coração à dor, com o propósito de dar um pouco de alívio a Jesus.

A arte de todos os séculos conservou na nossa memória as lágrimas que a Virgem derramou aos pés da Cruz. Mas essas lágrimas de Maria «foram transformadas pela graça de Cristo; toda a sua vida, todo o seu ser, tudo em Maria se transfigura em perfeita união com o seu Filho, com o seu mistério de salvação. (...) Por isso, as lágrimas da Virgem são sinal da compaixão de Deus que sempre nos perdoa; são sinal da dor de Cristo pelos nossos pecados e pelo mal que aflige a humanidade, especialmente os pequeninos e os inocentes»<sup>[4]</sup>.

Na nossa vida também encontraremos cruces, grandes e pequenas. Nossa Senhora das Dores lembra-nos que nunca estamos sozinhos no momento da provação. Ela cumpre o encargo que recebeu dos lábios de Jesus antes de morrer e exerce sobre nós a sua proteção maternal. Podemos ter a certeza de que sempre há alguém que não é indiferente à nossa dor, mas que sinceramente se solidariza connosco. Em Santa Maria encontramos consolo e força.

---

A FESTA de hoje convida-nos a encher de compaixão também o nosso coração. É difícil assumir a dor de Maria e, diante dela, mostrar indiferença: «Quem é que não choraria, ao ver a Virgem Maria, rasgada em seu coração?»<sup>[5]</sup>. Estas palavras do *Stabat Mater* procuram levar-nos à conversão. Estamos chocados ao ver o sofrimento da mãe do homem

punido injustamente. Perante as consequências do mal na sociedade, os cristãos são chamados a não passar de largo, mas a acolhê-las com o mesmo coração da Virgem.

Contam do fundador do Opus Dei que, sobretudo nos seus últimos anos, «rezava com muita intensidade enquanto assistia ao noticiário na televisão: recomendava ao Senhor os acontecimentos comentados e pedia pela paz no mundo»<sup>[6]</sup>. Também podemos pedir a Maria que alcancemos a mesma sensibilidade ao sofrimento que testemunhamos todos os dias, seja na rua ou nos meios de comunicação.

«Maria fonte de amor – continua o *Stabat Mater* – *fazei que na vossa dor / convosco eu chore também. Fazei que o meu coração seja todo gratidão/ a Cristo de quem sois mãe*»<sup>[7]</sup>. Uma atitude compassiva não é uma atitude fraca. A Virgem, aos pés da Cruz, mostra-nos a força da misericórdia, que é capaz de levantar os aflitos e semear a paz ao seu redor. «Admira a firmeza de Santa Maria: ao pé da Cruz, com a maior dor humana – não há dor como a sua dor – cheia de fortaleza. – E pede-lhe dessa firmeza, para que saibas também estar junto da Cruz»<sup>[8]</sup>.

---

## NOTAS

[1] Missal Romano, 15 de setembro. Nossa Senhora das Dores, Aclamação antes do Evangelho.

[2] *Ibid.* Oração depois da Comunhão.

[3] S. Josemaria, *Via Sacra*, IV estação.

[4] Francisco, Audiência geral, 23/04/2022.

[5] Sequência *Stabat Mater*.

[6] Bto. Álvaro del Portillo, *Entrevista sobre o Fundador do Opus Dei*, n. 30.

[7] Sequência *Stabat Mater*.

[8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 508.

## 21 de setembro, São Mateus

*Reflexão para meditar no dia 21 de setembro, Festa de S. Mateus, Apóstolo e Evangelista. Os temas propostos são: o encontro de Mateus com Jesus; um amor que guia nas dificuldades; reconhecer-se pecador.*

### Sumário

- O encontro de Mateus com Jesus.
- Um amor que guia nas dificuldades.
- Reconhecer-se pecador.

---

«JESUS viu o publicano e, porque o amou, escolheu-o»<sup>[1]</sup>. Estas palavras de S. Beda condensam os traços essenciais de qualquer vocação. Em todos os chamamentos a iniciativa parte sempre de Deus, que pensa em nós desde a eternidade e nos acompanha em cada um dos nossos passos. No caso de Mateus, é Jesus que passa no lugar onde estava a cobrar impostos. E, ao vê-lo, decide chamá-lo sem qualquer preâmbulo. É o mistério da vocação. Mateus podia ter feito perguntas tais como: porquê a mim? Porquê agora? Tenho as qualidades necessárias? Onde me vai levar esta escolha? Era um publicano, considerado socialmente como um pecador público. Mas a sua história demonstra que nenhuma destas questões é decisiva. O que é realmente importante, no caso de Mateus e de qualquer vocação, é que se produziu um encontro pessoal com Cristo e é Ele que nos convida a colaborar no seu plano de salvação.

Jesus dirige uma palavra a Mateus: «Segue-Me». Não se trata apenas dum convite para O acompanhar. Também quer dizer: “Imita-me”. Disse-lhe: segue-Me, mais que com os passos, com a forma de atuar. Porque quem diz que permanece em Cristo deve viver como Ele viveu»<sup>[2]</sup>. E foi assim que a vida de Mateus encontrou a sua plena realização. Veria toda a sua existência com olhos novos, com uma luz que também é calor e impulso para dar uma resposta generosa. «Se me perguntardes como se nota o chamamento divino, como é que a pessoa se apercebe – dizia S. Josemaria –

dir-vos-ei que é uma visão nova da vida. É como se se acendesse uma luz dentro de nós; é um impulso misterioso, que leva o homem a dedicar as suas mais nobres energias a uma atividade que, com a prática, se torna dever de ofício. Essa força vital, que tem qualquer coisa de avalanche irresistível, é aquilo a que outros chamam vocação»<sup>[3]</sup>.

---

MATEUS responde imediatamente ao chamamento. O Evangelho diz com toda a simplicidade que «se levantou e O seguiu» (Mt 9, 9). Os dados são poucos. Não sabemos se já antes tinha ouvido o Mestre ou se tinha conversado com Ele em Cafarnaum, onde vivia e trabalhava. O que o texto destaca, na sua concisão, é a prontidão com que segue o Senhor quando recebe o chamamento para compartilhar a Sua vida. Encontramos algo muito parecido no caso doutros apóstolos, como André e Pedro, Filipe e Natanael, ou Tiago e João (cf. Jo 1, 40-50; Mt 4, 18-22).

O que é que levou aqueles pescadores simples e o publicano Mateus a seguir Cristo sem demora? Não é nada fácil dar uma resposta. Sabemos pouco quem eram, como pensavam, quais os seus anseios e esperanças. Mas apercebemo-nos nos Evangelhos de que Jesus se meteu nos seus corações. Fê-los experimentar vivamente o amor que trazia à terra. E esta descoberta encheu-os duma alegria irresistível. «Cada vocação verdadeira tem início com um encontro com Jesus que nos oferece uma alegria e uma esperança nova; e nos conduz inclusive através de provações e dificuldades, a um encontro cada vez mais pleno»<sup>[4]</sup>.

Mateus deixou que o seu coração fosse conquistado por Jesus. Experimentou que estar com Ele dá uma felicidade que o mundo não pode dar. Possivelmente, passadas poucas semanas de estar junto de Jesus, não se lhe ocultava que haveria dificuldades, pois nem todos recebiam o Mestre com a mesma abertura de coração. Talvez também se apercebesse dos seus próprios limites e misérias, em contraste com a missão que Jesus empreendia. Mas Mateus preferiu a esperança, rejeitando o pessimismo; confiou em que podia guardar o seu amor por Jesus, talvez purificando-o e renovando-o muitas vezes. «Apaixonados por Jesus. Certamente, há provações na vida, momentos em que é preciso ir em frente, não obstante o frio e os ventos contrários, apesar de tantas amarguras. Contudo, os cristãos

conhecem a estrada que conduz àquele fogo sagrado que os acendeu de uma vez para sempre. (...) Cultivemos utopias sadias: Deus quer que sejamos capazes de sonhar como Ele e com Ele, enquanto caminhamos muito atentos à realidade»<sup>[5]</sup>.

---

DEPOIS do encontro no telónio, Mateus decidiu organizar uma festa na sua própria casa. Quis festejar a nova vida que ia começar convidando os amigos para que também conhecessem Jesus. Muitos deles, como o próprio Mateus, eram considerados pecadores pela sua colaboração com o império romano. Por isso, «os fariseus, ao ver isto, começaram a dizer aos discípulos: “Porque é que o vosso mestre come com publicanos e pecadores?”». Mas Jesus, ao ouvir estas palavras, deixa claro o sentido da sua vinda ao mundo: «Os sãos não têm necessidade de médico, mas sim os doentes. Ide e aprendei que sentido tem: “Quero misericórdia e não sacrifício”, porque não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mt 9, 10-13).

O que se considera justo está a fechar as portas a Deus. Pelo contrário, o que se reconhece pecador deixa que Cristo se aproxime para o curar. Ele não nos pede uma vida impoluta e sem erros, mas um coração contrito e humilhado: este é o melhor sacrifício que podemos oferecer-Lhe (cf. Sl 51, 19). «Somos pobres vasos de barro: frágeis, quebradiços. Mas Deus fez-nos para nos encher da sua felicidade para sempre. E já na terra dá-nos a sua alegria para a transmitirmos a todos»<sup>[6]</sup>. Podemos pedir à nossa Mãe do céu que nos ajude a sentir na nossa vida a força sanadora da misericórdia de Deus. É especialmente na Confissão e na Eucaristia que recebemos a graça que nos leva a ser testemunhos do amor que Deus tem por nós.

---

## NOTAS

[1] S. Beda, o Venerável, Homilia 21.

[2] *Ibid.*

[3] S. Josemaria, *Carta* 3, n. 9.

[4] Francisco, Audiência, 30/08/2017.

[5] *Ibid.*

[6] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho.*

## 29 de setembro, Santos Arcanjos

*Reflexão para meditar no dia 29 de setembro, Festa de S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael, Arcanjos. Os temas propostos são: S. Miguel e o poder de Deus; as mensagens de S. Gabriel; S. Rafael, um jovem alegre.*

### Sumário

- S. Miguel e o poder de Deus.
- As mensagens de S. Gabriel.
- S. Rafael, um jovem alegre.

---

O ARCANJO S. Miguel é apresentado no Antigo Testamento como aquele que, em nome de Deus, defende dos perigos o povo escolhido. E no livro do Apocalipse narra-se a guerra que travou com as forças do mal: «Foi travada no Céu uma grande batalha: Miguel e os seus anjos lutaram contra o Dragão, e o Dragão e os seus anjos também lutaram, mas não prevaleceram, e não houve mais lugar para eles no Céu» (Ap 12, 7-8). Entre as primeiras consequências da vitória de Cristo está a derrota do diabo. E cabe a este arcanjo realizá-la. «Miguel significa: "Quem como Deus?" (...). Por esta razão – escreve S. Gregório Magno –, quando se trata de uma missão que requer um poder especial, é enviado Miguel, dando a entender pela sua ação e pelo seu nome que ninguém pode fazer o que só Deus pode fazer»<sup>[1]</sup>. Confiar uma missão a S. Miguel equivale a dizer que isso só o Senhor o pode fazer: «S. Miguel vence porque é Deus que atua nele»<sup>[2]</sup>.

Dizia S. Josemaria a um grupo de filhos seus: «Nenhum de vós está sozinho, nenhum de vós é um verso solto: todos somos versos do mesmo poema épico e divino»<sup>[3]</sup>. Todos nós, os cristãos, fazemos parte do Corpo de Cristo, que é a Igreja. Hoje podemos pedir a este arcanjo, príncipe da milícia celeste, que cuide de todos os homens e mulheres, que nos defenda na luta e que nos proteja das ciladas do demónio<sup>[4]</sup>. E fazemo-lo com a certeza da vitória, «porque o acusador dos nossos irmãos, aquele que os acusava dia e noite diante do nosso Deus, foi derrubado» (Ap 12, 10).

Intensificar a nossa relação com S. Miguel aumentará a nossa fé no poder de Deus, tornar-nos-á humildes até nos identificarmos cada vez mais com o seu próprio nome: «Todos os meus ossos dirão: Quem é como Vós, Senhor?» (Sl 35, 10).

---

O CATECISMO da Igreja assinala que «com todo o seu ser, os anjos são servidores e mensageiros de Deus»<sup>[5]</sup>. O seu ser realiza-se servindo: existem para cooperar gozosamente com os planos do Senhor e transmitir os seus desígnios aos homens. E, entre todos os mensageiros, não há outro como Gabriel. O seu nome significa «força de Deus»; foi enviado em repetidas ocasiões como embaixador do Senhor para comunicar o seu plano de salvação e para encorajar aqueles que convidava a realizá-los. «Eu sou Gabriel – diz, por exemplo, o anjo a Zacarias – que estou diante de Deus; fui enviado para te falar e te dar esta boa nova» (Lc 1, 19). Também o profeta Daniel escreveu sobre o arcanjo: «Chegou voando rapidamente para mim, na hora da oferenda vespertina. Ele fez-se entender, falou comigo e disse: “Daniel, eu vim para te ensinar e para te infundir entendimento”» (Dn 9, 21-22).

S. Lucas diz-nos que quando a Virgem se perturbou ao ouvir a saudação do arcanjo, ele respondeu: «Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus» (Lc 1, 31). Gabriel alcança de Deus o consolo necessário para enfrentarmos as situações de uma forma serena e esperançosa; também quando o que comunica parece exceder as nossas próprias capacidades, como no momento da Anunciação. Ele recorda-nos que «para Deus nada é impossível» (Lc 1, 37), e pode sempre ser um apoio importante nas nossas lutas. «Parece que o mundo te cai em cima – escreve S. Josemaria –. À tua volta não se vislumbra uma saída. Desta vez é impossível superar as dificuldades. Mas, tornaste a esquecer que Deus é teu Pai? Omnipotente, infinitamente sábio, misericordioso... Ele não pode enviar-te nada mau. Isso que te preocupa, convém-te, ainda que os teus olhos de carne estejam agora cegos»<sup>[6]</sup>. O Arcanjo Gabriel anuncia a vontade de Deus e ajuda-nos a compreender que daí só pode vir a alegria e a paz.

---

TOBIT e a sua esposa sofriam ante a perspectiva de enviar o jovem Tobias sozinho, numa viagem tão cheia de incertezas, a uma cidade distante. Eles só podiam acompanhá-lo à distância, e não parecia suficiente. Então apareceu um jovem alegre (cf. Tb 5, 10), pronto a acompanhá-lo: «Tenho experiência e conheço bem todos os caminhos» (Tb 5, 6). Tratava-se do Arcanjo S. Rafael. Ele acompanhou Tobias na sua juventude, ensinando-o a aprender com os desafios que se lhe apresentavam (cf. Sb 6, 1-9); animou-o a superar os medos que o impediam de embarcar na aventura do casamento com Sara (cf. Sb 6, 16.18); ensinou-o a amar a sua futura esposa (cf. Sb 6, 19); e ajudou-o a ser a alegria dos seus pais (cf. Sb 11, 9-15).

Tendo em conta esta tarefa realizada com Tobias, S. Josemaria confiou ao Arcanjo S. Rafael o trabalho apostólico com os jovens. Via esta parte do apostolado do Opus Dei como sendo a menina dos seus olhos, pois a formação cristã da juventude é uma prioridade na Igreja e na Obra, já que as gerações seguintes anseiam pelo mesmo que a nós nos trouxe a paz. É uma missão à qual todos nós, os cristãos, somos chamados, para que possamos ser semeadores da alegria do Evangelho. Somos convidados a ajudar muitos jovens para que «sejam – agora e ao longo da sua vida – fermento cristão nas famílias, nas profissões, em todo o imenso campo da vida humana no meio do mundo»<sup>[7]</sup>.

«No caminho e nas provações da vida não estamos sozinhos, somos acompanhados e apoiados pelos anjos de Deus que oferecem, por assim dizer, as suas asas para nos ajudar a superar tantos perigos, para podermos voar alto relativamente às realidades que podem tornar pesada a nossa vida ou arrastar-nos para baixo»<sup>[8]</sup>. Os três arcanjos acompanhar-nos-ão toda a vida até ao final do caminho. E ali, no Céu, poderemos contemplar Nossa Senhora, Rainha dos Anjos.

---

## NOTAS

[1] S. Gregório Magno, *Homilias sobre os Evangelhos*, 2, 34, 9

[2] Francisco, Audiência geral, 05/07/2013.

[3] S. Josemaria, Meditação, 12/03/1961.

[4] cf. Oração a S. Miguel Arcanjo.

[5] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 329.

[6] S. Josemaria, *Via Sacra*, IX Estação, n. 4.

[7] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 08/06/2018.

[8] Francisco, Audiência geral, 05/07/2013.

## 2 de outubro, Fundação do Opus Dei

*Reflexão para meditar no dia 2 de outubro, Aniversário da Fundação do Opus Dei, dia dos Santos Anjos da Guarda, Padroeiros da Obra, Solenidade na Prelatura. Os temas propostos são: o Opus Dei foi querido por Deus; contemplativos no meio do mundo; colaborar numa iniciativa divina.*

### Sumário

- O Opus Dei foi querido por Deus.
- Contemplativos no meio do mundo.
- Colaborar numa iniciativa divina.

---

ENTRE 30 DE SETEMBRO e 6 de outubro de 1928, os Padres Vicentinos organizaram, em Madrid, um retiro espiritual para sacerdotes diocesanos. Josemaria Escrivá, um jovem sacerdote de vinte e seis anos, juntou-se ao retiro, pois pôde ter alguns dias de folga nessas datas. Só Deus sabia que durante essa atividade, depois de celebrar a Missa na manhã de terça-feira, 2 de outubro, aquele sacerdote receberia a missão divina de trazer o Opus Dei ao mundo. S. Josemaria, ao rever algumas notas que tinha tomado ao longo de alguns anos, compreende pela primeira vez que é chamado a ser Pai de muitos filhos e muitas filhas na Obra, todos com a missão de levar o Evangelho ao seu ambiente de trabalho. «Somos uma injeção intravenosa, introduzida na corrente circulatória da sociedade»<sup>[1]</sup>, explicará graficamente pouco tempo depois. Porque aqueles que vivem do espírito do Opus Dei, sendo eles próprios o mesmo sangue que circula no mundo, procuram dar a vida de Deus ao grande corpo formado pelos homens e mulheres que os rodeiam.

«Nas minhas conversas convosco – escreveu S. Josemaria em 1934 às poucas pessoas que então faziam parte do Opus Dei – repetidas vezes deixei claro que a empresa que estamos a realizar não é uma empresa humana, mas uma grande *empresa sobrenatural*, que começou cumprindo-se nela à

letra tudo o que é necessário para poder chamar-se sem jactância a *Obra de Deus*»<sup>[2]</sup>. E, mais adiante, resumia a mesma coisa em poucas palavras: «A Obra de Deus não foi imaginada por um homem»<sup>[3]</sup>. Bastaria rever a história do Opus Dei – e também a de cada pessoa do Opus Dei – para testemunhar que esta mobilização de cristãos, este impulso de bem e santidade que esta família promove em lugares muito diferentes à volta do mundo, só pode ser possível na companhia do Senhor. Deus esteve sempre presente de uma forma palpável. A Igreja reconheceu oficialmente em várias ocasiões que a Obra existe «por inspiração divina»<sup>[4]</sup>, e que «segundo o dom do Espírito recebido por S. Josemaria Escrivá, a Prelatura do Opus Dei, sob a orientação do seu Prelado, realiza a tarefa de difundir o chamamento à santidade no mundo»<sup>[5]</sup>.

---

«DESDE 1928, compreendi claramente que Deus desejava que os cristãos tomassem por exemplo toda a vida do Senhor – dizia S. Josemaria, quase quarenta anos depois dessa data fundacional –. Entendi especialmente a sua vida escondida, a sua vida de trabalho comum entre os homens (...). Sonho – e o sonho já se tornou realidade – com multidões de filhos de Deus santificando-se na sua vida de cidadãos comuns, compartilhando ideais, anseios e esforços com as demais pessoas»<sup>[6]</sup>. O Opus Dei foi querido por Deus para nos oferecer um caminho concreto de santidade no meio das atividades quotidianas: no trabalho e no descanso, com a família e os amigos, nos momentos de alegria e nos momentos de dor. S. Josemaria recorda-nos que não podemos dividir-nos interiormente; que não vivemos, por um lado, a nossa vida espiritual, em certos momentos reservados; e, por outro, todas as outras atividades como se tivessem pouco a ver com Deus. Proclamar o chamamento universal à santidade significa anunciar essa unidade de vida, deixando-nos amar por Deus em cada momento do nosso dia, sem deixar nenhum de lado. Então seremos apóstolos capazes de descobrir um sentido de missão em tudo o que fazemos.

«Por isso tenho repetido, com insistente martelar, que a vocação cristã consiste em transformar em poesia heroica a prosa de cada dia – disse S. Josemaria em 8 de outubro de 1967, durante a sua homilia no campus da Universidade de Navarra – Na linha do horizonte, meus filhos, parecem unir-se o céu e a terra. Mas não: onde de verdade se juntam é no coração,

quando se vive santamente a vida diária»<sup>[7]</sup>. Certamente, deixarmo-nos acompanhar por Deus em tudo o que fazemos, ter a convicção de que o céu está dentro de nós, não é algo que aconteça da noite para o dia. Por esta razão, S. Josemaria transmitiu-nos um caminho que se inspira na riquíssima tradição da Igreja Católica, e que se concretiza em algumas práticas de piedade adaptadas à situação de cada pessoa, vividas com a serenidade e a confiança dos filhos de Deus. O objetivo é deixar-se encher por Deus até ser, como o fundador do Opus Dei gostava de dizer para expressar a natureza radical deste caminho, "santos canonizáveis" ou "santos de altar", que experimentam uma vida contemplativa no meio do mundo e que iluminam o seu ambiente com a luz do Evangelho.

---

S. JOSEMARIA, num texto em que explica com pormenor que aquela luz de 2 de outubro de 1928 era uma luz de Deus, termina confessando vivamente que gostaria que as pessoas chamadas ao Opus Dei tivessem sempre presentes – «gravadas a fogo» – três coisas: primeiro, que «a Obra de Deus vem para cumprir a Vontade de Deus. Portanto, tende uma profunda convicção de que o céu está empenhado em que se realize»<sup>[8]</sup>. Em segundo lugar, que «quando Deus Nosso Senhor projeta alguma obra em favor dos homens, pensa em primeiro lugar nas pessoas que irá usar como instrumentos... e comunica-lhes as graças convenientes»<sup>[9]</sup>. E, em terceiro lugar, que «esta convicção sobrenatural da divindade da empresa acabará por vos dar um entusiasmo e amor tão intensos pela Obra que vos sentireis ditosíssimos ao sacrificar-vos para que se realize»<sup>[10]</sup>.

Ou seja, é Deus quem faz a Obra; portanto, se quisermos tornar vida o espírito que transmitiu a S. Josemaria, não nos faltará a sua ajuda, nem nos faltará no coração a «doce e reconfortante alegria de evangelizar»<sup>[11]</sup>. O Opus Dei, como diz o seu próprio nome, é obra de Deus, não obra nossa; e isso dar-nos-á a serenidade de saber que, embora o Senhor conte com a nossa colaboração, é Ele que realmente detém as rédeas desta família, é Ele que sabe o que convém em cada momento histórico, é Ele que acende o fogo do chamamento divino em quem quer. Ao pensar no modo como Deus nos convida a partilhar com Ele a sua missão salvadora, S. Josemaria gostava de imaginar aqueles pescadores fortes que deixam as crianças pôr as mãos nas redes, embora não sejam eles que têm a força<sup>[12]</sup>. Da convicção

de quem se sabe nas mãos do Senhor surge o autêntico "*gaudium cum pace*", a alegria e a paz. É por isso que, recordando o dia 2 de outubro de 1928, S. Josemaria escreveu claramente que nesse dia «Nosso Senhor fundou a sua Obra»<sup>[13]</sup>.

O Prelado do Opus Dei recordou-nos as palavras do fundador: «Se queremos ser mais, sejamos melhores»<sup>[14]</sup>. S. Josemaria queria que os seus filhos, cristãos comuns que trabalham para fazer deste mundo um lar melhor, se distinguissem apenas pelo seu "*bonus odor Christi*", pelo seu bom odor de Cristo; essa atração divina, o início de qualquer apostolado, levará as pessoas à felicidade autêntica. Santa Maria, *Regina Operis Dei*, que sempre esteve tão perto da Obra, intercede sempre por nós, juntamente com S. Josemaria e tantos santos que viveram este espírito querido por Deus para o mundo.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Instrução sobre o Espírito Sobrenatural da Obra de Deus*, n. 42.

[2] *Ibid.*, n. 1.

[3] *Ibid.*, n. 6.

[4] *Ut sit*, Introdução.

[5] *Ad charisma tuendum*, Introdução.

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 20.

[7] S. Josemaria, *Entrevistas*, n. 116.

[8] S. Josemaria, *Instrução sobre o Espírito Sobrenatural da Obra de Deus*, n. 47.

[9] *Ibid.*, n. 48.

[10] *Ibid.*, n. 49.

[11] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 10.

[12] cf. São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 14.

[13] S. Josemaria, Apontamentos íntimos, n. 306. Citado em *Josemaria Escrivá*, vol. 1, p. 302.

[14] Fernando Ocáriz, Carta Pastoral 14-II-2017, n. 9.

## 4 de outubro, São Francisco de Assis

*Reflexão para meditar no dia 4 de outubro, Memória Litúrgica de S. Francisco de Assis. Os temas propostos são: pobreza, o caminho para Jesus; o tesouro dos pobres em espírito; ao serviço dos outros*

### Sumário

- Pobreza, o caminho para Jesus.
- O tesouro dos pobres em espírito.
- Ao serviço dos outros.

---

UM DIA, enquanto S. Francisco de Assis rezava na igreja de S. Damião, ouviu estas palavras: «Vai e conserta a minha casa em ruínas». Ele tomou essa inspiração à letra e dedicou-se à reconstrução de pequenas capelas em ruínas que se encontravam nas proximidades de Assis. Mais tarde entendeu que por "casa" Deus não se referia apenas a templos materiais, mas a pessoas, ou seja, aos cristãos do seu tempo. E esse restauro seria realizado através do desprendimento de bens materiais. Noutro dia, depois de ouvir as palavras de Jesus «não leveis ouro, nem prata, nem bolsa» (Mt 10, 9), despojou-se de todos os seus bens e começou uma vida dedicada exclusivamente ao anúncio do Evangelho<sup>[1]</sup>.

Francisco de Assis foi um santo que, entre outras coisas, redescobriu o vínculo profundo entre a pobreza e o caminho que conduz a Deus. Todos somos chamados a percorrer esse caminho, com as particularidades da vocação que cada um recebeu. «Quem não amar e viver a virtude da pobreza não tem o espírito de Cristo. E isto é válido para todos, tanto para o anacoreta que se retira para o deserto, como para o cristão corrente que vive no meio da sociedade humana»<sup>[2]</sup>. Quer dizer, embora as situações externas dessas pessoas sejam muito diferentes, todas podem viver a pobreza com um autêntico espírito cristão.

S. Josemaria sugeriu algumas maneiras de o fazer aos cristãos que vivem no meio do mundo: não criar necessidades, cuidar do que se tem, prescindir de algo, dar o melhor aos outros, aceitar o desconforto com alegria, não se queixar se falta alguma coisa... Ao mesmo tempo, salientou que não se trata tanto de viver segundo uma série de critérios, mas de escutar «essa voz interior que nos adverte de que se está infiltrando o egoísmo ou a comodidade desnecessária»<sup>[3]</sup>. Hoje podemos pedir a S. Francisco de Assis que nos ajude a ver como podemos percorrer esse caminho de pobreza que leva à felicidade junto de Cristo.

---

«FELIZES os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu (Mt 5, 3): é assim que Jesus começa o Sermão da Montanha. O Mestre oferece felicidade, na terra e no céu, àqueles que depositam a sua segurança e a sua riqueza em Deus. «É sabedoria e virtude não apegar o coração aos bens deste mundo, porque tudo é passageiro, tudo pode terminar bruscamente. O verdadeiro tesouro que devemos procurar incessantemente para nós cristãos está nas "coisas do alto", onde se encontra Cristo sentado à direita do Pai»<sup>[4]</sup>.

A virtude da pobreza leva-nos a preencher a nossa relação com os bens que Deus criou com sabedoria. O pobre de coração desfruta das coisas, sem ser possuído por elas; sabe detetar dentro de si essa tendência que temos de construir a nossa vida, mesmo de forma não tão consciente, como se a felicidade dependesse fundamentalmente do que temos. A pobreza permite-nos perceber como são enganosas muitas "seguranças" materiais, ou como são efémeros certos momentos de consolação que não tocam no fundo da alma. A pobreza de espírito permite-nos, enfim, desfrutar verdadeiramente da realidade, porque nos conecta com os simples, com as pessoas, com Deus, independentemente das circunstâncias externas.

S. Francisco de Assis considerava a pobreza como a *senhora do seu coração*: «As almas que se apaixonam por ela – escreveu o santo – recebem, ainda nesta vida, leveza para voar para o céu, porque tempera as armas da amizade, da humildade e da caridade»<sup>[5]</sup>. De facto, embora às vezes nos levem a pensar que a prosperidade e o conforto são a chave da felicidade, a experiência humana e cristã é diversa; percebemos que a

verdadeira alegria de uma pessoa é medida antes pela profundidade e autenticidade dos seus relacionamentos. Essa é a riqueza do pobre de coração.

---

S. PAULO escreve na sua carta aos Gálatas: «Irmãos, de facto, foi para a liberdade que vós fostes chamados. Só que não deveis deixar que essa liberdade se torne numa ocasião para os vossos apetites carnis. Pelo contrário: pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros» (Gal 5, 13). E a seguir recorda dois preceitos: «Ama o teu próximo como a ti mesmo» (Gal 5, 14), «carregai as cargas uns dos outros» (Gal 6, 2). A virtude da pobreza leva-nos também a sentir a responsabilidade de nos colocarmos ao serviço dos outros, especialmente dos mais fracos. «Não podemos sentir-nos tranquilos, quando um membro da família humana é relegado para a retaguarda, reduzindo-se a uma sombra. O clamor silencioso de tantos pobres deve encontrar o povo de Deus na vanguarda, sempre e em toda a parte, para lhes dar voz, defendê-los e solidarizar-se com eles»<sup>[6]</sup>.

Quando Jesus convida os seus discípulos a tornarem-se amigos das riquezas (cf. Lc 16, 9), fá-lo porque imediatamente os impele a transformar esses bens em relações; isto é, usar os dons recebidos de Deus para o crescimento dos outros. «Se formos capazes de transformar riquezas em instrumentos de fraternidade e solidariedade, quem nos receberá no Paraíso não será apenas Deus, mas também aqueles com os quais partilhamos, administrando-o bem, o que o Senhor colocou nas nossas mãos»<sup>[7]</sup>.

Foi isso que S. Josemaria viu em muitas pessoas. Especificamente, deu o exemplo de uma mulher idosa que, no meio de uma vida com desafogo económico, «não gastava consigo mesma nem duas pesetas por dia. Por outro lado, pagava muito bem aos seus empregados e o resto destinava-o a ajudar os necessitados, passando ela própria privações de todo o género. A esta mulher não lhe faltavam muitos desses bens que tantos ambicionam, mas ela era pessoalmente pobre, muito mortificada, completamente desprendida de tudo»<sup>[8]</sup>. Podemos pedir a Maria que nos ajude a viver com essa pobreza em espírito, um caminho que nos conduz a Deus: isto é, à nossa felicidade e à dos outros.

---

## NOTAS

[1] cf. S. Francisco de Assis, *Testamento de Siena*, 4.

[2] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 110.

[3] *Ibid.*, n. 111.

[4] Bento XVI, *Angelus*, 05/08/2007.

[5] S. Francisco de Assis, *Fioretti*, 13.

[6] Francisco, *Mensagem*, 13/06/2020.

[7] Francisco, *Angelus*, 22/09/2019.

[8] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 123.

## **6 de outubro, Aniversário da Canonização de São Josemaria**

*Reflexão para meditar no dia 6 de outubro, Aniversário da Canonização de S. Josemaria. Os temas propostos são: S. Josemaria deixou Deus trabalhar; a figura dos santos; proximidade e intercessão.*

### **Sumário**

- S. Josemaria deixou Deus trabalhar.
- A figura dos santos.
- Proximidade e intercessão.

---

NO DIA 6 de outubro de 2002, teve lugar a canonização de S. Josemaria na Praça de S. Pedro em Roma. Durante a homilia, S. João Paulo II salientou com particular relevo o empenho do fundador do Opus Dei para promover a santidade dos cristãos no meio da vida corrente: «Nunca deixou de convidar os seus filhos espirituais a invocarem o Espírito Santo, para fazer com que a vida interior, ou seja, a vida de relação com Deus, e a vida familiar, profissional e social, totalmente feita de pequenas coisas terrenas, não fossem separadas, mas constituíssem uma única existência “santa e plena de Deus”»<sup>[1]</sup>.

Estamos todos chamados a manter uma relação ininterrupta com Jesus; uma relação que progressivamente nos enche de paz porque nos leva a saber, cada vez mais claramente, que estamos nas mãos de Deus, aconteça o que acontecer. «A vida habitual de um cristão que tem fé – afirmava S. Josemaria – quando trabalha ou descansa, quando reza ou dorme, em todos os momentos, é uma vida em que Deus está sempre presente»<sup>[2]</sup>. Esta visão da existência cura as nossas divisões interiores e abre um horizonte imenso. «Deus torna-se próximo de nós e podemos cooperar no Seu plano de salvação»<sup>[3]</sup>. Estar aberto à ação do Espírito Santo em nós – ou seja, à santidade – é contribuir para transformar o mundo e elevá-lo para Deus.

No entanto, ao considerarmos esta missão, podemos sentir que não é para nós mas, talvez, para pessoas que estão mais preparadas. «Pode servir-nos – escrevia o Prelado do Opus Dei – recordar que Cristo não chamou os discípulos por serem melhores que os outros, mas convocou-os conhecendo as suas fraquezas, e – como faz também connosco – o mais profundo dos seus corações e do seu passado»<sup>[4]</sup>. S. Josemaria pode ter experimentado algo semelhante quando fundou o Opus Dei. É por isso que o Cardeal Ratzinger escreveu sobre ele, num dia como o de hoje: «Quando Josemaria Escrivá diz que todos os homens estamos chamados a ser santos, parece-me que se refere à sua experiência pessoal, porque nunca fez coisas incríveis por si próprio, mas limitou-se a deixar que Deus atuasse»<sup>[5]</sup>.

---

QUANDO a Igreja eleva um santo aos altares, apresenta-o como um possível modelo para a imitação de Cristo. Viveram da esperança cristã; mostram-nos pelo seu testemunho que vale a pena seguir o Senhor, que encheu as suas vidas com uma alegria e paz compatíveis com as mais diversas circunstâncias externas.

Ao mesmo tempo, todos os santos recordam-nos que a vida com Deus é uma meta que não se alcança com as nossas forças, mas que é fruto da graça divina. Foi Deus que os fez santos, sem dúvida, contando com a sua livre e muitas vezes empenhada vontade. Não são símbolos inatingíveis, mas «pessoas que viveram com os pés no chão e experimentaram o trabalho diário da existência com os seus sucessos e fracassos, encontrando no Senhor a força para se levantarem uma e outra vez e continuarem o seu caminho»<sup>[6]</sup>. S. Josemaria dizia que a sua vida era um começar e recomeçar várias vezes, mesmo ao longo de um dia. Chamava a isto “espírito desportivo”: Dá muito bom resultado empreender as coisas sérias com espírito desportivo... Perdi várias jogadas? Muito bem, mas – se perseverar – no fim, ganharei»<sup>[7]</sup>.

O caminho para a santidade não é feito apenas de atos heroicos pontuais, mas de muito amor diário. Todos podemos amar-nos uns aos outros com a atenção e a doçura de Cristo. Na vida dos santos vemos este “amor diário” encarnado em gestos concretos; mostram-nos que por detrás de cada pessoa que está à nossa volta, está realmente «o Deus "escondido"»

(Is 45, 15). Graças a eles, Ele revela-se, torna-se visível, faz-se presente no meio de nós»<sup>[8]</sup>.

Cada santo é, portanto, «como um raio de luz proveniente da palavra de Deus»<sup>[9]</sup>; apontam-nos vários aspetos do rosto de Cristo e dos seus ensinamentos. Como refere o Catecismo da Igreja, os santos «na sua rica diversidade, refletem a Luz pura e única do Espírito Santo»<sup>[10]</sup>. «Santidade não significa nada mais do que a união com Deus – dizia S. Josemaria – quanto maior a intimidade com o nosso Senhor, mais santidade»<sup>[11]</sup>.

---

OS SANTOS «contemplam Deus, louvam-no e não cessam de cuidar dos que ficaram na terra. Ao entrar “na alegria” do seu Senhor, foram “constituídos acima do muito” (cf. Mt 25, 21). A sua intercessão é o seu maior serviço ao plano de Deus»<sup>[12]</sup>. Os santos não só nos mostram o caminho para a santidade, como também nos ajudam a percorrê-lo. A sua ação «inclui não só a sua biografia terrena, mas também a sua vida e atividade em Deus após a morte. Em relação aos santos, é evidente que quem vai para Deus não se afasta dos homens, mas torna-se realmente próximos deles»<sup>[13]</sup>. S. Josemaria, e tantos filhos e filhas no Opus Dei, talvez até alguém que possamos ter conhecido, vivem no céu, perto de Deus, e intercedem por nós.

Na realidade, esta lógica de proximidade e de intercessão já está presente nas nossas relações. Um pai ou um professor esforçam-se por acompanhar uma criança ou um estudante nos primeiros passos da vida: em tempos, eles próprios se sentiram ajudados e agora veem que é natural fazer o mesmo com as novas gerações. De forma semelhante, os santos também lutaram por viver perto de Deus. Eles experimentaram dificuldades semelhantes às nossas, e lembram-nos que, embora possamos sentir a inclinação do pecado, a santidade tem mais força para vingar. «Cada vez que damos as mãos e abrimos o coração a Deus, encontramos-nos numa companhia de santos anónimos e de santos reconhecidos que rezam connosco, e que intercedem por nós, como irmãos e irmãs mais velhos, que passaram pela nossa mesma aventura humana»<sup>[14]</sup>.

A Virgem está presente na vida de todos os santos. S. Josemaria propunha-se como exemplo num único aspeto: o seu amor a Maria. «Senhora – podemos pedir-lhe com palavras do fundador do Opus Dei –, Tu podes conseguir que a minha alma se lance no voo definitivo e glorioso, que tem o seu fim no Coração de Deus. – Confia. Ela ouviu-te»<sup>[15]</sup>.

---

## NOTAS

[1] S. João Paulo II, Homilia, 6-X-2002.

[2] S. Josemaria, Meditações, 3-III-1954, cit. em S. João Paulo II, Homilia, 6-X-2002.

[3] S. João Paulo II, Homilia, 6-X-2002.

[4] Fernando Ocariz, Mensagem, 20-VII-2020.

[5] Joseph Ratzinger, *Osservatore Romano*, “Deixar Deus atuar”, 6-X-2002.

[6] Francisco, Angelus, 1-XI-2019.

[7] S. Josemaria, *Sulco*, n.169.

[8] S. João Paulo II, Angelus, 1-XI-1983.

[9] Bento XVI, *Verbum Domini*, n. 48.

[10] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2684.

[11] S. Josemaria, *Amar a Igreja*, n. 22.

[12] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2683.

[13] Bento XVI, Angelus, 1-XI-2010.

[14] Francisco, Audiência geral, 7-IV-2021.

[15] S. Josemaria, *Forja*, n. 994.

## 7 de outubro, Nossa Senhora do Rosário

*Reflexão para meditar no dia 7 de outubro, Memória Litúrgica da Virgem Santa Maria do Rosário. Os temas propostos são: o rosário leva-nos a Jesus; um caminho para a vida contemplativa; pela paz e pela família.*

### Sumário

- O rosário leva-nos a Jesus.
- Um caminho para a vida contemplativa.
- Pela paz e pela família.

---

SEGUNDO uma tradição que data do século XIII, o início da recitação do rosário atribui-se a S. Domingos de Gusmão a quem apareceu a Virgem Maria para lhe ensinar esta devoção. Mais tarde, no século XVI, o Papa S. Pio V instituiu a sua memória litúrgica num dia como hoje, aniversário da vitória da batalha de Lepanto. Desde então, esta «oração foi constantemente recomendada pelos Romanos Pontífices como prece pública e universal frente às necessidades ordinárias e extraordinárias da Santa Igreja, das nações e do mundo inteiro»<sup>[1]</sup>.

Através dos mistérios da vida de Cristo, vistos com os olhos de Maria, pode crescer o nosso amor a Deus e aos outros. Da mesma forma que o menino se aproxima da sua mãe quando precisa de ajuda, assim nós podemos pôr aos pés da Virgem os nossos desejos de viver próximo do seu Filho. Escreveu S. Josemaria: «"Virgem Imaculada, bem sei que sou um pobre miserável, que não faço senão aumentar todos os dias o número dos meus pecados...". Disseste-me que falavas assim com a nossa Mãe, no outro dia. E aconselhei-te, convicto, que rezasses o rosário: bendita monotonia de Avé-Marias que purifica a monotonia dos teus pecados!»<sup>[2]</sup>.

«Quando se reza o rosário, revivem-se os momentos mais importantes e significativos da História da Salvação; percorrem-se as diversas etapas da

missão de Cristo»<sup>[3]</sup>. O rosário ajuda-nos a viver os mistérios de Jesus, entrando neles pela mão de Maria. Ela é a criatura que melhor conhece Cristo, pois «foi no seu ventre que se formou, recebendo também dela uma semelhança humana que evoca uma intimidade espiritual, certamente, maior ainda»<sup>[4]</sup>. Aproximarmo-nos de Maria é aproximarmo-nos do Seu Filho Jesus.

---

S. JOSEMARIA convidava a rezar o rosário não só com os lábios, mas com o desejo de acompanhar a Jesus e a Maria em cada uma das passagens. «Contemplaste alguma vez estes mistérios? Faz-te pequeno. Vem comigo e – este é o cerne da minha confiança – viveremos a vida de Jesus, Maria e José. Cada dia lhes prestaremos um novo serviço. Ouviremos as suas conversas de família. Veremos crescer o Messias. Admiraremos os seus trinta anos de vida oculta... Assistiremos à Sua Paixão e Morte... Ficaremos pasmados perante a glória da Sua Ressurreição... Numa palavra: contemplaremos, loucos de Amor (não há maior amor do que o Amor), todos e cada um dos instantes de Cristo Jesus»<sup>[5]</sup>.

A vida contemplativa permite-nos experimentar cada acontecimento com maior profundidade, desfrutar mais, compadecer-nos mais e compreender melhor, como quem faz as coisas junto de Deus. Não é o mesmo ver um pôr-do-sol ou contemplá-lo; pode-se passar diante de uma obra de arte, simplesmente olhando ou fixarmo-nos, com admiração, nos elementos que formam a sua beleza. Viver desta maneira leva-nos a não ficarmos no superficial, no exterior, mas metermo-nos dentro de tudo o que a realidade nos pode oferecer, especialmente as pessoas. Podemos viver esta contemplação, também, ao rezar o rosário.

Nesse sentido, rezá-lo não é uma questão de repetir Avé-Marias sem pensar demasiado, mas de descobrir o que essas orações contêm: nela unimo-nos à vida de Jesus, de Maria, do anjo S. Gabriel, através das suas próprias palavras. Queremos que a sua vida, pouco a pouco, faça parte da nossa: em definitiva respirar junto deles e junto de Deus. «Contemplar não é, em primeiro lugar, uma forma de fazer, mas é uma forma de ser – ser contemplativo. Ser contemplativo não depende dos olhos, mas do coração. E aqui entra em jogo a oração, como ato de fé e de amor, como “respiração”

da nossa relação com Deus. A oração purifica o coração e, com isso, apura também o olhar, permitindo acolher a realidade de outro ponto de vista»<sup>[6]</sup>.

---

COM FREQUÊNCIA, pode acontecer que nem sempre consigamos rezar e contemplar o rosário como gostaríamos. Às possíveis limitações de tempo, juntam-se também as normais dificuldades de atenção. Procuramos considerar as Avé-Marias que compõem os mistérios, mas o pensamento vai para outros assuntos que nos ocupam. Podem dar-nos consolo e ânimo aquelas palavras de S. Josemaria: «Procura evitar as distrações, mas não te preocupes se, apesar de tudo, continuas distraído. Não vês como, na vida natural, até os meninos mais ajuizados se entretêm e divertem com o que os rodeia sem atender muitas vezes às palavras de seu pai? Isto não implica falta de amor, nem de respeito; é a miséria e pequenez próprias do filho»<sup>[7]</sup>.

Desse modo, a luta, à hora de rezar o rosário, não se centrará, exclusivamente, em combater as distrações, mais, servir-nos-emos delas, precisamente, para alimentar a nossa oração e colocar nas mãos de Maria aqueles pensamentos. Assim fizeram os santos ao longo do tempo. «O rosário acompanhou-me nos momentos de alegria e nos da tribulação – escrevia S. João Paulo II –. A ele confiei tantas preocupações e nele sempre encontrei consolo»<sup>[8]</sup>.

Nos últimos anos, os Pontífices assinalaram duas intenções de entre as muitas que podem ser confiadas à recitação do rosário. Por um lado, a paz, pois «o rosário exerce sobre o orante uma ação pacificadora que o dispõe a receber e experimentar na profundidade do seu ser e a difundir à sua volta paz verdadeira»<sup>[9]</sup>. E por outro, a família: «A família que reza unida permanece unida (...). Contemplando a Jesus, cada um dos seus membros recupera também a capacidade de voltar a olhar, olhos nos olhos, para comunicar, solidarizar-se, perdoar reciprocamente e começar de novo com um pacto de amor renovado pelo espírito de Deus»<sup>[10]</sup>. Podemos confiar estas duas intenções a Maria: ser famílias que transmitam a paz onde quer que se encontrem.

---

## NOTAS

- [1] S. João XXIII, *II religioso convegno*, 29-IX-1961.
- [2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 475.
- [3] Bento XVI, Discurso, 3-V-2008.
- [4] S. João Paulo II, *Rosarium Virginis Mariae*, n. 10.
- [5] S. Josemaria, *Santo Rosário*, prólogo.
- [6] Francisco, Audiência Geral, 5-V-2021.
- [7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 890.
- [8] S. João Paulo II, *Rosarium Virginis Mariae*, n. 2.
- [9] *Ibid.*, n. 40.
- [10] *Ibid.*, n. 41.

## 18 de outubro, São Lucas

*Reflexão para meditar no dia 18 de outubro, Festa de S. Lucas, Evangelista. Os temas propostos são: S. Lucas mostra-nos a normalidade de Deus; o Evangelho da misericórdia; pintor da Virgem Maria.*

### Sumário

- S. Lucas mostra-nos a normalidade de Deus.
- O Evangelho da misericórdia.
- Pintor da Virgem Maria.

---

S. LUCAS nasceu em Antioquia. De origem gentia, provavelmente grega, dedicava-se à medicina. Depois de se ter convertido ao cristianismo, por volta do ano 40, acompanhou S. Paulo na sua segunda viagem apostólica e passou junto dele a última parte da vida do Apóstolo. É o autor do terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos.

Trata-se do evangelista que melhor nos mostrou a infância de Jesus. Oferece-nos muitos pormenores que nos ajudam a considerar a humanidade de Jesus Cristo e a normalidade da vida da Sagrada Família: como Nosso Senhor foi envolto em faixas e deitado numa manjedoura, a purificação de Maria e a apresentação do Menino no templo, a perda de Jesus em Jerusalém... Circunstâncias que provavelmente qualquer família daquele tempo também viveu.

Lucas conclui assim os relatos da infância: «Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 52). Deste modo, mostra-nos que o Filho de Deus passou por essas etapas da vida como cada um de nós, e foi crescendo enquanto estava dependente dos seus pais. Se toda a vida de Cristo é revelação do Pai, também «esses anos ocultos do Senhor não são algo sem significado, nem uma simples preparação para os anos que viriam, os da sua vida pública. (...) Deus deseja que os cristãos

tomem exemplo de toda a vida do Senhor: (...) o Senhor quer que muitas almas encontrem o seu caminho nos anos de vida calada e sem brilho»<sup>[1]</sup>.

---

TODAS as ações e palavras de Jesus põem de manifesto a misericórdia de Deus para com os homens. No entanto, «o evangelista que trata em detalhe estes temas nos ensinamentos de Cristo é S. Lucas, cujo Evangelho mereceu ser chamado “o Evangelho da misericórdia”»<sup>[2]</sup>. É ele quem sublinha que Jesus veio procurar e salvar o que estava perdido, narra o perdão à mulher pecadora, descreve o seu olhar para Pedro depois das negações, conta a sua oração e o seu pedido de perdão para aqueles que o crucificaram... Inclui também três parábolas dedicadas a sublinhar como Deus nos procura continuamente para nos dar o seu amor. Nesses relatos, «Jesus revela a natureza de Deus como a de um Pai que jamais se dá por vencido» enquanto não «tiver dissolvido o pecado e superado a recusa com a compaixão e a misericórdia»<sup>[3]</sup>.

Em todos estes relatos podemos encontrar o núcleo do Evangelho e da fé: a abertura do coração humano à misericórdia permite acolher o amor incondicional de um Deus bom, onnipotente e que deseja encher-nos da sua vida. «A misericórdia que Deus expressa deve levar-nos sempre a voltar – comentava S. Josemaria –. Meus filhos, é melhor não sair do seu lado, não O abandonar; mas se alguma vez, por debilidade humana, vos ides embora, regressai a correr. Ele recebe-nos sempre, como o pai do filho pródigo, com mais intensidade de amor»<sup>[4]</sup>. Graças a S. Lucas, *o narrador da mansidão de Cristo*<sup>[5]</sup>, sabemos que o Senhor tem um coração que nos espera sempre. «Que doce alegria pensar que Deus é justo, isto é, que tem em conta as nossas fraquezas, que conhece perfeitamente a fragilidade da nossa natureza! De que devo, então, ter medo? Ah! O Deus infinitamente justo, que Se dignou perdoar com tanta bondade todos os pecados do filho pródigo, não Se mostrará também justo para comigo, que estou sempre ao seu lado?»<sup>[6]</sup>.

---

DESDE tempos remotos, S. Lucas recebeu o título de pintor da Virgem. De facto, é o evangelista que retrata mais claramente a figura de Maria como modelo de correspondência a Deus. Sublinha os dons que ela recebeu

do Senhor, muitos mais do que qualquer outra criatura: é a cheia de graça, concebe por obra do Espírito Santo, será bendita por todas as gerações... E, ao mesmo tempo, sublinha que ela responde com fidelidade e agradecimento a todas essas graças divinas: recebe com humildade o anúncio do anjo, entrega-se aos planos divinos, observa os costumes do seu povo...

S. Lucas, quando conclui os relatos da infância de Jesus, escreve que Maria «guardava todas estas coisas no seu coração» (Lc 2, 51). Podemos intuir, portanto, que uma das fontes principais do evangelista foi precisamente a Virgem: somente Ela podia transmitir tal informação em momentos em que abriu a sua intimidade. Estas palavras mostram-nos o modo como a nossa Mãe acolhia a realidade: procurando amar o Senhor em todo o momento. «Isso é o que explica a vida de Maria: o seu amor. Um amor levado até ao extremo, até ao esquecimento completo de si mesma, contente por estar onde Deus quer que esteja e cumprindo com esmero a vontade divina. Isso é o que faz com que o mais pequeno dos seus gestos nunca seja banal, mas cheio de significado»<sup>[7]</sup>. Podemos pedir a S. Lucas que nos ajude a iluminar a nossa vida com a presença da Virgem Maria.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 20.

[2] S. João Paulo II, *Dives in misericordia*, n. 3.

[3] Francisco, *Misericordiae vultus*, 11/04/2015, n. 9.

[4] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 27/03/1972.

[5] cf. Dante Alighieri, *Monarchia*, 1.

[6] Sta. Teresa de Lisieux, *Manuscritos autobiográficos*, 8.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 148.

## 28 de outubro, São Simão e São Judas

*Reflexão para meditar no dia 28 de outubro, Festa de S. Simão e S. Judas, Apóstolos. Os temas propostos são: Simão, apaixonado pelo Senhor; a pergunta de Judas Tadeu; a plena liberdade do amor.*

### Sumário

- Simão, apaixonado pelo Senhor.
- A pergunta de Judas Tadeu.
- A plena liberdade do amor.

---

CELEBRAMOS hoje a festa dos apóstolos Simão e Judas Tadeu, que partilham data no calendário, porque no Novo Testamento são sempre referidos juntos quando se cita o elenco dos Doze. Além disso, de acordo com algumas tradições antigas, os dois teriam pregado e recebido o martírio na Mesopotâmia, região do Próximo Oriente situada entre os rios Tigre e Eufrates, que coincide com algumas áreas do Iraque atual e da Síria.

O Evangelho de S. Lucas diz-nos de Simão que era chamado «Zelota» (Lc 6, 15), palavra que em aramaico significava literalmente ‘zeloso’, ‘apaixonado’. Também se usava para designar os que pertenciam ou simpatizavam com um movimento, na altura em voga em Israel, que se opunha à dominação romana, aconselhando o boicote aos impostos e promovendo diferentes tipos de revoltas. É muito possível que Simão partilhasse das ideias deste grupo. O seu epíteto indica que se distinguia por «um fervoroso zelo pela identidade judaica, por conseguinte, por Deus, pelo seu povo e pela Lei divina. Sendo assim, Simão coloca-se nos antípodas de Mateus, que ao contrário, sendo publicano, provinha de uma atividade considerada totalmente impura. Sinal evidente de que Jesus chama os seus discípulos e colaboradores das camadas sociais e religiosas mais diversas, sem exclusão alguma. Ele interessa-se pelas pessoas, não pelas categorias sociais ou pelas atividades!»<sup>[1]</sup>.

Os apóstolos, com as suas diferenças, sabiam conviver juntos porque tinham em Jesus o motivo da sua coesão: nele, todos se encontravam unidos. «Isto constitui claramente uma lição para nós, com frequência propensos a realçar as diferenças e talvez as contraposições, esquecendo que em Jesus Cristo nos é dada a força para superar os nossos conflitos»<sup>[2]</sup>. Por isso, o prelado do Opus Dei convida a viver uma fraternidade cristã que evite «discriminações nas relações com uns e outros, que poderiam surgir ao constatar as diferenças. Na realidade, esta diversidade é frequentemente uma riqueza de caracteres, de sensibilidades, de interesses, etc.». A figura de S. Simão mostra-nos que é possível querer bem aos outros por cima da simpatia ou antipatia natural, amando-nos «uns aos outros como verdadeiros irmãos, com o relacionamento e a compreensão próprios daqueles que formam uma família bem unida»<sup>[3]</sup>.

---

S. JUDAS Tadeu, cujo sobrenome significa ‘magnânimo’, fez uma pergunta a Jesus durante a Última Ceia: «Como aconteceu que te deves manifestar a nós e não ao mundo?» (Jo 14, 22). É uma questão que também podíamos formular hoje: porque o Senhor não se manifestou ressuscitado de um modo mais espetacular? Porque não se mostrou vitorioso perante os seus adversários? Porque escolheu apenas um número reduzido de discípulos para serem testemunhas da sua ressurreição?

A resposta de Jesus, embora à primeira vista possa parecer desconcertante, introduz-nos no mistério da relação de Deus com os homens, bem como no significado mais profundo da sua morte e ressurreição: «Se alguém me tem amor, há de guardar a minha palavra; e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada» (Jo 14, 23). Pelo contrário, acrescenta o Senhor, «quem não me ama não guarda as minhas palavras» (Jo 14, 24). «Quer isto dizer que o Ressuscitado deve ser visto e captado também com o coração, de modo que Deus possa estabelecer a sua morada em nós. O Senhor não se apresenta como uma coisa. Ele quer entrar na nossa vida e, por isso, a sua manifestação implica e pressupõe um coração aberto. Só assim vemos o Ressuscitado»<sup>[4]</sup>.

Por vezes, talvez gostássemos de que Jesus interviesse de um modo mais visível ou imediato na nossa vida, tal como nos grandes

acontecimentos que marcam a história do mundo. De facto, podia fazê-lo, como teve oportunidade na sua passagem pela terra. Contudo, não é este o modo de proceder de Deus. Cristo, morto e ressuscitado por nós, apresenta-se simultaneamente luminoso e discreto, interpelando a nossa sensibilidade, a nossa capacidade de nos abrimos e de o reconhecer no que integra o nosso dia, tanto na beleza que passa inadvertida, como na dor que parece rebentar, e ainda no ir e vir que pressupõe cuidar as relações pessoais. Em tudo, Jesus oferece-nos a sua mão amiga para propagar o seu reino de caridade com magnanimidade. Entendemos assim que «anseia por reinar nos nossos corações de filhos de Deus. Mas é preciso não imaginar reinados humanos neste caso, pregava S. Josemaria, porque Cristo não domina nem procura impor-se, dado que “não veio para ser servido, mas para servir”. O seu reino é a paz, a alegria, a justiça. Cristo, nosso Rei, não espera de nós raciocínios vãos, mas factos, porque “nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus; mas o que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse entrará no reino dos céus”»<sup>[5]</sup>.

---

S. JUDAS Tadeu é tradicionalmente considerado autor de uma das epístolas do Novo Testamento. Trata-se de uma das cartas denominadas católicas, porque se dirigia a todos os cristãos e não só aos de uma cidade em particular. Judas envia-a «aos que receberam o chamamento divino e se mantêm no amor de Deus Pais e na entrega a Jesus Cristo» (Jd 1, 1). Depois desta saudação, alerta os cristãos para alguns desvios morais e doutrinários que se estavam a introduzir no seio da Igreja e que causavam divisões. Muitos destes problemas referiam-se a uma falsa interpretação da liberdade cristã, que convertia «em libertinagem a graça do nosso Deus (Jd 1, 4).

Na linguagem comum, por vezes a liberdade pode ser reduzida a fazer, sem mais, o que apetece e, ainda para mais, o número de vezes que nos der na gana. No entanto, «a liberdade egoísta do fazer o que quero não é liberdade, pois volta a si mesma, não é fecunda. Foi o amor de Cristo que nos libertou e é ainda o amor que nos liberta da pior escravidão, a do nosso ego; por conseguinte, a liberdade cresce com o amor. Mas, atenção: não com o amor intimista, com o amor das novelas, não com a paixão que simplesmente procura o que nos convém e aquilo de que gostamos, mas com o amor que vemos em Cristo, a caridade: este é o amor

verdadeiramente livre e libertador»<sup>[6]</sup>. Por isso, S. Judas Tadeu termina a sua carta animando os cristãos a manterem-se no amor de Deus (cf. Jd 1, 20), isto é, a agir em todo o momento como Jesus: servindo os outros e entregando-se magnanimamente, pois compreendeu com o Mestre que é possível entregar a vida e abraçar «a morte com a plena liberdade do Amor»<sup>[7]</sup>.

«A liberdade adquire o seu sentido autêntico – comentava S. Josemaria – quando se exerce ao serviço da verdade que resgata, quando se gasta a procurar o amor infinito de Deus, que nos desata de todas as escravidões»<sup>[8]</sup>. Foi assim que viveram tanto Simão como Judas Tadeu. Mostram-nos que uma vida centrada em Cristo e no serviço aos nossos irmãos conduz a uma felicidade profunda, que nos liberta da escravidão do pecado. A Virgem Maria pode ajudar-nos a viver com a liberdade dos Filhos de Deus.

---

## NOTAS

[1] Bento XVI, Catequese, 11/10/2006.

[2] *Ibid.*

[3] S. Josemaria, *Carta* 30, n. 28.

[4] *Ibid.*

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 92-93.

[6] Francisco, Audiência, 20/10/2021.

[7] S. Josemaria, *Via-Sacra*, X estação.

[8] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 27.

## 1 de novembro, Todos os Santos

*Reflexão para meditar no dia 1 de novembro, Solenidade de Todos os Santos. Os temas propostos são: viver as Bem-aventuranças que Jesus pregou; santidade é deixar Deus atuar; apoiamo-nos uns aos outros através da Comunhão dos Santos.*

### Sumário

- Viver as Bem-aventuranças que Jesus pregou.
- Santidade é deixar que Deus atue.
- Apoiamo-nos uns aos outros através da Comunhão dos Santos.

---

«ESTA É A GERAÇÃO dos que O procuram, dos que buscam a face do Deus de Jacob» (Sl 24, 6). É assim que toda a Igreja reza no salmo da Missa desta solenidade de Todos os Santos. E assim, procurando a face de Deus, queremos celebrar esta festa. «Os santos e os bem-aventurados são as testemunhas mais credíveis da esperança cristã, porque a viveram plenamente na sua existência, entre alegrias e sofrimentos, pondo em prática as Bem-aventuranças que Jesus pregou e que hoje ressoam na liturgia. As Bem-aventuranças evangélicas são, de facto, o caminho para a santidade»<sup>[1]</sup>.

No entanto, à primeira vista, se nos lembrarmos das palavras de Jesus sobre os Bem-aventurados, pode não nos parecer um quadro muito animador. O que nos é proposto é o que instintivamente rejeitamos: o sofrimento, a perseguição, a luta, as lágrimas... No entanto, S. Josemaria salientou que essas virtudes são as que Jesus bendisse «no Sermão da Montanha, as que tornam as pessoas verdadeiramente felizes, santos, *beati!*... Todas essas virtudes que Jesus nos ensinou com a própria vida, desejo para todos os meus filhos e para mim»<sup>[2]</sup>. Assim se entende que «a santidade, a plenitude da vida cristã não consiste em realizar empreendimentos extraordinários, mas em unir-se a Cristo, em viver os seus mistérios, em fazer nossas as suas atitudes, os seus pensamentos, os seus

comportamentos. A santidade é medida pela estatura que Cristo atinge em nós, pelo grau em que, com o poder do Espírito Santo, modelamos toda a nossa vida segundo a dele»<sup>[3]</sup>. Precisamos de recuperar, pois, a liberdade que vem de entender que tudo pode ser feito por amor de Jesus Cristo.

Hoje, todos os santos nos exortam a «entrar no caminho das Bem-aventuranças. Não se trata de fazer coisas extraordinárias, mas de seguir todos os dias este caminho que nos leva ao Céu, à família, a casa. Assim, hoje vislumbramos o nosso futuro e celebramos aquilo para que nascemos: nascemos para nunca mais morrer, nascemos para desfrutar da felicidade de Deus. O Senhor encoraja-nos e a quem segue o caminho das Bem-aventuranças diz: “Exultai e alegrai-vos, porque será grande a vossa recompensa no Céu” (Mt 5, 12)»<sup>[4]</sup>.

---

«QUEM PODE subir à montanha do Senhor e apresentar-se no seu Santuário? O que tem as mãos inocentes e o coração limpo» (Sl 24, 3-4). Sabemos que esta inocência não consiste em nunca cometer pecados ou faltas, nem em estar livre de erros. Esta pureza refere-se, sobretudo, ao coração de quem se deixa amar por Deus e não deposita a sua esperança em ídolos: segurança, domínio, independência, prazeres, riquezas... «A santidade é o contacto profundo com Deus, fazer-se amigo de Deus: é deixar agir o Outro, o Único que realmente pode fazer com que o mundo seja bom e feliz»<sup>[5]</sup>.

Estamos convencidos de que, quando Deus nos pede algo, na verdade está a oferecer-nos a sua vida, o seu amor. Assim o entendia S. Josemaria: «A minha felicidade terrena está ligada à minha salvação, à minha felicidade eterna: feliz aqui e feliz ali»<sup>[6]</sup>. Entender esse modo de agir de Deus, que se esconde onde às vezes não pensamos encontrá-lo, é entender que Ele nunca quer a nossa infelicidade, nem aqui na Terra. «Cada vez estou mais persuadido – disse também o fundador do Opus Dei –: a felicidade do Céu é para os que sabem ser felizes na terra»<sup>[7]</sup>.

Que alegria pensar em todos os santos do céu! Eles eram como nós: com os mesmos problemas e dificuldades, com as mesmas esperanças e fraquezas semelhantes. Se permitirmos que Deus atue nas nossas vidas

como eles, se formos fiéis, poderemos ouvir no final das nossas vidas, dos lábios do Senhor, estas palavras consoladoras: «Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo» (Mt 25, 34). Às vezes podemos imaginar que são poucos os que fazem parte desse Reino. No entanto, uma das leituras de hoje lembra-nos uma das visões que S. João teve. «Depois disto, apareceu na visão uma multidão enorme que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé com túnicas brancas diante do trono e diante do Cordeiro, e com palmas na mão» (Ap 7, 9).

---

ESTA FESTA é particularmente bela para nós que peregrinamos na Terra, porque naquela multidão que louva o Senhor sem cessar, há muitos irmãos nossos, muitos amigos e parentes, pessoas comuns, prontos a interceder por nós. Podemos até ter conhecido alguns deles pessoalmente. Não estamos sozinhos no caminho da santidade: encontramos-nos unidos a todos os cristãos – os que já triunfam no Céu, os que se purificam no purgatório e os que peregrinam na Terra – por uma corrente de caridade que nos dá vida: a Comunhão dos Santos.

Durante a guerra que abalou Espanha na década de 1930, S. Josemaria escrevia frequentemente aos seus filhos. E numa dessas cartas garantiu-lhes: «Só me faltais vós, mas, se soubésseis quanta companhia vos faço, a cada um, de dia e de noite! É a minha missão: que sejais felizes depois, com Ele, e agora, na terra, dando-Lhe glória»<sup>[8]</sup>. A Comunhão dos Santos é a oração de uns pelos outros, para que a graça venha curar as feridas ou fortalecer os que mais precisam. Esta experiência que ele mesmo narrou repetir-se-á muitas vezes: «Filho, que bem viveste a Comunhão dos Santos quando me escrevias: “Ontem 'senti' que pedia por mim”»<sup>[9]</sup>.

«Pensa que Deus te quer contente e que, se dás da tua parte o que podes, serás feliz, muito feliz, felicíssimo»<sup>[10]</sup>. A Virgem Santa obterá para nós a graça de refletir a beleza do rosto de Cristo e, assim, formar o grande mosaico de santidade que Deus quer para o nosso mundo.

---

## NOTAS

- [1] Francisco, Angelus, 01/11/2020.
- [2] S. Josemaria, *Cartas* 31, n. 52.
- [3] Bento XVI, Audiência Geral, 13/04/ 2011.
- [4] Francisco, Angelus, 01/11/2018.
- [5] Joseph Ratzinger, *Deixemos que Deus faça maravilhas*, em: *L'Osservatore Romano*, 06/10/2002.
- [6] S. Josemaria, Caderno-agenda 1 de Burgos, citado em *Caminho. Edição crítico-histórica*, Rialp, Madrid, 2004, p. 414.
- [7] S. Josemaria, *Forja*, n. 1005.
- [8] S. Josemaria, Carta de Ávila aos seus filhos de Burgos, 11/08/1938.
- [9] S. Josemaria, *Caminho*, n. 546.
- [10] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 141.

## 2 de novembro, Todos os Fiéis Defuntos

*Reflexão para meditar no dia 2 de novembro, Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos. Os temas propostos são: Jesus promete-nos uma morada no Céu; as almas do purgatório e a nossa intercessão por elas; ajuda mútua com as almas do purgatório.*

### Sumário

- Jesus promete-nos uma morada no Céu
- As almas do purgatório e a nossa intercessão por elas
- Ajuda mútua com as almas do purgatório

---

«NÃO SE PERTURBE O VOSSO CORAÇÃO – diz-nos hoje Jesus. Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas» (Jo 14, 1-2). A memória de todos os fiéis defuntos oferece-nos a oportunidade de reconsiderar a realidade da vida eterna, de orientar os nossos afetos para a esperança do encontro definitivo com o amor verdadeiro e eterno. Nenhum de nós cruzou o limiar da morte, então não sabemos como será esse momento. Deus quis, no seu Filho, revelar-nos o que nos espera na sua morada.

«Entre ontem e hoje, muitas pessoas visitam o cemitério que, como diz esta mesma palavra, é o ‘lugar do descanso’, à espera do derradeiro despertar. É bom pensar que o próprio Jesus nos acordará! Foi precisamente Jesus que nos revelou que a morte do corpo é como um sono do qual Ele nos desperta. É com esta fé que nos detemos – também espiritualmente – perante o túmulo dos nossos entes queridos, de quantos nos amaram e nos fizeram o bem. Mas hoje somos chamados a recordar todos, inclusive aqueles dos quais ninguém se lembra»<sup>[1]</sup>.

«Depois que Eu tiver ido e preparado um lugar para vós, voltarei e vos levarei comigo, a fim de que, onde Eu estiver, estejais vós também» (Jo 14, 3). «O homem tem necessidade de eternidade e para ele qualquer outra

esperança é demasiado breve, é demasiado limitada. O homem só é explicável, se existir um Amor que supere todo o isolamento, também o da morte, numa totalidade que transcenda até o espaço e o tempo»<sup>[2]</sup>.

---

«DAI-LHES, SENHOR, o eterno descanso, nos esplendores da luz perpétua»<sup>[3]</sup>, pedimos no início da Missa de hoje. A situação dos fiéis defuntos que ainda não chegaram ao Céu é de sofrimento e alegria ao mesmo tempo. Dor e felicidade entrelaçam-se misteriosamente no purgatório. O motivo desta alegria é a certeza de que verão a Deus: venceram a batalha, decidiram ser felizes na terra e no Céu. Estão a um passo da glória e é por isso que a tradição cristã chama-as “benditas almas do purgatório”.

No purgatório, até as dores são fonte de alegria, porque as almas aceitam esse sofrimento, totalmente entregues à vontade divina. Com amor ardente, embora ainda imperfeito, adoram o mistério da santidade de Deus. Sta. Catarina de Génova, conhecida especialmente pela sua visão do purgatório, «não o apresenta como um elemento da paisagem das vísceras da terra: é um fogo não exterior, mas interior. Este é o purgatório, um fogo interior. A santa fala do caminho de purificação da alma, rumo à plena comunhão com Deus, a partir da própria experiência de profunda dor pelos pecados cometidos, em relação ao amor infinito de Deus»<sup>[4]</sup>.

O sacerdote, numa das orações eucarísticas que o Missal nos oferece, pede a Deus por todos: «Lembra-vos também dos nossos irmãos que adormeceram na esperança da ressurreição, e de todos aqueles que na vossa misericórdia partiram deste mundo: admiti-os na luz da vossa presença»<sup>[5]</sup>. De todos os sufrágios que podemos oferecer, o mais valioso é o Santo Sacrifício do Altar. A Santa Missa pode ser celebrada pelos falecidos. A Igreja, desejosa de que cheguem ao Céu o mais rapidamente possível, permite no dia de hoje que todos os sacerdotes celebrem a Santa Missa três vezes. Também nos encoraja a rezar pelos nossos irmãos que «agora dormem no sono da paz». A devoção do povo cristão, além da Eucaristia, encontra nas práticas piedosas como o terço, os *responsos* e as obras de penitência, um verdadeiro caminho de oração para interceder pelos falecidos.

---

DA COMUNHÃO com toda a Igreja e, neste caso, com os falecidos, resultado que a «nossa oração por eles pode não somente ajudá-los, mas também tornar eficaz a sua intercessão por nós»<sup>[6]</sup>. Os santos foram grandes devotos dessa ajuda mútua. Sto. Afonso Maria de Ligório afirma que podemos acreditar que às almas do purgatório «o Senhor faz-lhes conhecer as nossas preces e, então, cheias de caridade não deixam de pedir por nós»<sup>[7]</sup>. Sta. Teresa do Menino Jesus acudia com frequência ao seu auxílio e, quando o recebia, sentia-se em dívida: «Meu Deus, rogo-te que pagues a dívida que contraí com as almas do purgatório»<sup>[8]</sup>. S. Josemaria também confessava a sua cumplicidade com elas: «No começo, eu sentia com muita força a companhia das almas do purgatório. Sentia-as como se me puxassem da batina, para que rezasse por elas e recorresse à sua intercessão. Desde então, pelos enormes serviços que me prestavam, gosto de dizer: ‘as minhas boas amigas, as almas do Purgatório’»<sup>[9]</sup>.

Esta experiência dos santos mostra-nos que o amor às pessoas que amamos pode chegar além da morte. «Nenhum ser humano é uma mónada fechada em si mesma. As nossas vidas estão em profunda comunhão entre si; através de numerosas interações, estão concatenadas umas com as outras. Ninguém vive só. Ninguém peca sozinho. Ninguém se salva sozinho. Continuamente entra na minha existência a vida dos outros: naquilo que penso, digo, faço e realizo. (...). Como cristãos, não basta perguntarmo-nos: como posso salvar-me a mim mesmo? Deveremos antes perguntar-nos: o que posso fazer a fim de que os outros sejam salvos e nasça também para eles a estrela da esperança? Então terei feito também o máximo pela minha salvação pessoal»<sup>[10]</sup>.

«Dirijamo-nos agora a Nossa Senhora, que aos pés da Cruz padeceu o drama da morte de Cristo e depois participou na alegria da sua Ressurreição. Que Ela, *Porta do Céu*, nos ajude a compreender cada vez mais o valor da oração de sufrágio pelos defuntos. Eles estão próximos de nós! Que Ela nos conforte na peregrinação quotidiana na terra e nos ajude a nunca perder de vista a meta derradeira da vida, que é o Paraíso»<sup>[11]</sup>.

---

## NOTAS

- [1] Francisco, Angelus, 02/11/2014.
- [2] Bento XVI, Audiência, 02/11/2011.
- [3] Antífona de entrada, Missa da Comemoração de todos os fiéis defuntos.
- [4] Bento XVI, Audiência, 12/01/2011.
- [5] Missal Romano, Oração Eucarística II.
- [6] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 958.
- [7] Sto. Afonso Maria de Ligório, “A Oração, O grande meio para alcançarmos de Deus a salvação e todas as, graças que desejamos”, capítulo I, 16.
- [8] Sta. Teresa do Menino Jesus, *Últimas conversas*, 06/08/1897.
- [9] S. Josemaria, Palavras anotadas em 1967, por Javier Echevarría, citado em *Recordações sobre Mons. Escrivá*, Editora Quadrante, São Paulo, 2001.
- [10] Bento XVI, *Spe Salvi*, 30/11/2007.
- [11] Francisco, Angelus, 02/11/2014.

## 8 de novembro, São Severino

*Reflexão para meditar no dia 8 de novembro, Memória Litúrgica de S. Severino, mártir. Os temas propostos são: a unidade é um dom; para alegrar a Deus e para que o mundo acredite; a comunhão abre-nos para os outros.*

### Sumário

- A unidade é um dom.
- Para alegrar a Deus e para que o mundo acredite.
- A comunhão abre-nos para os outros.

---

Em Villa Tevere, conservam-se as relíquias de S. Severino, um soldado romano do século II ou III que foi martirizado pela sua fé. Essas relíquias encontravam-se, anteriormente, numa igreja de Nápoles. Em 1957, o arcebispo dessa cidade ofereceu-as a S. Josemaria. No ano seguinte, a Santa Sé concedeu o direito, aos centros do Opus Dei, de celebrar a Missa de S. Severino em novembro e depois fixou o dia 8 ou a data mais próxima que estivesse disponível. S. Josemaria quis que essa data fosse, cada ano, uma ocasião para que os seus filhos reforçassem a sua união com Roma, onde está o *coração* da Obra.

Ainda que possa parecer que a unidade depende, em primeiro lugar, dos nossos esforços, na realidade, trata-se, antes de tudo, de um dom de Deus. É uma graça que o próprio Cristo pediu a Deus Pai para a Sua Igreja e que os fiéis da Obra recordam diariamente ao rezar as Preces: «Que todos sejam um, como tu, Pai, em mim e eu em ti» (Jo 17, 21). Com estas palavras pronunciadas na Última Ceia, quase como se fossem um testamento espiritual, «o Senhor não ordenou aos discípulos a unidade, nem sequer lhes deu um discurso para motivar a sua necessidade. Não, rezou ao Pai por nós para que sejamos um. Isto significa que não bastamos só nós, com as nossas forças, para viver a unidade. É sobretudo um dom, é uma graça para pedir por meio da oração»<sup>[1]</sup>.

Pedimos a Deus a unidade, conscientes de que, sem a sua ajuda, não somos capazes de a conseguir nem sequer dentro de nós mesmos. Como sucedia com S. Paulo, o nosso coração experimenta algumas vezes «um conflito dilacerante: querer o bem e estar inclinado para o mal (cf. Rm 7, 19)»<sup>[2]</sup>. Compreendemos assim que, na realidade, a raiz de tantas divisões que vemos «entre as pessoas, na família, na sociedade, entre os povos e também entre os crentes»<sup>[3]</sup>, está dentro de nós. Para superar a divisão é necessário rezar, pedir ao Senhor a paz para nós próprios, se for o caso, e também com os outros; suplicar pela unidade de vida e pela unidade com os outros irmãos, superando diferenças e incompreensões.

---

«VEDE QUE BOM e que felicidade é a convivência entre os irmãos unidos» (Sl 133, 1). A unidade é um dom que Deus nos oferece porque Ele quer que vivamos unidos, quer que reine entre nós o carinho, o perdão, a compreensão, o desejo de ajudar o outro... Além disso, esse clima constitui um testemunho simples de vida cristã. Da unidade «depende a fé no mundo; o Senhor pediu a unidade entre nós “para que o mundo acredite” (Jo 17, 21). O mundo não acreditará com os bons argumentos que apresentemos, mas se testemunharmos o amor que nos une e que nos aproxima de todos»<sup>[4]</sup>.

A importância da unidade é muito grande: a sua formosura e atrativo são fundamentais para a nossa felicidade, para a nossa fidelidade e também para atrair os outros para o nosso caminho. De alguma maneira é lógico que o demónio procure, por todos os meios, diminuir ou enfraquecer essa concórdia, semear divisões e querelas entre os homens: na família, na sociedade, na Igreja. «O diabo sempre divide porque lhe convém dividir. Ele insinua a divisão em todas as partes e de todas as maneiras, enquanto o Espírito Santo faz convergir sempre para a unidade, O diabo, em geral, não nos tenta com assuntos de alta teologia, mas com as debilidades dos nossos irmãos. É astuto: aumenta os erros e os defeitos dos outros, semeia discórdia, provoca a crítica e cria divisões. O caminho de Deus é outro: aceita-nos como somos, ama-nos muito, mas ama-nos como somos e aceita-nos como somos; aceita-nos diferentes, aceita-nos pecadores e sempre nos estimula para a unidade»<sup>[5]</sup>.

Somos construtores de unidade? Em momentos de conflito, de desacordo, quando notamos aquilo que nos parece uma limitação dos outros, sabemos pôr à frente a chamada do Senhor ao carinho, à compreensão, a uma caridade fraterna que supere as diferenças? «O amor às almas por Deus, ensinava S. Josemaria, faz-nos amar a todos, compreender, desculpar, perdoar...»<sup>[6]</sup>.

---

«UM PAI, UMA MÃE que ama com loucura dois filhos fica feliz ao ver o carinho mútuo entre eles e sofre se vê que lhes falta esse carinho»<sup>[7]</sup>. É muito possível que tenhamos esta experiência: a alegria de uns pais quando veem os seus filhos unidos entre si, quando observam que os filhos são capazes de se compreender, de fazer um esforço para se amarem, de pedir perdão e de se perdoarem uns aos outros se, em algum momento guerrearam entre si. Com um gozo semelhante O Senhor contempla os seus filhos na Igreja e todos os homens quando vê que permanecem unidos: «Ao amar os outros damos alegria a Deus e a Maria»<sup>[8]</sup>.

Cristo pede ao Pai que todos sejamos um. «Não se trata só da unidade de uma organização humanamente bem estruturada, mas da unidade que dá o amor: “como Tu, Pai, em Mim e Eu em Ti”. Neste sentido, os primeiros cristãos são um claro exemplo: “A multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma” (At 4, 32). Precisamente por ser consequência do amor, esta unidade não é uniformidade, mas comunhão. Trata-se da unidade na diversidade, manifestada na alegria de conviver com as diferenças, aprender a enriquecer-nos com os outros, fomentar à nossa volta um ambiente de afeto»<sup>[9]</sup>.

Se, com a ajuda do Senhor, procuramos viver uma unidade que seja comunhão, fundamentada na caridade, essa união «não nos encerra num grupo, antes, como parte da Igreja, leva-nos a oferecer a nossa amizade a todas as pessoas»<sup>[10]</sup>. Peçamos à nossa Mãe do Céu que nos ajude a apreciar e procurar sempre a unidade com os outros, nos diferentes âmbitos onde se desenrola a nossa vida.

---

## NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 20/01/2021.

[2] *Ibid.*

[3] *Ibid.*

[4] *Ibid.*

[5] *Ibid.*

[6] S. Josemaria, *Forja*, n. 559.

[7] Fernando Ocáriz, *À Luz do Evangelho*, p. 148.

[8] *Ibid.*

[9] *Ibid.*

[10] *Ibid.*

## 9 de novembro, Dedicção da Basílica de Latrão

*Reflexão para meditar no dia 9 de novembro, Festa da Dedicção da Basílica de S. João de Latrão (Catedral de Roma). Os temas propostos são: a primeira cátedra papal; adoração no coração e no templo; o esmero com os objetos de culto.*

### Sumário

- A primeira cátedra papal
- Adoração no coração e no templo
- O esmero com os objetos de culto

---

NO INÍCIO do Cristianismo, a Eucaristia era celebrada em casas particulares que algumas famílias cristãs – geralmente aquelas com melhores recursos financeiros e, portanto, com moradias mais espaçosas – colocavam à disposição da comunidade. Elas foram as primeiras igrejas domésticas ou *domus ecclesiae*. Em Roma, o primeiro templo cristão a ser construído foi a Basílica de Latrão, no terreno anteriormente ocupado por um quartel da guarda particular do imperador. O Papa Silvestre a consagrou em 318. No início chamava-se Basílica do Salvador, mas na época medieval também era dedicada a S. João Batista e a S. João Evangelista. Durante muitos séculos, até ao período de Avignon, a cadeira papal esteve aí, razão pela qual esta basílica mereceu o título de *cunctarum mater et caput ecclesiarum*, mãe e cabeça de todas as igrejas, que ainda pode ser lido numa inscrição junto à entrada.

Hoje comemoramos a dedicação desta basílica. É uma ocasião para fortalecer a nossa comunhão com a Sé de Pedro e para aprofundar no significado que os edifícios sagrados, espaços dedicados exclusivamente ao culto, têm na vida cristã. Um dos prefácios que hoje podem ser recitados na Missa sintetiza o sentido desta celebração ao agradecer a Deus com estas palavras: «Porque quisestes habitar essa casa de oração para tornar-nos, pelo auxílio contínuo da vossa graça, o templo vivo do Espírito Santo.

Dando-lhe vida sem cessar, santificais a Igreja, Esposa de Cristo e Mãe exultante de muitos filhos, simbolizada pelos templos visíveis»<sup>[1]</sup>. As igrejas visíveis são um símbolo da Igreja invisível, composta por todos os batizados como «pedras vivas e escolhidas»<sup>[2]</sup>. Por isso, numa festa como a de hoje, pedimos ao Senhor que, com a sua ajuda, saibamos construir a Igreja e assim chegar à morada definitiva na Jerusalém celeste<sup>[3]</sup>.

---

«OS VERDADEIROS ADORADORES adorarão o Pai em espírito e verdade» (Jo 4, 23), respondeu Jesus à samaritana que perguntava qual era o lugar apropriado para o culto divino. Cristo ressalta que, acima do lugar material, o mais importante é que Deus viva no coração de cada homem (cf. Jo 14, 23) e assegura a sua presença sempre que dois ou três se reunirem em seu nome (cf. Mt 18, 20). Como S. Paulo ensinou mais tarde no Areópago, «o Deus, que fez o mundo e tudo o que nele há, é o Senhor do céu e da terra, e não habita em templos feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos de homens, como se necessitasse de alguma coisa, porque é Ele quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas» (At 17, 24-25).

Colocar em primeiro lugar a transcendência de Deus e a importância da interioridade no nosso relacionamento com Ele não contradiz, porém, o facto de que os homens precisam de lugares onde a proximidade do Senhor conosco se manifeste mais claramente. E a isso se acrescenta a realidade de que não nos salvamos individualmente, mas como Igreja, como povo de Deus. Não por acaso, a palavra igreja, na sua origem grega, significa assembleia ou reunião. Com efeito, na igreja, grande ou pequena, encontramos outros fiéis cristãos e Cristo está presente entre nós, especialmente na Eucaristia. «A minha casa é uma casa de oração» (Mt 21, 13). Lemos essas palavras de Jesus no Evangelho. Elas podem ajudar-nos a considerar como é a nossa atitude quando entramos numa igreja, capela ou oratório. Sentimo-nos realmente na casa de Deus e voltamos imediatamente o olhar para o tabernáculo, onde se conserva a Eucaristia? Somos capazes de estabelecer um silêncio interior que nos permita rezar? Procuramos adorá-lo e agradecer-lhe pela sua proximidade, pela sua paciência, por ter querido manter uma familiaridade tão humana quanto impressionante conosco?

---

S. FRANCISCO DE ASSIS rogava encarecidamente aos guardiões da sua ordem – que guiavam a comunidade de cada lugar – que suplicassem com toda humildade ao clero «que venerem sobre todas as coisas o Santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo (...). Devem ter preciosos os cálices, corporais, ornamentos do altar e tudo que pertence ao sacrifício»<sup>[4]</sup>. O cuidado com os edifícios e objetos relacionados ao culto nasce da fé, do amor e da gratidão a um Deus que se tornou tão próximo. Junto com a razão, os nossos sentidos e sentimentos também nos ajudam a chegar a Deus.

O fundador do Opus Dei explicava, com um exemplo gráfico, que o amor humano era a explicação para oferecer ao culto os mais belos objetos tivéssemos ao nosso alcance: «Quando um homem oferecer à mulher amada, como prova de afeto, um saco de cimento e três barras de ferro, já lhes disse, nós faremos o mesmo com Nosso Senhor, que está nos céus e nos nossos Tabernáculos»<sup>[5]</sup>. Também costumava comentar que entendia facilmente qualquer tipo de falha por fraqueza, mas que lhe era mais difícil entender o descuido negligente: «Penso – dizia – que às pessoas que põem amor em tudo o que se refere ao culto, que fazem com que as igrejas estejam digna e decorosamente conservadas e limpas, os altares resplandecentes, os paramentos sagrados esmeradamente limpos e cuidados, Deus as olhará com especial carinho, e lhes passará mais facilmente por alto as suas fraquezas, porque demonstram nesses detalhes que creem e amam»<sup>[6]</sup>.

Com certeza, Maria cobriu Jesus de delicadezas e atenções em Belém, em Nazaré, ao longo de toda a sua vida. Hoje, dia da dedicação da basílica de São João de Latrão, podemos pedir à nossa mãe um pouco desse seu amor.

---

## NOTAS

[1] Prefácio, Comum da Dedicção de uma igreja, fora da igreja dedicada.

[2] Oração coletiva, Missa da Dedicção da Basílica de Latrão.

[3] Oração depois da comunhão, *Ibid.*

[4] S. Francisco de Assis, *Primeira carta aos custódios.*

[5] S. Josemaria, *Cartas* 6, n. 28.

[6] S. Josemaria, *Instrucción para la obra de San Rafael*, nota 167.

## **18 de novembro, Dedicção das Basílicas de São Pedro e de São Paulo**

*Reflexão para meditar no dia 18 de novembro, Memória Litúrgica da Dedicção das Basílicas de S. Pedro e de S. Paulo. Os temas propostos são: Pedro e Paulo, colunas da fé; eram diferentes, mas o Evangelho unia-os; somos pedras vivas do templo que é a Igreja.*

### **Sumário**

- Pedro e Paulo, colunas da fé.
- Eram diferentes, mas o Evangelho unia-os.
- Somos pedras vivas do templo que é a Igreja.

---

AS VIDAS DE S. Pedro e de S. Paulo estão entrelaçadas pelo amor a Jesus Cristo e por um mesmo afã evangelizador. Embora possuam uma origem, um temperamento e uma formação muito diferentes, desde a chamada do Senhor dedicaram as suas melhores energias a dar testemunho por toda a terra da alegria que receberam, cada um com a sua missão e o seu estilo peculiar: Pedro como cabeça da Igreja, Paulo como apóstolo das gentes.

Conheceram-se em Jerusalém, quando Paulo visitou os apóstolos, três anos depois da sua conversão (cf. Gl 1, 15-18). Aí conviveram por apenas alguns dias. É possível que tenham coincidido posteriormente em Roma, quando Paulo foi preso na capital do Império. Sabemos que ambos deram nesta cidade o seu máximo testemunho de amor a Cristo no martírio: Pedro foi crucificado e Paulo, decapitado. Na cidade eterna, as suas relíquias repousam hoje nas basílicas a eles dedicadas. Assim se recolhe por volta do ano 200, no testemunho do sacerdote romano Gaio: «Posso mostrar o troféu dos Apóstolos. Se, pois, queres ir ao Vaticano ou à Via Ostiense, encontrarás os troféus dos fundadores desta Igreja»<sup>[1]</sup>.

Hoje contemplamos o que Deus consegue fazer com aqueles que se abrem generosamente à sua ação. «Ânimo! Tu... podes –escrevia S.

Josemaria—. Vês o que fez a graça de Deus com aquele Pedro dorminhoco negador e covarde...; com aquele Paulo perseguidor, odiento e pertinaz?»<sup>[2]</sup>. «Desde sempre a tradição cristã tem considerado S. Pedro e S. Paulo inseparáveis: na verdade, juntos, representam todo o Evangelho de Cristo»<sup>[3]</sup>. São ambos fundamento da Igreja, símbolos da sua unidade e colunas da fé. Por este motivo, a Igreja reuniu no mesmo dia a Dedicção das basílicas romanas de S. Pedro e S. Paulo, edificadas sobre os seus túmulos.

---

DIANTE DA fachada da basílica de S. Pedro estão colocadas duas grandes estátuas, facilmente reconhecíveis pelo que têm nas mãos: as chaves nas de Pedro, e a espada nas de Paulo.

O símbolo das chaves –que Pedro recebe de Cristo– representa a sua autoridade. O Senhor promete-lhe que, como fiel administrador da sua mensagem, lhe corresponderá abrir a porta do reino dos céus (cf. At 3, 7). A espada que Paulo tem nas mãos é o instrumento com que foi assassinado. Contudo, quando lemos as suas cartas descobrimos que a imagem da espada também recorda a sua missão evangelizadora. Quando sente que se aproxima a morte, escreve ao seu discípulo Timóteo: «Combati o bom combate» (2Tm 4, 7). Paulo foi chamado o *décimo-terceiro* apóstolo, pois, embora não fizesse parte do grupo dos doze, foi chamado por Cristo Ressuscitado no caminho de Damasco.

Humanamente eram muito diferentes e provavelmente não faltaram disparidades na sua convivência. Mas não foram obstáculo para que um e outro mostrem «um modo novo e autenticamente evangélico de ser irmãos, tornado possível precisamente pela graça do Evangelho de Cristo que neles operava»<sup>[4]</sup>. Assim o referia S. Josemaria: «Gostaria –ajuda-me com a tua oração– que, na Igreja Santa, todos nos sentíssemos membros de um só corpo, como nos pede o Apóstolo; e que vivêssemos a fundo, sem indiferenças, as alegrias, as tribulações, a expansão da nossa Mãe, una, santa, católica, apostólica, romana. Queria que vivêssemos a identidade de uns com os outros e de todos com Cristo»<sup>[5]</sup>.

---

QUANDO SE DEDICA um templo ao culto, esse edifício deixa de ser um lugar normal para se transformar em espaço sagrado, que terá como fim dar glória a Deus. A parte central do rito de dedicação é a consagração do altar que, estando totalmente despojado, é ungido com o óleo do crisma no centro e nos quatro ângulos. Seguidamente é incensado, e ornamentado com as toalhas, as flores, os círios e o crucifixo. O celebrante, com uma vela acesa na mão, invoca a «luz de Cristo», de modo análogo ao que faz durante a Vigília Pascal.

À imagem de um templo, todos os cristãos fomos consagrados a Deus no Batismo, fomos ungidos no peito com o santo crisma. Também nos entregaram uma vela, acesa na chama do círio pascal, para sermos fontes de luz no mundo. Podemos cooperar com entusiasmo na edificação da Igreja porque somos «pedras vivas» (1Pd 2, 5) deste edifício sobrenatural. Estas duas testemunhas da fé são admiráveis não tanto por possuir capacidades inigualáveis, mas antes porque no centro da sua história «está o encontro com Cristo que lhes mudou a vida. Fizeram a experiência de um amor que os curou e libertou e, por isso, tornaram-se apóstolos e ministros de libertação para os outros»<sup>[6]</sup>.

«Pedro conheceu pessoalmente Maria e no diálogo com Ela, especialmente nos dias que precederam o Pentecostes (cf. At 1, 14), pôde aprofundar o conhecimento do mistério de Cristo. Paulo, ao anunciar o cumprimento do desígnio salvífico «na plenitude dos tempos», não deixou de recordar a «mulher» da qual o Filho de Deus nascera no tempo (cf. Gl 4, 4)»<sup>[7]</sup>. Pedimos-lhe a Ela que, a exemplo de S. Pedro e S. Paulo, abracemos na nossa vida a aventura de edificar a Igreja.

---

## NOTAS

[1] Eusébio, *Historia Ecl.*, II, 25,7

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 483.

[3] Bento XVI, Homilia, 29/06/2012.

[4] *Ibid.*

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 630.

[6] Francisco, Homilia, 29/06/2021.

[7] Francisco, Homilia, 29/06/2015.

## Cristo Rei (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no último domingo do Tempo Comum, Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo (Ciclo A). Os temas propostos são: Jesus é o rei do Universo e de cada um de nós; sem medo do juízo; Cristo identifica-se com as ovelhas.*

### Sumário

- Jesus é o rei do Universo e de cada um de nós.
- Sem medo do juízo.
- Cristo identifica-se com as ovelhas.

---

O FIM do ano litúrgico chega com a solenidade de Cristo Rei. Estas semanas em que a Igreja nos propôs considerar as verdades últimas levam-nos a uma certeza: Jesus Cristo é o Senhor da história universal e, ao mesmo tempo, de cada história pessoal. «Deus todo-poderoso e eterno, – rezamos na oração coleta – que no vosso amado Filho, Rei do universo, quisestes instaurar todas as coisas, concedei propício que todas as criaturas, libertas da escravidão, sirvam a vossa majestade e Vos glorifiquem eternamente». Nada do que acontece escapa ao Seu conhecimento. Nenhum dos nossos cuidados ou desejos é perdido, porque Ele governa tudo.

*Regnare Christum volumus*, escolheu como lema episcopal o Beato Álvaro del Portillo: queremos que Cristo reine. É uma das jaculatórias que S. Josemaria repetia desde muito novo. «Cristo deve reinar, em primeiro lugar, na nossa alma – dizia –. Mas como Lhe responderíamos, se Ele nos perguntasse: como é que tu Me deixas reinar em ti? Eu responder-lhe-ia que para que Ele reine em mim, preciso da sua graça abundante, pois só assim é que o mais impercetível pulsar do meu coração, a menor respiração, o olhar menos intenso, a palavra mais corrente, a sensação mais elementar, se traduzirão num *hossana* ao meu Cristo Rei»<sup>[1]</sup>.

«Jesus hoje pede-nos para deixarmos que *Ele Se torne o nosso rei*. Um rei que com a Sua palavra, o Seu exemplo e a Sua vida imolada na cruz nos salvou da morte, e indica – este rei – o caminho ao homem perdido, dá luz nova à nossa existência marcada pela dúvida, pelo medo e pelas provações de cada dia. Mas não devemos esquecer que o reino de Jesus *não é deste mundo*. Ele só poderá dar um sentido novo à nossa vida, às vezes submetida a dura prova inclusive pelos nossos erros e pecados, se não seguirmos as lógicas do mundo e dos seus “reis”»<sup>[2]</sup>.

---

O EVANGELHO de hoje mostra-nos Jesus a anunciar como será o Juízo Universal. Ele mesmo, sentado no trono da Sua glória, «separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos» (Mt 25, 32). Pode surpreender que o Senhor, ao falar daquele momento, não Se apresente como um juiz temeroso, mas como um pastor misericordioso. Jesus é o primeiro interessado na nossa própria salvação. Ele é o pastor que, quando as ovelhas se afastam, faz todo o possível para trazê-las de volta ao rebanho. «Eu apascentarei as minhas ovelhas – lemos na primeira leitura –, Eu as levarei a repousar, diz o Senhor Deus. Hei de procurar a que anda perdida e reconduzir a que anda tresmalhada» (Ez 34, 15-16).

S. Josemaria recordava que o Senhor «não é um dominador tirânico, nem um juiz rígido e implacável; é nosso Pai. Fala-nos dos nossos pecados, dos nossos erros, da nossa falta de generosidade, mas é para nos livrar deles e nos prometer a sua amizade e o seu amor. A consciência da nossa filiação divina dá alegria à nossa conversão; diz-nos que estamos a voltar à casa do Pai»<sup>[3]</sup>. Por isso, «a imagem do Juízo final não é primariamente uma imagem aterradora, mas de esperança»<sup>[4]</sup>.

Quando alguém atua apenas por medo – seja de um possível castigo, de ficar mal, ou por outros motivos –, não dá sentido pleno a tudo o que faz. Poderá realizar ações aparentemente corretas, mas como a motivação não parece adequada, será difícil aproveitar o bem que elas trazem para a própria vida: simplesmente comportar-se-á de maneira a evitar consequências negativas. Por isso, Jesus, ao apresentar-Se como Juiz-Pastor, chama-nos a esperar sem medo aquele encontro final com Ele. Além do mais, será um momento muito esperado, pois contemplaremos o Amor

que deu sentido a todas as nossas ações. «Não brilha na tua alma o desejo de que teu Pai-Deus fique contente quando te tiver de julgar?»<sup>[5]</sup>.

---

NESSE JUÍZO, o Senhor elogia aqueles que O viram necessitado e vieram em Seu auxílio. Quando esses justos Lhe perguntam quando fizeram tal coisa, já que não se lembram, Jesus assegura-lhes: «Em verdade vos digo: quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes» (Mt 25, 40). Algo semelhante, mas ao contrário, diz a quem não cuidou dos mais fracos: «Em verdade vos digo: quantas vezes o deixastes de fazer a um dos meus irmãos mais pequeninos, também a Mim o deixastes de fazer» (Mt 25, 45). Desta forma, Cristo não só Se apresenta como pastor, mas também Se identifica com as ovelhas do rebanho: qualquer gesto de carinho ou rejeição para com os nossos irmãos, especialmente os mais necessitados, é como se o dirigíssemos a Ele mesmo.

O Senhor conclui assim o Seu anúncio do Juízo: aqueles que ignoraram as necessidades dos outros «Estes irão para o suplício eterno e os justos para a vida eterna» (Mt 25, 46). Deste modo, afirma que «no final da nossa vida, seremos julgados sobre o amor, ou seja, sobre o nosso compromisso concreto de amar e servir Jesus nos nossos irmãos mais pequeninos e necessitados. Aquele mendigo, esse necessitado que estende a mão é Jesus; aquele doente que devo visitar é Jesus; esse preso é Jesus; aquele faminto é Jesus»<sup>[6]</sup>. É assim que Cristo mostra a Sua realeza: tornando-Se presente nos mais fracos. Podemos pedir à Virgem Maria que nos ajude a reconhecer o Seu Filho nas pessoas que passam por nós, sabendo que com o nosso desejo de servi-las estamos a amar o Rei do Universo.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 181.

[2] Francisco, *Angelus*, 25/11/2018.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 64.

[4] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 44.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 746.

[6] Francisco, *Angelus*, 26/11/2017.

## Cristo Rei (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no último domingo do Tempo Comum, Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo (Ciclo C). Os temas propostos são: Jesus é o rei do Universo e de cada um de nós; a aparente fraqueza do reinado de Cristo; o serviço é o verdadeiro poder*

### Sumário

- Jesus é o rei do Universo e de cada um de nós.
- A aparente fraqueza do reinado de Cristo.
- O serviço é o verdadeiro poder.

---

O FIM do ano litúrgico chega com a solenidade de Cristo Rei. Estas semanas em que a Igreja nos propôs considerar as verdades últimas levam-nos a uma certeza: Jesus Cristo é o Senhor da história universal e, ao mesmo tempo, de cada história pessoal. «É a imagem de Deus invisível, o Primogénito de toda a criatura; porque n’Ele foram criadas todas as coisas no céu e na terra» (Cl 1, 15-16). Nada do que acontece escapa ao Seu conhecimento. Nenhum dos nossos cuidados ou desejos é perdido, porque Ele governa tudo.

*Regnare Christum volumus*, escolheu como lema episcopal o Bto. Álvaro del Portillo: queremos que Cristo reine. É uma das jaculatórias que S. Josemaria repetia desde muito novo. «Cristo deve reinar, em primeiro lugar, na nossa alma – dizia –. Mas como Lhe responderíamos, se Ele nos perguntasse: como é que tu Me deixas reinar em ti? Eu responder-lhe-ia que para que Ele reine em mim, preciso da sua graça abundante, pois só assim é que o mais impercetível pulsar do meu coração, a menor respiração, o olhar menos intenso, a palavra mais corrente, a sensação mais elementar se traduzirão num *hossana* ao meu Cristo Rei»<sup>[1]</sup>.

«Jesus hoje pede-nos para deixarmos que *Ele se torne o nosso rei*. Um rei que com a sua palavra, o seu exemplo e a sua vida imolada na cruz nos

salvou da morte, e indica – este rei – o caminho ao homem perdido, dá luz nova à nossa existência marcada pela dúvida, pelo medo e pelas provocações de cada dia. Mas não devemos esquecer que o reino de Jesus *não é deste mundo*. Ele só poderá dar um sentido novo à nossa vida, às vezes submetida a dura prova inclusive pelos nossos erros e pecados, se não seguirmos as lógicas do mundo e dos seus “reis”»<sup>[2]</sup>.

---

POUCO ANTES da morte de Jesus, os chefes do povo e os soldados começaram a insultá-l'O: «Se és o Rei dos judeus, salva-Te a Ti mesmo» (Lc 23, 37). A sua realeza permanece oculta aos olhos destes homens. Consideravam que o verdadeiro poder era aquele que dominava politicamente grande parte do mundo conhecido no Ocidente. Não concebiam que aquela pessoa, prestes a morrer na cruz, fosse alguém importante.

A resposta do Senhor a estes insultos é eloquente: não se defende a Si próprio. O seu reinado é o de quem se entrega e só assim começa a salvação. Jesus «deseja cumprir a vontade do Pai até ao fim e estabelecer o seu reino, não com as armas e a violência, mas com a aparente fragilidade do amor que dá a vida. O reino de Deus é um reino completamente diferente dos reinos terrenos»<sup>[3]</sup>. Essa “aparente fraqueza” é o que conquista a liberdade das almas. É a fragilidade do Senhor que infunde vida no mundo e nos povos, aquele que sabe tirar o bem do mal, aquele que infunde graça sem se impor.

Talvez tenha sido precisamente esta "fraqueza" que conquistou o coração do "bom ladrão". Enquanto o seu parceiro no crime desafiava Jesus e pedia-Lhe que os salvasse da cruz, ele atreveu-se a fazer uma súplica mais audaz: «Jesus, lembra-Te de Mim, quando vieres com a tua realeza» (Lc 23, 42). Ele tinha reconhecido o seu reinado, mas sabia que não era deste mundo. É por isso que se dirige a Ele, para que, onde quer que exerça o seu poder, se possa lembrar do seu companheiro de agonia. E o que obtém deste Rei é muito mais do que poderia ter imaginado: «Em verdade te digo: Hoje estarás comigo no Paraíso» (Lc 23, 43).

---

TODO O CRISTÃO é chamado a ser Cristo que passa entre os homens. Olhar para o Senhor na Cruz impele-nos a dar-mo-nos como Ele. O Seu exemplo leva-nos a amar sem condições. Quem se entrega depõe as armas, renuncia a defender-se. Desta forma, aprendemos a ouvir sem nos impormos, a valorizar o bem de cada pessoa, a oferecer o nosso próprio tempo e a alegria que temos dentro de nós sem esperar nada em troca.

Nesse reinado de Cristo diante dos que O ridicularizam, descobrimos que de pouco serve pretender ter razão ou levar a nossa avante; até o bem que fazemos perde peso se não formos movidos por um desejo sincero de servir, como Cristo na Sua Paixão. «Serviço. Como gosto desta palavra! Servir o meu Rei e, por Ele, todos os que foram redimidos com o seu sangue. Se os cristãos soubessem servir! Vamos confiar ao Senhor a nossa decisão de aprender a realizar esta tarefa de serviço, porque só servindo é que poderemos conhecer e amar Cristo e dá-l’O a conhecer e conseguir que os outros O amem mais»<sup>[4]</sup>.

O Arcanjo S. Gabriel disse a Maria que o seu Filho reinaria para sempre. Ela acreditou antes de O dar ao mundo. Mais tarde, não sem perplexidades, entenderia que tipo de realeza era a de Jesus. Pedimos à nossa Mãe que compreendamos e vivamos, sempre com maior profundidade, aquela maneira suave com a que reina o seu Filho.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 181.

[2] Francisco, Angelus, 25/11/2018.

[3] Bento XVI, Homilia, 25/11/2012

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 182.

## Cristo Rei (Ciclo B)

*Reflexão para meditar no último domingo do Tempo Comum, Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo (Ciclo B). Os temas propostos são: Jesus é o rei do Universo e de cada um de nós; a aparente fraqueza do reinado de Cristo; o serviço é o verdadeiro poder.*

### Sumário

- Jesus é o rei do Universo e de cada um de nós.
- A aparente fraqueza do reinado de Cristo.
- O serviço é o verdadeiro poder.

---

O FIM do ano litúrgico chega com a solenidade de Cristo Rei. Estas semanas em que a Igreja nos propôs considerar as verdades últimas levam-nos a uma certeza: Jesus Cristo é o Senhor da história universal e, ao mesmo tempo, de cada história pessoal. «O seu império é um império eterno que não passará jamais, e o seu reino nunca será destruído» (Dn 7, 14). Nada do que acontece escapa ao Seu conhecimento. Nenhum dos nossos cuidados ou desejos é perdido, porque Ele governa tudo.

*Regnare Christum volumus*, escolheu como lema episcopal o Beato Álvaro del Portillo: queremos que Cristo reine. É uma das jaculatórias que S. Josemaria repetia desde muito novo. «Cristo deve reinar, em primeiro lugar, na nossa alma – dizia –. Mas como Lhe responderíamos, se Ele nos perguntasse: como é que tu Me deixas reinar em ti? Eu responder-lhe-ia que para que Ele reine em mim, preciso da sua graça abundante, pois só assim é que o mais impercetível pulsar do meu coração, a menor respiração, o olhar menos intenso, a palavra mais corrente, a sensação mais elementar se traduzirão num *hossana* ao meu Cristo Rei»<sup>[1]</sup>.

«Jesus hoje pede-nos para deixarmos que *Ele se torne o nosso rei*. Um rei que com a sua palavra, o seu exemplo e a sua vida imolada na cruz nos salvou da morte, e indica –este rei– o caminho ao homem perdido, dá luz

nova à nossa existência marcada pela dúvida, pelo medo e pelas provações de cada dia. Mas não devemos esquecer que o reino de Jesus *não é deste mundo*. Ele só poderá dar um sentido novo à nossa vida, às vezes submetida a dura prova inclusive pelos nossos erros e pecados, se não seguirmos as lógicas do mundo e dos seus “reis”»<sup>[2]</sup>.

---

DURANTE O PROCESSO anterior à crucificação, o Evangelho permite-nos ver como a surpresa de Pilatos aumenta durante a sua conversa com Cristo. Não é apenas um réu que mostrou uma dignidade que nunca tinha encontrado, mas Jesus, com as Suas palavras amáveis, cheias de mansidão, penetrou nas profundezas da sua alma. O brilho da verdade deslumbra o procurador que não consegue ver com clareza que posição tomar. O próprio Cristo é a verdade e diante dos Seus olhos nenhum coração permanece o mesmo que antes.

O contraste na cena é eloquente: de um lado, o poder do Império Romano que dominará praticamente todo o mundo conhecido até então. Do outro, o autêntico Senhor do universo com a aparente impossibilidade de Se defender. Aquelas mãos que fizeram milagres como dar vista aos cegos ou ressuscitar os mortos, que acariciaram os enfermos e confortaram as lágrimas dos aflitos, agora parecem acorrentadas. Poderiam governar legiões de anjos, converteram o pão e o vinho no Seu próprio Corpo e Sangue, mas agora permanecem atadas.

É um mistério que nos deslumbra: Cristo não Se defende. O Seu reinado é o de quem se entrega e só então começa a salvação. Jesus «deseja cumprir a vontade do Pai até ao fim e estabelecer o seu reino, não com as armas e a violência, mas com a aparente fragilidade do amor que dá a vida. O reino de Deus é um reino completamente diferente dos reinos terrenos»<sup>[3]</sup>. Essa “aparente fraqueza” é o que conquista a liberdade das almas. É a fragilidade do Senhor que infunde vida no mundo e nos povos, aquele que sabe tirar o bem do mal, aquele que infunde graça sem se impor.

---

TODO O CRISTÃO é chamado a ser Cristo que passa entre os homens. Olhar para as mãos atadas do Senhor impele-nos a dar-mo-nos como Ele. O

Seu exemplo leva-nos a amar sem condições. Quem se entrega depõe as armas, renuncia a defender-se. Desta forma, aprendemos a ouvir sem nos impormos, a valorizar o bem de cada pessoa, a oferecer o nosso próprio tempo e a alegria que temos dentro de nós sem esperar nada em troca.

Nesse reinado de Cristo diante de Pilatos descobrimos que de pouco serve pretender ter razão ou levar a nossa avante; até o bem que fazemos perde peso se não formos movidos por um desejo sincero de servir, como Cristo na Sua Paixão. «Serviço. Como gosto desta palavra! Servir o meu Rei e, por Ele, todos os que foram redimidos com o seu sangue. Se os cristãos soubessem servir! Vamos confiar ao Senhor a nossa decisão de aprender a realizar esta tarefa de serviço, porque só servindo é que poderemos conhecer e amar Cristo e dá-l’O a conhecer e conseguir que os outros O amem mais»<sup>[4]</sup>.

O Arcanjo S. Gabriel disse a Maria que o seu Filho reinaria para sempre. Ela acreditou antes de O dar ao mundo. Mais tarde, não sem perplexidades, entenderia que tipo de realeza era a de Jesus. Pedimos à nossa Mãe que compreendamos e vivamos, sempre com maior profundidade, aquela maneira suave com a que reina o seu Filho.

---

## NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 181.

[2] Francisco, Angelus, 25/11/2018.

[3] Bento XVI, Homilia, 25/11/2012

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 182.

## 21 de novembro, Apresentação de Nossa Senhora

*Reflexão para meditar no dia 21 de novembro, Memória Litúrgica da Apresentação da Virgem Santa Maria. Os temas propostos são: Maria, completamente de Deus; para fazer parte de uma família divina; fidelidade no grande e no pequeno.*

### Sumário

- Maria, completamente de Deus.
- Para fazer parte de uma família divina.
- Fidelidade no grande e no pequeno.

---

UMA ANTIGA tradição conta como os pais da Virgem, S. Joaquim e Santa Ana, A levaram ao templo de Jerusalém. Aí ficaria durante algum tempo, com outras meninas, para ser educada nas tradições e na fé de Israel. Podemos ler no Antigo Testamento que o mesmo tinha sido feito, há tempos, pela mãe do profeta Samuel, também chamada Ana, quando ofereceu o seu filho para ficar ao serviço de Deus no tabernáculo onde se manifestava a sua glória (1Sm 1, 21-28).

Depois dessa temporada, Maria continuou a morar com Joaquim e Ana numa vida normal. Permaneceu sob o seu cuidado enquanto crescia até ser mulher. Foi amadurecendo como mais uma do seu povo, sem nada de extraordinário no comportamento. Como boa judia, orientava toda a sua existência para o Senhor, de quem ainda não sabia que viria a ser Mãe. A festa de hoje celebra, precisamente, essa pertença da Virgem a Deus, a dedicação completa ao mistério da salvação ao longo de toda a sua vida.

«Como a Santa Menina Maria se ofereceu a Deus no Templo com prontidão e por inteiro, assim nós neste dia nos apresentemos a Maria sem demora e sem reservas»<sup>[1]</sup>, escreve Sto. Afonso Maria de Ligório. Ela, com a sua própria vida, indica-nos o caminho até ao seu Filho, para que também a nossa vida tenha n'Ele o seu centro. «As suas mãos, o seu olhar, a sua

atitude são um “catecismo” vivo e indicam sempre o âmago, o centro: Jesus»<sup>[2]</sup>.

---

JESUS está a falar às multidões. De repente aparece alguém que Lhe diz: «Tua mãe e teus irmãos estão ali fora e desejam falar-Te». O Senhor responde com uma pergunta, a que Ele próprio responde: «Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos? (...) Todo aquele que fizer a vontade do meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão e minha irmã e minha mãe» (Mt 12, 46-50).

Estas palavras de Cristo podem surpreender-nos. Talvez tenhamos a impressão de que o Senhor não dá importância à relação com a sua Mãe. Contudo, um olhar mais delicado permite perceber que o Mestre realça a fidelidade com que Ela vive a sua vocação, que é fonte da íntima proximidade com o Filho. Sto. Agostinho comenta, pondo estas palavras na boca do próprio Jesus: «A minha Mãe, a quem proclamais ditosa, é-o precisamente pela sua observância da Palavra de Deus, (...) porque foi guarda fiel do próprio Verbo de Deus, que a criou a Ela e n’Ela se fez carne»<sup>[3]</sup>.

Destas palavras do Senhor aprendemos que os seguidores de Jesus podem passar a fazer parte da sua própria família. Quem quer partilhar a vida com Cristo e fazer a vontade de Deus Pai, é algo mais do que colaborador de um projeto a favor do bem da sociedade. «Tornar-se discípulo de Jesus –diz o Catecismo– é aceitar o convite para pertencer à família de Deus, para viver em conformidade com a sua maneira de viver»<sup>[4]</sup>. Hoje podemos pedir a Maria que, como já está diante de Deus, nos alcance a graça de estar cada dia mais perto do seu Filho Jesus.

---

NOS EVANGELHOS vemos vários momentos em que Maria responde com fidelidade ao querer divino. O “sim” que pronuncia na anunciação do anjo foi «o primeiro passo de uma longa lista de obediências que acompanharão todo o seu itinerário de mãe»<sup>[5]</sup>. Talvez a maior expressão dessa fidelidade se encontre quando permanece ao pé da cruz, junto ao seu Jesus, oferecendo-lhe o maior dos consolos só com a sua presença. Os

evangelistas não dizem nada sobre a sua reação, simplesmente assinalam que, no Gólgota, Ela permanecia ali: «estava». A Virgem não concebia uma atitude de fuga nem de distanciamento. Tinha descoberto que a maior das felicidades – desta vez misturada com abundantíssima dor – em algumas ocasiões consiste simplesmente em «estar» com o seu Filho.

A vida de Maria também esteve marcada por outros momentos de fidelidade quotidiana, que o Evangelho não recolheu. O seu dia a dia decorreu possivelmente como o da maior parte das mulheres dessa época. E foi nessas tarefas comuns às da sua gente que também cumpriu a vontade de Deus. Santificou o pequeno e o grande que cada dia traz consigo, o que à primeira vista tinha pouco valor, mas, ao mesmo tempo, muito valor para nós. Soube pôr amor em tudo o que realizava. «Um amor levado até ao extremo, até ao esquecimento completo de si mesma, contente por estar onde Deus quer que esteja e cumprindo com esmero a vontade divina. Isso é o que faz com que o mais pequeno dos seus gestos nunca seja banal, mas cheio de significado»<sup>[6]</sup>.

Deste modo se realizava o que mais tarde Jesus diria aos seus discípulos: «Quem é fiel no pouco também é fiel no muito» (Lc 16, 10). Desde que Maria foi apresentada no Templo, toda a sua vida girou à volta de Deus. E, graças a essa fidelidade no pequeno, vivida sob a ação do Espírito Santo, Maria soube ser fiel também no grande.

---

## NOTAS

[1] Sto. Afonso Maria de Ligório, *Glórias de Maria*, Parte II, Discurso III

[2] Francisco, Audiência, 24/03/2021

[3] Sto. Agostinho, *In Ioannis Evangelium* 10, 3

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2233.

[5] Francisco, Audiência, 10/05/2017

[6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 148

## 8 de dezembro, Imaculada Conceição de Maria

*Reflexão para meditar no dia 8 de dezembro, Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria, Padroeira de Portugal. Os temas propostos são: o dogma da Imaculada Conceição de Maria; a beleza de uma vida santa; chamados a uma vida de fé, esperança e caridade.*

### Sumário

- O dogma da Imaculada Conceição de Maria.
- A beleza de uma vida santa.
- Chamados a uma vida de fé, esperança e caridade.

---

«Ó MARIA, glória do mundo, filha da Luz eterna, a quem o teu Filho preservou de toda a mancha»<sup>[1]</sup>. Hoje celebramos com toda a Igreja a santidade de Maria, a mulher de Nazaré que recebeu todos os dons e frutos do Espírito Santo. Desde os primeiros tempos, os escritores cristãos referiram-se à Virgem como a *nova Eva*, reconhecendo que estava associada de modo particular a uma *nova criação* do mundo, a obra da redenção. O Papa Pio IX definiu o dogma da Imaculada Conceição de Maria em 8 de dezembro de 1854 através da bula *Ineffabilis Deus*.

A fórmula central do documento, onde se define de maneira clara a fé da Igreja, diz: «A doutrina que defende que a bem-aventurada Virgem Maria foi preservada imune de toda a mancha do pecado original no primeiro instante da sua concepção por singular graça e privilégio de Deus onnipotente, em atenção aos méritos de Jesus Cristo salvador do género humano, está revelada por Deus e deve ser, portanto, firme e constantemente crida por todos os fiéis»<sup>[2]</sup>.

A primeira leitura da Missa apresenta um dos textos bíblicos que o Papa cita na bula: o relato da expulsão do paraíso dos nossos primeiros pais, depois do pecado original. No entanto, a narração inclui também um anúncio cheio de esperança. O Senhor dirige-se à serpente tentadora e diz-

lhe: «Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar» (Gn 3, 15). Esta passagem é chamada o protoevangelho porque é o primeiro anúncio da nossa salvação.

S. João Paulo II chamava a atenção que, tradicionalmente, o texto do Génesis «inspirou muitas representações da Imaculada, que esmaga a serpente debaixo dos seus pés (...). Esta tradução não corresponde ao texto hebraico, no qual quem pisa a cabeça da serpente não é a mulher, mas a sua linhagem, o seu descendente. Esse texto, por conseguinte, não atribui a Maria, mas ao seu Filho, a vitória sobre Satanás. Contudo, uma vez que a conceção bíblica estabelece uma profunda solidariedade entre o progenitor e a descendência, é coerente com o sentido original da passagem a representação da Imaculada que esmaga a serpente, não por virtude própria, mas pela graça do Filho»<sup>[3]</sup>.

---

O PREFÁCIO da Missa considera o mistério que une Maria à origem da Igreja: «Vós preservastes a Virgem santa Maria de toda a mancha de pecado original, para fazer d'Ela, enriquecida com a plenitude da vossa graça, a digna Mãe do vosso Filho e assinalar o início da Igreja, esposa de Cristo, sem mancha nem ruga»<sup>[4]</sup>. A partir da conceção imaculada de Maria, aquele momento da história que recordamos hoje com alegria, começa o tempo da Igreja, que é o nosso.

Todos estamos chamados a imitar a santidade da nossa Mãe. Porém, ao considerar este convite, talvez se manifeste em nós «a suspeita de que uma pessoa que não peca de modo algum, no fundo seja tediosa; que falte algo na sua vida: a dimensão dramática de ser autónomo»<sup>[5]</sup>. Apesar de sabermos que não é correto, pode ser que nos assombre a inquietação de que, em certo sentido, só chegaremos a ser plenamente humanos quando experimentamos essa tensão que parece estar ausente na vida da Virgem.

«Contudo, quando olhamos para o mundo à nossa volta, podemos ver que não é assim, ou seja, que o mal envenena sempre, não eleva o homem, mas rebaixa-o e humilha, que não o enobrece, não o torna mais puro nem mais rico, mas prejudica-o e enfraquece-o. É sobretudo isto que devemos

aprender no dia da Imaculada: o homem que se abandona totalmente nas mãos de Deus não se torna num fantoche de Deus, numa pessoa maçadora e conformista; não perde a sua liberdade. Só o homem que se coloca totalmente nas mãos de Deus encontra a verdadeira liberdade, a amplitude grande e criativa da liberdade do bem»<sup>[6]</sup>. Em suma, o homem que segue os passos da nossa Mãe encontra-se a si próprio e pode aproximar-se mais de cada pessoa.

Esse é o sonho de Deus que se vislumbra no Evangelho de hoje, quando Maria recebe o anúncio da sua vocação (Lc 1, 26-38). E é também expressão do misterioso desígnio de Deus para cada pessoa. Como diz S. Paulo na segunda leitura da Missa: «N'Ele nos escolheu, antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, em caridade, na sua presença» (Ef 1, 4).

---

«O ANJO, entrando na sua presença, disse: “Ave, cheia de graça, o Senhor está contigo”» (Lc 1, 28). Conhecer os planos de Deus é motivo de alegria. Participar neles é o caminho da felicidade na terra e no céu. Podemos dizer que são dois os aspetos essenciais desta saudação angélica: por um lado, o convite à alegria, já que o Filho de Deus anunciado no Génesis está quase a encarnar-se; por outro lado, está a constatação da plenitude da graça de Maria, pois revela-nos que a Virgem é completamente santa, que nela se manifestaria numa plenitude de fé, esperança e caridade.

Nós também desejamos ser cumulados de fé e viver segundo os planos de Deus. Queremos uma fé que permaneça sempre e que se manifeste de modo fecundo quando enfrentarmos a dor e as dificuldades; sabemos que «se Deus quis, por um lado exaltar a sua Mãe, por outro, durante a sua vida terrena, não foram poupados a Maria a experiência da dor, nem o cansaço do trabalho, nem o claro-escuro da fé»<sup>[7]</sup>. Desejamos viver também de esperança, pois temos a certeza de que estamos a participar na vitória do redentor. Como os apóstolos reavivaram a sua esperança ao ver a glória de Jesus no Tabor, também nós ao contemplar a cheia de graça nos enchemos de otimismo na nossa missão, inclusive quando humanamente estivermos a passar por algum momento um pouco mais custoso. «Que nos momentos de dificuldade, Maria, a Mãe que Jesus ofereceu a todos, possa sempre

amparar os nossos passos e dizer ao nosso coração: “Levanta-te! Olha para a frente, olha para o horizonte”, porque Ela é Mãe da esperança»<sup>[8]</sup>.

Pedimos a Santa Maria, por último, que nos obtenha do seu Filho Jesus uma maior caridade para intensificar o nosso amor a Deus e aos outros. Ser filhos de tão boa Mãe far-nos-á parecer ao seu Filho, que passou pela terra fazendo o bem e acendendo nos corações a luz sempre nova e eficaz da graça divina.

---

## NOTAS

[1] Liturgia das Horas, Solenidade da Imaculada Conceição, Hino de Laudes.

[2] Pio IX, Carta apostólica *Ineffabilis Deus*, n. 18.

[3] S. João Paulo II, Audiência Geral, 29/05/1996.

[4] Prefácio, Missa na Solenidade da Imaculada Conceição de Maria.

[5] Bento XVI, Homilia, 08/12/2005.

[6] *Ibid.*

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 172.

[8] Francisco, Audiência geral, 10/05/2017.